



ILMO. SR. SUBDELEGADO DO DPF/SDR/PB

À Secção de Polícia de de Segurança  
Em, 30/7/1968  
SUB DELEGADO REGIONAL

À T.C.D.P. para providências  
de acordo com as normas  
vigentes. Em 30-07-1968  
M. F. Santos - agente Acc.  
Resp. pela S.P.

ALTIMAR DE ALENCAR PIMENTEL, diretor do grupo teatral "Sací", vem mui respeitosamente solicitar a V.S<sup>as</sup>., a liberação do texto da peça infantil de Maria Clara Machado "A Menina e o Vento", encenada no Estado da Guanabara desde 1963, pelo Teatro Tablado, sob a direção da autora, para ser apresentada durante a VIII Semana de Teatro da Paraíba, certame a ser realizado no mês de agosto no Teatro Santa Roza, através da Secretaria de Educação e Cultura, numa promoção do Governo do Estado, a verificar-se entre os dias 18 e 25 de agosto, próximo, no horário de 20hs. e 22hs.

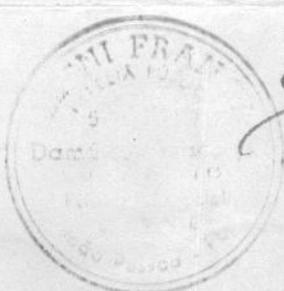
Nestes termos

Pede deferimento

João Pessoa, 30 de Julho de 1968.

Vale a inclusão  
Altimar de Alencar  
Pimentel

Altimar de Alencar Pimentel  
ALTIMAR DE ALENCAR PIMENTEL



Reconheço a firma  
de Altimar de Alencar Pimentel  
22 7 68  
TABELIAO  
M. F. Santos



# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Afilhada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT · RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

## DECLARAÇÃO

Declaramos, para os fins de direito, que a Peça Teatral -  
" MENINA E O VENTO", de autoria de MARIA CLARA MACHADO, não há ne-  
nhuma comunicação, nesta Representação, da SOCIEDADE BRASILEIRA /  
DE AUTORES TEATRAIS ( SBAT), que a impeça de ser representada nê-  
ste Estado, reservando-nos cobrarmos os DIREITOS AUTORAIS, quando  
de sua apresentação.

João Pesseca, 22 de julho de 1.968

## A MENINA E O VENTO

PERSONAGENS: O VENTO

MARIA, a menina

PEDRO, o menino

A MÃE

AS TIAS: ADELAIDE, ADALGISA e AURÉLIA

A AVÓ

O REPORTER

O COMISSÁRIO PLÁCIDO

OS 2 POLICIAIS: PACÍFICO e CRISPIM ou

BRANCA DE NEVE (se o ator for negro)

## PRÓLOGO

O Prólogo se passa no proscênio com a cortina fechada. Ouve-se insistentemente uma escala de piano tocada ao longe. Fugindo, esbaforidos, entram Maria e Pedro, ~~es~~ sa a escala.

Maria - Corre, Pedro, que lá vêm elas!

Pedro - Santo Deus, ela não nos deixa em paz!

Maria e Pedro juntos - Aula no Domingo também é o cúmulo.

Pedro: Tia Adelaide é o fim.

Voz de Tia Adelaide - Pedro! Maria!

MARIA - Depressa! (Saem correndo)

Entram também esbaforidas da corrida as três tias. Tia Adelaide é a mais velha e também a mais mandona. Tia Adalgisa é a do meio. Cópia viva de tia Adelaide. Tia Aurélia é a menos velha, meio biruta, meio infantil, o bedece sempre tia Adelaide por hábito e medo. Passam as tias (ouve-se de novo a escala no piano) e tornam a voltar os meninos.

Maria - Pedro vamos nos esconder na cova do vento?

Pedro - Boa idéia. Vamos!

Saem. Voltam as tias.

Adelaide (Gritando) - Meninos, voltem já para a aula!

Adalgisa - Eu disse à mãe deles para não deixá-los brincar na rua.

Aurélia - Maria! Pedro!... Voltem já... já... já... Adelaide está chamando!...

Adelaide - Lugar de criança é dentro de casa.

Adalgisa - A culpa é da mãe deles. que é muito mole...

Aurélia - No nosso tempo, quando...

Adelaide (Interrompendo-a) - Já sei, Aurélia, que nosso tempo era diferente, mas nossa obrigação de tias é educá-los.

Aurélia - A aula de hoje é tão boa! Adoro educação cívica!

Adalgisa - As aulas de Adelaide são excelentes! Ela é a me  
lhor professora de educação cívica da cidade!

Aurélia - E do Brasil!

Adelaide -(Saindo, orgulhosa com os elógios)- Meninos, vol  
tem para a aula!

Adalgisa (Acompanhando-a)- É preciso aprender a amar o Bra  
sil, meninos!

Aurélia (Saindo também) - Pedro! Maria!  
(Muito assustada volta Adalgisa)

Adalgisa - Por ali é o caminho da cova do vento!

Adelaide (Voltando também assustada) - ... não é lugar para  
môças sòzinhas...

Aurélia (Aparecendo alvoroçada)- Cova do vento... mamãe  
sempre disse que lá é muito deserto, e feio... e cheio  
de vento...

Adelaide - Vamos voltar. É muito perigoso o risco.

Adalgisa - É muito perigoso o risco.

Aurélia - E os meninos?

Adelaide - Quando chegarem em casa ficarão de castigo. Te  
rão que escrever duzentas vêzes: Viva o nosso Brasil a  
mado! (Sai)

Aurélia - Vivoooooo! (Sai)

Adalgisa - Muito boa idéia, Adelaide, muito boa idéia! (Sai)

## CENA I

(Ao abrir o pano a cena deve estar na penumbra; ao fun  
do, deitado no chão, com a cabeça numa das pedras,  
dorme o Vento. É um personagem meio mitológico, como  
se vê em figuras de mapas de navegação antiga. O ator  
que representar o Vento deve ser bem alto para aumentar  
o contraste com a menina, mas não deve ser uma figura  
feia para não meter medo nas crianças. Pode usar uma  
máscara. Pedro e Maria chegam correndo. Depois de veri  
ficarem que não estão sendo perseguidos, observam o lu  
gar.)

Maria - Iiii! Aqui hoje está muito esquisito.

Pedro - Mas aqui tenho a certeza que elas não vêm.

Maria - Tia Adalgisa tem tanto medo...

Pedro - Você não acha que isto aqui está calmo demais?

Maria (Descobrendo o Vento) - Veja, Pedro, o Vento, dormin  
do. Será que êle está doente? (Olhando para cima) Caiu,  
será?

Pedro - Lugar de vento ficar é lá em cima. O que é que êle  
veio fazer aqui na praia?

- Maria - Alguma indigestão de ar. (Rindo) Que feio que êle é!
- Pedr - É velho e barrigudo.
- Maria - Que pena! Sempre pensei que o vento fôsse lindo!
- Pedro - Por que, ora!
- Maria - Porque tudo que voa é bonito.
- Pedro - Urubu também?
- Maria - Voando é. Até urubu voando é bonito. Menos mosquito, é claro.
- Pedro - Êle está acordando.
- Maria - Vamos nos esconder. (Os dois se escondem atrás da cortina, no proscênio.)
- Maria - Quero só ver a cara que êle tem acordado.  
(P Vento se mexe e fica sentado com as pernas estiradas. Depois continua a dormir sentado, roncando muito alto.)
- Pedro - (Procurando falar baixo) - Ronca igualzinho ao vovô Jaime.
- Maria (Começando a rir sem contrôle): Vovô Jaime... é isto mesmo... o vento se parece com vovô Jaime.  
(Os dois continuam a rir até que acordam o Vento, que abre os olhos espantado.)
- Vento - Psiuuuu!(Boceja, os meninos se calam, êle continua a dormir.)
- Maria (Sempre tentando falar baixo) - Está acordando... Parece mesmo o vovô Jaime quando dorme na poltrona...  
O Vento abre os olhos espantado e começa a se levantar, procurando ver de onde vem o barulho.
- Pedro (Descobrendo os meninos) - Deixem-me dormir, criaturas desagradáveis.
- Pedro - Quem é criatura desagradável?
- Maria - Acho que somos nós.
- Pedro (Brincalhão, levantando a voz) - Os incomodados que se mudem.
- Vento (Furioso) - O quê?!
- Pedro (Provocador) - Disse: os incomodados que se mudem.
- Vento - Olhe aqui, pirralho, ou vocês me deixam dormir em paz ou...
- Pedro - Ou o quê? Aqui por acaso é propriedade sua?
- Maria - Pedro, não provoca.
- Pedro - A praia é pública, a rua é pública, o espaço é público, a atmosfera é pública...
- Maria - A estratosfera é pública...
- Pedro (Já dentro de cena sem o menor receio do vento) - E nós fazemos barulho onde queremos... e o vento também é público, está ouvindo?
- Vento (Com as mãos na cintura, ameaçador) - Menino, ninguém

levanta a voz com o vento.

Maria - E o trovão?

Vento - O trovão?

Maria - Não é o Padre Eterno levantando a voz para você,  
vento?

Vento - Para mim, coisa nenhuma...

Maria - Para quem, então?

Vento - Para vocês, é claro!

Maria - Bem que eu achei que a explicação de tia Adelaide  
sobre o trovão não era boa. Sabia que era o Padre Eterno.  
Tia Adelaide tira a graça de tudo, coitada!

Vento - Já disse que ninguém levanta a voz com o vento!

Maria - Quem é que está levantando a voz para você? Estou só  
falando de minha tia Adelaide, e meu irmão é meio mal hu-  
morado. Mas o senhor também não fica atrás... êle estava  
só brincando. Com êste mau humor, já vejo o porquê das  
tempestades... Aliás isto também tia Adelaide não explicou  
bem. As tempestades são causadas pelo mau humor de ven-  
to e de sua família... brigas entre nuvens, brisas, ven-  
tos, vapores, raios e trovões... se...

Vento (Interrompendo) - Pare de falar, matraca de feira, ou  
então... eu... eu...

Pedro (Furioso) - Minha irmã, matraca de feira?

Vento - Vocês querem, não é? (Dá uma lufada de sôpro sobre  
os meninos que caem no chão. A sonoplastia e um dos ven-  
tiladores acompanham sempre as lufadas do vento).

Pedro - Vento covarde! Vento covarde!

Maria - Não provoca, Pedro... Não provoca!

Vento - Tratem de desaparecer, meninos, senão eu sopro! E  
é para valer... Um... Dois...

Pedro - Vento caduca...

Maria - Não provoca mais êle, Pedro. ...

Vento - Caduca, eu? Pois você vai ver... vou te mandar para  
as nuvens e lá você é que vai caducar, fedelho de uma figa.  
(Começa a soprar com tanta fôrça que Pedro depois de dar  
umas voltas tentando resistir, sai de cena sempre gritan-  
do.)

Pedro - Vento covarde... vento covarde...

Maria - Pára de ventar, Vento, que Pedro está sumindo atrás  
daquela árvore. Pára vento... Pedro! Pedro! (Sai gritan-  
do e procurando resistir.)

Vento - Pronto. É assim que nós lá de cima nos livramos dê-  
les. Sem muita conversa. (Boceja ostensivamente e torna  
a sua cama, mas não consegue se deitar porque, furiosa,

volta Maria.)

Maria - Queira soprar de volta, imediatamente, o meu irmão ou então o senhor terá que se ver comigo.

Vento - O quê? Está me desafiando, pedacinho de coisa nenhuma? Quer também ser soprada para longe? (Começa a rir.) Isto aí me ameaçando... ah! ah! ah! ah!

Maria - Para de rir, vento bôbo-alegre. Não tem vergonha de ser tão velho e rir dêsse jeito? Traga meu irmão de volta, já disse.

Vento (Para bruscamente de rir) - Vou te mandar para a China, menina..

Maria - Duvido. (Aceitando o desafio). E fique sabendo que sou campeã de andar na ventania e não vai ser um ventinho qualquer que vai me levar para a China ou para o Japão. Bem que eu gostaria de dar um passeio... se eu...

Vento (Interrompendo) - Você disse... ventinho qualquer?

Maria - Disse. O que é que você sabe fazer mais além de ventar? Sabe ler? Sabe escrever? Qual é a sua educação cívica?

Vento - Chega. (Dá uma forte lufada. Maria, marôta, se esconde atrás dêle que procura, intrigado, sem poder encontrá-la. Finalmente Maria corre e se esconde atrás de uma pedra.)

Maria - Brisa, vento, ventinho...

pode soprar espertinho...

Não tenho medo de ventania.

Só receio a minha tia,

brisa, vento, ventinho...

pode soprar espertinho...

(O Vento furioso começa a soprar e Maria deliciada ventarola pela cena em loucos rodopios até que sai, sempre rindo. O Vento sentindo-se vencedor volta para sua pedra e recosta para tornar a dormir. Começa a roncar quando Maria volta. Vendo que o Vento não acorda ela começa a sapatear e a cantarolar. O Vento continua roncando. Por fim Maria resolve jogar amarelinha batendo com os pés com fôrça. O Vento abre os olhos.)

Maria - Isto o senhor não sabe fazer... garanto que não sabe...

Vento - O quê? Ainda aqui?

Maria - Vou lhe chatear até você trazer Pedro de volta.

Vento - Não trago nada de volta.

Maria - Quer dizer que o senhor não sabe trazer êle de volta?

Vento - Quer dizer que não quero trazer ninguém de volta.

Maria (Mudando de tática) - E se eu prometer nunca mais incomodá-lo na sua toca?

- Vento - Não acredito em promessa de menina.
- Maria - Então em que você acredita?
- Vento - Acredito na minha fôrça.
- Maria - Prosinha, hem? Tão forte que nem conseguiu me soprã para longe... Acho que você está ficando sem fãlãgo, velho e cansado, hem, vento?
- Vento (Moio desconfiado) - Você acha?
- Maria - A verdade é que o senhor com seus mil e quinhentos séculos de vida não conseguiu derrubar uma menina de 12 anos.
- Vento - Isto nunca aconteceu. Quem é você, menina?
- Maria - Sou Maria.
- Vento - Nunca fui vencido por... por... ninguém... e logo por uma menina ( O Vento está desolado).
- Maria - Não fique assim, Vento. É que sou campeã mesmo. Ninguém me vence na minha rua na corrida de ventania.
- Vento - Como é que faz para vencer? Nem navios, nem árvores, nem cidades, nem nada nesta terra redonda de Deus pode comigo quando estou furioso.
- Maria - É só não ter mêdo e conhecer sua tática.
- Vento - E você conhece minha tática, menina?
- Maria - Conheço.
- Vento - E como é que você descobriu?
- Maria - Praticando. Comecei com uma brisa... uma brisinha à toa.
- Vento - Minha filha, ela é bem fraquinha, a coitada.
- Maria - Eu sei. Depois passei para um vento mais forte.
- Vento - Eu.
- Maria - Vento de praia, vento de Cabo Frio. Lá é melhor ventarolar de óculos por causa da areia. Mas também é melhor porque é salgado demais. A gente lambe o braço depois fica tudo salgadinho. Quando o vento, o senhor, pára de ventar, a gente continua com o barulho no ouvido até dormir.
- Vento - (Comovido) - É, é?
- Maria - Bem, na ventania custei mais, porque a ventania não tem muita direção e tapeia a gente também.
- Vento - Minha mãe. Sempre foi meio nervosa.
- Maria - É. Mas venço ela também. Aprendi a ventarolar.
- Vento - Ventarolar? O que é isto?
- Maria - Muito fácil. Virar ventarola de vento. Você já conseguiu derrubar ventarola?
- Vento - Papa-vento?
- Maria - Isto mesmo.
- Vento - Bem, acho que não. Mais fácil derrubar um vendedor de papa-ventos.

- 10/2
- Maria - Pois é, viro mesmo um papa-vento, fico tão levezi-  
nha no corpo e rodopio e não me canso e a ventania desis-  
te de mim. Quase que posso voar.
- Vento - Você gostaria?
- Maria - De voar? Ah gostaria. Sabe? Um dia tia Aurélia me  
disse que se a gente esfregasse asa de passarinho nas co  
tas todos os dias cresciam umas asas e a gente voava.
- Vento - E você esfregou?
- Maria - Ela esfregava na minha e eu na dela. Combinamos de  
voar juntas. Depois começou a dar brotoeja nas minhas co  
tas e tia Adelaide descobriu tudo e botou tia Aurélia e  
eu de castigo escrevendo duzentas vezes: "Só quem voa é  
passarinho, criança estuda para servir ao Brasil".
- Vento - Essa sua tia é de morte, heim?
- Maria - Ela só pensa no Brasil, nunca pensa na gente.
- Vento - Você gostaria de passear na minha cacunda?
- Maria - Na cacunda do vento? Oh! Seria bárbaro! Mas o senhor  
tem que primeiro trazer o Pedrinho.
- Vento - Pedrinho, não.
- Maria - Então nada feito.
- Vento (Conciliador) - Deixa o Pedrinho pra lá, que eu já ven-  
tei êle para casa.
- Maria - Jura?
- Vento - Palavra de vento. Juro pelos raios que me partam...  
que êle voltará para casa.
- Maria - Não gosto nada de juramento de vento mas... você po-  
de mesmo ventar o que quiser? Trazer coisas de outras ter-  
ras, atrapalhar tudo?
- Vento - Posso tudo.
- Maria - Lá vem a prosa. Daqui a pouco você vai dizer que é  
Deus, e êle te castiga.
- Vento - Psiu... fala mais baixo...
- Maria - E você pensa que o enorme ouvido dêle não está por  
tôda a parte? Por aqui?! Bem se vê que não estudou cate-  
cismo.
- Vento - Eu sei que êle está me ouvindo, mas êle sabe também  
que estou brincando, não sabe?
- Maria - É melhor o senhor ser mais modesto.
- Vento - E você é? Campeã de corrida ~~contra~~ o vento!
- Maria - Mas não é só isto que sei fazer, e não fico espalhan-  
do por aí... sei tanta coisa...
- Vento - Sabe o que mais além de papaventar?
- Maria - Ora, vê-se que o senhor é ignorante; sei fazer uma  
porção de coisas; sei fazer arroz, batata frita, sei tr-

tar de galinhas, sei plantar feijão; ora vento, sei tud isto que uma menina deve saber e sei também dançar, patinar, nadar, ventarolar; coisas boas para contrabalançar as chatas.

Vento - Chatas?

Maria - ... fazer cama, estudar aritmética, acabar as férias, ir ao dentista, ouvir aula de tia Adelaide e ser obrigada a amar o Brasil!...

Vento - Você quer aprender a amar o Brasil na minha cacunda?

Maria - Mas tia Adelaide vem também?

Vento - Não. Eu te mostro tudo que há de bonito por aí e você aprende tudo sem tias e sem livro. So olhando...

Maria - Que bom! Mas vento, gostaria também de fazer umas desordens por aí.

Vento - Desordens?

Maria (Maliciosa). - Desmanchar umas paradas, ventar tia Adelaide do piano. Desarrumar tudo que é arrumadinho. Só para ver a cara de todo mundo. (Começa a rir) Levantar a saia de tia Adelaide seria bárbaro! Ela usa umas ceroulas tão engraçadas!...

Vento - Pensei que você fôsse uma menina boa.

Maria - Olha só quem está falando! O senhor não é o maior desordeiro de todos os céus? Não derruba navios e tira as telhas das casa? Não levou o chapéu de vovô Jaime e nunca mais o devolveu?

Vento - Mas eu sou vento e você é gente. Cada um no seu lugar.

Maria - Ah, Vento, não precisa se desculpar muito, eu te compreendo tão bem. Mundo certinho é tão chato! Vamos desmanchar um pouco, tá bem? Vamos ventarolar o mundo!...

Vento (Rindo) - Está bem. Você quer fazer umas ruindadezinhas.

Vamos, e não reclame depois as consequências, hem?

(A menina monta na cacunda do Vento que começa a soprar.

Dão uma volta pela cena sempre rindo e desaparecem, ouvindo-se ainda por algum tempo a gargalhada e o barulho

do vento. Depois volta a cena um silêncio completo até a cena II).

#### CENA II

(Entram Pedrinho, a mãe, tia Adelaide, tia Adalgisa e tia Aurélia; tôdas assustadas.)

Pedro - Foi aqui, no meio da ventania.

Tia Adelaide (Baixinho) - A cova do vento.

Tia Adalgisa - A cova do vento!... (se junta a tia Adelaide).

Mãe - E depois, Pedrinho, o que aconteceu? (Tia Aurélia sai de cena, descobrindo, curiosa, a cova.)

- Tia Adelaide - Coisa boa é que não foi. Volta aqui, Aurélia, quer também ser raptada?
- Adelaide - Raptada?
- Aurélia (Voltando assustada, mas dando risadinhas) - Deus me livre e guarde, Adelaide!
- Mãe - Ela não pode ter desaparecido assim de qualquer maneira.
- Pedro - Não foi de qualquer maneira, mamãe. Ela começou a ventarolar como sempre faz. Eu é que fui soprado. Meu controle ainda é ruim. E depois...
- Tôdas - E depois...
- Pedro - Depois chamei o vento de covarde e foi a conta. (Aurélia dá risinhos compreensivos) Ele se irritou e me soprou até aquela árvore ali. Fiquei prêso lá um tempão e vi tudo. Eles conversaram muito e riram também.
- Adelaide - Eles quem?
- Pedro - Maria e o vento.
- Adelaide - Conversaram como?
- Pedro - Conversando, ora. Conversa vem, conversa vai, ela montou na cacunda dêle e lá se foram...
- Adalgisa - Que conversa é essa de vento conversar? Você sabe, Pedro, que mentir é muito feio...
- Aurélia (Dando risinhos) - Eu bem que gostaria de ter umas conversinhas com o vento...
- Adelaide - Quieta, Aurélia, senão te ponho no piano...
- Adalgisa - Vocês não acham que já ouvimos demais êste menino?
- Mãe - Pedro, meu filho, conta tudô direitinho, sem inventar nada, que depois você ganha um presente.
- Pedro - Estou contando certinho como ví.
- Mãe - E onde é que você acha que êles estão agora?
- Pedro - Bem, agora? (Calculando) Se pediram a ajuda da ventania, que é a mãe dêle...
- Mãe - Mãe de quem?
- Pedro - Do vento. (Tôdas se entreolham) Se pedirem ajuda a ela já devem estar perto do Ceará. Ele deve ter metido um sudoeste bravo. Pode ser também que tenham ficado para fazerem as tais desordens que Maria pediu...
- Mãe (Achando que o filho não está bem da cabeça): Toma, meu filho. (Dá-lhe dinheiro). Vai tomar um sorvete bem grande (Pedrinho sai).
- Adelaide (Entrementes) - Antipedagógico!
- Mãe - Estou ficando aflita!
- Adelaide - Pudera!

Mãe - Faz mais de seis horas que a menina sumiu. E foi daqui...

Pedr não diz coisa com coisa.

Adelaide - Acho que êle ficou meio atrapalhado da cabeça...

Adalgisa - Teria sido ela raptada?

Adelaide - Mas é obvio!...

Mãe (Quase chorando) - Vou avisar a polícia. Não aguento mais. Fiquem aqui um pouco. Quem sabe ela aparece?

Adalgisa - Ficar aqui sòzinhas? E se êle aparecer?

Mãe - Êle quem?

Adelaide - O raptor!

Aurélia - O vento, Adelaide?

Adelaide - Sossega, Aurélia. Mande um guarda ao menos. Isto aqui não é, e nunca foi lugar para mocinhas...

Mãe - Vou depressa chamar o comissário Plácido. (Sai)

Adelaide - Eu disse... eu avisei... eu disse que não se deve deixar meninos soltos por aí. (As duas passeiam aflitas pela cena, enquanto Aurélia alvoroçada observa tudo.)

Adalgisa - Lugar de menino é na saia da mãe.

Aurélia - Quando eu era mais menina, gostava de costurar, de bordar... ah, gostava também de fazer comidinha de fôlha, lembra Adalgisa? A gente misturava tudo numa latinha: fôlha de ficus, fôlha de mamão, fôlha de... aquela que era veneno... Agora, é verdade que eu também gostava (Fala baixinho com medo das irmãs) de andar na chuva e de...

Adelaide - Agora não é hora de lembrar essas coisas, Aurélia.

Adalgisa - Se fôsse minha filha, vivia trancada a sete chaves.

Adelaide - Era muito sapeca aquela Maria.

Aurélia - Gostava de brincar, a diabinha!

Adelaide - Eu bem que dizia...

Aurélia - Você bem que dizia.

Adelaide - Mas a mãe não fazia o que eu dizia...

Adalgisa - Não fazia o que voce dizia...

Aurélia (Como se repetisse uma lição) - Eu dizia... tu dizias, êle dizia...

Adelaide - Bem feito agora.

Aurélia - Mamãe sempre disse que quem faz mal feito não tem direito...

As três - ... de se queixar.

Aurélia (Depois de uma pausa) - Adelaide, vento tem cacunda?!

Adelaide - Eu te prendo no quarto, Aurélia!

(Começa a soprar de repente um vento e as três começam a rodopiar. Aurélia aprecia o rodopio como uma criança.)

Adelaide - Santo Deus, Santa Bárbara e São Jerônimo nos acudam!

Aurélia = Adelaide... Adelaide... me segura... me segura...  
que gostoso... que gostoso!

Adalgisa - Socorro! Não me empurrem... Adelaide... Adelai-  
de, socorro!...

(As três desaparecem de cena sempre gritando e tornam a  
aparecer dependuradas nas árvores. São bonecas. Da pla-  
téia só devem ser vistas as pernas das tias com calças  
antigas bordadas nas beiras; vindo de cima as vozes pe-  
dindo por socorro. Chega uma velhinha mais velha do que  
elas. É a avó dos meninos e mãe das tias.)

Vovó - Adelaide! Adalgisa! Aurélia! Voltem para casa meni-  
nas... Onde se meteram essas meninas... Se o Jaime sabe  
disso...

Tias - Socorro! Socorro! (A velhinha finalmente olha para  
cima e dá com as filhas dependuradas nas árvores, a ve-  
lha é meio surda.)

Vovó - Meninas, desçam já daí. Já... Já...

Adelaide - Estamos prêsas, mamãe.

Vovó - Comendo fruta verde de nôvo, hem Adalgisa!? Desça já.

Adelaide - Chame o corpo de bombeiros, mamãe...

Vovó - Desça já daí, Aurélia, ou chamo teu pai.

Aurélia - Me empurraram, mamãe, me empurraram...

Adelaide - Os bombeiros, mamãe!

Vovó - Até você, Adelaide... e abaixe já esta saia... Que mo-  
dos são êsses de mostrar as calças desta maneira...

(Começa a soprar um ventinho leve que delicadamente em-  
purra a velhinha.)

Vovó - Não empurra, Jaime... não empurra... já disse que  
não vou para casa... não quero entrar... já disse... (E  
vai saindo: Não empurra Jaime... não empurra...)

### CENA III

(Silêncio na cena. Entra o repórter segurando um microfo-  
ne com um fio enorme. Olha para todos os lados, verifica  
que a praia está vazia.)

Repórter - Que furo! Sou o primeiro! Alô, alô, Rádio da Praia,  
estamos transmitindo diretamente do local do rapto da in-  
digitosa Maria de Almeida. Para os ouvintes dos Estados, te-  
nho a informar que se trata de uma praia deserta e mal en-  
carada, os pescadores a chamam de Cova do Vento. Pois é  
uma cova, caros ouvintes, a cova da jovem Maria trágica-  
mente desaparecida nas primeiras horas da manhã. Nossas emis-  
soras - numa gentileza soa Perfumes Ventania, a brisa que  
refresca - estão dando em primeira mão a reportagem com-  
pleta sobre o desaparecimento trágico da jovem Maria, alu

na exemplar...

Adelaide - Isto é que ela não era...

Repórter (Procurando ver de onde vem a voz) - Como ia dizendo, caros ouvintes, a Brisa, que refresca é um perfume Ventania, e a jovem Maria...

Adalgisa (Voz débil) - Socorro! Socorro!

Repórter (Descobrendo as tias) - Caros ouvintes, a situação aqui na cova do vento se agrava. Do alto das enormes árvores que circundam a cova do vento partem lancinantes apelos de socorro. Será a indigitada jovem? É o que verificarei num sensacional esforço de dar em primeira mão e sem nenhum medo dos prováveis perigos que terei de enfrentar numa reportagem completa do maior rapto do século. Sou corajoso prá burro e verei o que está acontecendo. Vejo a distinta senhora dona Adelaide e suas estimadas irmãs dependuradas nos galhos das árvores pedindo socorro. Elas estão numa posição bastante incômoda. Vou entrevistá-las neste instante, antes que elas morram.

Dona Adelaide e suas inseparáveis irmãs são tias e professoras da pobre Maria. Boa tarde, dona Adelaide, quer fazer algumas declarações para as nossas emissoras, numa gentileza dos perfumes Ventania?

Aurélia - A brisa que refresca?

Repórter (Com a fôrça do hábito) - Isto mesmo, acertou! A senhora terá direito a um cupom numerado que, com mais dez cupons de respostas certas, lhe dará direito a um frasco, absolutamente grátis e o direito a concorrer no próximo concurso: O Vento é o limite.

Aurélia - Ganhei! Ganhei! que felicidade!

(O Vento começa a soprar e o reporter rodopia, tenta dar sôcos no ar, finalmente se enrola no fio do microfone e cai no chão desmaiado, o Vento cessa).

Aurélia (Como numa canção de criança) - A brisa que refresca... a brisa que refresca... (Depois todos silenciam.)

#### CENA IV

(Entra Pacífico, o policial, seguido de Crispim. Os dois se espantam diante do corpo do repórter.)

Pacífico - Um defunto!

Os Dois (Chamando) - Chefe!

(Entra o comissário Plácido fumando o seu charuto.)

Comissário (Vendo o repórter) - Ninguém toca no cadáver.

(Os policiais meio apavorados observam o local e dão com as tias dependuradas.)

Os Dois - Veja, chefe! Três danas enforcadas!

- 16
- Comissário - Uma menina raptada, um repórter abatido, amarrado, espancado e morto, três damas enforcadas. Num só dia e tudo na cova do vento - lugar sombrio, desabitado a um quilômetro da cidade. Este é um dos casos mais complicados.
- Adelaide - Depressa, polícia, já não aguento mais!
- Pacífico - Ainda não morreram...
- Crispim - Então é porque ainda estão vivas!
- Comissário - Vivas? Tanto melhor! (Aos policiais) Subam às árvores e retirem os corpos de delito, isto é, as velhas. Cuidado com as impressões digitais. (Os guardas saem) As senhoras têm que declarar à polícia o que estão fazendo aí.
- Aurélia - Estamos vendo a vista, senhor comissário, estamos vendo a vista... (Risinhos)
- Comissário (Tomando nota de tudo num caderninho) - Vendo a vista!? Favor declarem domicílio, estado civil, nacionalidade e idade...
- Adelaide - Era só o que faltava...  
(O repórter começa a se mexer)
- Comissário - Este também ainda está vivo! (Ajudando o repórter a se desvencilhar do fio do microfone) O senhor tem alguma coisa a declarar à polícia?
- Repórter (Olhando para todos os lados com medo) - Senhor comissário, fui atacado por um monstro. Tentei tudo...  
(Pegando de novo o microfone) O dever de um repórter é informar. Rádio Praia continuando a reportagem interrompida por uma covarde agressão. Sou um mártir da imprensa e da verdade. (Enquanto isto o comissário examina o local e toma notas). Ao ver as senhoras enforcadas nas árvores tentei salvá-las, mas o agressor me bateu. Tentei lutar, mas não se tratava de um único homem e sim de uma quadrilha. (O vento dá uma lufada.) Senhor comissário, sou corajoso pra burro e os ouvintes sabem disto, mas convém a gente sair logo daqui, porque eles podem voltar.
- Comissário - Um momento. (Continua examinando tudo.)
- Repórter (Querendo descobrir assunto para os ouvintes) - Tem alguma coisa a declarar aos nossos ouvintes? (O comissário não responde) O senhor gosta dos perfumes Ventania?
- Comissário - Bem... (O repórter faz sinal para êle dizer sim) Gosto sim...  
(Nêste momento as bonecas começam a se mexer e ouve-se as tias e os policiais. O comissário e o repórter acompanham seus movimentos.)
- Adalgisa - Estão me fazendo cócegas! (Aurélia ri)

Adelaide - Não me toque, polícia!

Pacífico - Então como é que é, madame? Tem que sair, não tem? Eu tenho que segurar, ora!

Adalgisa - Não me faz cócegas, polícia...

Crispim - Segura meu braço, madame.

Adalgisa - Senhorita, faz favor.

Crispim - Agarre a velha, Pacífico.

Comissário - Isto, Crispim...

(Os bonecos desaparecem. O repórter continua a entrevista com o comissário.)

Repórter - E agora diga, senhor comissário Plácido, a polícia promete aos nossos ouvintes descobrir tudo dêste horrível rapto? Tudinho?

Comissário - Promete sim. Tudinho. A polícia vai descobrir tudo porque a polícia foi feita para descobrir tudo. Se não descobrir tudo hoje, descobre amanhã, se não descobrir amanhã, descobre depois de amanhã. Se não descobrir depois de amanhã, acaba mesmo descobrindo, por isso é bom que a quadrilha apareça logo para não dar muito trabalho à polícia...

(Chegam as tias e os guardas. As tias estão com os chapéus fora do lugar, as saias levantadas, pedaços de folhas na cintura, enfim têm que dar a impressão que estão descendo das árvores.)

Adelaide - Isto é um ultraje!

Adalgisa - Duas horas dependuradas nas árvores!

Aurélia - Parecíamos três judas em sábado de aleluia! (O repórter procura colocar o microfone à frente de cada um que fala) Lá de cima vi o senhor comissário tão pequenino que parecia o mico de dona Dalcina (Risinhos).

Adelaide - Chega, Aurélia. Isto não são horas para se chamar o senhor comissário de mico. Exijo providências urgentes. Isto não são maneiras de se tratar três moças de família. Se a polícia não tomar medidas urgentíssimas...

Adalgisa - Urgentíssimas...

Aurélia (Só para fazer côro) - Urgentíssimas...

Comissário (Tirando uma fita métrica e começando a tomar medidas das senhoras). Serão tomadas medidas urgentíssimas, dona Adelaide.

Reporter - O sr. Comissário Plácido Epaminondas, comissário emérito da polícia local, está começando a tomar as medidas urgentíssimas pedidas por dona Adelaide.

Comissário - A medida mais urgente que qualquer polícia do mundo tomaria é de interditar o local. A cova do vento está interditada...

Repórter - O local acaba de ser interditado porque as damas pediram providências urgentíssimas.

(Uma forte lufada de vento faz todo o grupo dar um passo a frente repentinamente.)

Aurélia - É êle!

(Adelaide pensando que Aurélia está se referindo ao comissário que está ao seu lado lhe aplica um enorme tapa nas bochechas.)

Adelaide - Ah... então é o senhor! (Taps; uma nova lufada e Adelaide é jogada nos braços do comissário. O vento continua e a confusão começa.)

Comissário - Senhora Adelaide!

Adelaide - Que indecência. (Depois de muito rodopiarem o vento cessa de repente e todos se recompõem.)

Comissário - Vamos embora. As declarações tomarei na chefatura.

Adelaide - Vamos, meninas...

Adalgisa - Isto é uma pouca vergonha... (Vão saindo todos juntos quando o vento recomeça e traz de novo o grupo arrastado para o fundo do palco. A estas horas já devem estar meio apavorados.)

Comissário - Vamos embora, já disse! (Tornam a sair com mais cautela e de novo o vento os traz de volta. Aí já deverão estar gritando de pavor.)

Comissário - Vamos embora, torno a dizer. (Adelaide se agarra ao comissário, Adalgisa em Adelaide, o repórter se pendura no fio do microfone, os policiais se grudam um no outro e saem devagarinho, para não despertarem o morto desconhecido; Aurélia mais atrás diz no silêncio:)

Aurélia - É êle! (Ao ouvir isto todos fogem esbaforidos, gritando por socorro; desta vez o vento não sopra.)

#### CENA V

(Entra a mãe, aflita e cautelosa, procurando em volta e chamando baixinho.)

Mãe - Marial Marial Volta, Maria, para sua casa;.. (A mãe começa a chorar. Ao mesmo tempo uma brisa leve começa a soprar. A mãe se assusta, lembrando-se da estória que Pedrinho contou. Do alto vem descendo um enorme pergaminho.)

Mãe - O que é isto? (Pega o pergaminho.)

(Quando a mãe começa a ler a carta, a luz de cena é diminuída, no fundo são projetadas, através de um projetor instalado na platéia, várias fotografias de Maria, de núvens, de mar, de bichos, de cidades antigas, de Maria de novo de modo que dê a impressão de que ela está via-

19  
4

jando. Ouve-se ao mesmo tempo a voz da menina através do microfone. A voz pode ser acompanhada de música bem ao fundo, sugerindo brisa.)

Maria (Voz) - Mãe, estou voando por aí. Não fiquem aflitos. Conheci dona Ventania e sua filha Brisa, que é muito delicada e anável. O Vento é meu amigo e na cacunda dêle tenho visto coisas lindas. Vi praias enormes, sem fim! E nuvens e nuvens e mais nuvens. Vi bichos, cidades e terras sêcas. Vi tudo verdinho e florido. Não vou mais precisar de estudar para as aulas de tia Adelaide porque já aprendi tudo. As coisas mostradas, a gente aprende mais depressa e mais bonito. Até acho que já amo mesmo o nosso Brasil. As coisas longe ficam perto, o que era feio a culpa era de tia Adelaide que enfeiava tudo, coitada, nunca andou na cacunda do Vento. É por isso. Também vamos fazer umas desordens por aí, mas é para variar da vida de todo dia, depois eu volto. O Vento perguntou se eu queria virar brisa do mar. Estou pensando ainda. Gosto muito de mar. Mas acho que prefiro ser eu, apesar de tudo. A gente se acostuma tanto a ser gente que não quer mais largar de ser. Acho que é isso que está me botando na dúvida. Não precisa ficar aflita, mãe, o Vento é bom elemento e manda lembranças. Estamos agora bem no meio do Brasil. A cachoeira do Iguazu é um bocado bárbara. Beijos, Maria.

Mãe (A luz volta a cena) - A letra é dela, o jeito é dela. E se ela virar brisa do mar? Polícia! Polícial! Senhor comissário! Senhor Comissário! Minha filha brisa do mar! Que horror! Polícial! Polícial! (Sai gritando).

## CENA VI

(Entra tia Aurélia segurando uma enorme ventarola; corre pela cena imitando Maria. Depois escuta a voz de Adelaide chamando e se esconde rapidamente na coxia.)

Adelaide - Aurélia!

Adalgisa - Será que ela teve a ousadia de vir aqui sòzinha?  
(As duas estão apavoradas e se agarram uma na outra; Adelaide tropeça numa pedra e cai numa posição bastante incômoda, de quatro, sua raiva ainda aumenta mais.)

Adelaide - Meu lumbago!... Sei que você está escondida por aqui, Aurélia!

Adalgisa - Trate de aparecer, Aurélia, sabemos que você está escondida por aqui. Não adianta desobedecer Adelaide. Você sabe disso, Aurélia.

Adelaide - O que sempre perdeu Aurélia foram as más companhias...

Adalgisa (Ofendida) - Nós, Adelaide?!

Adelaide - Claro que não, Adalgisa! Ora vejam só!... Maria e Pedro nunca foram companhia para Aurélia. Ela sempre se deixou levar pelas crianças!

Adalgisa - Sempre se deixou levar!

Adelaide - Sei que você está escondida, Aurélia!

Adalgisa - Aurclinha, trate de aparecer!

Adelaide - Trate de aparecer logo porque senão o castigo vai ser pior...

Adalgisa - Maninha, apareça!...

(Aurélia com muito medo trata de escapar pelo fundo do palco mas é descoberta por Adalgisa.)

Adalgisa - Achem!

Adelaide - O que é que você estava fazendo na cova do vento?

Adalgisa - Não sabe que isto aqui não é lugar para mocinhas?  
(Aurélia não responde.)

Adelaide - Ah! Não quer responder, não é?

Adalgisa - Responda, Aurélia, senão ela te castiga. Você quer ser raptada?

(Aurélia diz que sim com a cabeça.)

Adelaide (Fúriosa) - Ah! Então é isto? Quer ser raptada? Irá para casa imediatamente e escreverá duzentas vezes: "Lugar de môça é no piano, quem vive na rua não tem tutano".

(Adelaide agarra Aurélia por um lado, Adalgisa pelo outro e levam Aurélia suspensa enquanto repetem:)

As Duas - Lugar de môça é no piano, quem vive na rua não tem tutano... (Saem)

#### CENA VII

(Entra o comissário com o pergaminho, os dois guardas, meio apavorados; um deles leva uma malinha onde se lê: Perícia. A mãe os segue segurando Pedrinho pela mão.)

Comissário - Foi aqui que isto apareceu?

Mãe - Foi, uma brisa soprou de repente e veio empurrando a carta, devagarinho até aqui!

Comissário - Guardas, vigiem tudo. Qualquer coisa suspeita, avisem.

Pacífico - Vigiar o que, chefe?...

Comissário - Por aí... por cima... por tudo.

(Pacífico chupa o dedo e coloca-o na posição de verificar a direção do vento.)

Crispim - O senhor não quer tirar as impressões digitais?

Comissário - De quem, seu burro? (Todos se entrecolham.)

Pedro - Só de fôr do vento.

Mãe - Calo-se, Pedrinho. Quer enlouquecer mais a gente?

Pedro - Eles agora devem estar fazendo miséria.

21/3

- Comissário (Pegando Pedrinho pelo cangote). - Eles, quem?  
Pedro (Com simplicidade) - Maria e o Vento.  
Comissário - Quem é este?  
Pedro - O Vento, ora. Maria saiu voando na cacunda dêle.  
Comissário (Irritado) - Rapazinho, trata-se da vida de uma menina, de sua irmã. Trata-se também da vida do país, do mundo, da humanidade. Uma menina não pode sair na cacunda do vento, está ouvindo?  
Pedro - Não podia, senhor comissário. Não podia, mas pôde.  
Comissário - Podia também abater um repórter? Enforçar três senhoras e escrever uma carta?  
Pedro - Ora, senhor comissário, o senhor é muito ingênuo, não conhece o vento. Por que não pode, diga?  
Comissário - Porque dois e dois são quatro, menina é menina, vento é elemento elementar da natureza, polícia é polícia e você vai dizer a verdade, está ouvindo?  
Mãe (Aflita) - Senhor comissário, êle não tem culpa.  
Comissário - Menino de hoje, sempre tem culpa.  
Pedro - Senhor comissário, e se dois não forem quatro, e o vento tiver cacunda, hem? E a polícia...  
Os Três (Interrompendo) - E a polícia, o quê?...  
Pedro - ... Não entender nada de vento e eu estar dizendo a verdade?  
Comissário - Êste menino está atrapalhando os bons trabalhos da polícia. Se continuar assim terei que mandar prendê-lo.  
Mãe - Não se afliga, senhor comissário,; toma, Pedrinho, toma dinheiro para você comprar sorvete.  
Pedro - Já estou cheio de sorvetes e o comissário não descobre nada. (Tira a língua para o comissário.)  
Comissário - Monstrinho irritante! (Pacífico e Crispim correm atrás de Pedrinho.) Pacífico, Crispim, voltem! (Voltando à carta) "mamãe estou voando" (Olha para cima, os outros fazem o mesmo) "as coisas longe ficam perto", esta carta deve ser em código; "já amo mesmo o nosso Brasil"; êste negócio de amar o Brasil é coisa suspeita; "fazer desordens... vamos fazer umas desordens por aí"... (Vitorioso) Aqui está! Então querem fazer umas desordens, hem? Guardas a postos! Não estou gostando nada disso... Isto está me cheirando a muita desordem. Temos que defender a ordem constituída...  
Mãe (Não entendendo nada, aflitíssima) - E se ela virar brisa, senhor comissário?  
Comissário - Brisa? Quem?  
Mãe - Minha filhinha. O senhor não viu? (Mostrando a carta)

22  
/

O vento convidou-a para virar brisa de mar. Aqui, olha...  
(Os dois lêem baixo o trecho da carta.)

Comissário (Fazendo um ar inteligentíssimo) - O vento... Vento? Vento deve ser pseudônimo de algum espião ou chefe de bando. João Vento, Pedro Vento, Zé Vento, Chico Vento... Sabe-se lá...

Pacífico - Conhecí um Chico Vento que era ladrão de pão doce lá numa padaria de minha terra.

Crispin - Quem sabe, chefe, não é caso de astronáutica inimiga?

Pacífico - Disco voador...

Crispin - Planeta Marte...

Comissário (Conclusivo) - Não. Nada disso. Está tudo ficando claro. A coisa é aqui na terra mesmo. Vento é sobrenome de um bandido.

Mãe (Soluçando) - Minha filha!

Comissário - Sobre isto não tenho a menor dúvida. Usou a menina para fazer crer a nós, da polícia, que se tratava de vento mesmo... e...

Pacífico - E as velhas?...

Comissário - Dependurou as velhas e finalmente mandou esta carta cifrada que só pode enganar aos tolos (Vendo que a mãe chora) e as mães. Então querem fazer umas desordens na cidade, hem! Querem enganar a polícia!

Crispin - Mas chefe, e este vento que soprou e quase derrubou a gente? Como é que vossa Excelência explica isso, hem?!...

Comissário - Seu burro, aquilo não era vento natural da natureza; era sopro de algum aparelho, um aspirador gigante, um ventilador atômico... (Sua fala cheia de gesticulação é interrompida por um pequeno pára-quedas sustentando uma carta que vem caindo de cima; o comissário fica estático) Ninguém toca! (Com cuidado pega a carta e guarda o pára-quedas na mala de perícia; depois começa a ler a carta) "Chega, comissário Plácido Epaninondas Cavalgadura"... alguém que me conhece de nome... "me deixa em paz e desinfeta a minha cova"... Grosseirão! Continue lendo, Pacífico, não posso mais. (Fica de muito mau humor.)

Pacífico (Continuando a ler a carta) - "desinfeta a minha cova, senão eu sopro o sr. para sempre e quem vai ter dor de coração é a senhora Epaninondas. O sr. não tem mais o que fazer? Já está bem grandinho para brincar com o vento".

Comissário (Que está cada vez mais furioso enquanto seus policiais não aguentam de vontade de rir) - Está assinada?

Pacífico - Não .

Comissário - Ah... é isto? Estou grandinho, hom?! Querem luta? Pois então terão! Para começar, Pacífico e Crispim, apanhem um pouco dêste ar (Tira da mala de perícia dois amnhadores de borboletas e entrega-os aos policiais.) É preciso mandar um sábio examinar a natureza dêste vento, desta tapeação química, dêste sôpro fabricado.

Mãe - E minha filha? Se ela virar brisa de mar eu morro.

Comissário (Distraído) - Pois morra. Quero dizer... sua filha está em perigo de vida, minha senhora. Sinto dizê-lo, mas a polícia tem que dizer tudo. Doa a quem doer. Sua filha foi levada como refém para provocar a polícia e começar o rififi. O biruta convidou-a para ser senhorita brisa de mar. Talvez tenha feito de sua filha uma espiã ininiga. Pobre mãe! (Tira um lenço prêto e dá para a mãe enxugar as lágrimas) Faremos tudo que está ao nosso alcance para solucionar esta intriga.

Mãe - Mas quando poderei rever minha filhinha?

Comissário (Categórico) - Hoje! Se não fôr hoje, será amanhã, se não fôr amanhã, será depois de amanhã, se não fôr depois de amanhã, será algum dia. Ninguém engana a polícia. A polícia acaba sempre descobrindo tudo. (Uma ligeira brisa começa a soprar) Agora peço a senhora para ficar aguardando minhas ordens em casa. E por favor não deixe seu filho sair. Guarde bem o seu monstrinho. (Acompanha a mãe para fora de cena.)

(Crispim e Pacífico fazem a mímica de quem está querendo pegar o vento com os papa-borboletas e quando o chefe volt a fumando nervoso outro charuto êles se apresentam.)

Pacífico - Pronto, chefe.

Comissário (Entregando tudo a Crispim) - Vá depressa ao departamento de meteorologia e entregue êste vento para o sábio examinar, depressa Crispim. (Crispim sai). O celerado deve estar por perto. Suas máquinas de fabricar vento armadas engenhosamente na cova do Vento. Aqui certamente, é a sede da quadrilha. Coisa bem pensada. Crime quase perfeito não fôra aqui o Plácido Epaminondas. (Ele está agitadoíssimo) Pacífico!

Pacífico (Meio apavorado) - Sim, chefe.

Comissário - Tenho um plano para a captura imediata do inimigo. A cova do Vento deve ficar interditada a qualquer intnu-so. Vá buscar a tabuleta.

Pacífico - Sim chefe. (Sai e volta com uma tabuleta onde se lê: Proibido passar pela Cova do Vento.)

Comissário - Todo aquêle que esta noite puser os pés aqui será suspeito de pertencer ao bando do Chico Vento, ou Pedro Ven-

24

to ou Vento de Tal. (Falando como em segredo para Pacífico)  
 Eles devem voltar aqui esta noite. Estão por perto, senão  
 não mandariam isto (A Carta)... Vamos nos esconder e fazer  
 crer a eles que estamos sós e que o campo está livre. (U-  
 sando um tom de voz normal, falando ostensivamente alto  
 para ser ouvido) Irci para a delegacia e voltarei aqui ama-  
 nhã de manhã. Vamos embora, Pacífico.

Pacífico (Querendo imitar o chefe e falando ainda mais alto)  
 Vamos embora, chefe.

Comissário (Dando uma volta pela cena, pisando e falando ain-  
 da mais forte) - Estamos indo embora...

Pacífico (Enquanto o chefe sai de cena) - Já fomos embora!  
 (Os dois tornam a aparecer pela entrada do proscênio) -  
 Inteligente, hem chefe! (O comissário se envaidece, faz  
 psiu, toma o revólver e espera escondido na frente da cor-  
 tina.)

## CENA VIII

(O comissário espera algum possível intruso. Anoitece na  
 cova do Vento. No meio da cena a tabuleta. Pé ante pé sur-  
 ge tia Aurélia sozinha, uma maleta na mão.)

Aurélia (Chamando) - Vento!... Ventinho... Ventaniaaaa...

Comissário (Entrementes) - Reunião da quadrilha: Estão todos  
 no papo.

Aurélia - Maria....ôôôôô! Estou prontinha para a viagem pelo  
 mundo afora...

(Entra Pedrinho entre cauteloso e esbaforido.)

Pedro - Tia Aurélia, o que é que a senhora está fazendo aqui?  
 Volta para casa. Se a polícia descobre, estamos fritos...

Aurélia - Briguei com Adelaide. Eu estava aprendendo a venta-  
 rolar no quintal, então ela me pôs de castigo e então eu re-  
 solvi também passar para o lado do vento...

Comissário - Toma nota, Pacífico. Ela quer passar para o lado  
 do tal Vento. É uma suspeita.

Pacífico - Já estou escrevendo.

Pedro - E se eles não vierem esta noite?

(Comissário faz sinais para Pacífico tomar nota.)

Aurélia - Não é aqui a cova dêle? Ele não tem que trazer Maria  
 de volta?

Pedro - Mas tia Aurélia a senhora tem coragem de ir lá em cima  
 nas nuvens?!

Aurélia - Ah... tenho!

Pedro - Mais acima ainda! Na estratosfera. Para cima do azul!?...

Aurélia - Do azul? Que maravilha! Vamos logo, Pedrinho...

Pedro - Então está bem. Vou com a senhora... Mas... A senhora

25  
4

sabe ventarolar?.

Comissário - Código.

Aurélia - Sei sim. Veja. (Quando ela vai dar uma rodopiada dá com a tabuleta do comissário) Iii, olha aqui, Pedrinho.

Pedro (Lendo) - Proibido passar pela Cova do Vento. Isto é coisa do comissário. (Tira a tabuleta e joga-a fora de cena.)

Aurélia - Comissário burro. Ele quer proibir o vento de ventar! ah! ah! ah! (Comissário quando se ouve chamar de burro fica furioso.)

Comissário - Burro!?

Pacífico - Tomo nota disto também?

Comissário - Quietos, imbecil!

Pedro - Ele é burro, mesmo. Não entende nada de nada. Vai se estrepar um dia dêsses.

Aurélia - É só o Vento querer que ele fica dependurado como um enforcado naquela árvore.

Pedro - Se o Vento quiser pode mandá-lo para a China, para o Japão...

Aurélia - Para Minas Gerais... (O Comissário se aproxima furioso com o revólver apontado para Pedrinho que está de costas para ele; Aurélia, que está de frente, percebe a manobra e faz gestos aflitos que, entretanto, não são percebidos por Pedrinho.)

Pedro - ... para o Afganistão, para...

Comissário - ... para o xadrez. Estão presos como suspeitos de pertencerem ao bando do tal Vento, a não ser que expliquem o que faziam a estas horas da noite na Cova do Vento.

Pedro - Estávamos esperando o Vento.

Comissário - Toma nota, Pacífico.

Aurélia (Furiosa) - O senhor não tem nada com isto. (Começa a dar socos no peito do comissário) O senhor não é meu pai nem minha mãe para...

Comissário - Derespeito a autoridade!

Pedro (Tentando deter tia Aurélia) - Tia Aurélia, a senhora não pode bater no comissário...

(Tia Aurélia se desprende e tenta fugir gritando.) ...

Aurélia - Vento, Ventinho, sopra este homem para longe...

(Pacífico consegue prendê-la.)

Comissário - Então confessem que estavam esperando o bandido para novos ataques, hem? De malinha pronta, hem? (Aurélia consegue se desprender de Pacífico e recomeça a correr agarrada na malinha mas desta vez o comissário também a prende.)

Comissário - Pacífico, veja o que contém essa valise. Cuidado com as impressões digitais.

Pacífico (Abrindo a malinha) - Um cartão postal com uma vista...  
 Comissário - Vista aérea?  
 Pacífico - Vista aérea.  
 Comissário - Confere. O que mais?  
 Pacífico - Um xale... Uma Kodak.  
 Aurélia (Quase cantando, sempre prêsa ao comissário) - É falta de educação mexer nas coisas dos outros... é falta de educação mexer nas coisas dos outros... (O comissário tenta tapar-lhe a boca mas recebe uma mordida.)  
 Comissário - Peste! Guarde tudo para ser examinado e leve-os para o xadrez. (Quando os dois estão fora de cena vem vindo a mãe.)  
 Voz da Mãe - Mas o que é isto? ...  
 Voz de Aurélia - Foi aquêlê burro do comissário... (A voz se perde e a mãe entra em cena.)  
 Mãe - Mas o que é isto?  
 Comissário (Apontando-lhe o revólver) - É isto mesmo. Seu filho está prêso. Suspeito de pertencer ao bando.  
 Mãe - Pedrinho suspeito de ser bandido? E tia Aurélia também?  
 Comissário - Exato. ...  
 Mãe - Minha filha, brisa de mar, meu filho, bandido... Ohhh!  
 (Desmaia)  
 Comissário - Também é biruta. Se a filha é espiã, o filho é bandido, a mãe também é suspeita. Mãe de peixinho, peixe é. A senhora, favor explicar o que estava fazendo a estas horas da noite na Cova do Vento, Ah!... não quer responder? Ninguém pode explicar, porque ninguém quer explicar. (A mãe volta a si) Idade? Estado civil? onde está seu marido?  
 Mãe - Está viajando...  
 Comissário - Domicílio? (O comissário faz tôdas estas perguntas numa arrancada só, e a mãe diz apavorada.)  
 Mãe - O delegado está ficando malucp... O delegado está ficando maluco!...  
 (Sai)

## CENA. IX

Comissário - Será prêsa também. E agora, mãos a obra. (Tira uma enorme corda da malinha de perícia e começa anarrando-a no tronco da árvore; depois amarra na própria cintura. Vem chegando Crispim muito assustado e fica estatelado olhando as manobras do chefe.)  
 Comissário - Quero ver se êle me arranca daqui... O que é que há, Crispim?...  
 Crispim (Olhando o ambiente) - E se... o... começar... a...  
 Comissário - O que, fuboco?

27  
/

Comissário - O que, imbecil?

Crispim - O outro, o da atmosfera mesmo.

Comissário - Quero ver se êste vento falso, esta brisa química, êste Zé Vento, João Vento, Chico Vento... se êste sôpro de laboratório pode derrubar Plácido Epaninondas de Souza, oficial Administrativo, classe M, do quadro permanente, Nível 20, com quatro quinquênios!...

(Ouve-se uma forte gargalhada, e uma lufada de vento.)

Crispim (Apavorado). - Se não é Vento então é macumba...

(sai se benzendo.)

Comissário - Venha, Vento falso... Vento... (Outra gargalhada mais perto. O comissário bem amarrado em sua corda começa a se aproximar do proscênio desconfiado. Sem que veja, no fundo da cena aparece o Vento levando a menina pela mão.)

Vento - Quem é Vento falso?

(O comissário fica completamente paralisado. O vento pega na ponta da corda que está prêsa na árvore e começa a puxar o comissário que cede; depois de repente fica em posição de luta, e dá com a enorme figura do Vento.)

Menina - Boa noite, senhor comissário.

Comissário - O carnaval já acabou, sr. Vento de tal. O senhor pode enganar uma criança mas não a polícia. Está prêso, palhaço, por rapto de menor, por espancamento de um profissional de imprensa, por derrespeito às senhoras de idade, por alta traição e por... (O Vento dá uma grande soprada, o comissário procura resistir herôicamente e volta ao ataque); ... e por empregar meios químicos, falsos ventos contra a autoridade consti... (Nova soprada que faz o comissário recuar.)

Vento (Brincalhão) - E por que mais, senhor comissário? (O comissário tira um revólver e aponta para o vento, mas êste é arrancado violentamente por um sôpro mais forte e desaparece na ar; a menina ri sem parar.)

Comissário - Está prêso, já disse, e não tente resistir...

Vento - Venha me prender, sr. Comissário.

Comissário - Pois vou mesmo. (Desta vez o comissário cai no chão de pernas para o ar. O Vento e a menina não param de rir.) Você também será prêsa menina. Há está tudo no xadrez (O Vento e a menina param de rir). Sua mãe está prêsa... seu irmão, sua tia...

Maria (Começando a chorar) - Mãe prêsa! Por que?

Comissário - Família de ventoinhas!...

Maria (Chorando para o Vento) - Mãe está prêsa, Vento!

E agora?... (Chora)

(O Vento, furioso, dá uma grande lufada e o comissário começa a ventarolar pela cena tentando dar sôcos, mas finalmente desaparece enquanto o Vento sopra olhando para cima para dar a impressão que o comissário está subindo.)

Comissário - Uuuuuuuuuuu! (Desaparece.)

Maria - Depressa, Vento. Tira todo mundo da prisão... manê prêsai Onde está o comissário?

Vento - Está vendo aquêlê pontinho lá em cima daquela árvore enorme, perto da jaqueira?

Maria - Estou.

Vento - Pois é ôle.

Maria - E agora?

Vento - Não era você que queria fazer umas desordens?

Maria - Queria (Chorando muito)... mas não estou querendo mais... quero minha mãe de volta, quero Pedrinho... e todos... (Continua chorando).

Vento (Aflito) - Está bem, não precisa chorar tanto... vou soprar tudo de volta. Vou largar um vendaval, um ciclone, um tufão de derrubar paredes... (Sai dando gargalhadas). Um tufão... um vendaval,,, ah! ah! ah! ah!...

Maria - E eu, Vento? E eu?...

Comissário (Voz bem do alto e de longe) - Socorro! Socorro!

Maria - Senhor Comissário! Senhor!... (Vêm chegando, muito assustados, Crispim e Pacífico; ao verem a menina ficam de boca aberta como se estivessem vendo um fantasma.)

Pacífico - A menina!

Crispim - Tem mau olhado nêsto...

Maria - Deixem de bobagens e tratem de salvar seu chefe.

Pacífico - Chefe, onde?

Maria - Lá em cima, seus bobos.

(Crispim e Pacífico olham para cima.)

Pacífico - O chefe tá em cima.

Crispim - Vai dar cana.

Pacífico - Chefe, o que é que o senhor está fazendo aí em cima!

Comissário (Voz) - Imbecis, peguem uma corda!...

(Os dois correm pela cena como patetas atrás de uma corda e saem.)

(Maria, sentada numa pedrinha, começa a chorar baixinho quando começa a soprar o vendaval fora de cena. Ouve-se um piano tocando as escadas desordenadamente, depois barulho de coisas quebrando e começa o terrível vendaval. Fôlhas mortas caem de cima, pedaços de música, chapéus de tôdas as espécies, uma roda de bicicleta passa pela cena. Maria faz o sinal da cruz e espantada acompanha a chegada dêsses objetos estranhos. Passa sua avó com o guarda-chuva virado

29

ao contrário, puxada pelo vento.)

Mãria - Vovó (Mas a velhinha não a vê e passa. Finalmente o vento diminui e chega também rodopiando levemente a mãe. Elas não se vêem logo.)

Mãe - Maria!

Maria - Mamãe! (As duas se abraçam.)

Mãe - Onde é que você andava, minha filha?

Maria - Não recebeu minha carta?

(Nova lufada de vento traz tia Aurélia rodopiando e rindo.)

Maria - Tia Aurélia (As duas se abraçam, Maria levanta tia Aurélia no colo, num rodopio.)

Aurélia - Minha maluquinha querida!

(Outra lufada traz tia Adelaide envolta num pano verde e amarelo, sugerindo a bandeira, e tia Adalgisa segurando restos de um piano. As duas rodopiam e caem sobre as pedras. As fôlhas continuam sempre caindo.)

Maria (No meio do barulho do vento) - Bênção tia Adelaide, bênção tia Adalgisa.

Adelaide - Deus te abençoe. Então foi devolvida, hen...

(Pedrinho também é jogado na cena violentamente segurando um pedaço de grade de prisão.)

Maria - Pedrinho!

Pedro - Maria! (Quando vão se abraçar todos são rodopiados.)

Pedro (Olhando para cima) - Vejam. O comissário dependurado!

Todos (Rindo) - O comissário dependurado!

Tia Adelaide - O castigo anda a cavalo!...

Aurélia - Ele também foi ventado. Bem feito!

(Do alto, amarrado por uma corda, desce o comissário batendo os pés, furioso. Já visível da platéia para de descer.)

Comissário - Depressa, Pacífico.

Pacífico (Segurando a ponta de uma corda, presa em cima) - A corda encrencou, chefe. Crispin foi chamar os bombeiros...

Comissário - Imbecis! (Vendo que todos riem dele) Que todos se dirijam à delegacia. Vou abrir rigoroso inquérito para apurar as responsabilidades.

Repórter (Que chegou esbaforido) - Veja na Cova do Vento, distintos ouvintes, o sr. Comissário pendurado numa corda, em atitude estranhamente...

Comissário - Prenda este repórter, Crispin. (Crispin tapa a boca do repórter e o retira de cena gritando.)

Repórter - Estão tentando tapar a boca da imprensa falada...

Comissário - Todos estão novamente prêsos... (Ouve-se uma enorme gargalhada do Vento pelo alto-falante) Prendam também este vento...

30  
/

Maria - Não se prende o vento... senhor comissário.

Maria e Pedro - Não se prende o vento... não se prende o  
vento!

(O pano se fecha enquanto o comissário esperneia e outros  
riem.)

Fin



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

31/8

Sr. Chefe da Seção de Censura.

O Sr. ALTIMAR DE ALENCAR PIMENTEL, diretor do Grupo Teatral " SACI " , enviou para exame deste SCDP, a peça teatral " A MENINA E O VENTO " de Maria Clara Machado.

A referida obra já foi examinada pelo Censor C. Montebello, que propoz a emissão de Certificado sem nenhuma restrição etária- L I V R E e, a pós a ratificação pela Chefia deste Órgão, foi expedido o Certificado nº 535/68, com validade até dia 07 de agosto de 1969.

Assim sendo, à vista do exposto, sugiro que / seja mantido o critério e a expedição dos Certificados requeridos.

A consideração superior.

Em, 07 de agosto de 1968

*Jose Sampaio Braga*  
JOSE SAMPAIO BRAGA  
TCTC-SCDP/DF



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P32

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO



Certificado Nº 537/68

PEÇA -/ A MENINA E O VENTO /-

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 07 de AGOSTO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO  
Brasília, 07 de AGOSTO de 19 68

**LIVRE**

*Aloysio Muhlethaler de Souza*  
Chefe do S. C. D. P. **ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA**

-01-

-16-

-/ A MENINA E O VENTO /-

MARIA CLARA MACHADO

GRUPO TEATRAL SACÍ =(JOÃO PESSOA -PB)=

06

A G O S T O

68

::::: L I V R E :::::: =NENHUMA RESTRIÇÃO ETÁRIA=

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÒ É VÁLIDO, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

07

AGOSTO

68



- JOSÉ SAMPAIO BRAGA -



35

# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO  
Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte, 5 de agosto de 1968

Ilmo. Sr.  
Chefe do Serviço de Censura de Diversões  
Públicas, do Departamento de Polícia Federal  
BRASÍLIA - DF

Senhor Chefe:

Com a presente, temos o prazer de passar às mãos de V.Sa. três (3) exemplares mimeografados da peça infantil intitulada A MENINA E O VENTO, de autoria de Maria Clara Machado, em um ato, residente e domiciliada no Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, a fim de ser censurada, como manda o Regulamento desse conceituado Serviço.

Na expectativa de sua boa acolhida, subscrevemo-nos

Cordialmente.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS  
Sucursal de Minas Gerais

*Good Ferreira*  
GRUPO EDITORIAL  
Belo Horizonte

|  |
|--|
| M. J. D. P. F.                           |
| SERVICO DE CENSURA DE DIVERSOES PUBLICAS |
| Protocolo N.º 1644                       |
| Em 06/05/1968                            |
| <i>Carlos</i>                            |
| Procedente                               |

|                         |
|-------------------------|
| RECEBI O PROGRAMA ANEXO |
| Em 8 de Agosto de 1968  |
| <i>Good Ferreira</i>    |



36

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: A MENINA E O VENTO

Nome do Autor: MARIA CLARA MACHADO

Nome do Tradutor: \_\_\_\_\_

Gênero: ESTORINHA SÔBRE UMA MENINA QUE É RAPTADA PELO VENTO, MOTIVANDO  
~~Extrato:~~ A MOBILIZAÇÃO DA POLÍCIA PARA SUA LOCALIZAÇÃO, ENVOLVENDO ESTA,  
SEUS FAMILIARES E UM REPORTER EM CENAS CÔMICAS .

Apreciação morais: \_\_\_\_\_

Observações: \_\_\_\_\_

Classificação final: LIVRE

Brasília-DF. em 6 de AGOSTO de 1968

Censor Federal [Signature]

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor Mauro Costa, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: A Moenica e o Vento

AUTOR: Maria Elena Machado

RESTRIÇÃO SUGERIDA: LIVRE - Nenhuma restrição etária

OBS. \_\_\_\_\_

Em 7/8/68

[Assinatura]  
Chefe da TCTC

VISTO: \_\_\_\_\_

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acordo com voto do Censor

Em \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
CHEFE DO SCDF



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA  
Av. Paulo Gama — Pôrto Alegre — Brasil  
CENTRO DE ARTE DRAMÁTICA

37

Pôrto Alegre, 24 de julho de 1969.

Exmo. Sr.  
Diretor do Serviço de Censura de Diversões Públicas  
Departamento de Polícia Federal  
Brasília

Prezado Senhor:

Venho à presença de V. Exa. a fim de solicitar seja submetido à censura e liberado o texto anexo, "A menina e o - vento", peça infantil em 1 ato, da autoria de Maria Clara Machado.

O espetáculo deverá ser montado na sede deste Centro de Arte Dramática e a peça será interpretada pelos alunos do CAD, como trabalho didático do 2º semestre, sob a direção do aluno Ronaldo Falleiro.

Estando a data de estréia prevista para o dia 25 de agosto, apelamos para a vossa gentileza e boa vontade solicitando certa urgência na liberação do texto.

Sendo o que se me oferece de momento, agradeço a atenção dispensada, e subscrevo-me

atenciosamente.

*Gerard A. Bornheim*

Prof. GERD A. BORNHEIM  
Diretor do C.A.D.

REM. CENTRO DE ARTE  
DRAMA TICA.  
AV. SALGADO FILHO, 340  
PORTO ALEGRE - RS.

S. B. A. T.

Peça liberada exclusivamente para  
Centro de Arte Dramática

e para fins de Censura. Sua apre-  
sentação em teatro, rádio, televisão,  
e outros meios de comunicação, não  
exige o pagamento prévio dos direitos  
autorais.

P. Alegre, 23 de Julho de 1965  
[Assinatura]

S. B. A. T.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P.30/0

A MENINA E O VENTO

de

M A R I A   C L A R A   M A C H A D O

DA MESMA AUTORA:

*Teatro Infantil* (contendo: A Bruxinha que era boa; O Rapto das Cebolinhas; O Chapèuzinho Vermelho; Pluft, o Fantasminha; O Boi e o Burro no Caminho de Belém).

*Teatro* (contendo: O Cavalinho Azul; A Volta do Camaleão Alface; O Embarque de Noé).

*Como fazer teatrinho de bonecos* (nova edição em preparo).

## A MENINA E O VENTO

## 1 Prólogo e 9 Cenas

Esta peça foi levada pela primeira vez pelo TABLADO em 1963 com cenários e figurinos de Marie Louise Nery; assistente técnico, Dirceu Nery; assistente de direção, Donato Donatti; contra-regra, Luiz Carlos Valdez; sonoplastia, Sergio Cathiard, com a seguinte distribuição: *Vento*, Henrique Mujica; *Maria*, Lúcia Marina Accioli; *Pedro*, Flávio de São Thiago; *tia Adelaide*, Jaqueline Laurence; *tia Adalgisa*, Yolanda Costa; *tia Aurélia*, Neuza Navarro; *a mãe*, Maria José Araújo; *a avó*, Moema de Brito; *o repórter*, Olney Barrocas; *o comissário Plácido*, Hélio Ary; *Pacífico*, Paulo Nolasco; *Crispim*, Sérgio Miceli. Direção geral, Maria Clara Machado. Rio de Janeiro, 1963.

## PERSONAGENS:

O VENTO

MARIA, *a menina*PEDRO, *o menino*

A MÃE

AS TIAS:

ADELAIDE,

ADALGISA e

AURÉLIA

A AVÓ

O REPÓRTER

O COMISSÁRIO PLÁCIDO

OS 2 POLICIAIS:

PACÍFICO e

CRISPIM OU

BRANCA DE

NEVE (se o ator

fôr negro)

## CENÁRIO

A cova do vento. Um pedaço de praia deserta com enorme tronco ao fundo de onde caem pedaços de galhos e parasitas, feitos com material leve para que possam sugerir o efeito do vento. No chão algumas pedras roliças. Uma delas é o travesseiro do vento. O ambiente deve sugerir mistério e poesia. Vários ventiladores são instalados para movimentar os parasitas que se moverão ao mesmo tempo que se ouve o barulho do vento gravado e irradiado de um alto-falante.

## PRÓLOGO

*O Prólogo se passa no proscênio com a cortina fechada. Ouve-se insistentemente uma escala de piano tocada ao longe. Fugindo, esbaforidos, entram Maria e Pedro. Cessa a escala.*

MARIA: Corre, Pedro, que lá vêm elas!

PEDRO: Santo Deus, ela não nos deixa em paz!

MARIA E PEDRO juntos: Aula no Domingo também é o cúmulo.

PEDRO: Tia Adelaide é o fim.

VOZ DE TIA ADELAIDE: Pedro! Maria!

MARIA: Depressa! (*Saem correndo*)

*Entram também esbaforidas da corrida as três tias. Tia Adelaide é a mais velha e também a mais mandona. Tia Adalgisa é a do meio. Cópia viva de tia Adelaide. Tia Aurélia é a menos velha, meio biruta, meio infantil, obedece sempre tia Adelaide por hábito e medo. Passam as tias (ouve-se de nôvo a escala no piano) e tornam a voltar os meninos.*

MARIA: Pedro vamos nos esconder na cova do vento?

PEDRO: Boa idéia. Vamos!

*Saem. Voltam as tias.*

ADELAIDE (*Gritando*): Meninos, voltem já para a aula!

ADALGISA: Eu disse à mãe dêles para não deixá-los brincar na rua.

AURÉLIA: Maria! Pedro!... Voltem já... já... já... Adelaide está chamando!...

ADELAIDE: Lugar de criança é dentro de casa.

ADALGISA: A culpa é da mãe dêles que é muito mole...

AURÉLIA: No nosso tempo, quando...

ADELAIDE (*Interrompendo-a*): Já sei, Aurélia, que nosso tempo era diferente, mas nossa obrigação de tias é educá-los.

AURÉLIA: A aula de hoje é tão boa! Adoro educação cívica!

ADALGISA: As aulas de Adelaide são excelentes! Ela é a melhor professora de educação cívica da cidade!

AURÉLIA: E do Brasil!

ADELAIDE (*Saindo, orgulhosa com os elogios*): Meninos, voltem para a aula!

ADALGISA (*Acompanhando-a*): É preciso aprender a amar o Brasil, meninos!

AURÉLIA (*Saindo também*): Pedro! Maria!

*(Muito assustada volta Adalgisa)*

ADALGISA: Por ali é o caminho da cova do vento!

ADELAIDE (*Voltando também assustada*): ...não é lugar para môças sôzinhas...

AURÉLIA (*Aparecendo alvoroçada*): Cova do vento... mamãe sempre disse que lá é muito deserto, e feio... e cheio de vento...

ADELAIDE: Vamos voltar. É muito perigoso o risco.

ADALGISA: É muito perigoso o risco.

AURÉLIA: E os meninos?

ADELAIDE — Quando chegarem em casa ficarão de castigo. Terão que escrever duzentas vêzes: Viva o nosso Brasil amado! (*Sai*)

AURÉLIA: Vivoooooooo! (*Sai*)

ADALGISA: Muito boa idéia, Adelaide, muito boa idéia! (*Sai*)

CENA I

*(Ao abrir o pano a cena deve estar na penumbra; ao fundo, deitado no chão, com a cabeça numa das pedras, dorme o Vento. É um personagem meio mitológico, como se vê em figuras de mapas de navegação antiga. O ator que representar o Vento deve ser bem alto para aumentar o contraste com a menina, mas não deve ser uma figura feia para não meter medo nas crianças. Pode usar uma máscara. Pedro e Maria chegam correndo. Depois de verificarem que não estão sendo perseguidos, observam o lugar.)*

MARIA: Iiiii! Aqui hoje está muito esquisito.

PEDRO: Mas aqui tenho a certeza que elas não vêm.

MARIA: Tia Adalgisa tem tanto medo. . .

PEDRO: Você não acha que isto aqui está calmo demais?

MARIA (*Descobrimdo o Vento*): Veja, Pedro, o Vento, dormindo. Será que êle está doente? (*Olhando para cima*) Caiu, será?

PEDRO: Lugar de vento ficar é lá em cima. O que é que êle veio fazer aqui na praia?

MARIA: Alguma indigestão de ar. (*Rindo*) Que feio que êle é!

PEDRO: É velho e barrigudo.

MARIA: Que pena! Sempre pensei que o vento fôsse lindo!

PEDRO: Por que, ora!

MARIA: Porque tudo que voa é bonito.

PEDRO: Urubu também?

MARIA: Voando é. Até urubu voando é bonito. Menos mosquito, é claro.

PEDRO: Êle está acordando.

MARIA: Vamos nos esconder. (*Os dois se escondem atrás da cortina, no proscênio.*)

MARIA: Quero só ver a cara que êle tem acordado.

*(O Vento se mexe e fica sentado com as pernas estiradas. Depois continua a dormir sentado, roncando muito alto.)*

PEDRO (*Procurando falar baixo*): Ronca igualzinho ao vovô Jaime.

MARIA (*Começando a rir sem contrôle*): Vovô Jaime... é isto mesmo... o vento se parece com vovô Jaime.

(*Os dois continuam a rir até que acordam o Vento, que abre os olhos espantado.*)

VENTO: Psiuuuuu! (*Boceja, os meninos se calam, êle continua a dormir.*)

MARIA (*Sempre tentando falar baixo*): Está acordando... Parece mesmo o vovô Jaime quando dorme na poltrona...

*O Vento abre os olhos espantado e começa a se levantar, procurando ver de onde vem o barulho.*

PEDRO (*Puxando Maria para se esconder*): Êle viu!

VENTO (*Descobrimdo os meninos*): Deixem-me dormir, criaturas desagradáveis.

PEDRO: Quem é criatura desagradável?

MARIA: Acho que somos nós.

PEDRO (*Brincalhão, levantando a voz*): Os incomodados que se mudem.

VENTO (*Furioso*): O quê?!

PEDRO (*Provocador*): Disse: os incomodados que se mudem.

VENTO: Olhe aqui, pirralho, ou vocês me deixam dormir em paz ou...

PEDRO: Ou o quê? Aqui por acaso é propriedade sua?

MARIA: Pedro, não provoca.

PEDRO: A praia é pública, a rua é pública, o espaço é público, a atmosfera é pública...

MARIA: A estratosfera é pública...

PEDRO (*Já dentro de cena sem o menor receio do vento*): E nós fazemos barulho onde queremos... e o vento também é público, está ouvindo?

VENTO (*Com as mãos na cintura, ameaçador*): Menino, ninguém levanta a voz com o vento.

44

MARIA: E o trovão?

VENTO: O trovão?

MARIA: Não é o Padre Eterno levantando a voz para você, vento?

VENTO: Para mim, coisa nenhuma...

MARIA: Para quem, então?

VENTO: Para vocês, é claro!

MARIA: Bem que eu achei que a explicação de tia Adelaide sobre o trovão não era boa. Sabia que era o Padre Eterno. Tia Adelaide tira a graça de tudo, coitada!

VENTO: Já disse que ninguém levanta a voz com o vento!

MARIA: Quem é que está levantando a voz para você? Estou só falando de minha tia Adelaide, e meu irmão é meio mal humorado. Mas o senhor também não fica atrás... êle estava só brincando. Com êste mau humor, já vejo *o porquê* das tempestades... Aliás isto também tia Adelaide não explicou bem. As tempestades são causadas pelo mau humor de vento e de sua família... brigas entre nuvens, brisas, ventos, vapores, raios e trovões... se...

VENTO (*Interrompendo*): Pare de falar, matraca de feira, ou então... eu... eu...

PEDRO (*Furioso*): Minha irmã, matraca de feira?

VENTO: Vocês querem, não é? (*Dá uma lufada de sopro sobre os meninos que caem no chão. A sonoplastia e um dos ventiladores acompanham sempre as lufadas do vento.*)

PEDRO: Vento covarde! Vento covarde!

MARIA: Não provoca, Pedro... Não provoca!

VENTO: Tratem de desaparecer, meninos, senão eu sopro! E é para valer... Um... Dois...

PEDRO: Vento caduca...

MARIA: Não provoca mais êle, Pedro.

VENTO: Caduca, eu? Pois você vai ver... vou te mandar para as nuvens e lá você é que vai caducar, fedelho de uma figa. (*Começa a soprar com tanta força que Pedro depois de dar umas voltas tentando resistir, sai de cena sempre gritando.*)

PEDRO: Vento covarde... vento covarde...

MARIA: Pára de ventar, Vento, que Pedro está sumindo atrás daquela árvore. Pára vento... Pedro! Pedro! (*Sai gritando e procurando resistir.*)

VENTO: Pronto. É assim que nós lá de cima nos livramos dêles. Sem muita conversa. (*Boceja ostensivamente e torna a sua cama, mas não consegue se deitar porque, furiosa, volta Maria.*)

MARIA: Queira soprar de volta, imediatamente, o meu irmão ou então o senhor terá que se ver comigo.

VENTO: O quê? Está me desafiando, pedacinho de coisa nenhuma? Quer também ser soprada para longe? (*Começa a rir.*) Isto aí me ameaçando... ah! ah! ah! ah!

MARIA: Pára de rir, vento bôbo-alegre. Não tem vergonha de ser tão velho e rir dêsse jeito? Traga meu irmão de volta, já disse.

VENTO (*Pára bruscamente de rir*): Vou te mandar para a China, menina.

MARIA: Duvido. (*Aceitando o desafio*). E fique sabendo que sou campeã de andar na ventania e não vai ser um ventinho qualquer que vai me levar para a China ou para o Japão. Bem que eu gostaria de dar um passeio... se eu...

VENTO (*Interrompendo*): Você disse... ventinho qualquer?

MARIA: Disse. O que é que você sabe fazer mais além de ventar? Sabe ler? Sabe escrever? Qual é a sua educação cívica?

VENTO: Chega. (*Dá uma forte luçada. Maria, marôta, se esconde atrás dêle que procura, intrigado, sem poder encontrá-la. Finalmente Maria corre e se esconde atrás de uma pedra.*)

MARIA: Brisa, vento, ventinho  
pode soprar espertinho...  
Não tenho medo de ventania.  
Só receio a minha tia,  
brisa, vento, ventinho,  
pode soprar espertinho...

(O Vento furioso começa a soprar e Maria deliciada ventarola pela ceia em loucos rodopios até que sai, sempre rindo. O Vento sentindo-se vencedor volta para sua pedra e recosta para tornar a dormir. Começa a roncar quando Maria volta. Vendo que o Vento não acorda ela começa a sapatear e a cantarolar. O Vento continua roncando. Por fim Maria resolve jogar amarelinha batendo com os pés com força. O Vento abre os olhos.)

MARIA: Isto o senhor não sabe fazer... garanto que não sabe...

VENTO: O quê? Ainda aqui?

MARIA: Vou lhe chatear até você trazer Pedro de volta.

VENTO: Não trago nada de volta.

MARIA: Quer dizer que o senhor *não sabe* trazer êle de volta?

VENTO: Quer dizer que *não quero* trazer ninguém de volta.

MARIA (*Mudando de tática*): E se eu prometer nunca mais incomodá-lo na sua toca?

VENTO: Não acredito em promessa de menina.

MARIA: Então em que você acredita?

VENTO: Acredito na minha força.

MARIA: Prosinha, hem? Tão forte que nem conseguiu me soprar para longe... Acho que você está ficando sem fôlego, velho e cansado, hem, vento?

VENTO (*Meio desconfiado*): Você acha?

MARIA: A verdade é que o senhor com seus mil e quinhentos séculos de vida não conseguiu derrubar uma menina de 12 anos.

VENTO: Isto nunca aconteceu. Quem é você, menina?

MARIA: Sou Maria.

VENTO: Nunca fui vencido por... por... ninguém... e logo por uma menina (*O Vento está desolado*).

MARIA: Não fique assim, vento. É que sou campeã mesmo. Ninguém me vence na minha rua na corrida de ventania.

VENTO: Como é que faz para vencer? Nem navios, nem árvores, nem cidades, nem nada nesta terra redonda de Deus pode comigo quando estou furioso.

MARIA: É só não ter medo e conhecer sua tática.

VENTO: E você conhece minha tática, menina?

MARIA: Conheço.

VENTO: E como é que você descobriu?

MARIA: Praticando. Comecei com uma brisa... uma brisinha à toa.

VENTO: Minha filha, ela é bem fraquinha, a coitada.

MARIA: Eu sei. Depois passei para um vento mais forte.

VENTO: Eu.

MARIA: Vento de praia, vento de Cabo Frio. Lá é melhor ventarolar de óculos por causa da areia. Mas também é melhor porque é salgado demais. A gente lambe o braço depois fica tudo salgadinho. Quando o vento, o senhor, pára de ventar, a gente continua com o barulho no ouvido até dormir.

VENTO (*Comovido*): É, é?

MARIA: Bem, na ventania custei mais, porque a ventania não tem muita direção e tapeia a gente também.

VENTO: Minha mãe. Sempre foi meio nervosa.

MARIA: É. Mas venço ela também. Aprendi a ventarolar.

VENTO: Ventarolar? O que é isto?

MARIA: Muito fácil. Virar ventarola de vento. Você já conseguiu derrubar uma ventarola?

VENTO: Papa-vento?

MARIA: Isto mesmo.

VENTO: Bem, acho que não. Mais fácil derrubar um vendedor de papa-ventos.

MARIA: Pois é, viro mesmo um papa-vento, fico tão levezinha no corpo e rodopio e não me canso e a ventania desiste de mim. Quase que posso voar.

VENTO: Você gostaria?

MARIA: De voar? Ah gostaria. Sabe? Um dia tia Aurélia me disse que se a gente esfregasse asa de passarinho nas costas todos os dias cresciam umas asas e a gente voava.

VENTO: E você esfregou?

MARIA: Ela esfregava na minha e eu na dela. Combinamos de voar juntas. Depois começou a dar brotoeja nas minhas costas e tia Adelaide descobriu tudo e botou tia Aurélia e eu de castigo escrevendo duzentas vêzes: "Só quem voa é passari-nho, criança estuda para servir ao Brasil."

VENTO: Essa sua tia é de morte, hem?

MARIA: Ela só pensa no Brasil, nunca pensa na gente.

VENTO: Você gostaria de passear na minha cacunda?

MARIA: Na cacunda do vento? Oh! Seria bárbaro! Mas o se-nhor tem que primeiro trazer o Pedrinho.

VENTO: Pedrinho, não.

MARIA: Então nada feito.

VENTO (*Conciliador*): Deixa o Pedrinho pra lá, que eu já vantei êle para casa.

MARIA: Jura?

VENTO: Palavra de vento. Juro pelos raios que me partam... que êle voltará para casa.

MARIA: Não gosto nada de juramento de vento mas... você pode mesmo ventar o que quiser? Trazer coisas de outras terras, atrapalhar tudo?

VENTO: Posso tudo.

MARIA: Lá vem a prosa. Daqui a pouco você vai dizer que é Deus, e êle te castiga.

VENTO: Psiu... fala mais baixo...

MARIA: E você pensa que o enorme ouvido dêle não está por tôda parte? Por aqui?! Bem se vê que não estudou catecismo.

VENTO: Eu sei que êle está me ouvindo, mas êle sabe também que estou brincando, não sabe?

MARIA: É sempre melhor o senhor ser mais modesto.

VENTO: E você é? Campeã de corrida contra o vento!

MARIA: Mas não é só isto que sei fazer, e não fico espalhando por aí... sei tanta coisa...

VENTO: Sabe o que mais além de papaventar?

MARIA: Ora, vê-se que o senhor é ignorante; sei fazer uma porção de coisas; sei fazer tricô, sei fazer arroz, batata frita, sei tratar

de galinhas, sei plantar feijão; ora vento, sei tudo isto que uma menina deve saber e sei também dançar, patinar, nadar, ventarolar; coisas boas para contrabalançar as chatas.

VENTO: Chatas?

MARIA: ...fazer cama, estudar aritmética, acabar as férias, ir ao dentista, ouvir aula de tia Adelaide e ser obrigada a amar o Brasil!...

VENTO: Você quer aprender a amar o Brasil na minha cacunda?

MARIA: Mas tia Adelaide vem também?

VENTO: Não. Eu te mostro tudo que há de bonito por aí e você aprende tudo sem tias e sem livro. Só olhando...

MARIA: Que bom! Mas vento, gostaria também de fazer umas desordens por aí.

VENTO: Desordens?

MARIA (*Maliciosa*): Desmanchar umas paradas, ventar tia Adelaide do piano. Desarrumar tudo que é arrumadinho. Só para ver a cara de todo mundo. (*Começa a rir*) Levantar a saia de tia Adelaide seria bárbaro! Ela usa umas ceroulas tão engraçadas!...

VENTO: Pensei que você fôsse uma menina boa.

MARIA: Olha só quem está falando! O senhor não é o maior desordeiro de todos os céus? Não derruba navios e tira as telhas das casas? Não levou o chapéu de vovô Jaime e nunca mais o devolveu?

VENTO: Mas eu sou vento e você é gente. Cada um no seu lugar.

MARIA: Ah, Vento, não precisa se desculpar muito, eu te compreendo tão bem. Mundo certinho é tão chato! Vamos desmanchar um pouco, tá bem? Vamos ventarolar o mundo!...

VENTO (*Rindo*): Está bem. Você quer fazer umas ruindadezinhas. Vamos, e não reclame depois as conseqüências, hem?

*(A menina monta na cacunda do Vento que começa a soprar. Dão uma volta pela cena sempre rindo e desaparecem, ouvindo-se ainda por algum tempo a gargalhada e o barulho do vento. Depois volta a cena um silêncio completo até a cena II.)*

CENA II

(Entram Pedrinho, a mãe, tia Adelaide, tia Adalgisa e tia Aurélia; tôdas assustadas.)

PEDRO: Foi aqui, no meio da ventania.

TIA ADELAIDE (*Baixinho*): A cova do vento.

TIA ADALGISA: A cova do vento!... (*se junta a tia Adelaide*).

MÃE: E depois, Pedrinho, o que aconteceu? (*Tia Aurélia sai de cena, descobrindo, curiosa, a cova.*)

TIA ADELAIDE: Coisa boa é que não foi. Volta aqui, Aurélia, quer também ser raptada?

ADELAIDE: Raptada?

AURÉLIA (*Voltando assustada, mas dando risadinhas*): Deus me livre e guarde, Adelaide!

MÃE: Ela não pode ter desaparecido assim de qualquer maneira.

PEDRO: Não foi de qualquer maneira, mamãe. Ela começou a ventarolar como sempre faz. Eu é que fui soprado. Meu contrôle ainda é ruim. E depois...

TÔDAS: E depois...

PEDRO: Depois chamei o vento de covarde e foi a conta. (*Aurélia dá risinhos compreensivos*) Ele se irritou e me soprou até aquela árvore ali. Fiquei prêso lá um tempão e vi tudo. Eles conversaram muito e riram também.

ADELAIDE: Eles quem?

PEDRO: Maria e o vento.

ADELAIDE: Conversaram como?

PEDRO: Conversando, ora. Conversa vem, conversa vai, ela montou na cacunda dêle e lá se foram...

ADALGISA: Que conversa é essa de vento conversar? Você sabe, Pedro, que mentir é muito feio...

AURÉLIA (*Dando risinhos*): Eu bem que gostaria de ter umas conversinhas com o vento...

ADELAIDE: Quieta, Aurélia, senão te ponho no piano...

ADALGISA: Vocês não acham que já ouvimos demais êste menino?

MÃE: Pedro, meu filho, conta tudo direitinho, sem inventar nada, que depois você ganha um presente.

PEDRO: Estou contando certinho como eu vi.

MÃE: E onde é que você acha que êles estão agora?

PEDRO: Bem, agora? (*Calculando*) Se pediram a ajuda da ventania, que é a mãe dêle...

MÃE: Mãe de quem?

PEDRO: Do vento. (*Tôdas se entreolham*) Se pedirem ajuda a ela já devem estar perto do Ceará. Êle deve ter metido um sudoeste bravo. Pode ser também que tenham ficado para fazerem as tais desordens que Maria pediu...

MÃE (*Achando que o filho não está bem da cabeça*): Toma, meu filho. (*Dá-lhe dinheiro*). Vai tomar um sorvete bem grande (*Pedrinho sai*).

ADELAIDE (*Entredentes*): Antipedagógico!

MÃE: Estou ficando aflita!

ADELAIDE: Pudera!

MÃE: Faz mais de seis horas que a menina sumiu. E foi daqui... Pedro não diz coisa com coisa.

ADELAIDE: Acho que êle ficou meio atrapalhado da cabeça...

ADALGISA: Teria ela sido raptada?

ADELAIDE: Mas é óbvio!...

MÃE (*Quase chorando*): Vou avisar a polícia. Não agüento mais. Fiquem aqui um pouco. Quem sabe ela aparece?

ADALGISA: Ficar aqui sòzinhas? E se êle aparecer?

MÃE: Êle quem?

ADELAIDE: O raptor!

AURÉLIA: O vento, Adelaide?

ADELAIDE: Sossega, Aurélia. Mande um guarda ao menos. Isto aqui não é, e nunca foi lugar para mocinhas...

ADALGISA: Não é e nunca foi lugar para mocinhas...

MÃE: Vou depressa chamar o comissário Plácido. (*Sai*)

48

ADELAIDE: Eu disse... eu avisei... eu disse que não se deve deixar meninos soltos por aí. (*As duas passeiam aflitas pela cena, enquanto Aurélia alvoroçada observa tudo.*)

ADALGISA: Lugar de menino é na saia da mãe.

AURÉLIA: Quando eu era mais menina, gostava de costurar, de bordar... ah, gostava também de fazer comidinha de fôlha, lembra Adalgisa? A gente misturava tudo numa latinha: fôlha de ficus, fôlha de mamão, fôlha de... aquela que era veneno... Agora, é verdade que eu também gostava (*Fala baixinho com medo das irmãs*) de andar na chuva e de...

ADELAIDE: Agora não é hora de lembrar essas coisas, Aurélia.

ADALGISA: Se fôsse minha filha, vivia trancada a sete chaves.

ADELAIDE: Era muito sapeca aquela Maria.

AURÉLIA: Gostava de brincar, a diabinha!

ADELAIDE: Eu bem que dizia...

AURÉLIA: Você bem que dizia.

ADELAIDE: Mas a mãe não fazia o que eu dizia...

ADALGISA: Não fazia o que você dizia...

AURÉLIA (*Como se repetisse uma lição*): Eu dizia... tu dizias, êle dizia...

ADELAIDE: Bem feito agora.

AURÉLIA: Mamãe sempre disse que quem faz mal feito não tem direito...

AS TRÊS: ...de se queixar.

AURÉLIA (*Depois de uma pausa*): Adelaide, vento tem cacunda?!

ADELAIDE: Eu te prendo no quarto, Aurélia!

(*Começa a soprar de repente um vento e as três começam a rodopiar. Aurélia aprecia o rodopio como uma criança.*)

ADELAIDE: Santo Deus, Santa Bárbara e São Jerônimo nos acudam!

AURÉLIA: Adelaide... Adelaide... me segura... me segura... que gostoso... que gostoso!

ADALGISA: Socorro! Não me empurrem... Adelaide... Adelaide, socorro!...

*(As três desaparecem de cena sempre gritando e tornam a aparecer dependuradas nas árvores. São bonecas. Da plateia só devem ser vistas as pernas das tias com calças antigas bordadas nas beiras; vindo de cima as vozes pedindo por socorro. Chega uma velhinha mais velha do que elas. É a avó dos meninos e mãe das tias.)*

Vovó: Adelaide! Adalgisa! Aurélia! Voltem para casa meninas...

Onde se meteram essas meninas... Se o Jaime sabe disso...

TIAS: Socorro! Socorro! *(A velhinha finalmente olha para cima e dá com as filhas dependuradas nas árvores, a velha é meio surda.)*

Vovó: Meninas, desçam já daí. Já... Já...

ADELAIDE: Estamos prêsas, mamãe.

Vovó: Quem mandou vocês subirem em árvore? No meu tempo árvore era feita para enfeite da natureza... e também para dar frutos... Desçam já daí. Já proibi várias vêzes.

ADALGISA: Estamos prêsas, mamãe.

Vovó: Comendo fruta verde de nôvo, hem Adalgisa!? Desça já.

ADELAIDE: Chame o corpo de bombeiros, mamãe...

Vovó: Desça já daí, Aurélia, ou chamo teu pai.

AURÉLIA: Me empurraram, mamãe, me empurraram...

ADELAIDE: Os bombeiros, mamãe!

Vovó: Até você, Adelaide... e abaixe já esta saia. Que modos são êsses de mostrar as calças desta maneira...

*(Começa a soprar um ventinho leve que delicadamente empurra a velhinha.)*

Vovó: Não empurra, Jaime... não empurra... já disse que não vou para casa... não quero entrar... já disse... *(E vai saindo: Não empurra Jaime... não empurra...)*

## CENA III

(Silêncio na cena. Entra o repórter segurando um microfone com um fio enorme. Olha para todos os lados, verifica que a praia está vazia.)

REPÓRTER: Que furo! Sou o primeiro! Alô, alô, Rádio da Praia, estamos transmitindo diretamente do local do rapto da indigita Maria de Almeida. Para os ouvintes dos Estados, tenho a informar que se trata de uma praia deserta e mal encarada, os pescadores a chamam de Cova do Vento. Pois é uma cova, caros ouvintes, a cova da jovem Maria trágicamente desaparecida nas primeiras horas da manhã. Nossas emissoras — numa gentileza dos Perfumes Ventania, a brisa que refresca — estão dando em primeira mão a reportagem completa sobre o desaparecimento trágico da jovem Maria, aluna exemplar...

ADELAIDE: Isto é que ela não era...

REPÓRTER (*Procurando ver de onde vem a voz*): Como ia dizendo, caros ouvintes, a Brisa que refresca é um perfume Ventania, e a jovem Maria...

ADALGISA (*Voz débil*): Socorro! Socorro!

REPÓRTER (*Descobrendo as tias*): Caros ouvintes, a situação aqui na cova do vento se agrava. Do alto das enormes árvores que circundam a cova do vento partem lancinantes apelos de socorro. Será a indigitada jovem? É o que verificarei num sensacional esforço de dar em primeira mão e sem nenhum medo dos prováveis perigos que terei de enfrentar numa reportagem completa do maior rapto do século. Sou corajoso prá burro e verei o que está acontecendo. Vejo a distinta senhora dona Adelaide e suas estimadas irmãs dependuradas nos galhos das árvores pedindo socorro. Elas estão numa posição bastante incômoda. Vou entrevistá-las neste instante, antes que elas morram. Dona Adelaide e suas inseparáveis irmãs são tias e professôras da pobre Maria. Boa tarde, dona

Adelaide, quer fazer algumas declarações para as nossas emissoras, numa gentileza dos perfumes Ventania?

AURÉLIA: A brisa que refresca?

REPÓRTER (*Com a força do hábito*): Isto mesmo, acertou! A senhora terá direito a um cupom numerado que, com mais dez cupons de respostas certas, lhe dará direito a um frasco, absolutamente grátis e o direito a concorrer no próximo concurso: O Vento é o limite.

AURÉLIA: Ganhei! Ganhei! que felicidade!

*(O Vento começa a soprar e o repórter rodopia, tenta dar sôcos no ar, finalmente se enrola no fio do microfone e cai no chão desmaiado, o Vento cessa.)*

AURÉLIA (*Como numa canção de criança*): A brisa que refresca... a brisa que refresca... (*Depois todos silenciam.*)

#### CENA IV

*(Entra Pacífico, o policial, seguido de Crispim. Os dois se espantam diante do corpo do repórter.)*

PACÍFICO: Um defunto!

OS DOIS (*Chamando*): Chefe!

*(Entra o comissário Plácido fumando o seu charuto.)*

COMISSÁRIO (*Vendo o repórter*): Ninguém toca no cadáver.

*(Os policiais meio apavorados observam o local e dão com as tias dependuradas.)*

OS DOIS: Veja, chefe! Três damas enforcadas!

COMISSÁRIO: Uma menina raptada, um repórter abatido, amarrado, espancado e morto, três damas enforcadas. Num só dia e tudo na cova do vento — lugar sombrio, desabitado a um quilômetro da cidade. Este é um dos casos mais complicados.

ADELAIDE: Depressa, polícia, já não agüento mais!

PACÍFICO: Ainda não morreram...

CRISPIM: Então é porque ainda estão vivas!

COMISSÁRIO: Vivas? Tanto melhor! (*Aos policiais*) Subam às árvores e retirem os corpos de delito, isto é, as velhas. Cuidado com as impressões digitais. (*Os guardas saem*) As senhoras têm que declarar à polícia o que estão fazendo aí.

AURÉLIA: Estamos vendo a vista, senhor comissário, estamos vendo a vista... (*Risinhos*)

COMISSÁRIO (*Tomando nota de tudo num caderninho*): Vendo a vista!? Favor declararem domicílio, estado civil, nacionalidade e idade...

ADELAIDE: Era só o que faltava...

(*O repórter começa a se mexer*)

COMISSÁRIO: Este também ainda está vivo! (*Ajudando o repórter a se desvencilhar do fio do microfone*) O senhor tem alguma coisa a declarar à polícia?

REPÓRTER (*Olhando para todos os lados com medo*): Senhor comissário, fui atacado por um monstro. Tentei tudo... (*Pegando de novo o microfone*) O dever de um repórter é informar. Rádio Praia continuando a reportagem interrompida por uma covarde agressão. Sou um mártir da imprensa e da verdade. (*Enquanto isto o comissário examina o local e toma notas.*) Ao ver as senhoras enforcadas nas árvores tentei salvá-las, mas o agressor me bateu. Tentei lutar, mas não se tratava de um único homem e sim de uma quadrilha. (*O vento dá uma lufada.*) Senhor comissário, sou corajoso pra burro e os ouvintes sabem disto, mas convém a gente sair logo daqui, porque eles podem voltar.

COMISSÁRIO: Um momento. (*Continua examinando tudo.*)

REPÓRTER (*Querendo descobrir assunto para os ouvintes*): Tem alguma coisa a declarar aos nossos ouvintes? (*O comissário não responde*) O senhor gosta dos perfumes Ventania?

COMISSÁRIO: Bem... (*O repórter faz sinal para êle dizer sim*)  
Gosto sim...

*(Neste momento as bonecas começam a se mexer e ouve-se as tias e os policiais. O comissário e o repórter acompanham seus movimentos.)*

ADALGISA: Estão me fazendo cócegas! (*Aurélia ri*)

ADELAIDE: Não me toque, polícia!

PACÍFICO: Então como é que é, madame? Tem que sair, não tem? Eu tenho que segurar, ora!

ADALGISA: Não me faz cócegas, polícia...

CRISPIM: Segura meu braço, madame.

ADALGISA: Senhorita, faz favor.

CRISPIM: Agarre a velha, Pacífico.

COMISSÁRIO: Isto, Crispim...

*(Os bonecos desaparecem. O repórter continua a entrevista com o comissário.)*

REPÓRTER: E agora diga, senhor comissário Plácido, a polícia promete aos nossos ouvintes descobrir tudo dêste horrível rapto? Tudinho?

COMISSÁRIO: Promete sim. Tudinho. A polícia vai descobrir tudo porque a polícia foi feita para descobrir tudo. Se não descobrir tudo hoje, descobre amanhã, se não descobrir amanhã, descobre depois de amanhã. Se não descobrir depois de amanhã, acaba mesmo descobrindo, por isso é bom que a quadrilha apareça logo para não dar muito trabalho à polícia...

*(Chegam as tias e os guardas. As tias estão com os chapéus fora do lugar, as saias levantadas, pedaços de fôlhas na cintura, enjim têm que dar a impressão que estão descendo das árvores.)*

ADELAIDE: Isto é um ultraje!

ADALGISA: Duas horas dependuradas nas árvores!

AURÉLIA: Parecíamos três judas em sábado de aleluia! *(O repórter procura colocar o microfone à frente de cada um que fala)* Lá de cima vi o senhor comissário tão pequenino que parecia o mico de dona Dalcina. *(Risinhos.)*

ADELAIDE: Chega, Aurélia. Isto não são horas para se chamar o senhor comissário de mico. Exijo providências urgentes. Isto não são maneiras de se tratar três môças de família. Se a polícia não tomar medidas urgentíssimas. . .

ADALGISA: Urgentíssimas. . .

AURÉLIA *(Só para fazer côro)*: Urgentíssimas. . .

COMISSÁRIO *(Tirando uma fita métrica e começando a tomar medidas das senhoras)*: Serão tomadas medidas urgentíssimas, dona Adelaide.

REPÓRTER: O sr. Comissário Plácido Epaminondas, comissário emérito da polícia local, está começando a tomar as medidas urgentíssimas pedidas por dona Adelaide.

COMISSÁRIO: A medida mais urgente que qualquer polícia do mundo tomaria é de interditar o local. A cova do vento está interditada. . .

REPÓRTER: O local acaba de ser interditado porque as damas pediram providências urgentíssimas.

*(Uma forte lufada de vento faz todo o grupo dar um passo a frente repentinamente.)*

AURÉLIA: É êle!

*(Adelaide pensando que Aurélia está se referindo ao comissário que está ao seu lado lhe aplica um enorme tapa nas bochechas.)*

ADELAIDE: Ah. . . então é o senhor! *(Tapa; uma nova lufada e Adelaide é jogada nos braços do comissário. O vento continua e a confusão começa.)*

COMISSÁRIO: Senhora Adelaide!

ADELAIDE: Que indecência. *(Depois de muito rodopiarem o vento cessa de repente e todos se recompõem.)*

COMISSÁRIO: Vamos embora. As declarações tomarei na chefatura.

ADELAIDE: Vamos, meninas...

ADALGISA: Isto é uma pouca vergonha... *(Vão saindo todos juntos quando o vento recomeça e traz de nôvo o grupo arrastado para o fundo do palco. A estas horas já devem estar meio apavorados.)*

COMISSÁRIO: Vamos embora, já disse! *(Tornam a sair com mais cautela e de nôvo o vento os traz de volta. Aí já deverão estar gritando de pavor.)*

COMISSÁRIO: Vamos embora, torno a dizer. *(Adelaide se agarra ao comissário, Adalgisa em Adelaide, o repórter se pendura no fio do microfone, os policiais se grudam um no outro e saem devagarinho, para não despertarem o monstro desconhecido; Aurélia mais atrás diz no silêncio:)*

AURÉLIA: É êle! *(Ao ouvir isto todos fogem esbaforidos, gritando por socorro; desta vez o vento não sopra.)*

## CENA V

*(Entra a mãe, aflita e cautelosa, procurando em volta e chamando baixinho.)*

MÃE: Maria! Maria! Volta, Maria, para sua casa!... *(A mãe começa a chorar. Ao mesmo tempo uma brisa leve começa a soprar. A mãe se assusta, lembrando-se da estória que Pedrinho contou. Do alto vem descendo um enorme pergaminho.)*

MÃE: O que é isto? *(Pega o pergaminho.)*

*(Quando a mãe começa a ler a carta, a luz de cena é diminuída, no fundo são projetadas, através de um projetor instalado na platéia, várias fotografias de Maria, de nuvens, de mar, de bichos, de cidades antigas, de Maria de nôvo de modo que dê a impressão de que ela está viajando. Ouve-se ao*

*mesmo tempo a voz da menina através do microfone. A voz pode ser acompanhada de música bem ao fundo, sugerindo brisa).*

MARIA (*Voz*): Mamãe, estou voando por aí. Não fiquem aflitos. Conheci dona Ventania e sua filha Brisa, que é muito delicada e amável. O Vento é meu amigo e na cacunda dêle tenho visto coisas lindas. Vi praias enormes, sem fim! E nuvens e nuvens e mais nuvens. Vi bichos, cidades e terras sêcas. Vi tudo verdinho e florido. Não vou mais precisar de estudar para as aulas de tia Adelaide porque já aprendi tudo. As coisas mostradas, a gente aprende mais depressa e mais bonito. Até acho que já amo mesmo o nosso Brasil. As coisas longe ficam perto, o que era feio a culpa era de tia Adelaide que enfeiava tudo, coitada, nunca andou na cacunda do Vento. É por isso. Também vamos fazer umas desordens por aí, mas é para variar da vida de todo dia, depois eu volto. O Vento perguntou se eu queria virar brisa do mar. Estou pensando ainda. Gosto muito de mar. Mas acho que prefiro ser eu, apesar de tudo. A gente se acostuma tanto a ser gente que não quer mais largar de ser. Acho que é isso que está me botando na dúvida. Não precisa ficar aflita, mãe, o Vento é bom elemento e manda lembranças. Estamos agora bem no meio do Brasil. A cachoeira do Iguaçu é um bocado bárbara. Beijos, Maria.

MÃE (*A luz volta a cena*): A letra é dela, o jeito é dela. E se ela virar brisa de mar? Polícia! Polícia! Senhor comissário! Senhor Comissário! Minha filha brisa de mar! Que horror! Polícia! Polícia! (*Sai gritando.*)

## CENA VI

*(Entra tia Aurélia segurando uma enorme ventarola; corre pela cena imitando Maria. Depois escuta a voz de Adelaide chamando e se esconde rapidamente na coxia.)*

ADELAIDE: Aurélia!

ADALGISA: Será que ela teve a ousadia de vir aqui sòzinha? *(As duas estão apavoradas e se agarram uma na outra; Adelaide tropeça numa pedra e cai numa posição bastante incômoda, de quatro, sua raiva ainda aumenta mais.)*

ADELAIDE: Meu lumbago!... Sei que você está escondida por aqui, Aurélia!

ADALGISA: Trate de aparecer, Aurélia, sabemos que você está escondida por aqui. Não adianta desobedecer Adelaide. Você sabe disso, Aurélia.

ADELAIDE: O que sempre perdeu Aurélia foram as más companhias...

ADALGISA *(Ofendida)*: Nós, Adelaide?!

ADELAIDE: Claro que não, Adalgisa! Ora vejam só!... Maria e Pedro nunca foram companhia para Aurélia. Ela sempre se deixou levar pelas crianças!

ADALGISA: Sempre se deixou levar!

ADELAIDE: Sei que você está escondida, Aurélia!

ADALGISA: Aurelinha, trate de aparecer!

ADELAIDE: Trate de aparecer logo porque senão o castigo vai ser pior...

ADALGISA: Maninha, apareça!...

*(Aurélia com muito medo trata de escapar pelo fundo do palco mas é descoberta por Adalgisa.)*

ADALGISA: Achei!

ADELAIDE: O que é que você estava fazendo na cova do vento?

ADALGISA: Não sabe que isto aqui não é lugar para mocinhas?

*(Aurélia não responde.)*

ADELAIDE: Ah! Não quer responder, não é?

ADALGISA: Responda, Aurélia, senão ela te castiga. Você quer ser raptada?



Henrique Mujica e Hélio Ary em *A Menina e o Vento*.



Neuza Navarro, Yolanda Costa, Hélió Ary, Olney Barrocas e Jaqueline Laurence em *A Menina e o Vento*.

*(Aurélia diz que sim com a cabeça.)*

ADELAIDE (*Furiosa*): Ah! Então é isto? Quer ser raptada? Irá para casa imediatamente e escreverá duzentas vezes: "Lugar de môça é no piano, quem vive na rua não tem tutano".  
*(Adelaide agarra Aurélia por um lado, Adalgisa pelo outro e levam Aurélia suspensa enquanto repetem:)*

AS DUAS: Lugar de môça é no piano, quem vive na rua não tem tutano... *(Saem)*

### CENA VII

*(Entra o comissário com o pergaminho, os dois guardas, meio apavorados; um dêles leva uma malinha onde se lê: Perícia. A mãe os segue segurando Pedrinho pela mão.)*

COMISSÁRIO: Foi aqui que isto apareceu?

MÃE: Uma brisa soprou de repente e veio empurrando a carta, devagarinho até aqui!

COMISSÁRIO: Guardas, vigiem tudo. Qualquer coisa suspeita, avisem.

PACÍFICO: Vigiar o que, chefe?

COMISSÁRIO: Por aí... por cima... por tudo.

*(Pacífico chupa o dedo e coloca-o na posição de verificar a direção do vento.)*

CRISPIM: O senhor não quer tirar as impressões digitais?

COMISSÁRIO: De quem, seu burro? *(Todos se entreolham.)*

PEDRO: Só se fôr do vento.

MÃE: Cale-se, Pedrinho. Quer enlouquecer mais a gente?

PEDRO: Eles agora devem estar fazendo miséria.

COMISSÁRIO *(Pegando Pedrinho pelo cangote)*: Eles, quem?

PEDRO *(Com simplicidade)*: Maria e o Vento.

COMISSÁRIO: Quem é êste?

PEDRO: O Vento, ora. Maria saiu voando na cacunda dêle.  
 COMISSÁRIO (*Irritado*): Rapazinho, trata-se da vida de uma menina, de sua irmã. Trata-se também da vida do país, do mundo, da humanidade. Uma menina *não pode* sair na cacunda do vento, está ouvindo?

PEDRO: Não podia, senhor comissário. Não podia, mas pôde.

COMISSÁRIO: Podia também abater um repórter? Enforçar três senhoras e escrever uma carta?

PEDRO: Ora, senhor comissário, o senhor é muito ingênuo, não conhece o vento. Por que não pode, diga?

COMISSÁRIO: Porque dois e dois são quatro, menina é menina, vento é elemento elementar da natureza, polícia é polícia e você vai dizer a verdade, está ouvindo?

MÃE (*Aflita*): Senhor comissário, êle não tem culpa.

COMISSÁRIO: Menino de hoje, *sempre* tem culpa.

PEDRO: Senhor comissário, e se dois e dois não forem quatro, e o vento tiver cacunda, hem? E a polícia...

OS TRÊS (*Interrompendo*): E a polícia, o quê?...

PEDRO: ...Não entender nada de vento e eu estar dizendo a verdade?

COMISSÁRIO: Êste menino está atrapalhando os bons trabalhos da polícia. Se continuar assim terei que mandar prendê-lo.

MÃE: Não se aflija, senhor comissário; toma, Pedrinho, toma dinheiro para você comprar sorvete.

PEDRO: Já estou cheio de sorvetes e o comissário não descobre nada. (*Tira a língua para o comissário.*)

COMISSÁRIO: Monstrinho irritante! (*Pacífico e Crispim correm atrás de Pedrinho.*) Pacífico, Crispim, voltem! (*Voltando à carta*) "mamãe estou voando" (*Olha para cima, os outros fazem o mesmo*) "as coisas longe ficam perto", esta carta deve ser em código; "já amo mesmo o nosso Brasil"; êste negócio de amar o Brasil é coisa suspeita; "fazer desordens... vamos fazer umas desordens por aí"... (*Vitorioso*) Aqui está! Então querem fazer umas desordens, hem? Guardas a postos! Não estou gostando nada disso... Isto está me chei-

rando a muita desordem. Temos que defender a ordem constituída...

MÃE (*Não entendendo nada, aflitíssima*): E se ela virar brisa, senhor comissário?

COMISSÁRIO: Brisa? Quem?

MÃE: Minha filhinha. O senhor não viu? (*Mostrando a carta*)  
O vento convidou-a para virar brisa de mar. Aqui, olha...  
(*Os dois lêem baixo o trecho da carta.*)

COMISSÁRIO (*Fazendo um ar inteligentíssimo*): O vento... Vento? Vento deve ser pseudônimo de algum espião ou chefe de bando. João Vento, Pedro Vento, Zé Vento, Chico Vento...  
Sabe-se lá...

PACÍFICO: Conheci um Chico Vento que era ladrão de pão doce lá numa padaria de minha terra.

CRISPIM: Quem sabe, chefe, não é caso de astronáutica inimiga?

PACÍFICO: Disco voador...

CRISPIM: Planêta Marte...

COMISSÁRIO (*Conclusivo.*): Não. Nada disso. Está tudo ficando claro. A coisa é aqui na terra mesmo. Vento é sobrenome de um bandido.

MÃE (*Soluçando*): Minha filha!

COMISSÁRIO: Sôbre isto não tenho a menor dúvida. Usou a menina para fazer crer a nós, da polícia, que se tratava de vento mesmo... e...

PACÍFICO: E o menino?

COMISSÁRIO: Enlouqueceu o menino com alguma droga; derrubou o repórter...

PACÍFICO: E as velhas?...

COMISSÁRIO: Dependurou as velhas e finalmente mandou esta carta cifrada que só pode enganar aos tolos (*Vendo que a mãe chora*) e as mães. Então querem fazer umas desordens na cidade, hem! Querem enganar a polícia!

CRISPIM: Mas chefe, e êste vento que soprou e quase derrubou a gente? Como é que vossa Excelência explica isso, hem?!...

COMISSÁRIO: Seu burro, aquilo não era vento natural da natureza; era sôpro de algum aparelho, um aspirador gigante, um ventilador atômico. . . (*Sua fala cheia de gesticulação é interrompida por um pequeno pára-quadras sustentando uma carta que vem caindo de cima; o comissário fica estático*) Ninguém toca! (*Com cuidado pega a carta e guarda o pára-quadras na mala de perícia; depois começa a ler a carta*) “Chega, comissário Plácido Epaminondas Cavalgadura”. . . alguém que me conhece de nome. . . “me deixa em paz e desinfeta a minha cova”. . . Grosseirão! Continue lendo, Pacífico, não posso mais. (*Fica de muito mau humor.*)

PACÍFICO (*Continuando a ler a carta*): “desinfeta a minha cova, senão eu sopro o sr. para sempre e quem vai ter dor de coração é a senhora Epaminondas. O sr. não tem mais o que fazer? Já está bem grandinho para brincar com o vento”.

COMISSÁRIO (*Que está cada vez mais furioso enquanto seus policiais não agüentam de vontade de rir*): Está assinada?

PACÍFICO: Não.

COMISSÁRIO: Ah. . . é isto? Estou grandinho, hem?! Querem luta? Pois então terão! Para começar, Pacífico e Crispim, apanhem um pouco dêste ar (*Tira da mala de perícia dois apanhadores de borboletas e entrega-os aos policiais.*) É preciso mandar um sábio examinar a natureza dêste vento, desta tapeação química, dêste sôpro fabricado.

MÃE: E minha filha? Se ela virar brisa de mar eu morro.

COMISSÁRIO (*Distraído*): Pois morra. Quero dizer. . . sua filha está em perigo de vida, minha senhora. Sinto dizê-lo, mas a polícia tem que dizer tudo. Doa a quem doer. Sua filha foi levada como refém para provocar a polícia e começar o rififi. O biruta convidou-a para ser senhorita brisa de mar. Talvez tenha feito de sua filha uma espiã inimiga. Pobre mãe! (*Tira um lenço preto e dá para a mãe enxugar as lágrimas*) Faremos tudo que está ao nosso alcance para solucionar esta intriga.

MÃE: Mas quando poderei rever minha filhinha?

56

COMISSÁRIO (*Categórico*): Hoje! Se não fôr hoje, será amanhã, se não fôr amanhã, será depois de amanhã, se não fôr depois de amanhã, será algum dia. Ninguém engana a polícia. A polícia acaba sempre descobrindo tudo. (*Uma ligeira brisa começa a soprar*) Agora peço a senhora para ficar aguardando minhas ordens em casa. E por favor não deixe seu filho sair. Guarde bem o seu monstrinho. (*Acompanha a mãe para fora de cena.*)

(*Crispim e Pacífico fazem a mímica de quem está querendo pegar o vento com os papa-borboletas e quando o chefe volta fumando nervoso outro charuto eles se apresentam.*)

PACÍFICO: Pronto, chefe.

COMISSÁRIO (*Entregando tudo a Crispim*): Vá depressa ao departamento de meteorologia e entregue êste vento para o sábio examinar, depressa Crispim. (*Crispim sai.*) O celerado deve estar por perto. Suas máquinas de fabricar vento armadas engenhosamente na cova do Vento. Aqui certamente, é a sede da quadrilha. Coisa bem pensada. Crime quase perfeito não fôra aqui o Plácido Epaminondas. (*Ele está agitadíssimo*) Pacífico!

PACÍFICO (*Meio apavorado*): Sim, chefe.

COMISSÁRIO: Tenho um plano para a captura imediata do inimigo. A cova do Vento deve ficar interdita a qualquer intruso. Vá buscar a tabuleta.

PACÍFICO: Sim chefe. (*Sai e volta com uma tabuleta onde se lê: Proibido passar pela Cova do Vento.*)

COMISSÁRIO: Todo aquêle que esta noite puser os pés aqui será suspeito de pertencer ao bando do Chico Vento, ou Pedro Vento ou Vento de Tal. (*Falando como em segrêdo para Pacífico*) Eles devem voltar aqui esta noite. Estão por perto, senão não mandariam isto (*A Carta*)... Vamos nos esconder e fazer crer a eles que estamos sós e que o campo está livre. (*Usando um tom de voz normal, falando ostensivamente alto*)

*para ser ouvido*) Irei para a delegacia e voltarei aqui amanhã de manhã. Vamos embora, Pacífico.

PACÍFICO (*Querendo imitar o chefe e falando ainda mais alto*):  
Vamos embora, chefe.

COMISSÁRIO (*Dando uma volta pela cena, pisando e falando ainda mais forte*): Estamos indo embora. . .

PACÍFICO (*Enquanto o chefe sai de cena*): Já fomos embora! (*Os dois tornam a aparecer pela entrada do proscênio*) Inteligente, hem chefe! (*O comissário se envaidece, faz psiu, toma o revólver e espera escondido na frente da cortina.*)

## CENA VIII

*(O comissário espera algum possível intruso. Anoitece na cova do Vento. No meio da cena a tabuleta. Pé ante pé surge tia Aurélia sôzinha, uma maleta na mão.)*

AURÉLIA (*Chamando*): Vento! . . . Ventinho . . . Ventaniaaaaa...

COMISSÁRIO (*Entredentes*): Reunião da quadrilha: Estão todos no papo.

AURÉLIA: Mariaaaa . . . ôôôôô! Estou prontinha para a viagem pelo mundo afora. . .

*(Entra Pedrinho entre cauteloso e esbaforido.)*

PEDRO: Tia Aurélia, o que é que a senhora está fazendo aqui? Volta para casa. Se a polícia descobre, estamos fritos. . .

AURÉLIA: Briguei com Adelaide. Eu estava aprendendo a ventarolar no quintal, então ela me pôs de castigo e então eu resolvi também passar para o lado do vento. . .

COMISSÁRIO: Toma nota, Pacífico. Ela quer passar para o lado do tal Vento. É uma suspeita.

PACÍFICO: Já estou escrevendo.

PEDRO: E se eles não vierem esta noite?

(Comissário faz sinais para Pacífico tomar nota.)

AURÉLIA: Não é aqui a cova dêle? Ele não tem que trazer Maria de volta?

PEDRO: Mas tia Aurélia a senhora tem coragem de ir lá em cima nas nuvens?!

AURÉLIA: Ah... tenho!

PEDRO: Mais acima ainda! Na estratosfera. Para cima do azul!?. . .

AURÉLIA: Do azul? Que maravilha! Vamos logo, Pedrinho. . .

PEDRO: Então está bem. Vou com a senhora. . . Mas. . . A senhora sabe ventarolar?

COMISSÁRIO: Código.

AURÉLIA: Sei sim. Veja. *(Quando ela vai dar uma rodopiada dá com a tabuleta do comissário)* Iiii, olha aqui, Pedrinho.

PEDRO *(Lendo)*: Proibido passar pela Cova do Vento. Isto é coisa do comissário. *(Tira a tabuleta e joga-a fora de cena.)*

AURÉLIA: Comissário burro. Ele quer proibir o vento de ventar! ah! ah! ah! *(Comissário quando se ouve chamar de burro fica furioso.)*

COMISSÁRIO: Burro!?

PACÍFICO: Tomo nota disto também?

COMISSÁRIO: Quietos, imbecil!

PEDRO: Ele é burro, mesmo. Não entende nada de nada. Vai se estrepar um dia dêsses.

AURÉLIA: É só o Vento querer que êle fica dependurado como um enforcado naquela árvore.

PEDRO: Se o Vento quiser pode mandá-lo para a China, para o Japão. . .

AURÉLIA: Para Minas Gerais. . . *(O Comissário se aproxima furioso com o revólver apontado para Pedrinho que está de costas para êle; Aurélia, que está de frente, percebe a manobra e faz gestos aflitos que, entretanto, não são percebidos por Pedrinho.)*

PEDRO: . . .para o Afganistão, para. . .

COMISSÁRIO: ...para o xadrez. Estão presos como suspeitos de pertencerem ao bando do tal Vento, a não ser que expliquem o que faziam a estas horas da noite na Cova do Vento.

PEDRO: Estávamos esperando o Vento.

COMISSÁRIO: Toma nota, Pacífico.

AURÉLIA (*Furiosa*): O senhor não tem nada com isto. (*Começa a dar sôcos no peito do comissário*) O senhor não é meu pai nem minha mãe para...

COMISSÁRIO: Desrespeito a autoridade!

PEDRO (*Tentando deter tia Aurélia*): Tia Aurélia, a senhora não pode bater no comissário...

(*Tia Aurélia se desprende e tenta fugir gritando.*)

AURÉLIA: Vento, Ventinho, sopra êste homem para longe...

(*Pacífico consegue prendê-la.*)

COMISSÁRIO: Então confessem que estavam esperando o bandido para novos ataques, hem? De malinha pronta, hem? (*Aurélia consegue se desprender de Pacífico e recomeça a correr agarrada na malinha mas desta vez o comissário também a prende.*)

COMISSÁRIO: Pacífico, veja o que contém essa valise. Cuidado com as impressões digitais.

PACÍFICO (*Abrindo a malinha*): Um cartão postal com uma vista...

COMISSÁRIO: Vista aérea?

PACÍFICO: Vista aérea.

COMISSÁRIO: Confere. O que mais?

PACÍFICO: Um xale... Uma kodak.

AURÉLIA (*Quase cantando, sempre prêsa pelo comissário*): É falta de educação mexer nas coisas dos outros... é falta de educação mexer nas coisas dos outros... (*O comissário tenta tapar-lhe a bôca mas recebe uma mordida.*)

COMISSÁRIO: Peste! Guarde tudo para ser examinado e leve-os para o xadrez. (*Quando os dois estão já fora de cena vem vindo a mãe.*)

VOZ DA MÃE: Mas o que é isto?

VOZ DE AURÉLIA: Foi aquêlê burro do comissário... *(A voz se perde e a mãe entra em cena.)*

MÃE: Mas o que é isto?

COMISSÁRIO *(Apontando-lhe o revólver)*: É isto mesmo. Seu filho está prêso. Suspeito de pertencer ao bando.

MÃE: Pedrinho suspeito de ser bandido? E tia Aurélia também?

COMISSÁRIO: Exato.

MÃE: Minha filha, brisa de mar, meu filho, bandido... Ohhhh! *(Desmaia.)*

COMISSÁRIO: Também é biruta. Se a filha é espiã, o filho é bandido, a mãe também é suspeita. Mãe de peixinho, peixe é. A senhora, favor explicar o que estava fazendo a estas horas da noite na Cova do Vento. Ah!... não quer responder? Ninguém *pode* explicar, porque ninguém *quer* explicar. *(A mãe volta a si)* Idade? Estado civil? onde está seu marido?

MÃE: Está viajando...

COMISSÁRIO: Domicílio? *(O comissário faz tôdas estas perguntas numa arrancada só, e a mãe diz apavorada.)*

MÃE: O delegado está ficando maluco... O delegado está ficando maluco!...

*(Sai.)*

## CENA IX

COMISSÁRIO: Será prêsa também. E agora, mãos a obra. *(Tira uma enorme corda da malinha de perícia e começa amarrando-a no tronco da árvore; depois amarra na própria cintura. Vem chegando Crispim muito assustado e fica estatelado olhando as manobras do chefe.)*

COMISSÁRIO: Quero ver se êle me arranca daqui... O que é que há, Crispim?...

CRISPIM *(Olhando o ambiente)*: E se... o... começar... a...

COMISSÁRIO: O que, imbecil?

CRISPIM: O outro, o da atmosfera mesmo.

COMISSÁRIO: Quero ver se este vento falso, esta brisa química, este Zé Vento, João Vento, Chico Vento... se este sopro de laboratório pode derrubar Plácido Epaminondas de Souza, oficial Administrativo, classe M, do quadro permanente, Nível 20, com quatro quinquênios!...

*(Ouve-se uma forte gargalhada, e uma lufada de vento.)*

CRISPIM (*Apavorado*): Se não é Vento então é macumba...  
*(sai se benzendo)*

COMISSÁRIO: Venha, Vento falso... Vento... *(Outra gargalhada mais perto. O comissário bem amarrado em sua corda começa a se aproximar do proscênio desconfiado. Sem que veja, no fundo da cena aparece o Vento levando a menina pela mão.)*

VENTO: Quem é Vento falso?

*(O comissário fica completamente paralisado. O vento pega na ponta da corda que está presa na árvore e começa a puxar o comissário que cede; depois de repente fica em posição de luta, e dá com a enorme figura do Vento.)*

MENINA: Boa noite, senhor comissário.

COMISSÁRIO: O carnaval já acabou, sr. Vento de tal. O senhor pode enganar uma criança mas não a polícia. Está preso, palhaço, por raptos de menor, por espancamento de um profissional de imprensa, por desrespeito às senhoras de idade, por alta traição e por... *(O Vento dá uma grande soprada, o comissário procura resistir herôicamente e volta ao ataque); ...e por empregar meios químicos, falsos ventos contra a autoridade consti... (Nova soprada que faz o comissário recuar.)*

VENTO (*Brincalhão*): E por que mais, senhor comissário? *(O comissário tira um revólver e aponta para o vento, mas este é arrancado violentamente por um sopro mais forte e desaparece no ar; a menina ri sem parar.)*

COMISSÁRIO: Está preso, já disse, e não tente resistir...

VENTO: Venha me prender, sr. Comissário.

COMISSÁRIO: Pois vou mesmo. *(Desta vez o comissário cai no chão de pernas para o ar. O Vento e a menina não param de rir.)* Você também será prêsa menina. Já está tudo no xadrez... *(O Vento e a menina param de rir).* Sua mãe está prêsa... seu irmão, sua tia...

MARIA *(Começando a chorar)*: Mamãe prêsa! Por quê?!

COMISSÁRIO: Família de ventoinhas!...

MARIA: *(Chorando para o Vento)*: Mamãe está prêsa, Vento! E agora?... *(Chora.)*

*(O Vento, furioso, dá uma grande lufada e o comissário começa a ventarolar pela cena tentando dar sôcos, mas finalmente desaparece enquanto o Vento sopra olhando para cima para dar a impressão que o comissário está subindo.)*

COMISSÁRIO: uuuuuuuuuu! *(Desaparece.)*

MARIA: Depressa, Vento. Tira todo mundo da prisão... mamãe prêsa! Onde está o comissário?

VENTO: Está vendo aquele pontinho lá em cima daquela árvore enorme, perto da jaqueira?

MARIA: Estou.

VENTO: Pois é êle.

MARIA: E agora?

VENTO: Não era você que queria fazer umas desordens?

MARIA: Queria *(Chorando muito)*... mas não estou querendo mais... quero minha mãe de volta, quero Pedrinho... e todos... *(Continua chorando).*

VENTO *(Aflito)*: Está bem, não precisa chorar tanto... vou soprar tudo de volta. Vou largar um vendaval, um ciclone, um tufão de derrubar paredes... *(Sai dando gargalhadas).* Um tufão... um vendaval... ah! ah! ah! ah!...

MARIA: E eu, Vento? E eu?...

COMISSÁRIO: *(Voz bem do alto e de longe)* — Socorro! Socorro!

MARIA: Senhor comissário! Senhor!... *(Vêm chegando, muito assustados, Crispim e Pacífico; ao verem a menina ficam de boca aberta como se estivessem vendo um fantasma.)*

PACÍFICO: A menina!...

CRISPIM: Tem mau olhado nisto...

MARIA: Deixem de bobagens e tratem de salvar seu chefe.

PACÍFICO: Chefe, onde?

MARIA: Lá em cima, seus bobos.

*(Crispim e Pacífico olham para cima.)*

PACÍFICO: O chefe lá em cima.

CRISPIM: Vai dar cana.

PACÍFICO: Chefe, o que é que o senhor está fazendo aí em cima!

COMISSÁRIO *(Voz):* Imbecis, peguem uma corda!...

*(Os dois correm pela cena como patetas atrás de uma corda e saem.)*

*(Maria, sentada numa pedrinha, começa a chorar baixinho quando começa a soprar o vendaval fora de cena. Ouve-se um piano tocando as escalas desordenadamente, depois barulho de coisas quebrando e começa o terrível vendaval. Fôlhas mortas caem de cima, pedaços de música, chapéus de tôdas as espécies, uma roda de bicicleta passa pela cena. Maria faz o sinal da cruz e espantada acompanha a chegada dêsses objetos estranhos. Passa sua avó com o guarda-chuva virado ao contrário, puxada pelo vento.)*

MARIA: Vovó! *(Mas a velhinha não a vê e passa. Finalmente o vento diminui e chega também rodopiando levemente a mãe. Elas não se vêem logo.)*

MÃE: Maria!

MARIA: Mamãe! *(As duas se abraçam.)*

MÃE: Onde é que você andava, minha filha?

MARIA: Não recebeu minha carta?

*(Nova lufada de vento traz tia Aurélia rodopiando e rindo.)*

MARIA: Tia Aurélia! *(As duas se abraçam, Maria levanta tia Aurélia no colo, num rodopio.)*

AURÉLIA: Minha maluquinha querida!

(Outra luzada traz tia Adelaide envôlta num pano verde e amarelo, sugerindo a bandeira, e tia Adalgisa segurando restos de um piano. As duas rodopiam e caem sôbre as pedras. As fôlhas continuam sempre caindo.)

MARIA (No meio do barulho do vento): Bênção tia Adelaide, bênção tia Adalgisa.

ADELAIDE: Deus te abençoe. Então foi devolvida, hem...

(Pedrinho também é jogado na cena violentamente segurando um pedaço de grade de prisão.)

MARIA: Pedrinho!

PEDRO: Maria! (Quando vão se abraçar todos são rodopiados.)

PEDRO (Olhando para cima): Vejam. O comissário dependurado!

TODOS (Rindo): O Comissário dependurado!

TIA ADELAIDE: O castigo anda a cavalo!...

AURÉLIA: Ele também foi ventado. Bem feito!

(Do alto, amarrado por uma corda, desce o comissário batendo os pés, furioso. Já visível da platéia pára de descer.)

COMISSÁRIO: Depressa, Pacífico.

PACÍFICO (Segurando a ponta de uma corda, prêsa em cima): A corda encrencou, chefe. Crispim foi chamar os bombeiros...

COMISSÁRIO: Imbecil! (Vendo que todos riem dêle) Que todos se dirijam à delegacia. Vou abrir rigoroso inquérito para apurar as responsabilidades.

REPÓRTER (Que chegou esbaforido): Veja na Cova do Vento, distintos ouvintes, o sr. Comissário pendurado numa corda, em atitude estranhamente...

COMISSÁRIO: Prenda êste repórter, Crispim. (Crispim tapa a bôca do repórter e o retira de cena gritando.)

REPÓRTER: Estão tentando tapar a bôca da imprensa falada...

COMISSÁRIO: Todos estão novamente presos... *(Ouve-se uma enorme gargalhada do Vento pelo alto-falante)* Prendam também êste vento...

MARIA: Não se prende o vento... senhor comissário.

MARIA E PEDRO: Não se prende o vento... não se prende o vento!

*(O pano se fecha enquanto o comissário esperneia e outros riem.)*

FIM



64  
R

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: A MENINA E O VENTO
- b) Título original: A MENINA E O VENTO
- c) Autor: MARIA CLARA MACHADO
- d) Tradutor: \_\_\_\_\_
- e) Diretor: \_\_\_\_\_
- f) Produtor: \_\_\_\_\_
- g) Companhia: \_\_\_\_\_
- h) Classificação da Censura: L I V R E

II) Análise

- a) Gênero: PEÇA INFANTIL CONSTITUIDA DE 1 PRÓLOGO E 9 CENAS
- b) Argumento: PEÇA INFANTIL DE MARIA CLARA MACHADO CONTANDO A ESTÓRIA DE DOIS IRMÃOZINHO E SUAS PERALTICES PARA COM SUAS TIAS (PROFESSORAS) E O DESAPARECIMENTO DE MARIA QUE É LEVADA PELO VENTO ONDE FICA CONHECENDO TODO TERRITÓRIO BRASILEIRO, CAUSANDO COM ISTO UM DRAMA-CÔMICO PARA SUA FAMÍLIA E SUAS TIAS. APRESENTA SITUAÇÕES REPLETAS DE COMICIDADE E A PENETRAÇÃO NO MUNDO DA FANTASIA INFANTIL NÃO COMPREENDIDAS PELOS ADULTOS. POR FIM RETORNA SA E SALVA AO CONVÍVIO DOS SEUS, DEIXANDO OS POLICIAIS COMPLETAMENTE ATURDIDOS E INRAIVECIDOS.
- c) 1 - Mensagem: A MENSAGEM FINAL É AQUELA QUE TRANSMITE A AVENTURA AO MUNDO DA ILUSÃO E DA FANTASIA SOMENTE COMPREENSÍVEL E AMADA PELAS CRIANÇAS E ALGUMAS PESSOAS DOTADAS DE SENTIMENTOS HUMANOS E SUBLIMES. COMO MENSAGEM TAMBÉM ENTENDEMOS AQUELA EM QUE DIZ RESPEITO AO BOM TRATO COM AS PESSOAS SÉRES.  
2 - Impressão final: A IMPRESSÃO FINAL COMO JÁ DISSE ACIMA É POSITIVA E INFANTIL, DESCAMBANDO PARA A FANTASIA.
- d) Diálogos: SÃO PRÓPRIOS DO TEMA, APRESENTANDO UMA LINGUAGEM INFANTIL, PRÓPRIA PARA CRIANÇAS SONHADORAS NA DETERMINADA FAIXA ETÁRIA. SÃO APLICÁVEIS E SUBLIMES, ALÉM DE EM DETERMINADOS MOMENTOS CÔMICOS E ENGRAÇADOS.
- e) Cenas: COMO OS DIÁLOGOS, SÃO PRÓPRIOS E ENGRAÇADOS, PRINCIPALMENTE DO APARECIMENTO DOS POLICIAIS PELAS SITUAÇÕES VEXATÓRIAS ENGRAÇADAS QUE SÃO SUBMETIDOS.

f) Personagens: MARIA E PEDRO SÃO OS PERSONAGENS INFANTIS E PRINCIPAIS DO ENRÊDO. AS TIAS: ADELAIDE, ADALGISA E AURÉLIA, QUE REPRESENTAM A SEVERIDADE A ESCOLA E O TRADICIONALISMO. OS POLICIAIS: COMISSÁRIO, PACÍFICO CRISPIM, A AVÓ, O REPORTER ELEMENTOS ENTREMEADOS NO TEMA PARA SUA COMPLEMENTAÇÃO.

g) Valor educativo: MUITO BOM. UMA VEZ QUE NOS FAZ VOLTARMOS A NOSSA INFÂNCIA UMA MEIA-VOLTA NOS TRABALHOS COTIDIANOS E UM RETORNO AOS BONS TEMPOS DE NOSSA VIDA. A PUREZA A SINGELEZA E A BONDADE DOS CORAÇÕES INFANTIS MOSTRADOS AQUI, SUPLANTAM TUDO O QUE EXISTE NO MUNDO.

III) Conclusão AO CONCLUIR INFORMO QUE A PEÇA PODERÁ SER LIBERADA PARA QUALQUER PÚBLICO, APÓS AS CONSIDERAÇÕES ACIMA MENCIONADAS.

Brasília, 12 de AGOSTO de 19 69

*Sebastião Minas Brasil Coelho*  
Técnico de Censura - Cart. nº

Sr. Chefe da Seção de Censura

SEBASTIÃO MINAS BRASIL COELHO

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Técnico de Censura credenciado SEBASTIÃO MINAS BRASIL COELHO, que a examinou.

TÍTULO:- A MENINA E O VENTO  
AUTOR:- Maria Clara Machado  
RESTRIÇÃO: LIVRE

Em, 12/ago 1969

*Jose Leopoldo Braga*  
JOSE LEOPOLDO BRAGA  
CTC-SC/SCDP

*Ao Sr. Chefe do S.C.D.P.*

*Quando*

*Em 14 Ago 69.*

*Expedir certificação*

*Stoyanov*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, p. 82

62

# CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 1611/69

PEÇA -/ A MENINA E O VENTO /-

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 14 de AGOSTO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO Brasília, 14 de AGOSTO de 19 69

**LIVRE**

ap/

*Aloysio Muhlethaler de Souza*  
Chefe do S. C. D. P.: **ALOYSIO MÜHLETHALER DE SOUZA**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, p. 82

M. J. - D. P. F.  
**CERTIFICADO DO S. C. D. P.**

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 51, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - A MENINA E O VENTO -



Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de CENTRO DE ARTE DRAMAT. DA UFRGS - Av. Salgado Filho, 340 - P. Alegre - RS

Tendo sido censurada em 12 de AGOSTO de 19 69 e recebida

a seguinte classificação: L I V R E ::::: NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE |||||

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME

§ 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

**O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.**

Brasília, 14 de AGOSTO de 19 69

JOSE SAMPALO BRAGA

Chefe da Turma de Censores  
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P. 83

15-8-69

Chefe do SCDP

Sr. Delegado Regional do DPF/RS

Providências (solicita)

Sr. Delegado,

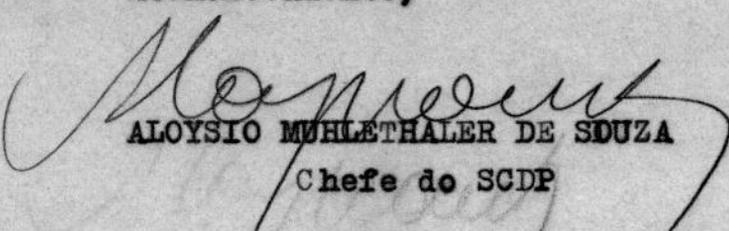
Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistir ensaio geral da peça "A MENINA E O VENTO", de Maria Clara Machado;

2. enviar a este SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,

3. entregar a documentação anexa (script e certificado) ao interessado - Centro de Arte Dramática da Universidade Federal do R.G.do Sul - somente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do item 2 (dois).

Atenciosamente,

  
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

Chefe do SCDP

64  
A

208/70-TOTC

07-05-70

Chefe do SCDP

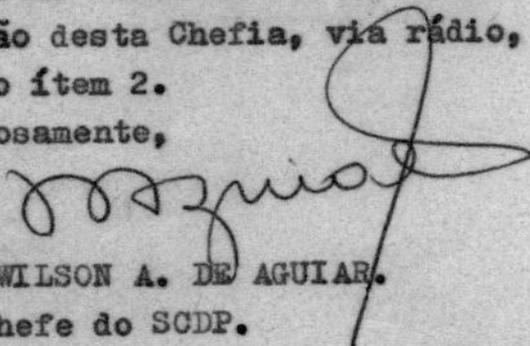
Sr. Delegado Regional do DPF/SP  
Providências (solicita).

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistir ensaio geral da peça "A MENINA E O VENTO", de Maria Clara Machado;
2. enviar a este SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,
3. entregar a documentação anexa ao interessado - qualificado no verso do certificado - somente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do item 2.

Atenciosamente,



PROF. WILSON A. DE AGUIAR.  
Chefe do SCDP.

65  
*[Handwritten signature]*

Ilmo. Sr. Diretor do  
Serviço de Censura e Diversões Públicas



THEREZINHA DO MENINO JESUS FIGUEIRA DE AGUIAR,  
brasileira, solteira, residente à rua João Moura, nº 942 - apto. 73, mu-  
nicípio de São Paulo, estado de São Paulo, em nome do Grupo de Teatro -  
ROTUNDA, vem mui respeitosamente solicitar a V.S., a expedição do ates-  
tado liberatório de censura para o texto abaixo, juntando para tanto, o  
requerido por lei.

TEXTO:

"A MENINA E O VENTO" - (Peça infantil)

AUTOR:

MARIA CLARA MACHADO

NÚMERO DE ATOS:

2 (dois)

*[Handwritten signature]*  
205770  
*[Handwritten initials]*

N. Termos  
P. Deferimento

São Paulo, 14 de Abril de 1970

*[Handwritten signature]*  
\_\_\_\_\_  
Therezinha do Menino Jesus Figueira de Aguiar

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)**

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

**AUTORIZAÇÃO PARA****REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

Série 3/70 - SP Nº 10559

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: *A. Ulemina e o Vento*

Original de *Maria Clara Machado*

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro *Diversos* Cidade *São Paulo*Empresa *Grupo Rotunda* Pela Cia. ....nos dias *Para Censura da Peça*

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....%

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ .....

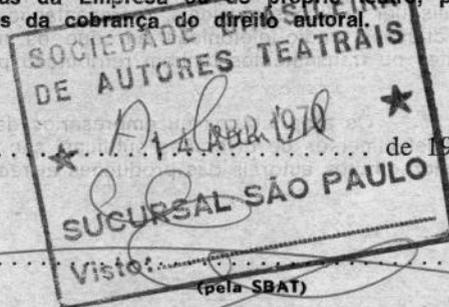
por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Reparações Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

*S. Paulo* de ..... de 19 *70*

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.



## Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

### Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

### Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

### Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

### Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

### Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

### Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

### Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

### Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: A menina e o vento :::::

b) Título original:                     

c) Autor: Maria Clara Machado :::::

d) Tradutor:                     

e) Diretor:                     

f) Produtor:                     

g) Companhia:                     

h) Classificação da Censura: Livre :::::

II) Análise Tema: Social :::::

a) Gênero: Infantil :::::

b) Argumento:                     

Obs: O original é idêntico ao já aprovado por este SCDP (Cert. 1.166/69),  
pelo que sugiro seja mantida aquela classificação, S.M.J. :::::

DF. 05. Maio. 1970

Carlos Lúcio Menezes  
Técnico de Censura

c) 1 - Mensagem:                     

2 - Impressão final:                     

d) Diálogos:                     

e) Cenas:

f) Personagens: \_\_\_\_\_

g) Valor educativo: \_\_\_\_\_

III) Conclusão \_\_\_\_\_

*Handwritten signature and date: 6/5/70*

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 19 \_\_\_\_\_

Técnico de Censura - Cart. nº \_\_\_\_\_

AO SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A REÇA ABAIXO INDICADA COM O PARECER DO  
DO TÉCNICO DE CENSURA= CARLOS LUCIO MENEZES, QUE A EXAMINOU:

TITULO:- A MENINA E O VENTO  
AUTOR :- MARIA CLARA MACHADO  
REST. :- L I V R E.

EM, 05/MAIO/970

TCTC-SC-SCDP

*De acordo com parecer de Gussalec 5.5.70*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 04 80, P. 91

68

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO



Certificado Nº 2499/70

PEÇA -/// A MENINA E O VENTO ///

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 7 de MAIO de 19 75

Brasília, 7 de MAIO de 19 70

**LIVRE**

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR

M. J. - D. P. F.  
**CERTIFICADO DO S. C. D. P.**

BR DFANBSB NS. CPR. TEA. PTE. 0480, P. 92

Certifico constar do livro nº 01 folha nº 75, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ A MENINA E O VENTO /-

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de THEREZINHA DO MENINO JESUS FIGUEIRA DE AGUIAR - RUA JOZÉ

Tendo sido censurada em 5 de MAIO de 19 70 e recebido

a seguinte classificação: L I V R E.

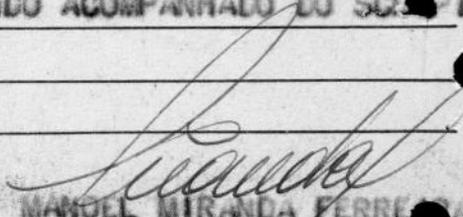
-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL-

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 7 de MAIO de 19 70

  
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA



  
MANOEL MIRANDA FERREIRA  
Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

Ilmo. Sr. Diretor da Censura Federal em Brasília - DF

69

IRAPUÃ LEAL DE SOUZA, Estudante, casado, brasileiro, residente nesta cidade, à Avenida W-3, Quadra 715, / Bloco "B", Casa 28, desejando que se faça a censura da peça A Menina eo Vento, da autoria de Maria Clara Machado, a ser apresentada no mês de setembro em curso, na cidade de São Luís, estado do Maranhão, vem mui respeitosamente requerer a Vossa Senhoria, que se digne a autorizar o procedimento da devida censura.

Nêstes Têrmos

Pede e Espera Deferimento.

Brasília (DF), em 8 de setembro de 1970

Irapuã Leal de Souza

Irapuã Leal de Souza

M. J. D. P. F.  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
Protocolo N.º 8942  
Em 09/09/1970  
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO  
Em 25 de setembro de 1970  
Irapuã Leal de Souza

Reconhecida como de Utilidade Pública  
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto  
de 1920.



Filiada a Confederação Internacional das  
Sociedades de Autores e Compositores,  
de Paris.

## SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917  
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.  
End. Teleg.: SBAT - RIO  
RIO DE JANEIRO — BRASIL

70  
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0489 P.94

### Direitos de Representação

### Autorização Nº 193487

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: A MENINA E O VENTO

Original de MARIA CLARA LACHADO

Música de —

Tradução de —

No Teatro ARTUR AZEVEDO Cidade SÃO LUÍS

Empresa SEMINÁRIO PERMANENTE DE TEATRO

nos dias 23 e 30 de Agosto de 1970

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr\$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

..... de ..... de 195.....

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

*[Handwritten signature]*  
SBAT)  
Dec. 7.957 de 17-9-945.

# Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

## Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

## Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

## Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

## Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

## Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

## Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

## Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

...  
pela 88  
sêlo - Art. 1.º do D

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

74  
/

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: A Menina e o Vento

b) Título original: \_\_\_\_\_

c) Autor: Maria Clara Machado

d) Tradutor: \_\_\_\_\_

e) Diretor: Iarapuã Beal de Souza

f) Produtor: \_\_\_\_\_

g) Companhia: --

h) Classificação da Censura: livre

II) Análise

a) Gênero: Comédia

b) Argumento: Tia Adelaide, do tipo dominador, quer a todo custo impôr aos sobrinhos o estudo de piano e de moral e cívica - principalmente o amor ao Brasil, coisas que detestam pela maneira que é exposta, isto é, obrigatoriamente fogem na hora do estudo e se escondem na cova do vento. O vento (figura mitológica) depois de demonstrar suas habilidades (força) convida Maria para um passeio para conhecer o Brasil. Rebelde como quase toda menina diz ao vento que gostaria de ver vários estragos, entre eles, uma parada desfazer-se, tia Adelaide com sua saia levantada etc. Assim aceita o convite e desaparece, causando pânico

c) 1 - Mensagem:

As coisas nunca devem ser impostas. O homem faz suas descobertas por experiências próprias

2 - Impressão final: É de que a autora critica sutilmente uma situação política.

d) Diálogos: \_\_\_\_\_

e) Cenas: Condiionadas a montagem para a Censura.

f) Personagens: Tia Adelaide, Tia Adalgiza, Tia Aurelia, Mae, Pedro (sobrinho)  
Maria (sobrinha) O vento, O reporter, o Comissário, Crispim

g) Valor educativo: Apesar do vento a familia permaneceu unida

III) Conclusão Embora se perceba uma crítica muito sutil a uma situação política a peça não traz prejuízo nem fere a legislação vigente. E pela maneira cômica de como e exposta dou como livre. SMJ.

Brasília, 21 de setembro de 1970

Iara Safdinha Schnabel  
Técnico de Censura - Cart. nº 93/68

Iara Safdinha Schnabel -



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

72

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: A MENINA E O VENTO
- b) Título original: \_\_\_\_\_
- c) Autor: Maria Clara Machado
- d) Tradutor: \_\_\_\_\_
- e) Diretor: \_\_\_\_\_
- f) Produtor: \_\_\_\_\_
- g) Companhia: Seminário Permanente de Teatro - Teatro Artur Azevedo -Ma
- h) Classificação da Censura: LIVRE

II) Análise

- a) Gênero: Comédia.
- b) Argumento: Situação vivida por uma família, onde a tia mais velha alvo-  
rava-se de mestra de moral e cívica. Procurava sôbre tôdos os aspéctos,  
incutir nas crianças de forma não didática o amor pelo Brasil. Perto de  
onde moravam, existia a COVA DO VENTO local proibido pela tia dos garô-  
tos à visitação dos mesmos. Maria a menina rebelde, vai à Cova e lá en-  
contra um personagem mitológica; representando o VENTO. Pede ao mesmo  
que o carregue em suas costas para visitar cidades e o mundo. Sua mãe  
denuncia o fato à Polícia que a procura emvão. Após algum tempo o Vento  
c) ~~xxxxxxx~~ a traz de volta.  
Mensagem - Embora bem intencionada a didática usada pela tia era falha.  
Mostrando assim que não se deve impor aquilo que defendemos.

2 - Impressão na: Deixa no espectador a impressão mitológica do vento e  
a maneira de como a Polícia conduziu o caso.

- d) Diálogos: Simples.
- e) Cenas: A vista do ensaio geral.

f) Personagens: Maria, Vento, Tia Adelaide, etc.

g) Valor educativo: Insuficiente. - Deixa apenas transparecer a união familiar

III) Conclusão Tema destinado ao entretenimento, trazendo criticas à didática usada para o ensinamento de crianças. Cenas e diálogos normais. Sugiro à Chefia do SCDP, liberação para qualquer público.

LIVRE

*Di. Tel. 24/9/70*  
*[Handwritten signature]*

Brasília, 24 de setembro de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº 409  
**Carlos Alberto Milhomem de Sousa**

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,  
ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA,  
COM OS PARECERES DOS TÉCNICOS DE CENSURA  
IARA SCHNABEL E CARLOS ALBERTO MILHOMEM, QUE A EXAMINARAM.  
TÍTULO- A MENINA E O VENTO  
AUTOR - MARIA CLARA MACHADO  
RESTR.- LIVRE.....POR AMBOS OS CENSORES

*De acordo*  
*24-9-70*  
*[Handwritten mark]*

EM 24 DE SETEMBRO DE 1970

*[Handwritten signature]*  
**MANOEL MIRANDA FERREIRA**  
CHEFE DA TCTC

78



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 3078/70

PEÇA = / A MENINA E O VENTO / =

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PELO S. C. D. P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 25 de SETEMBRO de 19 75

Brasília, 25 de SETEMBRO de 19 70

**LIVRE**

Chefe do S. C. D. P.

*Wilson A. de Aguiar*  
PROF. WILSON A. DE AGUIAR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

M. J. - D. P. F.  
**CERTIFICADO DO S. C. D. P.**

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 97, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " A MENINA E O VENTO "

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de IRAPUÁ LEAL DE SOUZA - BRASÍLIA/DF.

Tendo sido censurada em 24 de SETEMBRO de 19 70 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL+

**OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SDGP.**

Brasília, 25 de SETEMBRO de 19 70

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores  
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P. 101

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P. 102  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

MEMO Nº 684 /70-TCTC

DATA: 25 /09/1 970

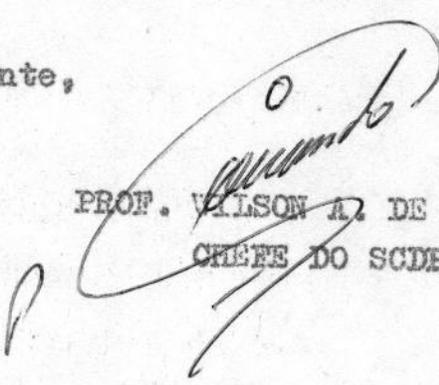
DO: CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
AO: SR. CHEFE DA TCDF/DR/MA.  
ASSUNTO: PROVIDÊNCIAS (SOLICITA)

Sr. Chefe,

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue toda a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este Serviço esteja de acordo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido o respectivo relatório.

PEÇA : A MENINA E O VENTO  
AUTOR : MARIA CLARA MACHADO  
INTER.: SEMINÁRIO PERMANENTE DE TEATRO - MA.  
ENDER.: SÃO LUIZ MARANHÃO - MA.

Atenciosamente,

  
PROF. WILSON A. DE AGUIAR  
CHEFE DO SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P.103

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SEÇÃO DE RELACIONES ADMINISTRATIVAS

- 9 DEZ 16 29 50287

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO FEDERAL DE CENSURA E DIVERSÕES

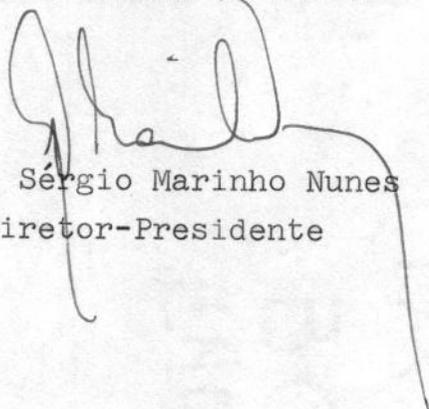
RECEBIDO POR:

TEATRO AMADOR "O TABLADO" com sede à Avenida Lineu de Paula Machado, nº 795, vem por seu Diretor abaixo assinado, requerer a V.Sa. a censura prévia, para fins de exibição, da peça "A MENINA E O VENTO", de autoria de Maria Clara Machado.

P. DEFERIMENTO.

Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1971

TEATRO AMADOR "O TABLADO"

  
João Sérgio Marinho Nunes  
Diretor-Presidente

90

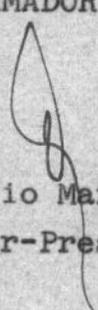
ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO FEDERAL DE CENSURA E DIVERSÕES

TEATRO AMADOR "O TABLADO" com sede à Avenida Lineu de Paula Machado, nº 795, vem por seu Diretor abaixo assinado, requerer a V.Sa. a censura prévia, para fins de exibição, da peça "A MENINA E O VENTO", de autoria de Maria Clara Machado.

P. DEFERIMENTO.

Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1971

TEATRO AMADOR "O TABLADO"

  
João Sérgio Marinho Nunes  
Diretor-Presidente

87  
/

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO FEDERAL DE CENSURA E DIVERSÕES

TEATRO AMADOR "O TABLADO" com sede à Avenida Lineu de Paula Machado, nº 795, vem por seu Diretor abaixo assinado, requerer a V.Sa. a censura prévia, para fins de exibição, da peça "A MENINA E O VENTO", de autoria de Maria Clara Machado.

P. DEFERIMENTO.

Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1971

TEATRO AMADOR "O TABLADO"

  
João Sérgio Marinho Nunes  
Diretor-Presidente



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P. 106

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

*Handwritten initials/signature*

TÍTULO A Menina e o Vento. Autora: Maria Clara Machado.

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Livre (Condicionada ao ensaio geral.)

Informo ao chefe do TCTC que a peça teatral- " A Menina e o Vento " da autoria de Maria Clara Machado já foi liberada, por este serviço, várias vêzes com certificado para censura livre e que nesta data procedi ao exame do script da mesma nada encontrando que impeça sua liberação.

Brasília, 16 de dezembro de 1971.

*Handwritten signature*  
Vilma Duarte do Nascimento.

Carteira 036.

A agência - S de Chefia do SCDP,  
de vez que se trata de peça  
livre.

Ppr. 22/12/71

Ch. P. de  
Ch. da SC, de ordem

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 22 XII 1971

Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P. 68

89

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 4540/71

PEÇA - A MENINA E O VENTO -

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 23 de DEZEMBRO de 1975

Brasília, 23 de DEZEMBRO de 1971

# LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

*Rogério Nunes*  
**- ROGERIO NUNES**

M. J. - D. P. F.  
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 03 fôlha nº 43, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada \_\_\_\_\_  
**- A MENINA E O VENTO -**

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de TEATRO AMADOR "O TABLADO" -GB

Tendo sido censurada em 16 de DEZEMBRO de 19 71 e recebido a seguinte classificação: LIVRE.

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

ESTE CERTIFICADO SÓ É VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SEU SCRIPTS DEVIDAMENTE GARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 23 de DEZEMBRO de 19 71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

0480, P. 109

PAULO LEITE DE LAGERDA

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
Chefe da Turma de Censuras  
de Teatro e Congêneres  
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480.P.330

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 1040

Data 27.12.71

Do **Chefe da Seção de Censura do SCDP**

Para **Sr. Chefe da TCDP/DR/DPF/GB**

Assunto: **Providências - Solicita**

**Senhor Chefe:**

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP, esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

**Peça: A MENINA E O VENTO**

**Autor: MARIA CLARA MACHADO**

**Intrs: TEATRO AMADOR "O TABLADO"**

**Endrç: RIO DE JANEIRO/GB**

**Atenciosamente,**

**PAULO LEITE DE LACERDA**  
**Ch. Subst. da S/Censura.**



Handwritten initials and signature

# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920  
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores  
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO  
Rio de Janeiro — Brasil.



SÃO PAULO ~~Rio de Janeiro~~, 18 de JULHO de 1972

Sr.  
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.  
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,  
para fins de CENSURA ( 3 ) cópias da peça:  
A MENINA E O VENTO  
DE: MARIA CLARA MACHADO  
próxima apresentação da CIA. SERVIÇO SOCIAL DA INDUSTRIA  
SESI no Teatro TAIB  
com estréia marcada para o dia AGOSTO DO CORENTE

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior  
consideração,

u\*   
Djalma Bittencourt  
Superintendente



TÍTULO A MENINA E O VENTO  
GÊNERO PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO Audiado  
Documentação EM ORDEM  
Já liberada? SIM  
Id. etária unter LIVRE  
Praça SÃO PAULO 72  
D.F. 26/04/72  
do Arquivo

4) CHEFE S.C.

L. Dir. DEOP  
De acordo  
Livre (fl. 4)  
4/8/72 uf  
se

2) PROGRAMAÇÃO  
Rec. Censura BRASIL  
Rec. Censura  
Rec. Censura  
Data p/exame: de 31 a 02/08  
OBS: CONFRONTO  
D.F. 31/08. 72 Maelue  
Re: P. Programação

3) S.C.T.C.  
De acordo. Emitir  
certificados (livre).  
Em 03/08/72  
Quinn  
WCTE

5) DIRETOR D.C.

**LIBERADO**  
na forma do parágrafo  
Em 4/8/72  
Rogéria Nunes



M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



88

TÍTULO A MENINA E O VENTO - Peça teatral.

PARECER

Autora: Maria Clara Machado.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Livre.

A presente peça teatral de autoria de Maria Clara Machado, já foi por diversas vezes examinada e liberada por esta DCDP sem nenhuma restrição etária. Nesta oportunidade efetuamos a comparação dos "scripts" e nada encontramos que possa implicar na modificação da classificação etária anteriormente fixada.

Brasília, 01 de agosto de 1.972

Sebastião Minas Brasil Coelho



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P. 114

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N. 697.

Data 01/08/72

Do Chefe da TCTC/DCDP/DPF/DF.

Para Chefe da TCDP/SR/SP.

Assunto: Peça Teatral - (Encaminha).

Senhor Chefe,

Solicito providências de V.Sa., no sentido de que seja entregue ao interessado, a peça teatral intitulada "A MENINA E O VENTO", com censura livre, em 2 (duas) vias, e seus respectivos certificados.

Atenciosamente,

CARLOS PEREIRA DE OLIVEIRA  
Chefe da TCTC em exercício



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P. 115

86

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 5268/72

PEÇA A MENINA E O VENTO

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO.

APROVADO PELA D.C.D.P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 04 de AGOSTO de 19 77

Brasília, 04 de AGOSTO de 19 72

# LIVRE

**ROGERIO NUNES**  
Diretor da DCDP

M.J.-D.P.F  
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 67, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada: **A MENINA E O VENTO**

Original de **MARIA CLARA MACHADO**

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de **CIA. SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA - SESI - SP -**

Tendo sido censurada em 01 de AGOSTO de 19 72 e recebido

a seguinte classificação: **LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.**

Brasília, 04 de AGOSTO de 19 72

- HUGO PÓVOA DA SILVA -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0480, P. 116



TEATRO DE COMÉDIA INDEPENDENTE

MJ-DPF-SRA/BSB

6/11/72 1539 PZ 046238

EXMO SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA

RECEBIDO POR  
DIREÇÕES PÚBLICAS

O abaixo assinado, presidente do TEATRO DE COMÉDIA INDEPENDENTE (TECI), grupo amador de Juiz de Fora, vem, respeitosamente, expor para no finar requerer a V.Exa. o seguinte:

- 1.- O elenco do TECI, visando dar prosseguimento à árdua e incansável tarefa de divulgar o Teatro de Juiz de Fora, programou a apresentação da peça de Maria Clara Machado: "A MENINA E O VENTO", nos primeiros dias do mês de novembro próximo;
- 2.- A responsabilidade da produção é do signatário e a direção artística de Natálio Luz;
- 3.- Por se tratar de espetáculo dirigido mais ao público infantil, as apresentações serão feitas sempre em horários próprios;
- 4.- Ante o exposto, requer a V.Exa. o exame do texto e sua posterior liberação para a apresentação ao público, de acordo com as leis atinentes à espécie.

Termos em que,

P. e E. Deferimento.

Juiz de Fora, 04 de outubro de 1972.

PAULO SOUZA CANABRAVA  
Presidente do TECI



BB  
A

## SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917  
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97-3.º andar.  
End. Tel. g.: SBAT-RIO  
RIO DE JANEIRO — BRASIL

### Direitos de Representação

### Autorização Nº 199409

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: A MEHINA E O VENTO

Original de MARIA CLARA MACHADO

Música de — —

Tradução de —

No Teatro FORUM DA CULTURA Cidade V. FORA

Empresa T.E.C.I. Pela Cia. —

nos dias Sómente para Censura

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de — % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ — por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Para, 4 de outubro de 1952

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.  
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

[Assinatura]  
(pela SBAT)

## Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

### Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

### Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

### Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

### Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

### Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

### Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

### Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

89M  
A

TÍTULO: A MENINA E O VENTO

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1) S.ARQUIVO

*Ajustado*

Documentação: EM ORDEM

Já liberada?: SIM

Cls. Etária anterior: LIVRE

Praça: JUIZ DE FORA - MG

DF, 9/10/72  
*[Signature]*  
Chefe do Arquivo

4) CHEFE S.C.

*L. Dir. S.C.P.*  
*De acordo*  
*Livre (fls)*  
*20/10/72*  
*[Signature]*

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: \_\_\_\_\_

Técnico de Censura: \_\_\_\_\_

Técnico de Censura: \_\_\_\_\_

Data para Exame: de \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ a \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

OBS: \_\_\_\_\_

DF, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_  
Resp. pela Programação

3) S.C.T.C.

*Quitas certificadas de acordo com o abaixo disposto:*  
*1. Quantidade: 2 (dois)*  
*2. Natureza: Mais Vias*  
*3. Grupo teatral: TECI*  
*4. Local p/encam: SR/MG*  
*5. Impropriedade: Livre s/cont.*  
*6. Prop. Val. cert: 04/08/77*  
*Car: 19/10/72*  
*[Signature]*  
*P/TCTC*

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

**LIBERE-SE**  
na forma do parecer  
Em, 20/10/72  
*[Signature]*  
Rogério Nunes



98  
 [Handwritten signature]

TÍTULO A MENINA E O VENTO AUTORA: MARIA CLARA MACHADO

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

ESPÉCIE. Peça p/teatro  
 COM CORTES? Não  
 BOA QUALIDADE. ---  
 LIV P/ EXPORTAR? ---  
 DUBLADO? ---  
 LEGENDADO? ---  
 VED EXPL COMERCIAL? Não

[Handwritten signature]

CENAS cômicas - ficção (fantasiosas)

ENREDO Mostram as aventuras de uma garota que é transportada pelo vento em viagem pelo Brasil e as complicações e aflições em que se envolve sua família até o seu retorno.

EPOCA imaginária

GÊNERO comédia (infantil)

LINGUAGEM comum

MENSAGEM positiva

PERSONAGEM normais e de ficção: crianças - policiais - vento (caracterizado como ser humano).

TEMA aventuras fantasiosas

- OBS: 1. CORTES.  
 2. CONCLUSÃO.

2. Peça teatral de autoria de Maria Clara Machado, já censurada por diversas vezes e liberada pelo D.C.D.P. sem restrições etárias.

Procedemos a apreciação e confronto dos textos e verificamos que nada existe que nos leve a alterar a classificação etária anterior.

Brasília, 17 de outubro de 1972

Graciete Moreno da Silva

[Handwritten signature]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0480.P.121

*98*  
*[Signature]*

Of. 097/SC-DODE/72

18 OUTUBRO

2

SUPERINTENDENTE REGIONAL /MG

" A MENINA E O VENTO"

MARIA CLARA MACHADO

SUPERINTENDENTE,

no T. FORUM DA CULTURA - J. DE FORA-MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P. 123

92  
M

5268/72

" A MENINA E O VENTO "

MARIA CLARA MACHADO

04 AGOSTO

77

20 OUTUBRO

72

**LIVRE**

*Rogério Nunes*  
ROGERIO NUNES

*[Signature]*  
92

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

01

22

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

" A MENINA E O VENTO "

MARIA CLARA MACHADO

TECI - MG

18

OUTUBRO

72

LIVRE, CONDICIONADO AO EXAME DO ENSIO GERAL/// O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE, TERA VALIDADE QUINDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO DCDP.

*[Handwritten signature]*

20

OUTUBRO

72

*[Handwritten signature]*

HUGO FORTA DA SILVA

MG/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480. P.124

MJ - EPF - SRA/BSB

Icoaraci, 25 de setembro de 1973. 054397

RECEBIDO

93

Ilmo. Sr.

Chefe da Divisão de Censura de Diversões Públicas - D P F  
BRASILIA - D F

O Grupo de Teatro Amador (GRUTA), da Vila de Icoaraci, vem por intermédio deste, solicitar a V.S. que se digne submeter os textos anexos da peça: "A MENINA E O VENTO", de Maria Clara Machado, autora de nacionalidade brasileira.

A referida peça é de gênero - COMÉDIA, fábula infantil, - desenvolvida em um único ato com um prólogo e nove cenas, não contende a mesma pornografias ou qualquer espécie ou outro tipo de palavras que venha contra os princípios da moral.

Aproveitamos o ensejo para solicitar que, se possível, V.S. se empenhe em expedir com brevidade, esta liberação.

Desde já, certo que seremos atendidos em nosso pedido, subscrevemo-nos mui atenciosamente.

Pelo Grupo:

*Salustiano M. M. de Vilhena*  
SALUSTIANO M. M. DE VILHENA  
Diretor



# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092. de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso. 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Belém, 19 de setembro de 1973

Ao Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS DO D.P.F.  
Brasília - D.F.

Saudações:

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.Sa., para fins de CENSURA, três cópias da peça "A MENINA E O VENTO", de autoria de MARIA CLARA MACHADO, próxima apresentação do elenco do GRUPO DE TEATRO AMADOR (GRUTA), nesta capital.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a maior consideração.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS  
S. B. A. T.

Edyr Paiva Proença  
Representante em Belém

# TEATRO

*[Handwritten signatures and initials]*

TÍTULO A MENINA E O VENTO

1) S. ARQUIVO *nasluw*

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior LIVRE

Praça BELÉM - PA

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 1 / 10 / 93

*[Signature]*  
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor

De acordo com o parecer 9693/73 - Livre.

Em 9. 10. 73

*[Signature]*  
Rogério Nunes

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data para Exame de \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ a \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

DF. \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

*De acordo com o parecer 9693/73 - Livre - sem outras condições, entende-se, ao eu, sair geral.*

*Requisita-se os certificações, observadas as condições dos autôgrafos.*

*[Signature]*  
F. V. DE AZEVEDO NETTO  
Chefe da SCTO-SO/DOOP

5) Diretor da D. C. D. P.

**LIBERE-SE**

na forma do parecer

Em 9. 10. 1973

*[Signature]*  
Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

102 96  
Machado  
[assinatura]

Parecer nº 8693/73

AO -: Sr. Chefe do Serviço de Censura

DO -: Técnico de Censura Reginaldo O. de Castro

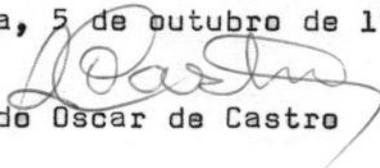
ASSUNTO -: Confronto da peça teatral "A MENINA E O VENTO", de  
Maria Clara Machado.

Sr. Chefe :

A peça acima referida já foi, por diversas vezes, liberada para apresentação ao público, sem / restrições etárias, uma vez que é própria para o público infantil.

Procedido o confronto com o original do texto cuja liberação é agora requerida, nada constei que diferisse este daquele, razão pela qual recomendo se ja mantida a faixa etária a que se referem os certificados anteriormente expedidos e ainda em vigor. LIVRE.

Brasília, 5 de outubro de 1973.

  
Reginaldo Oscar de Castro

103 at  
M

949/73-SCTC/SC/DCDP

08/outubro 3

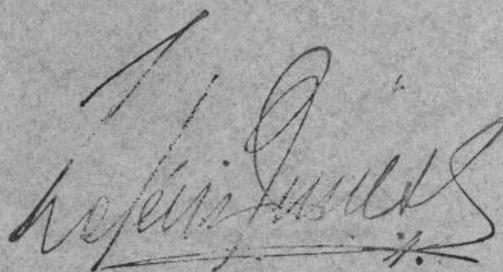
SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - PARÁ

" A MENINA E O VENTO "

" MARIA CLARA MACHADO "

SUPERINTENDENTE:

pelo GRUTA/PA.



FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P.190

A MENINA E O VENTO

MARIA CLARA MACHADO

GRUPO DE TEATRO AMADOR - GRUTA - PA -  
SALUSTIANO M.M. DE VILHENA

05 OUTUBRO

73

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRE  
SENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DE  
VIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

09

OUTUBRO

73

DEUDETH BURLAMAQUI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

98  
M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0480, P. 131

MARIA CLARA MACHADO

535/73

A MENINA E O VENTO

MARIA CLARA MACHADO

04 AGOSTO

77

04

OUTUBRO

73

*Rogério Nunes*

ROGÉRIO NUNES

*102*

~~LIVRE~~



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO PARÁ

BELEM = PARA  
13 NOV 73

0606

DA : CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIV. PUBLICAS  
AO : ILMO. SR. SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF/PA  
ASSUNTO : RELATORIO PEÇA TEATRAL " A MENINA E O VENTO "

Senhor Superintendente:

O Serviço de Censura de Div. Públicas, desta Superintendência Regional, obedecendo o que determina o art. 49 de - Dec. 20.493, de 24.01.46, e em atenção ao Memo. nº 439/73-SCTC/SC/DCDP de 19.06.73, leva ao conhecimento de V. Sa., que realizou aos dias .... 08.11.73, às 17.00 horas, no Teatro da Paz, o exame de Ensaio Geral da Peça Teatral " A Menina e o Vento ", de autoria de M<sup>te</sup> Clara Machado, - sendo representada ao público, nos dias 09, 10 e 11 de corrente,

Informe, ainda, a V. Sa., que foram entregues ao interessado, os textos da referida peça teatral, acompanhados dos respectivos Certificados de Censura, e que, a representação da Peça correspondeu a classificação LIVRE, determinada pela DCDP - Divisão de Censura de Diversões Públicas, como também, houve estrito cumprimento de que dispõe o art. 11 e seu parágrafo único da Lei nº 5536, de ..... 21.11.68, tanto com relação ao texto, como ao cenário.

Respeitosamente,

*avelina hesketh*  
DRA. M<sup>te</sup> AVELINA IMBIRIBA HESKETH  
CHEFE DO SCDP/SR/DF/PA

Colégio Jean Christophe

Rua Cel. Manoel Borges, 108 - Fone, 03-4504

Uberaba - Minas Gerais

MJ-DPF - SRA/BSB

30 SET 15 58 74 060249

RECEBIDO POR: \_\_\_\_\_

Exmo Sr.

Dr. Rogério Nunes

Departamento de Polícia Federal

Divisão de Censura e Diversões Públicas

Brasília

A sua presença para requerer de V. Exa. a aprovação e liberação das seguintes peças teatrais a fim de que possam ser apresentadas nesta cidade nos períodos de 2 a 5 de outubro próximos:

"Peripécias na Lua " ( Walmir Ayala )

" Chapeuzinho Vermelho " (Maria Clara Machado )

" A Menina e o Vento " ( Maria Clara Machado )

" A Volta do Camaleão Alface "(Maria Clara Machado)

Nestes termos

Pede deferimento

Uberaba , 26 de setembro de 1974

Célia Lima Peres

Célia Lima Peres

Diretora



## Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

### Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

### Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

### Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmissores tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

### Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

### Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

### Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

### Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

### Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

# TEATRO

*Handwritten notes and signatures in the top right corner.*

TÍTULO A Menina e o Vento

1) S. ARQUIVO

Documentação em Ordem

Clas. Anterior livre

Praça Uberaba - Minas Gerais

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 30/09/74

*[Signature]*  
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

*Large handwritten mark or signature in the censorship service box.*

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data para Exame de \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ a \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

DF. \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. *De acordo com o parecer no 20358/74.*

*Emita-se os certificados, livre, em cert, condicionada, todavia, ao exame do ensaio geral. A consideração do Sr. chefe do S.C.*

*Em, 01.10.74*

*[Signature]*  
Francisco Cláudio Guido  
Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres/30

5) Diretor da D. C. D. P.

**LIBERE-SE**  
na toma de parecer  
Em, 01/10/74  
*[Signature]*  
Francisco Cláudio Guido  
Chefe de Censura Subst.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P.137  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 20258 174

TÍTULO: A MENINA E O VENTO de Mã Clara Machado

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Condicionada a exame no ensaio geral

Peça infantil apresentando uma irreal aventura vivida por uma garota que, saindo a passeio " na cacunda do vento" é julgada vítima de um rapto, provocando temores na família e a participação da polícia.

Obra submetida várias vezes a exame censório, tendo merecido em todas ocasiões, liberação sem restrições etárias. Considerando a total semelhança de tema e script, do texto atual com os anteriores, sugiro que seja mantido o mesmo critério liberatório.

Brasília, 01 de outubro de 1974.

Hellé <sup>r</sup>udente <sup>n</sup>arvalho

011074

~~11~~  
104  
M

804/74-SCTC/SC/DODF

Diretor da Divisão de Polícia Federal em Uberaba-MG

A MENINA E O VENTO\*

Maria Clara Machado

Diretor:

Uberaba-MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P. 199

: A MENINA E O VENTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

: MARIA CLARA MACHADO

19 OUTUBRO

74

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP. ....

19

OUTUBRO

74

MHF

*Manoel Francisco C. Guido*

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBSTITUTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P. 140

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

535/74

A MENINA E O VENTO

74

MARIA CLARA NACHADO

OUTUBRO

LIVRE

10

OUTUBRO

79

19

OUTUBRO

74

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

112

Recebi 20 e 20  
do script e 2 certificados  
de validade testamentar  
DF. 12/10/74. 105  
M

MJ-DFP-SRA/BSB

25 NOV 12 08 072314



*Raey*

*JOB*

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
Superintendência Regional no Estado de Mato Grosso

Of. nº 83/SCDP/74

Do Superintendente Regional/DPF/MT C. Grande, Em 21.11.74

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Peça Teatral (encaminha)

*De Ordem.  
Ao Arquivo.  
Em, 26.11.74  
Dantas  
Dir. Div. SA.*

FICHADO  
S. A. DCDP

Senhor Diretor:

Encaminho a V.Sa., a peça teatral "A MENINA E O VENTO", autoria de Maria Clara Machado, para expedição normal de certificado por essa Divisão de Censura.

Reitero protestos de estima e consideração.

*Gen. Amadeu Anastácio*  
Gen. Amadeu Anastácio  
Sup. Regional/DPF/MT

Ilm<sup>o</sup> Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas de Brasília-DF.

107  
M  
115  
→

O Diretor do Grupo Teatral do SESI - "Moçambi - que", abaixo assinado, vem, mui respeitosamente, solicitar a V. Sa. se digne de mandar censurar a Peça " A Menina eo Vento" original de Maria Clara-Machado, que segue em anexo, a fi m de que seja liberada, para ser apresen-tada nos próximos dias do mes em curso.

Neste Termos

Pede Deferimento

Cuiabá, 13 de novembro de 19 74

CAMILO RAMOS DOS SANTOS





108  
#108

# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, <sup>23</sup> de Outubro de 1974

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,  
para fins de CENSURA ( 3 ) cópias da peça:

A menina e o vento

DE: Maria Clara Machado

próxima apresentação Teatro do SESI -Grupo Teatral

Moçambique-Guiabá MT no Teatro do S E S S I

com estréia marcada para o dia 23 e 24/11/74

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior  
consideração,

Djalma Bittencourt  
Superintendente

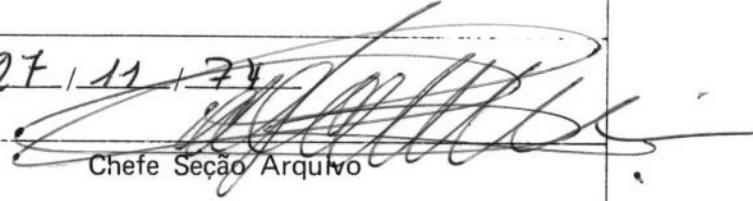
## TEATRO

TÍTULO A Menina e o Vento

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordemClas. Anterior LivrePraça Cuiabá - Mato Grosso

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 27/11/74
  
 Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data para Exame de \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ a \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

DF. \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Concordo com o parecer n° 22425/74.

A SE para emitir Certificado mantendo a mesma classificação atual (Livre), sem cortes, toda via, condicionada ao exame do ensaio geral.

2) A consideração do Sr. Chefe do SE. Em 9/12/74

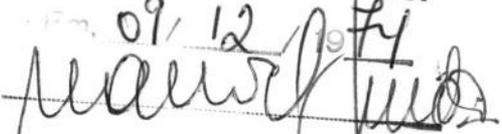
  
 Florivaldo de Carvalho Queiroz  
 Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatros e Congêneres/SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE  
 na forma do parecer

Em. 09/12/1974

  
 Manoel Francisco Clavery Guido  
 Chefe do Serviço de Censura Subst.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 22425 174TÍTULO: A MENINA E O VENTO (fílm)CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE.

Trata-se de peça já liberada diversas vezes.  
Dada a identidade do presente escrito com o primeiro  
examinado, sugiro manter a mesma classificação etária, ou  
seja, LIVRE, desde que o certificado ainda está em vigor.

Brasília, 05 de dezembro de 1974.

*Avelino Gambim*  
AVELINO GAMBIM

*MS*  
*110*  
*dy*

1022/74 SCTC/SC/DCDP

09/274

CA  
M

Superintendente Regional de DPF no Mato Grosso

" A MENINA E O VENTO"

Maria Clara Machado

Superintendente:

Cuiabá-MT

MFCG/rs

A MENINA E O VENTO

MARIA CLARA MACHADO

TEATRO DO SESI - GRUPO TEATRAL MOÇAMBIQUE - CUIABÁ - MT.

09 DEZEMBRO

74

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO DCDP.

REQUERENTE: CAMILO RAMOS DOS SANTOS.

09

DEZEMBRO

74

*Manoel Francisco C. Guido*  
MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P.148

117  
JL

MARIA CLARA MACHADO

535/74

TEATRO DO EST. - GRUPO TEATRAL ROEMERIO DE CHIAS - HT.  
A MENINA E O VENTO  
DEZEMBRO 74

LIVRE. CONDICIONADO AS EXAMES DO ENDAIO GERAL. O PRE  
SENTE CERTIFICADO SOMENTE TEM VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DE  
VIGIAMENTE CARIÓTIPO PELA DCP.

MARIA CLARA MACHADO

DEZEMBRO 79

DEZEMBRO 74

LIVRE

*Handwritten signature*

ROGÉRIO NUNES

MARCEL FRANCISCO C. GUIDO - GUST.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P. 149

MJ - DPF - SRA / BSB

13 JAN 14 15 12 02331



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA RECEBIDO POR  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Superintendência Regional no Estado de Mato Grosso

Of. nº 02/SCDP/75

Do Superintendente Regional/SCDP/SR/MT C. Grande, Em 08.01.75  
Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas  
Assunto Relatório Ensaio Geral (encaminha)

*de onde  
ao arquivo  
em 140175*

**FICHADO**  
C. A. DCDE

Senhor Diretor:

*Ruth*  
Ruth Nogales  
Chefe do SA/DCDE

Encaminho a V.Sa., o relatório do ensaio geral da  
peça "A MENINA E O VENTO", autoria de Maria Clara Machado,  
procedido pela TCDP da Divisão de Polícia Federal em Cuiabá,  
Mato Grosso.

Reitero protestos de subida consideração.

*Amadeu Anastácio*

Gen. Amadeu Anastácio  
Sup. Regional/SR/DPF/MT



114  
JL

**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**  
**Superintendência Regional no Estado de Mato Grosso**  
DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL EM CUIABÁ/MT

RELATÓRIO

Com a presença dos Agentes MILSON SANTANA VASCONCELOS e OSMAR PIRES BRANDOLFF, foi apresentado o Ensaio Geral da Peça Teatral "A Menina e o Vento", original de Maria Clara Machado, nas dependências do SESI, em 30 de dezembro de 1.974, a referida Peça possui o Certificado Nº 535/74 da DCDP.

Participaram do Ensaio Geral, os integrantes do Grupo de Teatro Moçambique do SESI.

Todas as Leis Censórias foram cumpridas / integralmente, principalmente no que se refere ao "SCRIPT", que não sofreu nenhuma alteração, após o ensaio foi liberado e Certificado de Censura acima mencionado.

Cuiabá/Mt., 02 de janeiro de 1975

*Milson Santos*  
AAFF Milson Santana Vasconcelos

SRA/FICHADO

DPF-SRA  
N.º  
Ass. *[Signature]*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
Superintendência Regional no Amazonas

MJ-DPF-SRA/BSE  
23 MAI 15 10 F 016943

FICHADO  
SRA DCDP

OF. Nº 0942 /77-SCDP/SR/DPF/AM

Manaus, 20 de maio de 1.977.

RECEBIDO POR: *[Signature]*

*[Handwritten initials]*

*De ordem  
do Arquivo  
em 22.05.77  
Monteiro*

Senhor Diretor:

Estamos encaminhando a V. Sa., em anexo, para o devi  
do exame por essa Divisão, três vias do texto teatral "A MENINA E O  
VENTO", de autoria de Maria Clara Machado, que deverá ser apresentado  
por alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, desta Capital.

Na oportunidade, renovamos protestos de consideração  
e elevado apreço.

*Avelino Gambim*  
AVELINO GAMBIM  
Chefe do SCDP/SR/DPF/AM

Il.mo Sr.  
DR. ROGÉRIO NUNES  
MD. Diretor da D C D P  
Brasília - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0480, P. 152  
COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA

Rua Silva Ramos, 833 — Fone 234-21 76

COLÉGIO N. S. AUXILIADORA  
Rua Silva Ramos, 833  
MANAUS — AMAZONAS

AMAZONAS

Ilm<sup>o</sup> Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões  
Públicas no Amazonas

Ilm<sup>o</sup> Sr.

Irmã Maria Quagliotto, italiana, religiosa, Diretora do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, sito a Rua Silva Ramos, 833, nesta Cidade, vem requerer a V.S.<sup>a</sup> remeter a peça teatral "A MENINA E O VENTO", autoria de Maria Clara Machado, para a Divisão de Censura de Diversões Públicas, a fim de obter o devido exame censório. Para tanto, anexamos três vias do texto.

A referida peça deverá ser encenada pelo Grupo de Teatro do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, possivelmente a partir de 02 de agosto p.v.

Nestes Termos

P. Deferimento

Manaus, 20 de maio de 1977

*Irmã Maria Quagliotto*

Irmã Maria Quagliotto

DIRETORA

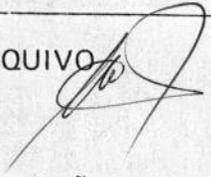
AUT. N.º 011/76

# TEATRO

117  
JY

TÍTULO A MENINA E O VENTO

ME CLARA MACHADO

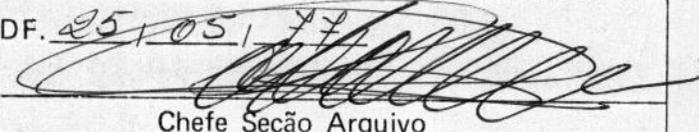
1) S. ARQUIVO 

Documentação \_\_\_\_\_

Clas. Anterior LIVRE

Praça MANAUS - AM

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 25/05/77 

\_\_\_\_\_  
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data para Exame de \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ a \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

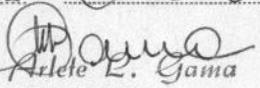
DF. \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de ensua, condicionada ao exame de ensaio geral. Obs.: \_\_\_\_\_

Brasília-DF, 31 de maio de 1977

  
Marta Arlete E. Gama  
Ch. SCTC-SC/DCDP

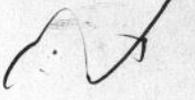
5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: Livre, sem cortes

Brasília-DF, 31 de maio, 1977

  
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO  
Chefe do Serviço de Censura - DCCP





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0480, V. 159

118  
04

PARECER Nº 2196 177

TÍTULO: "A MENINA E O VENTO" Autor: Maria Clara Machado

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

ESPÉCIE : Peça de Teatro

Procedendo-se ao confronto da peça em exame com textos já liberados anteriormente, constatamos a identidade de conteúdo, mensagem, diálogos e marcações, e opinamos que seja mantida a mesma classificação censória: LIVRE.

Brasília, 30 de maio de 1977

*Maria Lucia Ferreira de Holanda*  
Maria Lucia Ferreira de Holanda

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P. 155

: A MENINA E O VENTO :

: MARIA CLARA MACHADO :

: COLEGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA - AM :

31

MAIO

77

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.  
O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU  
"SCRIPT" DEVIDAMENTE CASIMBADO PELA DCDP.

19

JUNHO

77

FMPN/

  
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0480, P. 156

*119  
24*

535/77

• A MENINA E O NIETO •

• MARIA CLARA MACHADO •

LIVRE

09 DEZEMBRO  
1º JUNHO  
*Roberto Nunes*  
ROBERTO NUNES

79

77

120  
H

814-SCTC/SC/DCDP

30/05

7

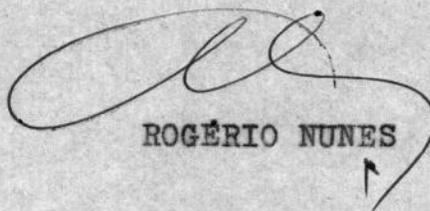
Superintendente Regional do DPF no Amazonas

"A MENINA E O VENTO"

Maria Clara Machado

Superintendente:

MANAUS-AM



ROGÉRIO NUNES



MJ-DPF-SRA/BSB

20 ABR 09 09 011399

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

FICHADO  
S. A. DCDP

Ofício nº 163/79-SCDP/SR/RJ

Em 18.04.79

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas  
Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Encaminhamento (faz)

*A letra de teatro  
Em 2.5.79  
Joel Carlos Tavares de Almeida*

JOEL CARLOS TAVARES DE ALMEIDA  
CPF: 0.000.000

Senhor Diretor:

Encaminho a V.Sª. 1 (um) texto, parecer e ensaio geral da peça teatral intitulada "A MENINA E O VENTO", de autoria de Maria Clara Machado, liberada sem restrição etária.

Para fins de expedição de certificado informo a V.Sª. que o exame da referida obra, foi requerido por Maria Helena, responsável pela firma "CABARET PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA".

Valho-me da oportunidade, para apresentar a V.Sª. protestos de estima e consideração.

*Joel Carlos Tavares de Almeida*

JOEL CARLOS TAVARES DE ALMEIDA

Chefe do SCDP/SR/RJ

- em exercício -

LSL/.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ASSUNTO EXAME DE PEÇA TEATRAL, Digo ENSAIO GERAL

TÍTULO : A MENINA E O VENTO

AUTORA | MARIA CLARA MACHADO

CLASSIFICAÇÃO L I V R E

PARECER Nº: 600

Trata-se de peça infantil, aprovada anteriormente, com certificado nº 4540/71.

Atendendo os requisitos do decreto 20.493 art. 52 paragrafo 2º opino, que o ensaio geral solicitado seja dispensado por tratar de peça livre sem restrições.

RIO DE JANEIRO 18/04/79

T. C ROBERTO BAPTISTA DE CARVALHO

Mat. 1.741.123



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, SR-RJ.

ASSUNTO: EXAME COMPARATIVO DE PEÇA TEATRAL.

Título : A menina e o vento.

AUTORA : MARIA CLARA MACHADO

L I V R E

PARECER Nº 481

Trata-se de peça infantil, aprovada anteriormente, com certificado de nº 4540/71 .

No exame comparativo efetuado, constatei ser a mesma, idêntica a original, correspondendo aos interesses do público infantil.

Pelo exposto, opino pela sua liberação, livre sem restrições.

Rio de Janeiro, 27 de Março de 1979

  
T.Cens. ROBERTO BAPTISTA DE CARVALHO

Mat. 1.741.123



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SR/RJ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 415

ASSUNTO: PEÇA TEATRAL - EXAME COMPARATIVO DE TEXTOS

TÍTULO: "A MENINA E O VENTO"

AUTORA: MARIA CLARA MACHADO

CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

A peça ora em exame comparativo está conforme o texto anteriormente apresentado. Trata-se de um tema acessível ao público mirim, o que nos leva a opinar pela chancela LIVRE constante do Certificado nº 4540/71/DCDP.

Rio, 14 de março de 1.979

*Maria José de Moura*  
MARIA JOSÉ DE MOURA -Mat. 2.070.372

# TEATRO

125  
M

TÍTULO A menina e o Sento

ma clara machado

1) ARQUIVO

Clas. Anterior livre

Praça Rio de Janeiro - RJ

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 4 / 5 / 19 /

Calina N. Gomes  
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

DF. \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

**Emita-se o certificado de ensino com requerimento de censura e a classificação: imprópria para menores de LIVRE anos, cortes, condicionada ao exame do ensino geral.**

Obs.: \_\_\_\_\_

Brasília-DF, 07 de Maio de 1979  
Belle Prudente Cavatteo

mat. 2.415.791

Brasília-DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

**A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual se considera própria a classificação de livre**  
**Brasília-DF, 08 de Maio de 1979**

Em 08 de Maio de 1.979

Eduna  
Ch. Subst. do SC  
DCDP

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

**LIBERE-SE**  
**na forma do parecer**  
Em, 8 / 5 / 1979

JOÃO VIEIRA MADEIRA  
MAT. 2.086.858

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P.163

126  
JL

535/79

" A MENINA E O VENTO "

MARIA CLARA NACHADO

09 DEZEMBRO

79

08 MAIO

79

~~JOSE VIEIRA MADEIRA~~

LIVRE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P.164

" A MENINA E O VENTO "

MARIA CLARA MACHADO

COARTE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA / RJ

MARIA HELENA / RJ

07 MAIO

79

LIVRE - CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

08

MAIO

79

*Elief José de Sousa*  
ELIEL JOSÉ DE SOUSA (Subst.)

127  
jl

Of. nº 304/79-SCTC/SC/DCDP

08 de maio de 1979.

RJ

Ofs. nºs 163 e 179/79-SCDP-SR/RJ

"A MENINA E O VENTO", de Maria Clara Machado e "MARIA MINHOCA", da mesma autora.

*Elie José de Sousa*  
ELIEL JOSÉ DE SOUSA

Substituto



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"A MENINA E O VENTO"

"MARIA CLARA MACHADO"

PN

128  
pl



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

B. Hte. 03/11/80

Memº Nº 066/80 SCDP/SR/MG

Do: Chefe do SCDP

Ao: Chefe da Delegacia de Juiz de Fora/DPF/SR/MG

Assunto: Peças Teatrais ( Encaminha

*A TCPP  
M. J. 03/11/80*

M. J. - ... M. G. Senhor Chefe,  
Delegacia da Zona da Mata  
PROTOCOLO N. 782  
Juiz de Fora - MG 05/11/1980  
Rubrica: *sefer*

Anexo encaminhamos a V. Sa.  
as peças teatrais: A MENINA E O VENTO, de auto  
ria de Maria Clarz Machado, solicitada pelo  
Grupo Teatro Cândido Tostes, bem como: A ESCA-  
DA DO SUCESSO, de autoria de Maria A. Casagran  
de, juntamente com os respectivos certificados  
de censura, para que sejam entregues aos interes  
sados.

Atenciosamente,

*Jaifer de Moraes*  
CHEFE DO SCDP/SR/MG

RECEBI nesta data os "scripts" da peça teatral - "A ESCADA DO SUCESSO" - devidamente aprovados pela SCDP/DPF/SR/MG.

Em 10.11.80

Nils de França Campos

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL /MG  
CENSURA FEDERAL

DECLARAÇÃO

DECLARO, PARA FINS DE PROVA A QUEM INTERESSAR  
POSSA, QUE OS "SCRIPTS" DA PEÇA TEATRAL: "A MENINA E O VENTO"  
\_\_\_\_\_, DE AUTORIA DE MARIA CLARA MACHADO  
\_\_\_\_\_, TRADUZIDA POR XXXXXXXX  
\_\_\_\_\_, SOLICITADO PELO (A) GRUPO TEATRO  
CÂNDIDO TOSTES, FOI SUBMETIDO A EXAME PELA CEN-  
SURA FEDERAL EM MINAS GERAIS, FICANDO COM RESTRIÇÃO ETÁRIA:      
LIVRE ( C/ CORTES ), E VALIDADE ATÉ 03/01/81  
\_\_\_\_\_, TENDO A PRESENTE DECLARAÇÃO VALOR IDÊNTICO AO  
CERTIFICADO CENSÓRIO, QUE SERÁ EXPEDIDO, OPORTUNAMENTE.

OBS. Com cortes às Págs. 07;15 e 22.

O presente Certificado só terá validade quando acompanhado  
do texto devidamente carimbado.

BHE-MG 03 / 11 / 19 80 .

*Yanice de Moraes*  
CHEFE DO SCDP/SR/MG





MJ - DPF - DCDF 038  
4 FEV 10 55 000986

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO RIO GRANDE DO NORTE

RICHARD  
DCDF  
1079  
ll

OFÍCIO: 0139/81-SCDP/SR/DPF/RN EM, 03/FEV/81

DO: Superintendente Regional de Departamento de Polícia Federal/RN

ENDEREÇO: Av. Nilo Peçanha, 300 - Petrópolis

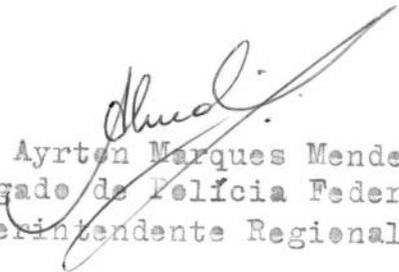
AO: Dr. José Vieira Madeira - Diretor da Divisão de Censura de Diver-  
sões Públicas/DPF

ASSUNTO: Encaminhamento (faz)

Senhor Diretor,

Encaminhamos a V.Sª, em 3 (três) vias, a peça intitulada "A MENINA E O VENTO", de Maria Clara Machado, para fins de exame por essa Divisão de Censura.

Na oportunidade, renovamos a V.Sª os protestos de estima e consideração.

  
Bel. Ayrton Marques Mendes  
Delegado de Polícia Federal  
Superintendente Regional

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

4 FEB 1981 000986

RECEBIDO PER

RICHADO  
DCDP

130  
M

JORGE ROMANO NETTO

Requerente

BRASILEIRO, ESTUDANTE  
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade 286158 ITEC  
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à AV. SILVIO PEDROZA Nº 32, ABEIA

PRETA, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas

censórias vigentes, a (s) PEÇA TEATRAL abaixo relacionada (s),  
Espécie

de autoria de: MARIA CLARA MACHADO

Título (s) "A MENINA E O VENTO"

Nestes termos,

Pede deferimento.

NATAL, 30/01/81  
Local e Data

Jorge Romano Netto  
Requerente

Anexos:

A M E N I N A E O V E N T O

13/11

AUTOR: MARIA CLARA MACHADO

PERSONAGENS: O VENTO

MARIA, a menina

PEDRO, o menino

A MÃE

AS TIAS: ADELAIDE

ADALGISA

AURÉLIA

A AVÓ

O REPORTER

O COMISSÁRIO PLÁCIDO

OS DOIS POLICIAIS

PACÍFICO

CRISPIM OU BRANCA DE

NEVE (se o ator for negro)

137  
M

C E N Á R I O:

A cova do vento. Um pedaço de praia deserta com enorme tronco ao fundo de onde caem pedaços de galhos e parasitas, feitos com material leve para que possam sugerir o efeito do vento. No chão algumas pedras roliças. Uma delas é o travesseiro do vento. O ambiente deve sugerir mistério e poesia. Vários ventiladores são instalados para movimentar os parasitas que se moverão ao mesmo tempo que se ouve o barulho do vento gravado e irradiado de um alto-falante.

P R Ó L O G O:

O Prólogo se passa no proscênio com a cortina fechada. Ouve-se insistentemente uma escala de piano tocada ao longe. Fugindo, esbaforidos, entram Maria e Pedro. Cessa a escala.

MARIA: Corre, Pedro, que lá vem elas!

PEDRO: Santo Deus, ela não nos deixa em paz!

MARIA e PEDRO JUNTOS: Aula no Domingo também é o cúmulo.

PEDRO: Tia Adelaide é o fim.

VOZ DE TIA ADELAIDE: Pedro! Maria!

MARIA: Depressa! (saem correndo)

Entram também esbaforidas da corrida as três tias. Tia Adelaide é a mais velha e também a mais medonha. Tia Adalgisa é a do meio Cópia viva de tia Adelaide. Tia Aurélia é a menos velha, meio biruta, meio infantil, obedece sempre a tia Adelaide por hábito e medo. Passam as tias (ouve-se de novo a escala no piano) e tornam a voltar os meninos.

MARIA: Pedro vamos nos esconder na cova do vento?

PEDRO: Boa idéia. Vamos!

Saem. Voltam as tias.

ADELAIDE: (Gritando) Meninos, voltem já para a aula!

ADALGISA: Eu disse à mãe deles para não deixa-los brincar na rua.

AURÉLIA : Maria! Pedro!..... Voltem já.....já.....já.....  
Adelaide está chamando!.....

ADELAIDE: Lugar de criança é dentro de casa.

ADALGISA: A culpa é da mãe deles que é muito mole.....

AURÉLIA : No tempo, quando....

137  
H

ADELAIDE: (Interrompendo): já sei, Aurélia, que nosso tempo era diferente, mas nossa obrigação de tias é educa-los.

AURÉLIA : A aula de hoje é tão boa! Adoro Educação Cívica!

ADALGISA: As aulas de Adelaide são excelentes! Ela é a melhor professora de Educação Cívica da cidade!

AURÉLIA : E do Brasil!

ADELAIDE: (Saindo, orgulhosa com os elogios) Meninos, voltem para a aula!

ADALGISA: (Acompanhando-a) É preciso aprender a amar o Brasil, meninos!

AURÉLIA : (Saindo também) Pedro! Maria!  
(muito assustada volta Adalgisa)

ADALGISA: Por ali é o caminho da cova do vento!

ADELAIDE: (voltando também assustada): ... não é lugar para moças sozinhas..

AURÉLIA : (Aparecendo alvoroçada): Cova do vento... mamãe sempre disse que lá é muito deserto, e feio... e cheio de vento...

ADELAIDE: Vamos voltar. É muito perigoso o risco.

ADALGISA: É muito perigoso o risco.

AURÉLIA : E os meninos?

ADELAIDE: Quando chegarem em casa ficarão de castigo. Terão que escrever duzentas vezes: Viva o Brasil amado!  
(sai)

AURÉLIA : Vivoooooooooo! (sai)

ADALGISA: Muito boa idéia, Adelaide, muito boa idéia! (sai)

### C E N A I

Ao abrir o pano a cena deve estar na penumbra: ao fundo, deitado no chão, com a cabeça numa das pedras, dorme o vento. É um personagem meio mitológico, como se vê em figuras de mapas de navegação antiga. O ator que representar o Vento de

ve ser alto para aumentar o contraste com a menina, mas não de  
ve ser uma figura feia para não meter medo nas crianças. Pode  
usar uma máscara. Pedro e Maria chegam correndo, Depois de ve  
rificarem que não estão sendo perseguidos, observam o lugar.)

MARIA: Iiii ! Aqui hoje está esquisito.

PEDRO: Mas aqui tenho a certeza que elas não vêm.

MARIA: Tia Adalgisa tem tanto medo....

PEDRO: Você não acha que isto aqui está calmo demais?

MARIA: (Descobrendo o Vento) Veja, Pedro, o Vento, dormindo !  
Será que ele está doente? (olhando para cima) caiu, sera?

PEDRO: Lugar de vento ficar é lá em cima. O que é que ele vei  
o fazer aqui na praia?

MARIA: Alguma indigestão de ar. (Rindo) Que feio que ele é!

PEDRO: É velho e barrigudo.

MARIA: Que pena! Sempre pensei que o vento fôsse lindo!

PEDRO: For que, ora!

MARIA: Porque tudo que voa é bonito.

PEDRO: Urubu também?

MARIA: Voando é. Até urubu voando é bonito. Menos mosquito, é  
claro.

PEDRO: Ele está acordando.

MARIA: Vamos nos esconder. (os dois se escondem atrás da corti  
na proscênio.)

MARIA: Quero só ver a cara que ele tem acordado.

(O vento se mexe e fica sentado com as pernas esticadas. Depois  
continua a dormir sentado, roncando muito alto)

PEDRO: (Procurando falar baixo) Ronca igualzinho ao vovô Jaime.

MARIA: (Começando a rir sem controle) Vovô Jaime..é isto mes  
mo..... o vento se parece com vovô Jaime.

(Os dois continuam a rir até que o Vento, que abre os olhos es  
pantado)

VENTO: Psiuuuuuu! (Boceja, os meninos se calam, ele continua'

125  
M

a dormir.)

MARIA: (Sempre tentando falar baixo) Está acordando... ~~Parou~~  
mesmo o vovô Jaime quando dorme na poltrona...

O Vento abre os olhos espantado e começa a se levantar, procurando ver de onde vem o barulho.

PEDRO: (Puxando Maria para se esconder): Ele viu!

VENTO: (Descobrindo os meninos): Deixem-me dormir. criaturas desagradáveis.

PEDRO: Quem é criatura desagradável?

MARIA: Acho que somos nós.

PEDRO: (Brincalhão levantando a voz): Os incomodados que mudem.

VENTO: (Furioso): O que ? !

PEDRO: (Provocador): Disse: os incomodados que se mudem.

VENTO: Olhe aqui, piralho, ou vocês me deixam dormir em paz ou..

PEDRO: Ou o que? Aqui por acaso é propriedade sua?

MARIA: Pedro, não provoca.

PEDRO: A praia é pública, a rua é pública, o espaço é público, a atmosfera é pública...

MARIA: A estratosfera é pública...

PEDRO: (já dentro de casa sem o menor receio do Vento): E nós fazemos barulho onde queremos....e o vento também é público., está ouvindo?

VENTO: (Com as mãos na cintura, ameaçador): Menino, ninguém levanta a voz com o vento.)

MARIA: E o Trovão?

VENTO: O Trovão?

MARIA: Não é o Padre Eterno, levantando a voz para você vento?

VENTO: Para mim, coisa nenhuma...

MARIA: Para quem, então?

VENTO: Para vocês, é claro!

MARIA: Bem que eu achei que a explicação de tia Adelaide so-

130  
M

bre o trovão não era boa. Sabia que era o Padre Eterno. Tia Adelaide tira a graça de tudo, coitada!

VENTO: Já disse que ninguém levanta a voz com o vento!

MARIA: Quem é que está levantando a voz para você? Estou só falando de minha tia Adelaide, e meu irmão é meio mal humorado. Mas o senhor também não fica atrás... ele estava só brincando. Com esta mau humor, já vejo o porque das tempestades... Aliás isto também tia Adelaide não explicou bem. As tempestades são causadas pelo mau humor de vento e de sua família... brigas entre nuvens, / brisas, ventos, vapôres, raios e trovões... se...

VENTO: (Interrompendo): Pare de falar, matraca de feira, ou então eu....eu....eu....

PEDRO: (Furioso): Minha irmã, matraca de feira?

VENTO: Vocês querem, não é? (dá uma lufada de sopro sobre os meninos que caem no chão. A sonoplatia e um dos ventiladores acompanham sempre as lufadas do vento.)

PEDRO: Vento covarde! vento covarde!

MARIA: Não provoca, Pedro... Não provoca!

VENTO: Tratem de desaparecer, meninos, senão eu sopro! Eu é para valer.... Un.... Dois...

PEDRO: Vento caduca....

MARIA: Não provoca mais ele, Pedro.

VENTO: Caduca, eu? Pois você vai ver... vou te mandar para as nuvens e lá você é que vai caducar, fedelho de uma figa.

(Começa a soprar com tanta força que Pedro depois de dar umas voltas tentando resistir, sai de cena sempre gritando)

PEDRO: Vento covarde... vento covarde...

MARIA: Para de ventar, Vento, que Pedro está sumindo atrás daquela árvore. Para vento... Pedro! Pedro! (sai gritando e procurando resistir.)

VENTO: Pronto. É assim que nós lá de cima nos livramos deles. Sem muita conversa. (Boceja ostensivamente e torna a sua cama, mas não consegue se deitar porque furiosa, volta Maria.)

137  
M

MARIA: Queira soprar de volta imediatamente, o meu irmão ou então o senhor terá que se ver comigo.

VENTO: O que? Está me desafiando, pedacinho de coisa nenhuma? Quer também ser soprada para longe? (Começa a rir) Isto aí me ameaçando.... ah! ah! ah! ah!

MARIA: Para de rir, vento bobo-alegre. Não tem vergonha de se tornar tão velho e rir desse jeito? Traga meu irmão de volta, já disse.

VENTO: (Para bruscamente de rir): Vou mandar para a China, menina.

MARIA: Duvido. (Aceitando o desafio). E fique sabendo que sou campeã de andar na ventania e não vai ser um ventinho qualquer que vai me levar para a China ou para o Japão. Bem que eu gostaria de dar um passeio....se eu....

VENTO: (Interrompendo) Você disse....ventinho qualquer?

MARIA: Disse. O que é que você sabe fazer mais além de ventar? Sabe ler? Sabe escrever? Qual é a sua educação Cívica?

VENTO: Chega. (Dá uma forte lufada. Maria, narôta, se esconde atrás dele que procura, intrigado, sem poder encontrá-la. Finalmente Maria corre e se esconde atrás de uma pedra).

MARIA: Brisa, vento, ventinho  
pode soprar espertinho....  
Não tenho medo de ventania.  
Brisa, vento, ventinho,  
pode soprar espertinho...

(O vento furioso começa a soprar e Maria deliciada ventarola pela cena em loucos rodopios até que sai, sempre rindo. O vento sentindo-se vencedor para sua pedra e recosta para dormir. Começa a roncar quando Maria volta. Vendo o vento não acorda ela começa a sapatear e a cantarolar. O vento continua roncando. / Por fim Maria resolve jogar amarelinha batendo com os pés com força. O vento abre os olhos.)

MARIA: Isto o senhor não sabe fazer...garanto que não sabe...

VENTO: O que? Ainda aqui?

138  
11

MARIA: Vou lhe chatear até você trazer Pedro de Volta.

VENTO: Não trago nada de volta.

MARIA: Quer dizer que o senhor não sabe trazer ele de volta?

VENTO: Quer dizer que não quero trazer ninguém de volta.

MARIA: (Mudando de tática): E se eu prometer nunca mais incomodá-lo na sua toca?

VENTO: Não acredito em promessas de menina.

MARIA: Então em que você acredita?

VENTO: Acredito na minha força.

MARIA: Pros nha, hem? Tão forte que nem conseguiu me soprar para longe...Acho que você está ficando sem fôlego, velho e cansado, hem, vento?

VENTO: (Frio desconfiado) Você acha?

MARIA: A verdade é que o senhor com seus mil e quinhentos séculos de vida não conseguiu derrubar uma menina de 12 anos.

VENTO: Isto nunca aconteceu. Quem é você menina?

MARIA: Sou Maria.

VENTO: Nunca fui vencido por...por...ninguém...e logo por uma menina (O vento está desolado)

MARIA: Não fique assim, vento. É que sou campeã mesmo. Ninguém me venceu na minha rua na corrida de ventania.

VENTO: Como é que você faz para vencer? Nem navios, nem árvores, nem cidades, nem nada nesta terra redonda de Deus pode comigo quando estou furioso.

MARIA: É só não ter medo e conhecer sua tática.

VENTO: E você conhece a minha tática, menina?

MARIA: Conheço.

VENTO: E como você descobriu?

MARIA: Praticando. Comecei com uma brisa...uma brisinha à toa.

VENTO: Minha filha, ela é bem fraquinha, a coitadinha.

MARIA: Eu sei... Depois passei para um vento mais forte.

VENTO: Eu.

139  
de

MARIA: Vento de praia, vento de Cabo Frio. Lá é melhor ventarolar de óculos por causa da areia. Mas também é melhor por que é salgado, demais. A gente lamba o braço depois fica tudo salgadinho. Quando o vento, o senhor, pará de ventar a gente continua com o barulho no ouvido até dormir.

VENTO: (Comovido) É, é?

MARIA: Bem, a ventania custei mais, porque a ventania não tem muita direção e tapeia a gente também.

VENTO: Minha mãe. Sempre foi meio nervosa.

MARIA: É. Mãe venceu ela também. Aprendi a ventarolar.

VENTO: Ventarolar? O que é isso?

MARIA: Muito fácil. Virar ventarolar de vento. Você já conseguiu derrubar um ventarolar?

VENTO: Papa vento?

MARIA: Isso mesmo.

VENTO: Bem, acho que não. Mais fácil derrubar um vencedor de papa ventos.

MARIA: Pois é, viro mesmo um para-vento, fico tão levezinha no corpo e rodopio e não me canso e a ventania desiste de mim. Quase que posso voar.

VENTO: Você gostaria?

MARIA: Devoar? Ah gostaria. Sabe? Um dia tia Aurélia me disse que se a gente esfregasse asa de passarinho nas costas todos os dias crescer umas asas e a gente voava.

VENTO: E você esfregou?

MARIA: Ela esfregava na minha e eu dela. Combinamos de voar. juntas. Depois começou a dar brotoeja nas minhas costas e tia Adelaide descobriu tudo e botou tia Aurélia e eu de castigo escrevendo duzentas vezes: "Só quem voa é passarinho, criança estuda para servir ao Brasil".

VENTO: Essa sua tia é de morte, hen?

MARIA: Ela só pensa no Brasil, nunca pensa na gente.

VENTO: Você gostaria de papear na minha cacunda?

140

MARIA: Na cocunda do vento? Oh! Seria bárbaro! Mas o senhor tem que primeiro trazer o Pedrinho.

VENTO: Pedrinho, não.

MARIA: Então nada feito.

VENTO: (Conciliador) Deixa o Pedrinho pra lá, que eu já vantei ele para casa.

MARIA: Jura?

VENTO: Palavra de vento. Juro pelos raios que me partam...que ele voltará para casa.

MARIA: Não gosto nada de juramento de vento nas...voce pode mesmo ventar o que quiser? Trazer coisas de outras terras, atrapa<sup>l</sup>har tudo?

VENTO: Posso tudo

MARIA: Lá vem a prosa. Daqui a pouco voce vai dizer que é Deus, e ele te castiga.

VENTO: Psiu...fala mais baixo...

MARIA: E voce pensa que o enorme ouvido dele não está por toda parte? Por aqui? Bem se vê que não estudou catecismo.

VENTO: Eu sei que ele está me ouvindo, mas ele sabe também que es tou brincando, não sabe?

MARIA: É sempre melhor o senhor ser mais modesto.

VENTO: E voce é? Campeã de corrida contra o vento!

MARIA: Mas não é só isto que sei fazer, e não fico espalhando por aí...sei tanta coisa...

VENTO: Sabe o que mais além de papaventar?

MARIA: Ora, vê-se que o senhor é ignorante: sei fazer uma porção de coisas, sei fazer tricó, sei fazer arroz, batata frita sei tratar de galinha, sei plantar feijão; ora vento, sei tudo isto que uma menina deve saber e sei também dançar, patinar, nadar, ventarolar; coisas boas para contrabalançar as chatas.

VENTO: Chatas?

MARIA: ...fazer cama, estudar aritmética, acabar as férias, ir ao

dentista, ouvir aula de tia Adelaide e ser obrigada a amar o Brasil!...

VENTO: Você quer aprender a amar o Brasil na minha cacunda?

MARIA: Mas tia Adelaide vem também?

VENTO: Não. Eu te mostro tudo que há de bonito por aí e voce aprende tudo sem tias e sem livros. Só olhando...

MARIA: Que bon! Mas vento, gostaria também de fazer umas desordens ' por aí.

VENTO: Desordens?

MARIA: (Maliciosa): Desmanchar umas paradas, ventar tia Adelaide do piano. Desarrumar tudo que é arrumadinho. Só para ver a cara de todo mundo. (Começa a rir) Levantar a saia de tia Adelaide seria bárbaro! Ela usa umas ceroulas tão engraçadas.!...

VENTO: Pensei que voce fósse uma menina boa.

MARIA: Olha só quem está falando! O senhor não é o maior desordeiro' de todos os céus? Não derruba navios, e tira as telhas das ca sas? Não levou o chapéu do vovô Jaime e nunca mais o devolveu?

VENTO: Mas eu sou vento e voce é gente. Cada um no seu lugar.

MARIA: Ah, vento, não precisa se desculpar muito, eu te compreendo ' tão bem. Mundo certinho é tão chato! Vamos desmanchar um pou co, tá bem? Vamos ventarolar o mundo!...

VENTO: (Rindo): -stá bem. Voce que fazer umas ruindadezinhas. vamos, e não reclame depois as consequências, hem?

(A menina monta na cacunda do vento que começa a soprar. Dão uma vol ta pela cena sempre rindo e desaparecendo, ouvindo-se ainda por al gum tempo a gargalhada e o barulho do vento. Depois volta a cena um silêncio completo até a cena II).

#### C E N A II

(Entram Pedrinho, mãe , tia Adelaide e tia Aurélia; Todas assustadas)

PEDRO: Foi aqui, no meio da ventania.

TIA ADELAIDE (Baixinho): A cova do vento.

TIA ADALGISA: A cova do vento!...(se junta a tia Adelaide).

MÃE: E depois, Pedrinho, o que aconteceu? (Tia Aurélia sai de cena, desmanchando a cova.)

TIA ADELAIDE: Coisa boa é que não foi. Volta aqui, Aurélia, quer tam-  
bem ser raptada?

ADELAIDE: Raptada?

AURÉLIA: (Voltando assustada, mas dando risadinhas): Deus me livre!  
e guarde, Adelaide!

MÃE: Ela não pode ter desaparecido assim de qualquer maneira.

PEDRO: Não foi de qualquer maneira, mamãe. Ela começou a ventarolar'  
como sempre faz. Eu é que fui soprado. Meu controle é ruim. E  
depois...

TODAS: E depois...

PEDRO: Depois chamei o vento de covarde e foi a conta. (Aurélia dá  
risinhos compreensivos) "Ele se irritou e me soprou até aquela  
árvore ali. Fiquei preso lá um tempão e vi tudo. Eles conver-  
sando muito e riam também.

ADELAIDE: Eles quem?

PEDRO: Maria e o vento.

ADELAIDE: Conversaram como?

PEDRO: Conversando, ora. Conversa vem, conversa vai, ela montou na  
cocunda dele e lá se foram...

ADALGISA: Que conversa é essa de vento conversar? Você sabe, Pedro,  
que mentir é muito feio...

AURÉLIA: (Dando risinhos): Eu bem que gostaria de ter umas conversin-  
has com o vento...

ADELAIDE: Quieta Aurélia, senão te ponho no piano...

ADALGISA: Vocês não acham que já ouvimos demais este menino?

MÃE: Pedro, meu filho, conta tudo direitinho, sem inventar nada, que  
depois você ganha um presente.

PEDRO: Estou contando certinho como eu vi.

MÃE: E onde é que você acha que eles estão agora?

PEDRO: Bem, agora? (Calculando) Se pedirem a ajuda da ventania, que  
é a mãe dele...

MÃE: Mãe de quem?

PEDRO: Do vento. (Todas se entreolham) Se pedirem ajuda a ela já de-

vem estar perto do Ceará. Ele deve ter metido um sudoeste bravo. Pode ser também que tenham ficado para fazerem as tais desordens que Maria pediu...

MÃE: (Achando que o filho não está bem da cabeça): Toma, meu filho.' (Dá-lhe dinheiro). Vai tomar um sorvete bem grande (Pedrinho sai)

ADELAIDE: (Entredentes): Antipedagógico:

MÃE: Estou ficando aflita!

ADELAIDE: Pudera!

MÃE: Faz mais de seis horas que a menina sumiu. E foi daqui.....Pedro não diz coisa com coisa.

ADELAIDE: Acho que ele ficou meio atrapalhado da cabeça:...

ADALGISA: Teria sido ela raptada?

ADELAIDE: Mas é óbvio!...

MÃE: (Quase chorando): Vou avisar a polícia. Não aguento mais Fiquem aqui um pouco. Quem sabe ela aparece ?

ADALGISA: Ficar aqui sozinhas? E se ele aparecer?

Mãe: Ele quem?

ADELAIDE: o raptor!

AURÉLIA: O vento, Adelaide?

ADELAIDE: Sossega, Aurélia. Mande um guarda ao menos. Isto aqui não é, e nunca foi lugar para mocinhas,...

ADALGISA: Não é e nunca foi lugar para mocinhas...

MÃE: Vou depressa chamar o comissário Plácido (sai).

ADELAIDE: Eu disse... eu avisei...eu disse que não se deve deixar me ninos soltos por aí. (As duas passeiam aflitas pela cena, enquanto Aurélia alvoroçada observa tudo)

ADALGISA: Lugar de menino é na saia da mãe.

AURÉLIA: Quando eu era menina, gostava de costurar, de bordar...ah, gostava também de comidinha de fôlha, lembra Adalgisa? A gente misturava tudo numa latinha: Fôlha de ficus, fôlha de mamão, folha de...aquela que era veneno...agora., é verdade que eu também gostava (fala baixinho com medo das irmãs) de de andar na chuva e de....

ADELAIDE: Agora não é hora de lembrar essas coisas, Aurélia.

ADALGISA: Se fôsse minha filha, vivia trancada a sete chaves.

ADELAIDE: Era muito sapeca aquela Maria.

AURÉLIA : Gostava de brincar, a diabinha!

ADELAIDE: Eu bem que dizia...

AURÉLIA : Voce bem que dizia.

ADELAIDE: Mas a mãe não fazia o que eu dizia...

ADALGISA: Não fazia o que voce dizia...

AURÉLIA : (Como se repetisse uma lição) Eu dizia...tu dizias... ele'  
dizia....

ADELAIDE: Bem feito agora.

AURÉLIA : Mamãe sempre disse que quem faz mal feito não tem direito.

AS TRÊS : ... de se queixar.

AURÉLIA : (Depois de uma pausa) Adelaide, vento tem cacunda?!

ADELAIDE: Eu te prendo no quarto, Aurélia!

(Começa a soprar de repente um vento e as três começaram a rodapiar,  
Aurélia aprecia o rodopio como uma criança.)

ADELAIDE: Santo Deus, Santa Bárbara e São Jerônimo nos acudam!

AURÉLIA : Adelaide...Adelaide...me segura...me segura...que gostoso!

ADALGISA: Socorro! Não me empurrem...Adelaide...Adelaide, socorro!..

(As três desaparecem de cena gritando e tornam a aparecer dependura-  
das nas árvores. São bonecas. Dá plateia só devem ser vistas as per-  
nas das tias com calças antigas bordadas nas beiras; vindo de cima '  
as vozes pedindo por socorro. Chega uma velhinha mais velha do que  
elas. É a avó dos meninos e mãe das tias.

VOVÓ: Adelaide! Adalgisa! Aurélia! Voltem para casa meninas... onde  
se meteram essas meninas...Se o Jaime sabe disso...

TIAS: Socorro! Socorro! (A velhinha finalmente olha para cima e dá'  
com as filhas dependuradas nas árvores, a velha é meio surda)

VOVÓ: Meninas, desçam já daí. já...já...

ADELAIDE: Estamos prêsas, mamão.

VOVÓ: Quem mandou voces subirem em árvore? No meu tempo árvore era '  
feita para enfeite da natureza..e também para dar frutos...Des-  
çam já daí. já proibi várias vezes.

ADALGISA: Estamos prêsas, mamãe.

ADELAIDE: Chame o corpo de bombeiros, mamãe...

VOVÓ : Desça já daí, Aurélia, ou chamo teu pai.

AURÉLIA : Me empurraram, mamãe, me empurraram...

ADELAIDE: Os bombeiros mamãe!

VOVÓ : Até voce, Adelaide...e abaixe já esta saia. Que modos são esses de mostrar as calças desta maneira...

(Começa a soprar um ventinho leve que delicadamente empurra a velhinha.)

VOCÓ : Não empurra, Jaime... não empurra...já disse que não vou para casa...não quero entrar...já disse...(E vai saindo : Não empurra Jaime...não empurra...

### C E N A III

(Silêncio na cena. Entra o reporter segurando um microfone com um fio enorme. Olha para todos os lados, verifica que a praia está vazia.)

REPÓRTER: Que furo! Sou o primeiro! Alô, Alô, Rádio da Praia, estamos transmitindo diretamente do local do rapto da indiguitosa Maria de Almeida. Para os ouvintes dos Estados, tenho a informar que se trata de uma praia deserta e mal encarada, os pescadores a chamam de Cova do Vento. Pois é uma cova, caros ouvintes, a cova da jovem Maria trágica - mente desaparecida nas primeiras horas da manhã, Nossas Emissoras - numa gentileza dos Perfumes Ventania, a brisa que refresca - estão dando em primeira mão a reportagem completa sôbre o desaparecimento trágico da jovem Maria, a luna exemplar...

ADELAIDE: Isto é que ela não era...

REPÓRTER: (Procurando ver de onde vem a voz): Como ia dizendo, caros ouvintes, a brisa que refresca é um perfume Ventania, e a jovem Maria...

ADALGISA: (Voz débil): Socorro! Socorro!

REPÓRTER: (Descobrendo as tias): Caros ouvintes, a situação aqui na cova do vento se agrava. Do alto das enormes árvores que circundam a cova do vento partem lancinantes apelos de so-

corro. Será a indigitada jovem? É o que verificarei num' sensacional esforço de dar em primeira mão e sem nenhum ' medo dos prováveis perigos que terei de enfrentar numa reportagem completa do maior rapto do século. Sou corajoso prá burro e verei o que está acontecendo. Vejo a distinta senhora dona Adelaide e suas estimadas irmãs penduradas nos galhos das árvores pedindo socorro. Elas estão numa posição bastante incômodas. Vou entrevistá-las neste instante, antes que elas morram. Dona Adelaide e suas inseparáveis irmãs são tias da pobre Maria. Boa tarde, dona Adelaide, quer fazer algumas declarações para as nossas emissoras, numa gentileza dos perfumes ventania?

AURÉLIA : A brisa que refresca?

REPÓRTER: (Com a força do hábito): Isto mesmo, acertou! A senhora terá direito a um cupom numerado que, com mais dez cupons de respostas certas, lhe dará direito a um frasco, absolutamente grátis e o direito a concorrer no próximo concurso: O vento é o limite.

AURÉLIA : Ganhei! que felicidade!

(O vento começa a soprar e o repórte tenta dar sócos no ar, finalmente se nerola no fio do microfone e cai no chão desmaiado, o vento cessa)

AURÉLIA : Como numa canção de criança): A brisa que refresca.... a brisa...a brisa que refresca...(Depois todos silenciam).

#### C E N A IV

(Entra Pacífico, o policial, seguido de Crispim. Os dois se espantam diante do corpo do repórter.)

PACÍFICO: Um defunto!

OS DOIS : (Chamando): Chefe!

(Entra o comissário fumando charuto)

COMISSÁRIO: (Vendo o repórter): Ninguém toca no cadáver.

(Os policiais meio apavorados observam o local e dão com as tias de penduradas.)

OS DOIS : Veja, chefe! Três damas enforcadas!

COMISSÁRIO: Uma menina raptada, um repórter abatido, amarrado, espan

cado e morto, três damas enforcadas. Num só dia e tudo na cova do vento - lugar sombrio, desabitado a um quilômetro da cidade. Este é um dos casos mais complicados.

ADELAIDE: Depressa, polícia, já não aguento mais!

PACÍFICO: Ainda não morreram...

CRISPIM : -ntão é porque ainda estão vivas!

COMISSÁRIO: Vivas? Tanto melhor! (Aos policiais) subam às árvores e retirem os corpos de delito, isto é, as velhas. Cuidado com as impressões digitais. (Os guardas saem) As senhoras tem que declarar à polícia o que estão fazendo aí.

AURELIA : Estamos vendo a vista, senhor comissário, estamos vendo a vista...(Risinhos).

COMISSÁRIO: (Tomando nota de tudo num caderninho): Vendo a vista! Favor declararem domicílio, estado civil, nacionalidade e idade...

ADELAIDE: Era só o que faltava...

(O repórter começa a se mexer)

COMISSÁRIO: Este também ainda está vivo! (Ajudando o repórter a se desvencilhar do fio do microfone) O senhor tem alguma coisa a declarar à polícia?

REPÓRTER: (Olhando para todos os lados com medo): Senhor comissário, fui atacado por um mostro. Tentei tudo...(Pegando de novo o microfone) O dever de um repórter é informar. Rádio Praia continuando a reportagem interrompida por uma covarde agressão. Sou um mártir da imprensa e da verdade. (Enquanto isto o comissário examina o local e toma notas.) Ao ver as senhoras enforcadas nas árvores tentei salvá-las, mas o agressor me bateu. Tentei lutar, / mas não se tratava de um único homem e sim de uma quadrilha. (O vento dá uma lufada.) Senhor comissário, sou corajoso pra burro e ouvintes sabem disto, mas convém a gente sair logo daqui, porque eles podem voltar.

COMISSÁRIO: Um momento, (Continua examinando tudo)

REPÓRTER : (Querendo descobrir assunto para os ouvintes) Tem alguma coisa a declarar aos nossos ouvintes? (O comissário não responde) O senhor gosta dos perfumes ventania?

COMISSÁRIO: Bem... (O repórter faz sinal para ele dizer sim) goste <sup>1</sup>  
sim...

(Neste momento as boneças começam a se mexer e ouve-se as tias e os policiais. O comissário e o repórter acompanham seus movimentos)

ADALGISA: Estão me fazendo cócegas! (Aurélia ri)

ADELAIDE: Não me toque, polícia!

PACÍFICO: Então como é que é, madame? Tem que sair, não tem? Eu tenho que segurar, ora!

ADALGISA: Não me faz cócegas, polícia...

CRISPIM: Segura meu braço, madame.

ADALGISA: Senhorita, faz favor.

CRISPIM: Agarre a velha, Pacífico.

COMISSÁRIO: Isto, Crispim...

(Os bonecos desaparecem. O repórter continua a entrevista com o comissário.)

REPÓRTER: E agora, diga senhor comissário Plácido, a polícia promete aos nossos ouvintes descobrir tudo deste horrível rapto? Tudinho?

COMISSÁRIO: Promete sim. Tudinho. A polícia vai descobrir tudo porque a polícia foi feita para descobrir tudo. Se não descobrir tudo hoje, descobre amanhã, se não descobrir depois de amanhã, acaba mesmo descobrindo, por isso é bom que a quadrilha apareça logo para não dar muito trabalho à polícia.....

(Chegam as tias e os guardas. As tias estão com os chapéus fora do lugar, as saias levantadas, pedaços de folhas na cintura, enfim tem que dar a impressão que estão descendo das árvores.)

ADELAIDE: Isto é um ultraje!

ADALGISA: Duas horas penduradas nas árvores!

AURÉLIA: Parecíamos três judas em sábado de aleluia! (O repórter procura colocar o microfone à frente de cada um que fala) lá de cima vi o senhor comissário tão pequenino que parecia o mico de dona Dalcina. (Risinhos)

ADELAIDE: Chega, Aurélia. Isto não são horas para se chamar o sen

Handwritten initials or signature in the right margin.

hor comissário de mico. Exijo providências urgentes. Isto não são maneiras de se tratar três noças de família. Se a polícia não tomar medidas urgentíssimas....

ADALGISA: Urgentíssimas....

AURÉLIA : (Só para fazer cômico): Urgentíssimas....

COMISSÁRIO:(Tirando uma fita métrica e começando a tomar medidas das senhoras): Serão tomadas medidas urgentíssimas, dona Adelaide.

REPÓRTER : O Sr. Comissário Plácido Epaminondas, comissário emérito da polícia local, está começando a tomar as medidas urgentíssimas pedidas por dona Adelaide.

COMISSÁRIO:A medida mais urgente que qualquer polícia do mundo tomaria é de interditar o local. A cova do vento está interdita....

REPÓRTER: O local acaba de ser interditado porque as damas pediram providências urgentíssimas.

(Uma forte lufada de vento faz todo o grupo dar um passo a frente 'repentinamente'.)

AURÉLIA : É ele!

(Adelaide pensando que Aurlélia está se referindo ao comissário que está ao seu lado lhe aplica um enorme tapa nas bochechas.)

ADELAIDE: Ah...então é o senhor! (Tapa: uma nova lufada e Adelaide é jogada nos braços do comissário. O vento continua e a confusão começa.)

COMISSÁRIO:Senhora Adelaide!

ADELAIDE : Que indecência (Depois de muito rodopiarem o vento cessa de repente e todos se recompõem.)

COMISSÁRIO:Vamos embora. As declarações tomarei na chefatura.

ADELAIDE :Vamos meninas...

ADALGISA : Isto é uma pouca vergonha,..(Vão saindo todos juntos quando o vento recomeça e tráz o grupo de novo arrastando para o fundo do palco. A estas já devem estar meio apavorados.)

COMISSÁRIO:Vamos embora, já disse! (Tomam a sair com mais cautela e de novo o vento os tráz de volta. Ai já estão gritando

150  
M

de pavor.)

COMISSÁRIO: Vamos embora, torço e dizer. (Adelaide se agarra ao comissário. Adalgisa em Adelaide, o repórter se pendura no fio do microfone, os policiais se grudam um ao outro e saem devagarinho., para não despertarem o monstro Auréli a mais atrás diz no silêncio:)

AURÉLIA: É ele! (ao ouvir isto todos fogem esbaforidos, gritando' por socorro; desta vez o vento não sopra!

C E N A 7

(Entra a mãe, aflita e cautelosa, procurando em volta e chamando 'baixinho.)

MÃE: Maria! Maria! Volta, Maria, para sua casa!... (A mãe começa a chorar. Ao mesmo tempo uma brisa leve começa a soprar. A mãe se assusta, lembrando-se da estória que Pedrinho contou. Do alto vem descendo um enorme pergaminho.)

MÃE: O que é isto? (pega o pergaminho).

(Quando a mãe começa a ler a carta, a luz da cena é diminuída, no fundo são projetadas, através de um projetor instalado no plateia' várias fotografias de Maria, de nuvens, de mar, de bichos, de cidades antigas, de Maria de novo de modo que dê a impressão de que ela está viajando. Ouve-se mesmo tempo a voz de Maria através do microfone. A voz pode ser acompanhada de música bem ao fundo sugerindo brisa.)

MARIA (voz): Mãe, estou voando por aí. Não fiquem aflitos. conheci dona ventania e sua filha Brisa, que é muito delicada e amável. O vento é meu amigo e na cacunda dele tenho visto coisas lindas. Vi prais enormes, sem fim! E nuvens e nuvens e mais nuvens. Vi bichos, cidades e terras secas. Vi tudo verdinho e florido. Não vou mais precisar de estudar para as aulas de tia Adelaide porque já aprendi tudo. As coisas mostradas, a gente aprende mais depressa e mais bonito. Até acho que já amo o nosso Brasil. As coisas longe ficam perto, o que era feio e culpa era de tia Adelaide que enfeitava tudo, coitada, nunca andou na cacunda do vento. E por isso. Também vamos fazer desordens por aí, mas é para variar de todo dia, depois eu volto. O vento perguntou se eu que

ria virar brisa do mar. Estou pensando ainda. Gosto muito de mar. Mas acho que prefiro ser eu apesar de tudo. A gente se acostuma tanto a ser gente que não quer mais largar de ser. Acho que é isso que está me botando na dúvida, Não precisa ficar aflita, mãe, o vento é bom elemento e manda lembranças. Estamos agora bem no meio do Brasil. A cachoeira do Iguaçu é um bocado bárbara. Beijinhos, Maria.

157  
M

MÃE (A luz volta a cear): A letra é dela, o jeito é dela. E se ela virar brisa de mar? Polícia! Polícia! Senhor comissário! Senhor comissário! Minha filha brisa de mar! Que horror! Polícia! Polícia! (sai gritando).

C E N A VI

(Entra tia Aurélia segurando uma enorme ventarola; corre pela cena imitando Maria. Depois escuta a voz de Adelaide chamando e se esconde rapidamente na coxia.)

ADELAIDE: Aurélia!

ADALGISA: Será que ela teve a ousadia de vir sozinha? (As duas estão apavoradas e se agarram uma na outra; Adelaide tropeça numa pedra e cai numa posição incomôda, de quatro, sua raiva ainda aumenta mais).

ADELAIDE: Meu lumbago!... Sei que voce está escondida por aqui Aurélia!

ADALGISA: Trate de aparecer, Aurélia, sabemos que voce está escondida por aqui. Não adianta desobedecer Adelaide. Voce sabe de disso, Aurélia.

ADELAIDE: O que sempre perdeu Aurélia foram as más companhias....

ADALGISA: (Ofendida): Nós, Adelaide?!

ADELAIDE: Claro que não. Adalgisa! Ora vejam só:.. Maria e Pedro nunca foram companhia para Aurélia. Ela sempre se deixou levar pelas crianças!

ADALGISA: Sempre se deixou levar!

ADELAIDE: Sei que voce está escondida, Aurélia!

ADALGISA: Aurelinha, trate de aparecer!

ADELAIDE: Trate de aparecer logo porque senão o castigo vai ser pior

ADALGISA: Maninho, o paragal ...

(Aurélia com muito medo trata de escapar pelo fundo do palco mas é descoberta por Adalgisa).

ADALGISA: Ah! Ai!

ADELAIDE: O que é que você estava fazendo na cova do vento?

ADALGISA: Não sabe que isto não é lugar para mocinha?

(Aurélia diz que sim com a cabeça)

ADELAIDE: Ah! Não quer responder, não é?

ADALGISA: Responda, Aurélia, senão ela te castiga. Você quer ser raptada?

(Aurélia diz que sim com a cabeça)

ADELAIDE: Ah! Então é isto? Quer ser raptada? Irá para casa imediatamente e escreverá duzentas vezes: "lugar de moça é no piano, quem vive na rua não tem tutano".

(Adelaide agarra Aurélia por um lado, Adalgisa pelo outro lado e levam Aurélia suspensa enquanto repetem:)

AS DUAS: lugar de moça é no piano, quem vive na rua não tem tutano.

(SILEN.)

CENA VII

(Entra o comissário com o pedrinho, os dois guardas, meio apovoados; um deles leva uma malinha onde se lê Perícia. A mãe os segue segurando Pedrinho pela mão.)

COMISSÁRIO: Foi aqui que isto apareceu?

MÃE: Uma trisa soprou de repente e veio empurrando a carta devagarinho até aqui!

COMISSÁRIO: Guardas, vigiem tudo. Qualquer coisa suspeita, avisem.

PACÍFICO: Vigiar o que, chefe?

COMISSÁRIO: Por aí... por cima.... por tudo.

(Pacífico olpa o dedo e coloca-o na posição de verificar a direção do vento)

CRISPIM: O senhor não quer tirar as impressões digitais?

COMISSÁRIO: De que, seu burro? (Todos se entreolham.)

PEDRO: Só se fôr do vento.

MÃE: Cale-se, Pedrinho. Quer enlouquecer mais a gente?

PEDRO: Eles agora devem estar fazendo miséria.

PEDRU: Eles agora devem estar fazendo miséria.

COMISSÁRIO (Pegando Pedrinho pelo cangote): Eles, quem?

PEDRU: (Com simplicidade): Maria e o Vento.

COMISSÁRIO: Quem é este?

PEDRU: O Vento, ora. Maria saiu voando na cacunda d'êlo.

COMISSÁRIO (Irritado): Rapazinho, trata-se da vida de uma menina, de sua irmã. Trata-se também da vida do país, do mundo, da humanidade. Uma menina não pode sair na cacunda do vento, está ouvindo?

PEDRU: Não podia, senhor comissário. Não podia, mas pôde.

COMISSÁRIO: Podia também bater um repórter? Enforçar três senhoras e escrever uma carta?

PEDRU: Ora, senhor comissário, o senhor é muito ingênuo, não conhece o vento. Por que não pode, diga?

COMISSÁRIO: Porque dois e dois são quatro, menina é menina, vento é elemento elementar da natureza, polícia é polícia e você vai dizer a verdade, está ouvindo?

MÃE (Aflita): Senhor comissário, ele não tem culpa.

COMISSÁRIO: Menino de hoje, sempre tem culpa.

PEDRU: Senhor comissário, e se dois e dois não forem quatro, e o vento tiver cacunda, hem? E a polícia....

OS TRÊS: (Interrompendo) E a polícia, o quê?

PEDRU: .... Não entender nada de vento e eu estar dizendo a verdade?

COMISSÁRIO: Este menino está atrapalhando os bons trabalhos da polícia. Se continuar assim terei que mandar prendê-lo.

MÃE: Não se aflija, senhor comissário; toma, Pedrinho, toma dinheiro para você comprar sorvete.

PEDRU: Já estou cheio de sorvetes e o comissário não descobre nada.  
(Tira a língua para o comissário.)

COMISSÁRIO: Monstrinho irritante! (Pacífico e Crispim, voltam!,  
(Voltando à carta) "mamãe estou voando" (Olha para cima, os outros fazem o mesmo) "as coisas longe ficam perto", esta carta deve ser em código; "já amo mesmo o nosso Brasil"; êste negócio de amar o Brasil é coisa suspeita; "fazer desordens... vamos fazer umas desordens

é coisa suspeita: fazer desordens... vamos fazer umas desordens  
nem? Guardas a postos! Não estou gortando nada disso... Isto está  
me cheirando a muita desordem. Temos que defender a ordem consti-  
tuída....

MÃE: (Não entendendo nada, aflitíssima): E se ela virar brisa,  
senhor comissário?

COMISSÁRIO: Brisa? Quem?

MÃE: Minha filhinha. O senhor não viu? (Mostrando a carta)  
O vento convidou-a para virar brisa de mar. Aqui, olha...  
(Os dois lêem baixo o trecho da carta.)

COMISSÁRIO (Fazendo um ar inteligentíssimo): O vento... Vento?  
Vento deve ser pseudônimo de algum espião ou chefe de ban-  
do. João Vento, Pedro Vento, Zé Vento, Chico Vento....  
Sabe-se lá...

PACÍFICO: Conheci um Chico Vento que era ladrão de pão doce lá nu-  
ma padaria de minha terra.

CRISPIM: Quem sabe, chefe, não é caso de astronáutica inimiga?

PACÍFICO: Disco voador....

CRISPIM: Planeta Marte....

COMISSÁRIO: (Conclusivo) Não. Nada disso. Está tudo ficando claro.  
A coisa é aqui na terra mesmo. Vento é sobrenome de um  
bandido.

MÃE: (Soluçando) Minha filha!

COMISSÁRIO: Sobre isto não tenho a menor dúvida. Usou a menina pa-  
ra fazer crer a nós, da polícia, que se tratava do vento mesmo...  
e...

PACÍFICO: E o menino?

COMISSÁRIO: Enlouqueceu o menino com alguma droga; derrubou o rep-  
órter...

PACÍFICO: E as velhas?...

COMISSÁRIO: Dependurou as velhas e finalmente mandou esta carta  
cifrada que só pode enganar aos tolos (Vendo que a mãe chora) e as  
mães. Então querem fazer umas desordens na cidade, hem! Querem en-  
ganar a polícia!

155  
M

BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

156  
M

ganar a polícia;  
CRISPIM: Mas então, o êste vento que soprou e quase derrubou a gente? Como é que vossa Excelência explica isto, hem?!

COMISSÁRIO: Sou burro, aquilo não era vento natural da natureza; era sopro de algum aparelho, um aspirador gigante, um ventilador atômico... (Sua fala cheia de gesticulação é interrompida por um pequeno pára-quadras sustentando uma carta que vem caindo de cima; o fica estático) Ninguém toca! (Com cuidado pega a carta e guarda o pára-quadras no bolso de perócia; depois começa a ler a carta) "Chega, Comissário Plácido Epaminondas Cavalcadura".... alguém que me conhece de nome..."me deixa em paz e desinfeta a minha cova"...Grussei - rão! Continue sendo, Pacífico, não posso mais. (Fica de muito mau humor.)

PACÍFICO: (Continuando a ler a carta): 2 desinfeta a minha cova, se não eu sopro o sr. para sempre e quem vai ter dor (de cabeça) digo, de coração é a senhora Epaminondas. O sr. não tem mais o que fazer? Já está bom grandinho para brincar com o vento".

COMISSÁRIO: (Que está cada vez mais furioso enquanto seus policiais não aguentam de vontade de rir): Está assinada?

PACÍFICO: Não.

MÃE: É fato? Estou grandinho, hem?! Querem luta? Pois então então! Para começar, Pacífico e Crispim, apanhem um pouco dêste ar (Tira da mala de perócia dois apanhadores de borboletas e entrega-os aos policiais.)

É preciso mandar um sábio examinar a natureza dêste vento, a composição química, dêste sopro fabricado.

MÃE: E minha filha? Se ela virar trisa do mar eu morro.

COMISSÁRIO: (Distraído): Pois morra. Quero dizer... sua filha está em perigo de vida, minha senhora. Linto dizô-lo, mas a polícia tem que dizer tudo. Dou a quem doer. Sua filha foi levada como refém para provocar a polícia e começar o rififi. O hiruta concidou-a para ser senhorita trisa do mar. Talvez tenha feito de sua filha uma espiã inimiga. Pôre mão! (Tira um lenço prêto e dá para a mãe enxugar as lágrimas) Faremos tudo que está ao nosso alcance para solucionar esta intriga.

gar as lágrimas) Faremos tudo que está ao nosso alcance para solu- 25  
cionar esta intriga.

Mãe: Mas quando poderei revêr minha filhinha?

COMISSÁRIO (Categórico): Hoje! Se não fôr hoje, será amanhã, se não  
fôr amanhã, será depois de amanhã, se não fôr depois de amanhã se-  
rá algum dia. Ninguém engana a polícia. A polícia acaba sempre des-  
cobrindo tudo. (Uma ligeira brisa começa a soprar) Agora peço a senho-  
ra para ficar aguardando minhas ordens em casa. E por favor não  
deixe seu filho sair. Guarde bem o seu monstrinho. (acompanha a mãe  
para fora de cena.)

(Crispim e Pacífico fazem mímica de quem está querendo pe-  
gar o vento com os papa-borboletas e quando o chefe volta fumando  
nervoso outro charuto eles se apresentam.)

PACÍFICO: Pronto, chefe.

COMISSÁRIO: (Entregando tudo a Crispim): Vá depressa ao departamen-  
to de meteorologia e entregue este vento para o sábio examinar, de-  
pressa Crispim. (Crispim sai.) O celerado deve estar por perto.  
Suas máquinas de fabricar vento armada engenhosamente na cova do  
Vento. Aqui certamente, é a sede da quadrilha. Coisa bem pensada.  
Crime quase perfeito não fôr aqui o Plácido Enaminondas. (Ele es-  
tá agitadoíssimo) Pacífico!

PACÍFICO (Beio apavorado): Sim, chefe.

COMISSÁRIO: Tenho um plano para a captura imediata do inimigo. A  
cova do Vento deve ficar interdita a qualquer intruso. Vá bus-  
car a tabuleta.

PACÍFICO: Sim chefe. (Vai e volta com uma tabuleta onde se lê :  
Proibido passar pela Cova do Vento.)

COMISSÁRIO: Todo aquele que esta noite puser os pés aqui será sus-  
peito de pertencer ao bando do Chico Vento, ou Pedro Vento ou Ven-  
to de Tal. (Falando como em segredo para Pacífico) Eles devem vol-  
tar aqui esta noite. Estão por perto, senão não mandaríamos (A  
Carta).... Vamos nos esconder e fazer crer a eles que estamos sós  
e que o campo está livre. (Usando um tom de voz normal, falando os

tentivamente alto para ser ouvido) Irei parar a delegacia e voltarei aqui amanhã de manhã. Vamos, Pacífico.

PACÍFICO: (Querendo imitar o chefe e falando ainda mais forte):

Estamos indo embora.... Vamos embora chefe.

COMISSÁRIO:(Dando uma volta pela cena, pisando e falando ainda mais forte): Estamos indo embora...

PACÍFICO: ( Enquanto o chefe sai de cena): Já fomos embora!(Os dois tornam a aparecer pela entrada do proscênio) Inteligente, hem chefe!( O comissário se envia deco, faz psiu, toma o revólver e espera escondido na frente da cortina.)

C E N A VIII

( O comissário espera algum possível intruso. Anoitece na cova do Vento, No meio da cena a tabuleta. Pé ante Pé surge tia Aurélia sozinha, uma muleta na mão)

AURÉLIA: (Chamando): Vento! ...Ventinho....Ventaniaaaaaa....

COMISSÁRIO:(ebredentes): Reunião da quadrilha: Estão todos no Papo.

AURÉLIA: Mariaca... ôôôôô! Estou prontinha para a viagem pelo mundo afora.(Entra Pedrinho entre cauteloso e estaforado.)

PEDRO: Tia Aurélia, o que é que a senhora está fazendo aqui? Volta para casa. Se a polícia descobre, estamos fritos...

AURÉLIA: Briquei com Adelaide. Eu estava aprendendo a ventarolar no quintal, então ela me pôs de castigo e então eu resolvi também passar para o lado do vento...

COMISSÁRIO: Toma nota, Pacífico, Ela quer passar para o lado do tal vento. É uma suspeita.

PACÍFICO: Já estou escrevendo.

PEDRO: E se eles não ~~me~~ vierem esta noite?

(Comissário faz sinais para Pacífico tomar nota.)

AURÉLIA:( Não é aqui a cova dele? Ele não tem que trazer Maria de volta?

PEDRO: Mas tia Aurélia a senhora tem coragem de ir lá em cima nas nuvens?!

AURÉLIA: Ah...tenho!

PEDRO: Mais acima ainda! Na estratosfera. Para cima do azul!?...

AURÉLIA: Do azul? Que maravilha! Vamos logo, Pedrinho...

PEDRO:Então está bom. Vou com a senhora.....Mas..... A senhora sabe ventarolar?

COMISSÁRIO: Código.

AURÉLIA: Sei sim. Veja. (Quando ela vai dar uma rodopiada dá com a tabuleta do comissário) Iii, elha aqui, Pedrinho.

PEDRO: (Lendo): Proibido passar pela cova de Vento. Isto é coisa do comissário. (Tira a tabuleta e joga-a fora de cena.)

AURÉLIA: Comissário burro. Ele quer proibir o vento de ventar! ah! ah! ah! (comissário quando se ouve chamar de burro fica furioso.)

COMISSÁRIO: Burro!

PACÍFICO: Tomo nota disto também?

COMISSÁRIO: Quietos, meu caro!

PEDRO: Ele é burro, mesm. Não entende nada de nada. Vai se estrepapar um dia desses.

AURÉLIA: É só o vento querer que ele fica dependurado como um enforcado naquela árvore.

PEDRO: Se o vento quiser pode mandá-lo para a China, para o Japão..

AURÉLIA: Para Minas Gerais... (O comissário se aproxima furioso com o revólver apontado para Pedrinho que está de costas para ele; Aurélia, que está de frente, percebe a manobra e faz gestos aflitos que, entretanto, não são percebidos por Pedrinho.)

PEDRO: ...Para o Alfaganistão, para...

COMISSÁRIO: ...Para o xadrez. Estão presos como suspeitos de pertencerem ao bando do tal Vento, a não ser que expliquem o que faziam a estas horas da noite na Cova do Vento.

PEDRO: Estávamos esperando o Vento.

COMISSÁRIO: Toma nota, Pacífico.

AURÉLIA: (Furiosa): O senhor não tem nada com isto. (Começa a dar socos no peito do comissário) O senhor não é meu pai nem minha mãe para...

COMISSÁRIO: Desrespeito a autoridade!

PEDRO: (Tentando deter tia Aurélia): Tia Aurélia, a senhora não pode bater no comissário...

(Tia Aurélia se desprende e tenta fugir gritando.)

AURÉLIA: Vento, Ventinho, sopra este homem para longe...

(Pacífico consegue prendê-la.)

COMISSÁRIO: Então confessem que estavam esperando o bandido para nos ataques, hem? De malinha pronta, hem? (Aurélia consegue se desprender de Pacífico e reconeça a correr agarrada na malinha mas desta vez o comissário também a prende.)

COMISSÁRIO: Pacífico, veja o que contém essa valise. Cuidado com as impressões digitais.

PACÍFICO: Vista séria.

COMISSÁRIO: Confere. O que mais?

PACÍFICO: Um xale...Uma Kodak.

AURÉLIA (Quase cantando, sempre prêsá pelo comissário): É falta de E

ducação mexer nas coisas dos outros...é falta de educação mexer nas coisas dos outros... (O comissário tenta tancar-lhe a bôca mais recebe uma mordida.)

COMISSÁRIO: Peste! Guarde tudo para ser examinado e leve-os para o xadrez. (Quando os dois estão já fora de cena vem vindo a mãe.)

VOZ DA MÃE: Mas o que é isto?

VOZ DE AURÉLIA: Foi aquêlê burro do comissário... (A voz se perde e a mãe entra em cena.)

MÃE: Mas o que é isto?

COMISSÁRIO: (Apontando-lhe o revólver): É isto mesmo. Seu filho está prêso. Suspeito de pertencer ao bando.

MÃE: Pedrinho suspeito de ser bandido? Tia Aurélia também?

COMISSÁRIO: Exato.

MÃE: Minha filha, brisa do mar, meu filho, bandido...Ohhhh!(Desmaia)

COMISSÁRIO: Também é biruta. Se a filha é espiã, o filho é bandido, a mãe também é suspeita. Mãe de peixinho, peixe é. A senhora, favor explicar o que estava fazendo a estas horas da noite na Cova do Vento. Ah!... Não quer responder? Ninguém pode explicar, por que ninguém quer explicar. (a mãe volta a si) Idade? Estado civil? onde está seu marido?

MÃE: Está viajando...

COMISSÁRIO: Domicílio? (O comissário faz tôdas estas perguntas numa arrancada só, e a mãe diz apavorada.)

MÃE: O delegado está ficando maluco...O delegado está ficando maluco!  
(Sai)

#### C E N A IX

COMISSÁRIO: Será prêsa também! E agora, mãos a obra. (Tira uma enorme corda da malinha de perícia e começa amarrando-a no tronco da árvore; depois amarra na própria cintura. Vem chegando Crispim muito assustado e fica estatelado as mãos nobras do chefe.)

COMISSÁRIO: Quero ver se êle me arranca daqui...O que é que há, Crispim?...

CRISPIM: (Olhando o ambiente): E se...o...Começar...a...

COMISSÁRIO: O que, imbecil?

CRISPIM: O outro, o da atmosfera mesmo.

COMISSÁRIO: Quero ver se êste vento falso, esta brisa química, êste Zé Vento, João Vento, Chico Vento...se êste sôpro de laboratório pode derrubar Plácido Epaminondas de Souza Administrativo, classe M, do quadro permanente, nível 20, com quatro quinquênios...

(Ouve-se uma forte gargalhada, e uma lufada de vento)

CRISPIM: (Apavorado): Se não é vento então é macumba..(aj se benzerdo)

COMISSÁRIO: Venha, vento falso...Vento...(Outra gargalhada mais perto. O comissário bem amarrado em sua corda começa a se aproximar do proscênio desconfiado. Sem que veja, no fundo da cena aparece o Vento levando a menina pela mão.)

VENTO: Quem é Vento falso?

(O comissário fica completamente paralisado. O vento pega na ponta da corda que está presa na árvore e começa a puxar o comissário que cede; depois fica em posição de luta, e dá com a enorme figura de vento.)

MENINA: Boa noite, senhor comissário.

COMISSÁRIO: O carnaval já acabou, sr. Vento de tal. O senhor pode enganar uma criança mais não a polícia. Está preso, palhaço por rapto de menor, por espancamento de um profissional de imprensa, por desrespeito às senhoras de idade, por alta traição e por... (O vento dá uma grande soprada; o comissário procura resistir heróicamente e volta ao ataque);... e por empregar meios quínicos, falsos ventos contra autoridade consti... (Nova soprada que faz o comissário recuar)

VENTO: (Brincalhão): E por que mais, senhor comissário? (O comissário tira o revólver e aponta para o vento, mas este é arrancado violentamente por um sopro mais forte e desaparece no ar; a menina ri sem parar.)

COMISSÁRIO: Está preso, já disse, e não tente resistir...

VENTO: Venha me prender. sr. Comissário.

COMISSÁRIO: Pois vou mesmo. (Desta vez o comissário cai no chão de pernas para o ar. O vento e a menina não param de rir.) Você também será presa menina. Já está tudo no xadrez.... (O vento e a menina param de rir). Sua mãe está presa.... seu irmão, sua tia...

MARIA: (Começando a chorar): Mamãe presa! Por que?

COMISSÁRIO: Família de ventoilhas!...

MARIA: (Chorando para o vento): Mamãe está presa, vento! E agora?.... (Chora) (O vento furioso, dá uma grande lufada e o comissário começa a ventarolar pela cena tentando dar socos, mas finalmente desapa- parece enquanto o vento sopra olhando para cima para dar a impressão que o comissário está subindo.)

COMISSÁRIO: uuuuuuuuuuuuuuu! (Desaparece)

MARIA: Depressa vento. Tira todo mundo da prisão...mamãe presa! Onde está o comissário?

VENTO: Está vendo aquele pontinho em cima daquela árvore enorme, perto da jaqueira?

MARIA: Estou

VENTO: Pois é ele.

MARIA: E agora?

VENTO: Não era voce que queria fazer umas descordens?

MARIA: Queria (Chorando muito)...Mas não estou querendo mais... Quero minha mãe de volta, quero Nedrinho...e todos...(Continua chorando).

VENTO: (Aflito): Está bem, não precisa chorar tanto...vou soprar tudo de volta. Vou largar um vendaval, um ciclone, um tufão de derubar paredes...(vai dando gargalhadas.) Um tufão...um vendaval,...ah!...ah! ah! ah!...

MARIA: E eu, Vento? E eu?

COMISSÁRIO: (Voz bem do alto e de longe) Socorro! Socorro!

168  
88

MARIA: Senhor comissário! Senhor!... (Vêm chegando, muito assustada, Crispim e Pacífico; ao verem a menina ficam de boca aberta como se estivessem vendo um fantasma.)

PACÍFICO: A menina!...

CRISPIM: Tem mau olhado nisso...

MARIA: Deixem de bobagens e tratem de salvar seu chefe.

PACÍFICO: Chefe, onde?

MARIA: Lá em cima, seus bobos.

(Crispim e Pacífico olham para cima.)

PACÍFICO: O chefe lá em cima.

CRISPIM: Vai dar cana.

PACÍFICO: Chefe, o que é que o senhor está fazendo aí em cima;

COMISSÁRIO: (Voz): Imbecis, peguem uma corda!...

(Os dois correm pela cena como patetas atrás de uma corda e saem)

(Maria, sentada numa pedrinha, começa a chorar baixinho quando começa a soprar a vendaval fora de cena. Ouve-se um piano tocando as escalas desordenadamente, depois barulho de coisas quebrando e começa o terrível vendaval. Fôlhas mortas caem de cima, pedaços de música, chapéus de todas as espécies, uma roda de bicicleta passa pela cena. Maria faz o sinal da cruz e espantada acompanha a chegada desses objetos estranhos. Passa sua avó com o guarda-chuva virado ao contrário, puxada pelo vento.)

MARIA: Vovó! (Mas a velhinha não vê e passa. Finalmente o vento diminui e chega também redondinho levemente a mãe. Elas não se veem logo.)

MÃE: Maria!

MARIA: Mãe! (As duas se abraçam.)

MÃE: Onde é que você estava, minha filha?

MARIA: Não recebeu minha carta?

(Nova lufada de ventos atrás tia Aurélia rodopiando e rindo).

MARIA: Tia Aurélia! (As duas se abraçam, Maria levanta tia Aurélia no colo, num rodopio.)

AURÉLIA: Minha maluquinha querida!

(Outra vez trás tia Adelaide enrolta num piano verde e amarelo, sugerindo a bandeira, e tia Adalgisa segurando restos de um piano, As duas rodopiam e caem sobre as pedras. As fôlhas continuam sempre caindo.)

MARIA: (No meio do barulho de vento). Bênção tia Adelaide, bênção tia Adalgisa.

ADELAIDE: Deus te abençoe. Então foi devolvida, hem...

(Pedrinho também é jogado na cena violentamente segurando um pedaço do grade de prisão.)

MARIA: Pedrinho?

PEDRO: Maria! (Quando vão se abraçar todos são rodopiados.)

PEDRO: (Olhando para cima): Vejam. O comissário depanurado!

162  
4

TODOS:(Rindo): O comissário dependurado!

RIA ADELAIDE: O castigo anda a cavalo!...

AURÉLIA: Ele também foi ventado. Bem feito!

(Do alto, amarrado por uma corda, desce o comissário batendo os pés, furioso. Já visível da platéia para de descer.)

COMISSÁRIO: Depressa, Pacífico.

PACÍFICO: (Segurando a ponta de uma corda, presa em cima): A corda encrencou, chefe. Crispim foi chamar os bombeiros...

COMISSÁRIO: Imbecis! (Vendo que todos riam d'êle) Que todos se dirijam à delegacia. Vou abrir inquérito para apurar as responsabilidades.

REPÓRTER: (Que chegou esbaforido): Veja na Cova do Vento, distintos 'ouvintes, o Sr. Comissário pendurado numa corda, em atitude estranhamente...

COMISSÁRIO: Prenda êste repórter, Crispim (Crispim tapa a bôca do repórter e o retira de cena gritando.)

REPÓRTER: Estão tentando tapar a bôca da imprensa falada...

COMISSÁRIO: Todos estão novamente presos...(Ouve-se uma enorme gargalhada do vento pelo alto-falante) Prendam também este vento...

MARIA: Não se prende o vento...Senhor comissário.

MARIA E PEDRO: Não se prende vento...não se prende o vento.

O pano se fecha enquanto o comissário esperneia e outros riem.

F I M

# TEATRO

164  
JP

TÍTULO "A MENINA E O VENTO"

"MARIA CLARA MACHADO"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça NATAL/RN

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 04 / 02 / 81

Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_ a \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

DF. \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

Resp. pela Programação

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de LIVRE anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensa-

Obs.: confronto  
Brasília - DF, 11 de 02 de 19 81

*Belle Prudente* Corvalhado  
Matr. 445791

Brasília - DF de \_\_\_\_\_ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.



PARECER Nº

4176, 81

TÍTULO: "A MENINA E O VENTO"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: = LIVRE =

Autora: MARIA CLARA MACHADO

Após realizar o confronto entre o script ora apresentado para exame, com os constantes no arquivo desta Divisão, concluímos que a identidade entre ambos foi mantida, permanecendo inalterada a estrutura e o conteúdo da referida obra.

Em assim sendo, propomos a manutenção da chancela "LIVRE", atribuída anteriormente.

Brasília-DF., 11 de fevereiro de 1981.

  
Sergio Roldan de Oliveira  
Mat. 2.405.397  
Técnico de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P.207

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

535

A MENINA E O VENTO

MARIA CLARA MACHADO

11

FEVEREIRO

86

11

FEVEREIRO

81

LIVRE

OSCAR DE MENEZES GILLES

*Jose V. Madeira*  
JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048 P. 208  
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

A MENINA E O VENTO

MARIA CLARA MACHADO

JORGE ROMANO NETTO

NATAL/RN

11

FEVEREIRO

81

LIVRE - O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE  
QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

11

FEVEREIRO

81

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

402/81-SE/DCDP

11/02

81

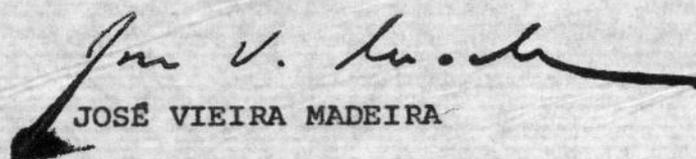
Chefe do SCDP/SR/RN

"A MENINA E O VENTO"

MARIA CLARA MACHADO

Chefe,

em Natal

  
JOSE VIEIRA MADEIRA



MJ - DPF - DCDP - BSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL OUT 1420 009711  
MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
Superintendência Regional em Santa Catarina  
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

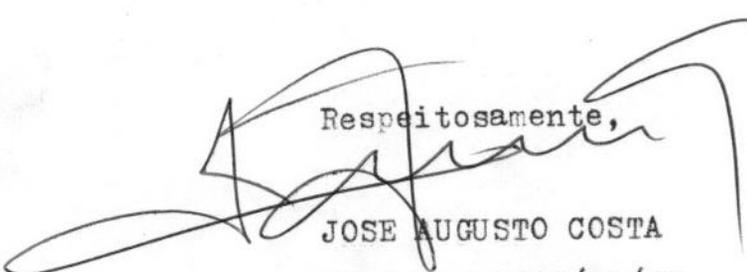
OF. Nº 1676/82-SCDP/SR/SC Fpolis, 30 de setembro de 1982

Senhora Diretora:

Encaminho a V.Sa., em anexo, para fins de expedição de certificado de censura, requerimentos, textos e pareceres, referentes às Peças Teatrais a seguir discriminadas, com os respectivos autores:

- "A menina e o vento" - Maria Clara Machado;
- "O jogo da caça ao pássaro" - Maria Helena Kuchner;
- "A volta do camaleão alface" - Maria Clara Machado;
- "Auto de São Lourenço" - José de Anchieta;
- "A Dama da Madrugada" - Alejandro Cassone;
- "Joãozinho Peteleco" - Maria Helena Kuchner;
- "A mulher sem pecado" - Nelson Rodrigues;
- "Comuna de Bravos" - José Ferreira da Silva.

Respeitosamente,

  
JOSE AUGUSTO COSTA  
Chefe do SCDP/SR/SC

Ilma. Sra.

Dra. SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

DDa. Diretora da DCDP

BRASÍLIA - DF

A MENINA E O VENTO

(Maria Clara Machado)

1 Prólogo e 9 cenas

Esta peça foi levada pela primeira vez pelo TABLADO em 1963 com cenários e figurinos de Marie Louise Nery; assistente técnico, Dirceu Nery; assistente de direção Donato Donatti; Contra Regra, Luiz Carlos Valdez; sonoplastia, Sergio Cathiard, com a seguinte distribuição: Vento, Henrique Mujica; Maria, Lúcia Marina Accioli; Pedro, Flávio de São Thiago; Tia Adelaide Jacqueline Laurence; tia Adalgisa, Yolanda Costa; tia Aurélia, Neusa Navarro; a mãe, Maria José Araujo; a avó, Moema de Brito; o repórter, Olney Barrocas; o comissário Plácido, Hélio Ary; Pacífico, Paulo Nolasco; Crispim, Sérgio Micali. Direção Geral, Maria Clara Machado. Rio de Janeiro, 1963.

PERSONAGENS:

O VENTO

MARIA, a menina

PEDRO, o menino

A MÃE

AS TIAS:

ADELAIDE

ADALGISA e

AURÉLIA

A AVÓ

O REPÓRTER

O COMISSÁRIO PLÁCIDO

OS 2 POLICIAIS:

PACÍFICO e

CRISPIM OU

BRANCA DE

NEVE (se o ator for negro)

CENÁRIO

A cova do vento. Um pedaço de praia deserta com enorme tronco ao fundo de onde caem pedaços de galhos e parasitas, feitos com material leve para que possam sugerir o efeito do vento. No chão algumas pedras roliças. Uma delas é o travessiro do vento. O ambiente deve sugerir mistério e poesia. Vários ventiladores são instalados para movimentar os parasitas que se moverão ao mesmo tempo que se ouve o barulho do vento gravado e irradiado de um alto falante.

PRÓLOGO

O Prólogo se passa no proscênio com a cortina fechada.

Ouve-se insistentemente uma escala de piano tocada ao longe. Fugindo, esbaforidos, entram Maria e Pedro. Cessa a escala.

MARIA: Corra, Pedro, que lá vem elas!

PEDRO: Santo Deus, ela não nos deixa em paz!

MARIA e PEDRO juntos: Aula no Domingo também é o cúmulo.

PEDRO: Tia Adelaide é o fim!

VOZ DE TIA ADELAIDE: Pedro! Maria!

MARIA: Depressa! (Saem correndo)

Entram também esbaforidas da corrida as três tias. Tia Adelaide é a mais velha e também a mais mandona. Tia Adalgisa é a do meio. Cópia viva de tia Adelaide. Tia Aurélia é a menos velha, meio biruta, meio infantil, obedece sempre tia Adelaide por hábito e medo. Passam as tias (ouve-se de novo a escala no piano) e tornam a voltar os meninos.

MARIA: Pedro vamos nos esconder na cova do vento?

PEDRO: Boa idéia. Vamos!

Saem. Voltam as tias.

ADELAIDE:(Gritando): Meninos, voltem já para a aula!

ADALGISA: Eu disse à mãe deles para não deixá-los brincar na rua.

AURÉLIA: Maria! Pedro!... Voltem já... já...já... Adelaide está chamando!

ADELAIDE: Lugar de criança é dentro de casa.

ADALGISA: A culpa é da mãe deles que é muito mole...

AURÉLIA: No nosso tempo, quando...

ADELAIDE:(interrompendo-a) Já sei, Aurélia, que nosso tempo era diferente, mas nossa obrigação de tias é educá-los.

AURÉLIA: A aula de hoje é tão boa! Adoro Educação Cívica!

ADALGISA: As aulas de Adelaide são excelentes! Ela é a melhor professora de Educação Cívica da cidade!

AURÉLIA: E do Brasil!

ADELAIDE:(saindo orgulhosa com os elogios) Meninos, voltem para a aula!

ADALGISA(acompanhando-a): É preciso aprender a amar o Brasil, meninos!

AURÉLIA(saindo também): Pedro! Maria!

(Muito assustada volta Adalgisa)

ADALGISA: Por ali é o caminho da cova do vento!

ADELAIDE:(Voltando também assustada)... não é lugar para moças sózinhas..

AURÉLIA (aparecendo alvoraçada): Cova do vento... mamãe sempre disse que lá é muito deserto, e feio... e cheio de vento...

ADELAIDE:Vamos voltar. É muito perigoso o risco.

ADALGISA: É muito perigoso o risco.

AURÉLIA: E os meninos?

ADELAIDE: Quando chegarem em casa ficarão de castigo. Terão que escrever duzentas vezes: Viva o nosso Brasil amado!(Sai)

AURÉLIA:Vivoooo!(Sai)

ADALGISA: Muito boa idéia, Adelaide, muito boa idéia!(Sai)

#### CENA I

(Ao abrir o pano a cena estar penumbra; ao fundo, deitado no chão, com a cabeça nas pedras, dorme o Vento. É um personagem meio mitológico, como se vê em figuras de mapas de navegação antiga. O ator que representa o Vento deve ser bem alto para aumentar o contraste com

a menina, mas não deve ser uma figura feia para não meter medo nas crianças. Pode usar uma máscara. Pedro e Maria chegam correndo. Depois de verificarem que não estão sendo perseguidos, observam o lugar.)

MARIA: Iiiii! Aqui hoje está muito esquisito.

PEDRO: Mas aqui tenho a certeza que elas não vêm.

MARIA: Tia Adalgisa tem tanto medo...

PEDRO: Você não acha que isto aqui está calmo demais?

MARIA (DESCOBRINDO O VENTO): Veja, Pedro, o Vento, dormindo. Será que ele está doente? (olhando para cima) Caiu, será?

PEDRO: Lugar de vento ficar é lá em cima. O que é que ele veio fazer aqui na praia?

MARIA: Alguma indigestão de ar. (Rindo) Que feio que ele é!

PEDRO: É velho e barrigudo.

MARIA: Que pena! Sempre pensei que o vento fosse lindo!

PEDRO: Por que, ora!

MARIA: Porque tudo o que voa é bonito.

PEDRO: Urubu também?

MARIA: Voando é. Até urubu voando é bonito. Menos mosquito, é claro.

PEDRO: Ele está acordando.

MARIA: Vamos nos esconder. (Os dois se escondem atrás da cortina, no pros-cênio).

MARIA: Quero só ver a cara que ele tem acordado.

(O Vento se mexe e fica sentado, roncando muito alto.)

PEDRO: (Procurando falar baixo): Ronca igualzinho ao vovô Jaime.

MARIA: (Começando a rir sem controle) Vovô Jaime... é isto mesmo... o vento se parece com o vovô Jaime.

(Os dois continuam a rir até que acordam o Vento, que abre os olhos espantado.)

VENTO: Psiuuuu! (Boceja, os meninos se calam, ele continua a dormir.)

MARIA (Sempre tentando falar baixo): Está acordando.... Parece mesmo o vovô Jaime quando dorme na poltrona...

O Vento abre os olhos espantado e começa a se levantar, procurando ver de onde vem o barulho)

PEDRO: (Puxando Maria para se esconder) Ele viu!

VENTO (Descobrendo os meninos): Deixem-me dormir, criaturas desagradáveis.

PEDRO: Quem é criatura desagradável?

MARIA: Acho que somos nós.

PEDRO: (Brincalhão, levantando a voz): os incomodados que se mudem.

VENTO: (Furioso) O quê?!

PEDRO: (Provocador) Disse: os incomodados que se mudem.

VENTO: Olhe aqui, pirralho, ou vocês me deixam dormir em paz ou...

PEDRO: Ou o quê? Aqui por acaso é propriedade sua?

MARIA: Pedro, não provoca.





PEDRO: A praia é pública, a rua é pública, o espaço é público, a atmosfera é pública...

MARIA: A estratosfera é pública...

PEDRO (Já dentro da cena sem o menor receio do vento): E nós fazemos barulho onde queremos... e o vento também é público, está ouvindo?

VENTO (Com as mãos na cintura, ameaçador): Menino, ninguém levanta a voz com o vento.

MARIA: E o trovão?

VENTO: O Trovão?

MARIA: Não é o Padre Eterno levantando a voz para você, vento?

VENTO: Para mim, coisa nenhuma...

MARIA: Para quem, então?

VENTO: Para vocês, é claro!

MARIA: Bem que eu achei que a explicação de tia Adelaide sobre o trovão não era boa. Sabia que era o Padre Eterno. Tia Adelaide tira a graça de tudo, coitada!

VENTO: Já disse que ninguém levanta a voz com o vento!

MARIA: Quem é que está levantando a voz para você? Estou só falando de minha tia Adelaide, e meu irmão é meio mal humorado. Mas o senhor também não fica atrás.... êle estava só brincando. Com este mau humor, já vejo o porquê das tempestades... Aliás isto também tia Adelaide não explicou bem. As tempestades são causadas pelo mau humor do vento e de sua família.... briga entre nuvens, brisas, ventos, vapores, raios e trovões,.... se...

VENTO: (interrompendo) Pare de falar, matraca de feira, ou então...eu.... eu....

PEDRO (furioso): Minha irmã, matraca de feira?

VENTO: Vocês querem, não é? (Dá uma lufada de sopra sobre os meninos que caem no chão. A sonoplastia e um dos ventiladores acompanham sempre as lufadas do vento).

PEDRO: Vento covarde! Vento covarde!

MARIA: Não provoca, Pedro... não provoca!

VENTO: Tratem de desaparecer, meninos, senão eu sopro! E é para valer... Um... dois....

PEDRO: Vento caduca...

MARIA: Não provoca mais ele, Pedro.

VENTO: Caduca, eu? Pois você vai ver.... vou te mandar para as nuvens e lá você é que vai caducar, fedelho de uma figa. (Começa a soprar com tanta força que Pedro depois de dar umas voltas tentando resistir, sai de cena sempre gritando).

PEDRO: Vento covarde... vento covarde...

MARIA: Pára de ventar, Vento, que Pedro está sumindo atrás daquela árvore. Pára vento... Pedro! Pedro! (Sai gritando e procurando resistir).

MARIA: Eu sei. Depois passei para um vento mais forte.

VENTO: Eu.

MARIA: Vento de praia, vento de Cabo Frio. Lá é melhor ventarolar de óculos por causa da areia. Mas também é melhor porque é salgado de mais. A gente lambe o braço depois fica tudo salgadinho. Quando o vento, o senhor, pára de ventar, a gente continua com o barulho no ouvido até dormir.

VENTO (comovido): É, é?

MARIA: Bem, na ventania custei mais, porque a ventania não tem muita direção e tapeia a gente também;

VENTO: Minha mãe. Sempre foi meio nervosa.

MARIA: É, mas venço ela também. Aprendi a ventarolar.

VENTO: Ventarolar? O que é isto?

MARIA: Muito fácil. Virar ventarola de vento. Você já conseguiu derrubar uma ventarola?

VENTO: Papa-vento?

MARIA: Isto mesmo.

VENTO: Bem, acho que não. Mais fácil derrubar um vendedor de papa-ventos.

MARIA: Pois é, viro mesmo um papa-vento, fico tão levezinha no corpo e rodopio e não me canso e a ventania desiste de mim. Quase que posso voar.

VENTO: Você gostaria?

MARIA: De voar? Ah, gostaria. Sabe? Um dia tia Aurélia me disse que se a gente esfregasse asa de passarinho nas costas todos os dias cresciam umas asas e a gente voava.

VENTO: E você esfregou?

MARIA: Ela esfregava na minha e eu na dela. Combinamos de voar juntas. Depois começou a dar borotoeja nas minhas costas e tia Adelaide descobriu tudo e botou tia Aurélia e eu de castigo escrevendo duzentas vezes: "Só quem voa é passarinho, criança estuda para servir ao Brasil!"

VENTO: Essa sua tia é de morte, hem?

MARIA: Ela só pensa no Brasil, nunca pensa na gente.

VENTO: Você gostaria de passear na minha cacunda?

MARIA: Na cacunda do vento? Oh! Seria bárbaro! Mas o senhor tem primeiro que trazer o Pedrinho.

VENTO: Pedrinho, não.

MARIA: Então nada feito.

VENTO (Conciliador): Deixa o Pedrinho pra lá, que eu já vantei ele para casa.

MARIA: Jura?

VENTO: Palavra de vento. Juro pelos raios que me partam... que ele voltará para casa..

MARIA: Não gosto nada de juramento de vento mas... você pode mesmo ventar o que quiser? Trazer coisas de outras terras, atrapalhar tudo?

VENTO: Posso tudo.

MARIA: Lá vem prosa. Daqui a pouco você vai dizer que é Deus, e ele te castiga.

VENTO: Psiu... Fala mais baixo...

MARIA: E você pensa que o enorme ouvido dele não está por toda parte? Por aqui?! Bem se vê que não estudou catecismo.

VENTO: Eu sei que ele está me ouvindo, mas ele sabe também que estou brincando, não sabe?

MARIA: É sempre melhor ser mais modesto.

VENTO: E você é? Campeã de corrida contra o vento!

MARIA: Mas não é só isto que sei fazer, e não fico espalhando por aí... sei tanta coisa...

VENTO: Sabe o que mais além de papaventar?

MARIA: Ora, vê-se que o senhor é ignorante; sei fazer uma porção de coisas; sei fazer tricô, sei fazer arroz, batata frita, sei tratar de galinha, sei plantar feijão; ora vento, sei tudo isto que uma menina deve saber e sei também dançar, patinar, nadar, ventarolar; coisas boas para contraba-

lançar as chatas.

VENTO: chatas?

MARIA: ... fazer cama, estudar aritmética, acabar as férias, ir ao dentista, ouvir aula de tia Adelaide, e ser obrigada a amar o Brasil!...

VENTO: Você quer aprender a amar o Brasil na minha cacunda?

MARIA: Mas tia Adelaide vem também?

VENTO: Não. Eu te mostro tudo que há de bonito por aí e você aprende tudo sem tias e sem livro. Só olhando!!

MARIA: Que bom! Mas vento, gostaria também de fazer umas desordens por aí:

VENTO: Desordens?

MARIA (MALICIOSA): Desmanchar umas paradas, ventar tia Adelaide do piano. Desarrumar tudo o que é arrumadinho. Só para ver a cara de todo mundo. (Começa a rir) Levantar a saia de tia Adelaide seria bárbaro! Ela usa umas ceroulas tão engraçadas...

VENTO: Pensei que voce fosse uma menina boa.

MARIA: Olha só quem está falando! O senhor não é o maior desgraçado de todos os céus? Não derruba navios e tira telhas das casas? Não levou o chapéu do vovô Jaime e nunca mais o devolveu?

VENTO: Mas eu sou vento e você é gente. Cada um no seu lugar.

MARIA: Ah, Vento, não precisa se desculpar muito, eu te compreendo tão bem. Mundo certinho é tão chato! Vamos desmanchar um pouco, tá bem? Vamos ventarolar o mundo!

VENTO: ( Rindo) - Está bem. Você quer fazer umas ruindadezinhas. Vamos, e não reclame depois as consequências, hem?

( A menina monta na cacunda do Vento que começa a soprar. Dão uma volta pela cena sempre rindo e desaparecem, ouvindo-se ainda por algum tempo a gargalhada e o barulho do vento. Depois volta a cena um silêncio completo até a cena II.)

#### CENA II

( Entram Pedrinho, a mãe, tia Adelaide, tia Adalgisa e tia Aurélia; tôdas assustadas).

PEDRO : Foi aqui, no meio da ventania.

TIA ADELAIDE ( Baixinho): A cova do vento.

TIA ADALGISA: A cova do vento! ... ( se junta a tia Adelaide).

MÃE : E depois, Pedrinho, o que aconteceu? ( Tia Aurélia sai de cena, descobrindo, curiosa, a cova.)

TIA ADELAIDE: Coisa boa é que não foi. Volta aqui, Aurélia, quer também ser raptada?

ADELAIDE: Raptada?

AURÉLIA : ( Voltando assustada, mas dando risadinhas): Deus me livre e guarde, Adelaide!

MÃE: Ela não pode ter desaparecido assim de qualquer maneira.

PEDRO: Não foi de qualquer maneira, mamãe. Ela começou a ventarolar como sempre faz. Eu é que fui soprado. Meu controle ainda é ruim. E depois...

TÔDAS : E depois...

PEDRO: Depois chamei o vento de covarde e foi a conta.

( Aurélia dá risinhos compreensivos). Ele se irritou e me soprou até aquela árvore ali. Fiquei preso lá um tempão e vi tudo. Eles conversaram muito e riam também.

ADELAIDE: Eles quem?

PEDRO: Maria e o vento.

ADELAIDE: Conversaram como?

PEDRO: Conversando, ora. Conversa vem, conversa vai, ela montou na cacunda dele e lá se foram...

ADALGISA: Que conversa é essa de vento coversar? Você sabe, Pedro, que mentir é muito feio...

AURÉLIA ( Dando risinhos): Eu bem que gostaria de ter umas conversinhas com o vento...

ADELAIDE: Quieta, Aurélia, senão te ponho no piano...

ADALGISA: Vocês não acham que já ouvimos demais este menino?

MÃE: Pedro, meu filho, conta tudo direitinho, sem inventar nada, que depois você ganha um presente.

PEDRO: Estou contando certinho como eu vi.



MÃE: E onde é que você acha que eles estão agora?

PEDRO: Bem, agora? (Calculando) Se pediram a ajuda da ventania, que é a mãe dele...

MÃE: Mãe de quem?

PEDRO: Do vento. (Todas se entreolham) Se pedirem a ajuda a ela já devem estar perto do Ceará. Ele deve ter metido um sudoeste bravo. Pode ser também que tenham ficado para fazerem as tais desordens que Maria pediu....

MÃE: (Achando que o filho não está bem da cabeça): Toma, meu filho. (Dá-lhe dinheiro), Vai tomar um sorvete bem grande (Pedrinho sai).

ADELAIDE (Entredentes): Antipedagógico!

MÃE: Estou ficando aflita!

ADELAIDE: Pudera.

MÃE: Faz mais de seis horas que a menina sumiu. E foi daqui... Pedro não diz coisa com coisa.

ADELAIDE: Acho que ele ficou meio atrapalhado da cabeça...

ADALGISA: Teria ela sido raptada?

ADELAIDE: Mas é óbvio!...

MÃE (Quase chorando): Vou avisar a polícia. Não aguento mais. Fiquem aqui um pouco. Quem sabe ela aparece?

ADALGISA: Ficar aqui sózinhas? E se ele aparecer?

MÃE: Ele quem?

ADELAIDE: O raptor!

AURÉLIA: O vento, Adelaide?

ADELAIDE: Sossega, Aurélia. Mande um guarda ao menos. Isto aqui não é, e nunca foi lugar para mocinhas...

ADALGISA: Não é e nunca foi lugar para mocinhas...

MÃE: Vou depressa chamar o comissário Plácido. (Sai)

ADELAIDE: Eu disse... eu avisei.... eu disse que não se deve deixar meninos soltos por aí. (As duas passeiam aflitas pela cena, enquanto Aurélia alvoroçada observa tudo.)

ADALGISA: Lugar de menino é na saia da mãe.

AURÉLIA: Quando eu era mais menina, gostava de costurar, de bordar... ah, gostava também de fazer comidinha de folha, lembra Adalgisa? A gente misturava tudo numa latinha: folha de ficus, folha de mamão, folha de... aquela que era veneno... Agora, é verdade que eu também gostava (Fala baixinho com medo das irmãs) de andar na chuva e de....

ADELAIDE: Agora não é hora de lembrar essas coisas, Aurélia.

ADALGISA: Se fosse minha filha, vivia trancada a sete chaves.

ADELAIDE: Era muito sapaca aquela Maria.

AURÉLIA: Gostava de brincar, a diabinha!

ADELAIDE: Eu bem que dizia...

AURÉLIA: Você bem que dizia.

ADELAIDE: Mas a mãe não fazia....

ADALGISA: Não fazia o que você dizia....

AURÉLIA: (Como se repetisse uma lição): Eu dizia... tu dizias, ele dizia...

ADELAIDE: Bem feito agora.

AURÉLIA: Mamãe sempre disse que quem faz mal feito não tem direito...

AS TRÊS:... de se queixar.

AURÉLIA: (Depois de uma pausa): Adelaide, vento tem cacunda?!

ADELAIDE: Eu te prendo no quarto, Aurélia!

(Começa a soprar de repente um vento e as três começam a rodopiar. Aurélia aprecia o rodopio como uma criança.)

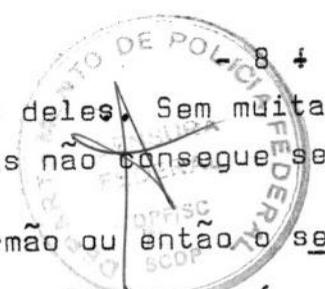
ADELAIDE: Santo Deus, Santa Bárbara e São Jerônimo nos acudam!

AURÉLIA: Adelaide... Adelaide... me segura.... me segura.... que gostoso.... que gostoso!

ADALGISA: Socorro! Não me empurrem... Adelaide.... Adelaide, socorro!..

(As três desaparecem de cena sempre gritando e tornam a aparecer dependuradas nas árvores. São bonecas. Da platéia só devem ser vistas as pernas das tias com calças antigas bordadas nas beiras; vindo de cima as vozes pedindo por socorro. Chega uma velhinha mais velha do que elas. É a avó dos meninos e mãe das tias.)

VOVÓ: Adelaide! Aurélia! Voltem para casa meninas... Onde se meteram essas meninas.... Se o Jaime sabe disso...



VENTO: Pronto. É assim que nós lá de cima nos livramos deles. Sem muita conversa. (Boceja ostensivamente e torna a sua cama, mas não consegue se deitar porque, furiosa, volta Maria).

MARIA: Queira soprar de volta, imediatamente, o meu irmão ou então o senhor terá que se ver comigo.

VENTO: O quê? Está me desafiando, pedacinho de coisa nenhuma? Quer também ser soprada para longe? (Começa a rir) Isto aí me ameaçando... ah!... ah!... ah!...

MARIA: Para de rir, vento bobo-alegre. Não tem vergonha de ser velho e rir desse jeito? Traga meu irmão de volta, já disse.

VENTO (Para bruscamente de rir): Vou te mandar para a China, ~~em~~ China.

MARIA: Dávido (Aceitando o desafio). E fique sabendo que sou campeã de andar na ventania e não vai ser um ventinho qualquer que vai me levar para a China ou para o Japão. Bem que eu gostaria de dar um passeio.... se eu...

VENTO (interrompendo): Você disse... ventinho qualquer?

MARIA: Disse. O que é que você sabe fazer mais além de ventar? Sabe ler? Sabe escrever? Qual é a sua educação cívica?

VENTO: Chega. (Dá uma forte lufada. Maria, marota, se esconde atrás dele que procura, intrigado sem poder encontrá-la. Finalmente Maria corre e se esconde atrás de uma pedra.)

MARIA: Brisa, vento, ventinho  
pode soprar espertinho...  
Não tenho medo de ventania  
Só receio a minha tia,  
brisa, vento, ventinho,  
pode soprar espertinho....

(O Vento furioso começa a soprar e Maria deliciada ventarola pela cena em loucos rodopios até que sai, sempre rindo. O Vento sentindo-se vencedor volta para sua pedra e recosta para tornar a dormir. Começa a roncar quando Maria volta. Vendo que o Vento não acorda ela começa a sapatear e a cantarolar. O Vento continua roncando. Por fim Maria resolve jogar a marelinha batendo com os pés com força. O Vento abre os olhos.)

MARIA: Isto o senhor não sabe fazer, garanto que não sabe....

VENTO: O quê? Ainda aqui?

MARIA: Vou lhe chatear até você trazer Pedro de volta.

VENTO: Não trago nada de volta.

MARIA: Quer dizer que o senhor não sabe trazer ele de volta?

VENTO: Quer dizer que não quero trazer ninguém de volta.

MARIA (mudando de tática): E se eu prometer nunca mais incomodá-lo em sua toca?

VENTO: Não acredito em promessa de menina.

MARIA: Então em que você acredita?

VENTO: Acredito na minha força.

MARIA: Prosinha, hem? Tão forte que nem consegui me soprar para longe... Acho que você está ficando sem fôlego, velho e cansado, hem, vento?

VENTO (MEIO DESCONFIADO): Você acha?

MARIA: A verdade é que o senhor com seus mil e quinhentos séculos de vida não conseguiu derrubar uma menina de 12 anos.

VENTO: Isto nunca aconteceu. Quem é você, menina?

MARIA: Sou Maria.

VENTO: Nunca fui vencido por... por... ninguém... e logo por uma menina (O Vento está desolado).

MARIA: Não fique assim, Vento. É que sou campeã mesmo. Ninguém me vence na minha rua na corrida da ventania.

VENTO: como é que você faz para vencer? Nem navios, nem árvores, nem cidades, nem nada nesta terra redonda de Deus pode comigo quando estou furioso.

MARIA: É só não ter medo e conhecer sua tática.

VENTO: E você conhece minha tática, menina?

MARIA: Conheço.

VENTO: E como é que você descobriu?

MARIA: Praticando. Comecei com uma brisa... uma brisinha à toa.

VENTO: Minha filha, ela é bem fraquinha, a coitada.

TIAS: Socorro! Socorro! (A velhinha finalmente olha para cima e dá com as filhas dependuradas nas árvores, a velha é meio surda.)

VOVÓ: Meninas, desçam já daí. Já... já...

ADELAIDE: Estamos presas, mamãe.

VOVÓ: Quem mandou vocês subirem em árvore? No meu tempo árvore era fei-  
ta para enfeite da natureza... e também para dar frutos... Desçam já  
daí. Já proibi várias vezes.

ADELAIDE: Estamos presas, mamãe.

VOVÓ: Comendo fruta verde de novo, hem Adalgisa!? Desça já.

ADELAIDE: Chame o corpo de bombeiros, mamãe...

VOVÓ: Desça já daí, Aurélia, ou chamo o teu pai.

AURÉLIA: Me empurraram, mamãe, me empurraram...

ADELAIDE: Os bombeiros, mamãe!

VOVÓ: Até você, Adelaide ... e abaixo já esta saia. Que modos são esses de mostrar as calças desta maneira...

(Começa a soprar um ventinho leve que delicadamente empurra a velhinha)

VOVÓ: Não empurra, Jaime... não empurra... já disse que não vou para casa. não quero entrar... já disse ... (E vai saindo: Não empurra Jaime... não empurra.)

### CENA III

(Silêncio na cena. Entra o repórter segurando o microfone com um fio enorme. Olha para todos os lados, verifica que a praia está vazia.)

REPÓRTER: Que furo! Sou o primeiro! Alô Alô, Rádio da Praia, estamos transmitindo diretamente do local do rapto da indigitosa Maria de Almeida. Para os ouvintes dos Estados, tenho a informar que se trata de uma praia deserta e mal encarada, os pescadores a chamam de Cova do Vento. Pois é uma cova, caros ouvintes, a cova da jovem Maria tragicamente desaparecida nas primeiras horas da manhã. Nossas emissoras - numa gentileza dos Perfumes Ventania, a brisa que refresca - estão dando em primeira mão a reportagem completa sobre o desaparecimento trágico da jovem Maria, aluna exemplar . . . .

ADELAIDE: Isto é que ela não era . . . .

REPORTER: (Procurando ver de onde é que vem a voz): Como id dizendo caros ouvintes, a Brisa que refresca é um perfume Ventania e a jovem Maria ...

ADELAIDE: (Voz débil): Socorro! Socorro!

REPÓRTER (Descobrimo as tias): Caros ouvintes, a situação aqui na cova do vento se agrava. Do alto das enormes árvores que circundam a cova do vento partem lancinantes apelos de socorro. Será a indigitada jovem? É o que verificarei num sensacional esforço de dar em primeira mão e sem nenhum medo dos prováveis perigos que terei de enfrentar numa reportagem completa do maior rapto do século. Sou corajoso prá burro e verei o que está acontecendo. Vejo a distinta senhor Dona Adelaide e suas estimadas irmãs penduradas nos galhos das árvores pedindo socorro. Elas estão numa posição bastante incômoda. Vou entrevistá-las neste instante, antes que elas morram. Dona Adelaide e suas inseparáveis irmãs são tias e professoras da pobre Maria. Boa tarde, dona Adelaide, quer fazer algumas declarações para as nossas emissoras, numa gentileza dos perfumes Ventania?

AURÉLIA: A brisa que refresca?

REPORTER: (Com a força do hábito): Isto mesmo, acertou! A senhora terá direito a um cupom numerado que, com mais dez cupons de respostas certas lhe dará direito a um frasco, absolutamente grátis e o defeito a concorrer no próximo concurso: O Vento é o limite.

AURÉLIA: Ganhei, Ganhei! Que felicidade!

(O vento começa a soprar e o reporter rodopia, tenta dar socos no ar, finalmente se enrola no fio do microfone e cai no chão desmaiado, o Vento cessa).

AURÉLIA: (Como numa canção de criança): A brisa que refresca... a brisa que refresca... (Depois todos silenciam).

CENA IV

(Entra Pacífico, o policial, seguido de Crispim, Os dois se espantam diante do corpo do repórter).

PACÍFICO: Um defunto!

OS DOIS ( Chamando): Chefe!

(Entra o comissário Plácido fumando o seu charuto).

COMISSÁRIO (Vendo o repórter) Ninguém toca no cadáver.

( Os policiais meio apavorados observam o local e dão com as tias dependuradas).

OS DOIS: Veja, chefe! Três damas enforcadas!

COMISSÁRIO : Uma menina raptada, um repórter abatido, amarrado, espancado e morto, três damas enforcadas. Num só dia e tudo na cova do vento - lugar sombrio, desabitado a um quilometro da cidade. Este é um dos casos mais complicados.

ADELAIDE: Depressa, polícia, já não aguento mais!

PACÍFICO: Ainda não morreram...

CRISPIM: Então é porque ainda estão vivas!

COMISSÁRIO : Vivas ? Tanto melhor! (Aos policiais) Subam às arvores e retirem os corpos de delito, isto é , as velhas. Cuidado com as impressões digitais. (Os guardas saem) As senhoras tem que declarar a polícia o que estão fazendo aí.

AURÉLIA: Estamos vendo a vista, senhor comissário, estamos vendo a vista (Risinhos)

COMISSÁRIO: (Tomando nota de tudo num caderninho): Vendo a vista!? Favor declararem domicílio, estado civil, nacionalidade e idade...

ADELAIDE : Era só o que faltava ...

(O repórter começa a se mexer)

COMISSÁRIO: Este também ainda está vivo! (Ajudando o repórter a se desvencilhar do fio do microfone) O senhor tem alguma coisa a declarar à polícia?

REPORTER (Olhando para todos os lados com medo): Senhor comissário, fui atacado por um monstro. Tentei tudo... (Pegando de novo o microfone) O dever de um reporter é informar. Rádio Praia continuando a reportagem interrompida por uma covarde agressão . Sou um mártir da imprensa e da verdade. (Enquanto isto o comissário examina o local e toma notas). Ao ver as senhoras enforcadas nas árvores tentei salvá-las, mas o agressor me bateu. Tentei lutar mas não se tratava de um -unico homem e sim de uma quadrilha. (O vento dá uma lufada) Senhor comissário, sou corajoso prá burro e os ouvintes sabem disto, mas convém a gente sair logo daqui, porque eles podem voltar.

COMISSÁRIO: Um momento (Continua examinando tudo.)

REPORTER (Querendo descobrir assunto para os ouvintes? (em algum arco de a declarar aos nossos ouvintes? (O comissário não responde) O senhor gosta dos perfumes Ventania?

COMISSÁRIO : Bem ... (O reporter faz sinal para ele dizer sim )  
Gosto sim . . .

(Neste momento as bonecas começam a se mexer e ouve-se as tias e os policiaes. O comissário e o repórter acompanham seus movimentos)

ADALGISA: Estão me fazendo cócegas! (Aurélia ri)

ADELAIDE: Não me toque , polícia!

Pacífico: Então como é que é madame? Tem que sair, não tem? Eu tenho que segurar, opa!

ADALGISA : Não me faz cócegas, polícia ...

CRISPIM: Segura meu braço, madame .

ADALGISA: Senhorita, faz favor ..

CRISPIM: Agarre a velha , Pacífico.

COMISSÁRIO : Isto, Crispim...

( Os bonecos desaparecem . O repórter continua a entrevista com o comissário)

REPÓRTER: E agora diga, senhor comissário Plácido, a polícia promete aos

nossos ouvintes descobrir tudo deste horrível rapto? Tudinho?

COMISSÁRIO: Promete sim. Tudinho. A polícia vai descobrir tudo porque a polícia foi feita para descobrir tudo. Se não descobrir tudo hoje, descobre amanhã, se não descobrir amanhã, descobre depois de amanhã. Se não descobrir depois de amanhã, acaba mesmo descobrindo, por isso é bom que a quadrilha apareça logo para não dar muito trabalho à polícia ...

(Chegam as tias e os guardas. As tias estão com os chapéus fora do lugar as saias levantadas, pedaços de fôlhas na cintura, enfim têm que dar a impressão que estão descendo das árvores.)

ADELAIDE: Isto é um ultraje!

ADALGISA: Duas horas dependuradas nas árvores!

AURÉLIA: Parecíamos três judas em sábado de aleluia! (O repórter procura colocar o microfone à frente de cada um que fala) Lá de cima vi o senhor comissário tão pequenino que parecia o mico de dona Dalcina. (Risinhos)

ADELAIDE: Chega, Aurélia, isto não são horas para se chamar o senhor comissário de mico. Exijo providências urgentes. Isto não são maneiras de se tratar três moças de família. Se a polícia não tomar medidas urgentíssimas.

ADALGISA: Urgentíssimas ...

AURÉLIA: (Só para fazer côro): Urgentíssimas...

COMISSÁRIO (Tirando uma fita métrica e tomando medidas das senhoras): Serão tomadas medidas urgentíssimas, dona Adelaide.

REPÓRTER: O Sr. Comissário Plácido Epaminondas, comissário emérito da polícia local, está começando a tomar as medidas urgentíssimas pedidas por dona Adelaide.

COMISSÁRIO: A medida mais urgente que qualquer polícia do mundo tomaria é de interditar o local. A cova do vento está interditada...

REPÓRTER: O local acaba de ser interditado porque as damas pediram providências urgentíssimas.

(Uma forte lufada de vento faz todo o grupo dar um passo a frente repentinamente).

AURÉLIA: É ele!

(Adelaide pensando que Aurélia está se referindo ao comissário que está a seu lado, lhe aplica um enorme tapa nas bochechas.)

ADELAIDE: Ah ... então é o senhor! (Tapa; uma nova lufada e Adelaide é jogada nos braços do comissário. O vento continua e a confusão começa.)

COMISSÁRIO: Senhora Adelaide!

ADELAIDE: Que indecência. (Depois de muito rodopiarem o vento cessa de repente e todos se recompõem).

COMISSÁRIO: Vamos embora. As declarações tomarei na chefatura.

ADELAIDE: Vamos, meninas ...

ADALGISA: Isto é uma pouca vergonha... (Vão saindo todos juntos quando o vento recomeça e traz de novo o grupo arrastado para o fundo do palco. A estas horas já devem estar meio apavorados.)

COMISSÁRIO :Vamos embora, já disse!(Tornam a sair com mais cautela e de novo o vento os traz de volta. Aí já deverão estar gritando de pavor.)

COMISSÁRIO :Vamos embora, torno a dizer.(Adelaide se agarra ao comissário. Adalgisa em Adelaide, o repórter se pendura no fio do microfone, os policiais se grudam um no outro e saem devagarinho, para não despertarem o monstro desconhecido ;Aurélia mais atraz diz no silêncio:)

AURÉLIA: É êle! (Ao ouvir isto todos fogem esbaforidos, gritando por socorro ; desta vez o vento não sopra.

### C E N A V

(Entra a mãe, aflita e cautelosa, procurando em volta e chamando baixinho.)

MÃE: Maria! Maria! Volta, Maria, para sua casa!...(A mãe começa a chorar. Ao mesmo tempo uma brisa leve começa a soprar. A mãe se assusta, lembrando-se da estória que Pedrinho contou. Do alto vem descendo um enorme pergaminho.)

MAE : O que é isto? (Pega o pergaminho).

(Quando a mãe começa a çer a carta, a luz de cena é diminuída, no fundo são projetadas, através de umprojeto instalad na platéia, vária fotografias de Maria, de nuvens, de mar, de bichos, de cidades antigas, de Maria de novo de modo que dê a impressão de que ela está viajando. Ouve se ao mesmo tempo a voz da menina através do microfone. A voz pode ser acompanhada de música bem ao fundo, sugerindo brisa.)

MARIA (Voz): Mamãe, estou voando por aí. Não fiquem aflitos. Conheci dona Ventania e sua filha Brisa, que é muito delicada e amável. O Vento é meu amigo e na cacunda dele tenho visto coisas lindas. Vi praias enormes, sem fim! E nuvens e nuvens e mais nuvens. Vi bichos, cidades, e terras secas. Vi tudo verdinho e florido. Não vou mais precisar de estudar para as aulas de tia Adelaide, porque já aprendi tudo. As coisas mostradas, a gente aprende mais depressa e mais bonito. Até acho que já amo mesmo o nosso Brasil. As coisas longe ficam perto, o que era feio a culpa era de tia Adelaide que enfeiava tudo, coitada, nunca andou na cacunda do Vento. É por isso. Também vamos fazer umas desordens por aí, mas é para variar da vida de todo dia, depois eu volto. O Vento perguntou se eu queria virar brisa do mar. Estou pensando ainda. Gosto muito de mar. Mas acho que prefiro ser eu, apesar de tudo. A gente se acostuma tanto a ser gente que não quer mais largar de ser. Acho que é isso que está me botando na dúvida. Não precisa ficar na dúvida. Não precisa ficar aflita, mãe, o Vento é bom elemento e manda lembranças. Estamos agora bem no meio do Brasil.

A cachoeira do Iguaçu é um bocado bárbara. Beijos , Maria.

MÃE ( A luz volta a cena): A letra é dela, o jeito é dela. E se ela virar brisa de mar ? Polícia !Polícia! Senhor comissário! Senhor Comissário! Minha filha brisa de mar !Que horror!Polícia!Polícia!( Sai gritandoO.

## CENA VI



Entra tia Aurélia segurando uma enorme ventarola; corre pela cena imitando Maria. Sepois escuta a voz de Adelaide chamando e se esconde rapidamente na coxia.)

ADELAIDE : Aurélia !

ADALGISA: Será que ela teve a ousadia de vir aqui sózinha?(As duas estão apavoradas e se agarram uma na outra; Adelaide tropeça numa pedra e cai numa posição bastante incômoda, de quatro, sua raiva ainda aumenta mais.)

ADELAIDE: Meu lumbago \*...Sei que você está escondida por aqui, Aurélia!

ADALGISA: Trate de aparecer, Aurélia, sabemos que você está escondida por aqui. Não adianta desobedecer Adelaide. Voce sabe disso, Aurélia.

AD LAIDE: O que sempre perdeu Aurélia foram as más companhias...

ADALGISA : (Ofendida): Nós , Adelaide ?!

ADELAIDE : Claro que não, Adalgisa! Ora vejam só! ...Maria e Pedro nunca foram companhia para Aurélia. Ela sempre se deixou levar pelas crianças!

ADALGISA: Sempre se deixou levar!

ADELAIDE: Sei que você está escondida, Aurélia !

ADALGISA: Aurelinha , trate de aparecer!

ADELAIDE: Trate de aparecer logo senão o castigo vai ser pior...

ADALGISA : Maninha, apareça!

(Aurélia com muito medo trata de escapar pelo fundo do palco mas é descoberta por Adalgisa .)

ADALGISA : Achei !

ADELAIDE : O que é que você estava fazendo na cova do vento?

ADALGISA : Não sabe que isto aqui não é lugar para mocinhas ?

(Aurélia não responde )

ADELAIDE : Ah! Não quer responder, não é?

ADALGISA : Responda, Aurélia, senão ela te castiga. Voce quer ser raptada?

(Aurélia diz que sim com a cabeça.)

ADELAIDE : (Furiosa): Ah ! Então é isto? Quer ser raptada? Irá para casa imediatamente e escreverá duzentas vezes: "Lugar de moça é no piano, quem vive na rua não tem tutano". (Adelaide agarra Aurélia por um lado, Adalgisa pelo outro e levam Aurélia suspensa enquanto repetem :)

AS DUAS : Lugar de moça é no piano , quem vive na rua não tem tutano...

(Saem )

## CENA VII

(Entra o comissário com o pergaminho, os dois guardas, meio apavorados ; um deles leva uma malinha onde se lê :Perícia.

A mãe os segue segurando Pedrinho pela mão .)

COMISSÁRIO : Foi aqui que isto apareceu ?

MÃE: Uma brisa soprou de repente e veio empurrando a carta, devagarinho até aqui!.



COMISSÁRIO : Guardas, vigiem tudo. Qualquer coisa suspeita, avisem.

PAÇÍFICO: Vigiar o que, chefe ?

COMISSÁRIO : Por aí... por cima... por tudo.

(Pacífico chupa o dedo e coloca-o na posição de verificar a direção do vento.)

CRISPIM: O senhor não quer tirar as impressões digitais ?

COMISSÁRIO: De quem , seu burro ? (Todos se entreolham)

PEDRO: Só se for do vento.

MÃE : Cale-se, Pedrinho. Quer enlouquecer mais a gente ?

PEDRO: Eles agora devem estar fazendo miséria.

COMISSÁRIO: (Pegando Pedrinho pelo cangote): Eles, quem ?

PEDRO (Com simplicidade): Maria e o Vento.

COMISSÁRIO: Quem é este ?

PEDRO: O Vento, ora. Maria saiu voando na cacunda dele.

COMISSÁRIO (Irritado): Rapazinho, trata-se da vida de uma menina, de sua irmã. Trata-se também da vida do país, do mundo, da humanidade. Uma menina não pode sair na cacunda do vento, está ouvindo ?

PEDRO: Não podia, senhor comissário. Não podia, mais pôde.

COMISSÁRIO: Podia também babater um repórter? Enforçar três senhoras e escrever uma carta ?

PEDRO : Ora, senhor comissário, o senhor é muito ingênuo, não conhece o vento. Porque não pode, diga ?

COMISSÁRIO: Porque dois e dois são quatro, menina é menina, vento é elemento elementar da natureza, polícia é polícia e você vai dizer a verdade, está ouvindo ?

MÃE: (Aflita): Senhor comissário, ele não tem culpa .

COMISSÁRIO: Menino de hoje, sempre tem culpa.

PEDRO: Senhor comissário, e se dois e dois não forem quatro , e o vento tiver cacunda, hem ? E a polícia ...

OS TRES (Interrompendo) : E a polícia , o que ? ...

PEDRO ... Não entender nada de vento e eu estar dizendo a verdade ?

COMISSÁRIO : Este menino está atrapalhando os bons trabalhos da polícia. Se continuar assim terei que mandar prendê-lo.

MÃE: Não se aflija, senhor comissário; toma, Pedrinho, toma dinheiro para você comprar sorvete.

PEDRO : Já estou cheio de sorvetes e o comissário não descobre nada. (Tira a língua para o comissário .)

COMISSÁRIO : Monstrinho irritante ! (Pacífico e Crispim correm atrás de Pedrinho). Pacífico, Crispim, voltem ! (Voltando à carta) "mamãe estou voando" (Olha paracima, os outros fazem o mesmo )"as coisas longe ficam perto", esta carta deve ser em código; "já amo mesmo o nosso Brasil"; este negócio de amar o Brasil é coisa suspeita; "fazer desordens... vamos fazer umas desordens por aí...(Vitorioso) Aqui está! Então querem fazer

umas desordens, hem? Guardas a postos! Não estou gostando nada disso.. Isto está me cheirando a muita desordem. Temos que defender a ordem constituída....

MÃE (Não entendendo nada, aflitíssima): E se ela virar brisa, senhor comissário?

COMISSÁRIO: Brisa? Quem?

MÃE: Minha filhinha. O senhor não viu? (Mostrando a carta) O vento convidou-a para virar brisa do mar. Aqui, olha... (Os dois leem baixo o trecho da carta)

COMISSÁRIO: (Fazendo um ar inteligentíssimo) O vento... Vento? Vento deve ser pseudônimo de algum espião ou chefe de bando. João Vento, Pedro Vento, Chico Vento... Sabe-se lá...

PACÍFICO: Conheci um Chico Vento que era ladrão de pão doce lá numa padaria da minha terra.

CRISPIM: Quem sabe, chefe, não é caso de astronáutica inimiga?

PACÍFICO: Disco voador...

CRISPIM: Planeta Marte...

COMISSÁRIO (conclusivo): Não. Nada disso. Está ficando tudo claro. A coisa é aqui na terra mesmo. Vento é sobrenome de um bandido.

MÃE (soluçando): Minha filha!

COMISSÁRIO: Sobre isto não tenho a menor dúvida. Usou a menina para fazer crer a nós, da polícia, que se tratava do vento mesmo...e...

PACÍFICO: E o menino?

COMISSÁRIO: Enloqueceu o menino com alguma droga; derrubou o repórter...

PACÍFICO: E as velhas?

COMISSÁRIO: Dependarou as velhas e finalmente mandou esta carta cifrada que só pode enganar aos tolos (Vendo que a mãe chora) e as mães. Então querem fazer umas desordens na cidade, hem! Querem enganar a polícia!

CRISPIM: Mas, chefe, e este vento que soprou e quase derrubou a gente? Como é que Vossa Excelência explica isso, hem?...

COMISSÁRIO: Seu burro, aquilo não era vento natural da natureza; era sopro de algum aparelho, um aspirador gigante, um ventilador atômico. (Sua fala cheia de gesticulação é interrompida por um pequeno paraquedas sustentando uma carta que vem caindo de cima; o comissário fica estático) Ninguém toca! (Com cuidado pega a carta e guarda o paraquedas na mala da perícia; depois começa a ler a carta) "Chega, Comissário Plácido Epaminondas Cavalgadura"... alguém que me conhece de nome... "me deixa em paz e desinfeta a minha cova"... Grosseirão! Continue lendo, Pacífico, não posso mais. (Fica de muito mau humor).

PACÍFICO (Continuando a ler a carta): "desinfeta a minha cova, senão eu sopro o senhor para sempre e quem vai ter dor de coração é a senhora Epaminondas. O senhor não tem mais o que fazer? Já está bem grandinho para brincar com o vento!"

COMISSÁRIO: (Que está cada vez mais furioso enquanto seus policiais não aguentam a vontade de rir): Está assinada?

PACÍFICO: Não.

COMISSÁRIO: Ah... é isto? Estou grandinho, hem?! Querem luta? Pois então terão! Para começar, Pacífico e Crispim, apanhem um pouco deste ar (Tira da mala da perícia dois apanhadores de borboletas e entrega-os aos policiais.) É preciso mandar um sábio examinar a natureza deste vento, desta tapeação química, deste sopro fabricado.

MÃE: E minha filha? Se ela virar brisa do mar eu morro.

COMISSÁRIO (Distraído): Pois morra. Quero dizer... sua filha está em perigo de vida, minha senhora. Sinto dizê-lo, mas a polícia tem que dizer tudo. Doa a quem doer. Sua filha foi levada como refém para provocar a polícia e começar o rififi. O biruta convidou-a para ser senhorita brisa de mar. Talvez tenha feito de sua filha uma espiã inimiga. Pobre mãe! (Tira um lenço preto e dá para a mãe enxugar as lágrimas) Faremos tudo que está ao nosso alcance para solucionar esta intriga.

MÃE: Mas quando poderei rever minha filhinha?

COMISSÁRIO (Categórico): Hoje! Se não for hoje, será amanhã, se não for amanhã, será depois de amanhã, se não for depois de amanhã, será algum dia. Ninguém engana a polícia. A polícia acaba sempre descobrindo tudo. (Uma ligeira brisa começa a soprar) Agora peço a senhora para ficar aguardando minhas ordens em casa. E por favor não deixe seu filho sair. Guarde bem o seu monstrinho. (Acompanha a mãe para fora de cena).

(Crispim e Pacífico fazem a mímica de quem está querendo pegar o vento com os papa-borboletas e quando o chefe volta fumando nervoso outro outro charuto eles se apresentam.)

PACÍFICO: Pronto, chefe.

COMISSÁRIO (Entregando tudo a Crispim): Vá depressa ao departamento de meteorologia e entregue este vento para o sábio examinar, depressa Crispim. (Crispim sai). O celerado deve estar por perto. Suas máquinas de fabricar vento armadas engenhosamente na cova do vento. Aqui certamente, é a sede da quadrilha. Coisa bem pensada. Cfime quase perfeito não fora aqui o Plácido Epaminondas. (Ele está agitadoíssimo) Pacífico!

PACÍFICO (Meio apavorado): Sim, chefe.

COMISSÁRIO: Tenho um plano para a captura imediata do inimigo. A cova do vento deve ficar interditada a qualquer intruso. Vá buscar a tabuleta.

PACÍFICO: Sim chefe. (sai e volta com uma tabuleta onde se lê: Proibido passar pela Cova do Vento.)



COMISSÁRIO : Todo aquele que esta noite puser os pés aqui será suspeito de pertencer ao bando do Chico Vento, ou Pedro Vento ou Vento de Tal. (Falando como em segredo para Pacífico) Eles devem voltar aqui esta noite. Estão por perto, senão não mandariam isto ( A Carta)... Vamos nos esconder e fazer crer a eles que estamos sós e que o campo está livre. (Usando um tom de voz normal, falando ostensivamente alto para ser ouvido) Irei para a delegacia e voltarei aqui amanhã de manhã. Vamos embora, Pacífico.

PACÍFICO : (Querendo imitar o chefe e falando ainda mais alto) : Vamos embora, chefe.

COMISSÁRIO (Dando uma volta pela cena, pisando e falando ainda mais forte): Estamos indo embora ...

PACÍFICO: (Enquanto o chefe sai de cena, pisando e falando ainda mais forte): Estamos indo embora...

PACÍFICO(Enquanto o chefe sai de cena ): Já fomos embora ! (Os dois tornam a aparecer pela entrada do proscênio) Inteligente, hem chefe!(O comissário se envaidece, faz psiu, toma o revólver e espera escondido na frente da cortina.)

#### CENA VIII

(O comissário espera algum possível intruso. Anoitece na cova do Vento. No meio da cena a tabuleta. Pé ante pé surge tia Aurélia sòzinha uma maleta na mão.)

AURÉLIA (Chamando): Vento! ...Ventinho:... Ventaniaaaaa ...

COMISSÁRIO(Entredentes) : Reunião da quadrilha:Estão todos no papo.

AURÉLIA : Mariaa... ôôôôô ... Estou prontinha para a viagem pelo mundo afora...

(Entra Pedrinho entre cauteloso e esbaforido.)

PEDRO: Tia Aurélia, o que é que a senhora está fazendo aqui? Volta para casa. Se a polícia descobre, estamos fritos...

AURÉLIA : Briguei com Adeliade.Eu estava aprendendo a ventarolar no quintal, então ela me pôs de castigo e então eu resolvi também passar para o lado do vento...

COMISSÁRIO : Toma nota, Pacífico. Ela quer passar para o lado do tal Vento. É uma suspeita.

PACÍFICO : Já estou escrevendo.

Pedro: E se eles não vierem esta noite.

(Comissário faz sinais para Pacífico tomar nota)

AURÉLIA : Não é aqui a cova dele ? Ele não tem que trazer Maria de volta ?

PEDRO : Mas tia Aurélia a senhora tem coragem de ir lá em cima nas nuvens ? !

AURÉLIA : Ah ... tenho !

COMISSÁRIO: Vista aérea?

PACÍFICO: Vista aérea.

COMISSÁRIO: Confere. O que mais?

PACÍFICO: Um xale... Uma kodak.

AURÉLIA: ( Quase cantando, sempre prêsá pelo comissário): É falta de educação mexer nas coisas dos outros.... É falta de educação mexer nas coisas dos outros!!! ( O comissário tenta tapar-lhe a bôca mas recebe uma mordida.)

COMISSÁRIO: Peste! Guarde tudo para ser examinado e leve-os para o xadrez. ( Quando os dois estão já fora de cena vem vindo a mãe).

VOZ DA MÃE: Mas o que é isto?

VOZ DE AURÉLIA : Foi aquele burro do comissário...( A voz se perde e a mãe entra em cena.)

MÃE: Mas o que é isto?

COMISSÁRIO : ( Apontando-lhe o revólver): É isto mesmo. Seu filho está prêsó. Suspeito de pertencer ao bando.

MÃE : Pedrinho suspeito de ser bandido? E tia Aurélia também?

COMISSÁRIO: Exato.

MÃE: Minha filha, brisa de mar, meu filho, bandido....Ohhhh!  
( Desmaia).

COMISSÁRIO: Também é biruta. Se a filha é espiã, o filho é bandido, a mãe também é suspeita. Mãe de peixinho, peixe é. A senhora, favor explicar o que estava fazendo a estas horas da noite na Cova do Vento. Ah!...não quer responder? Ninguém pode explicar, porque ninguém quer explicar. ( A mãe volta a si) Idade? Estado Civil? onde está seu marido?

MÃE: Está viajando...

COMISSÁRIO: Domicílio? ( O comissário faz tôdas estas perguntas numa arrancada só, e a mãe diz apavorada.)

MÃE : O delegado está ficando maluco... O delegado está ficando maluco...

(Sai.)

#### CENA IX

COMISSÁRIO: Será prêsá também. E agora, mãos a obra. ( Tira uma enorme corda da malinha de perícia e começa amarrando-a no tronco da árvore; depois amarra na propria cintura. Vem chegando do muito assustado e fica estatelado olhando as manobras do chefe.)

COMISSÁRIO: Quero ver se ele me arranca daqui... O que é que há, Crispim?....

CRISPIM ( Olhando o ambiente): E se.... o... começar....a...

COMISSÁRIO: O que, imbecil?

CRISPIM: O outro, o da atmosfera mesmo.





PEDRO: Mais acima ainda! Na estratosfera. Para cima do azul!

AURÉLIA: Do azul? Que maravilha! Vamos logo, Pedrinho...

PEDRO: Então está bem. Vou com a senhora... Mas... A senhora sabe ventar ou não?

COMISSÁRIO: Código.

AURÉLIA: Sei sim. Veja. (Quando ela vai dar uma rodopiada dá com a tabuleta do Comissário) Iiii, olha aqui, Pedrinho.

PEDRO (Lendo): Proibido passar pela Cova do Vento. Isto é coisa do Comissário. (Tira a tabuleta e joga-a fora de cena).

AURÉLIA: Comissário burro. Ele quer proibir o vento de ventar! ah! ah! ah! (Comissário quando se ouve chamar de burro fica furioso).

COMISSÁRIO: Burro?!

PACÍFICO: Tomo nota disto também?

COMISSÁRIO: Quietos, imbecil!

PEDRO: Ele é burro, mesmo. Não entende nada de nada. Vai se estrear um dia desses.

AURÉLIA: É só o Vento querer que ele fica dependurado como um enforcado naquela árvore.

PEDRO: Se o Vento quiser pode mandá-lo para a China, para o Japão...

AURÉLIA: Para Minas Gerais... (O Comissário se aproxima furioso com o revólver apontado para Pedrinho que está de costas para ele; Aurélia, que está de frente, percebe a manobra e faz gestos aflitos que, entretanto, não são percebidos por Pedrinho)

PEDRO: ...para o Afeganistão, para...

COMISSÁRIO: ... para o xadrez. Estão presos como suspeitos de pertencerem ao bando do tal Vento, a não ser que expliquem o que faziam a estas horas da noite na Cova do Vento.

PEDRO: Estávamos esperando o Vento.

COMISSÁRIO: Toma nota, Pacífico.

AURÉLIA: (furiosa) O senhor não tem nada com isto. (Começa a dar socos no peito do comissário) O senhor não é meu pai nem minha mãe para...

COMISSÁRIO: Despespeito a autoridade!

PEDRO (Tentando deter a tia Aurélia): Tia Aurélia, a senhora não pode bater no Comissário...

(Tia Aurélia se desprende e tenta fugir gritando.)

AURÉLIA: Vento, Ventinho, sopra este homem para longe...

(Pacífico consegue prendê-lo)

COMISSÁRIO: Então confessem que estavam esperando o bandido para novos ataques, hem? De malinha pronta, hem? (Aurélia consegue se desprender de Pacífico e recomeça a correr agarrada na malinha mas desta vez o comissário também a prende).

COMISSÁRIO: Pacífico, veja o que contém essa valise. Cuidado com as impressões digitais.

PACÍFICO (Abrindo a malinha): Um cartão postal com uma vista...

COMISSÁRIO: Quero ver se este vento falso, esta brisa química, este Zé Vento, Jão Vento, Chico Vento... se este sopro de laboratório pode derrubar Plácido Epaminondas de Souza, oficial Administrativo, classe M, do quadro permanente, Nível 20, com quatro quinquênios!...

( Ouve-se uma forte gargalhada, e uma lufada de vento.)

CRISPIM : ( Apavorado): Se não é Vento então é macumba....

( sai se benzendo)

COMISSÁRIO: Venha, Vento falso... Vento!.. ( Outra gargalha da mais perto. O comissário bem amarrado em sua corda começa a se aproximar do proscenio desconfiado. Sem que veja, no fundo da cena aparece o Vento levando a menina pela mão).

VENTO: Quem é Vento falso?

O comissário fica completamente paralisado. O vento pega na ponta da corda que está presa na árvore e começa a puxar o comissário que cede; depois de repente fica em posição de luta, e dá com a enorme figura do Vento).

MENINA : Boa noite, senhor comissário.

COMISSÁRIO: O carnaval já acabou, sr. Vento de tal. O senhor pode enganar uma criança mas não a polícia. Está preso, palhaço, por rapto de menor, por espancamento de um profissional da imprensa, por desrespeito às senhoras de idade, por alta traição e por... (O Vento dá uma grande soprada, o comissário procura resistir heroicamente e volta ao ataque);... e por empregar meios químicos, falsos ventos contra a autoridade consti... (Nova soprada que faz o comissário recuar)

VENTO (Brincalhão): E por que mais, senhor comissário? (O comissário tira um revólver e aponta para o vento, mas este é arrancado violentamente por um sopro mais forte e desaparece no ar; a menina ri sem parar.)

COMISSÁRIO: Está preso, já disse, não tente resistir...

VENTO: Venha me prender, sr. Comissário.

COMISSÁRIO: Pois vou mesmo. (Desta vez o comissário cai no chão de pernas para o ar. O Vento e a menina não param de rir.) Você também será presa menina. Já está tudo no xadrez... (O Vento e a menina param de rir). Sua mãe está presa... seu irmão, sua tia...

MARIA: (Começando a chorar) Mamãe presa! Por quê?!

COMISSÁRIO: Família de ventoinhas!...

MARIA (Chorando para o vento): Mamãe está presa, Vento! E Agora?... Chora.

(O Vento furioso, dá uma grande lufada e o comissário começa a ventarolar pela cena tentando dar socos, mas finalmente desaparece enquanto o Vento sopra olhando para cima para dar a impressão de que o comissário está subindo.)

COMISSÁRIO: uuuuuuuuuuuuuuu! (Desaparece)

MARIA: Depressa, Vento. Tira todo mundo da prisão... mamãe presa! Onde está o comissário?

VENTO: Está vendo aquele pontinho lá em cima daquela árvore enorme, perto da jaqueira?

MARIA: Estou.

VENTO: Pois é ele.



MARIA: E agora?

VENTO: Não era você que queria fazer umas desordens?

MARIA: Queria (chorando muito)...mas não estou querendo mais... quero minha mãe de volta, quero Pedrinho... e todos... (Continua chorando).

VENTO(Aflito): Está bem, não precisa chorar tanto... vou soprar tudo de volta. Vou largar um vendaval, um ciclone, um tufão de derrubar paredes... (Sai dando gargalhadas.) Um tufão... um vendaval... ah! ah! ah!...

MARIA: E eu, Vento? E eu?

COMISSÁRIO(VOZ BEM DO ALTO E BEM LONGE) - Socorro! Socorro!

MARIA: Senhor Comissário! Senhor!...(Vem chegando, muito assustados, Crispim e Pacífico; ao verem a menina ficam de boca aberta como se estivessem vendo um fantasma.)

PACÍFICO: A menina!

CRISPIM: Tem mau olhar nisto...

MARIA: Deixem de bobagens e tratem de salvar seu chefe.

PACÍFICO: Chefe, onde?

MARIA: Lá em cima, seus bobos.

(Crispim e Pacífico olham para cima.)

PACÍFICO: O chefe lá em cima.

CRISPIM: Vai dar cana.

PACÍFICO: Chefe, o que é que o senhor está fazendo aí em cima!

COMISSÁRIO:(Voz) Imbecis, peguem uma corda!...

(Os dois correm pela cena como patetas atrás de uma corda e saem.)

(Maria, sentada em uma pedrinha, começa a chorar baixinho quando começa a soprar o vendaval fora de cena. Ouve-se um piano tocando as escadas desordenadamente depois barulho de coisas quebrando e começa terrível vendaval. Folhas mortas caem de cima, pedaços de música, chapéus de todas as espécies, uma roda de bicicleta passa pela cena. Maria faz o sinal da cruz e espantada acompanha a chegada desses objetos estranhos. Passa sua avó com o guarda chuva virado ao contrário, puxada pelo vento.)

MARIA: Vovó!(Mas a velhinha não a vê e passa. Finalmente o vento diminui e chega também rodopiando levemente a mãe.) Elas não se vêem logo.

MÃE: MARIA!

MARIA: Mãe!(As duas se abraçam)

MÃE: Onde é que você andava, minha filha?

MARIA: Não recebeu minha carta?

(Nova lufada de vento traz tia Aurélio rodopiando e rindo.)

MARIA: Tia Aurélio! (As duas se abraçam, Maria levanta tia Aurélio no colo, num rodopio.)

AURÉLIO: Minha maluquinha querida!

(Outra lufada traz tia Adelaide envolta num pano verde e amarelo, sugerindo a bandeira, e tia Adalgisa segurando restos de um piano. As duas rodopiam e caem sentadas sobre as pedras. As folhas continuam sempre caindo.)

MARIA(No meio do barulho do vento): Benção, tia Adelaide, benção tia Adalgisa.

ADELAIDE: Deus te abençoe. Então foi devolvida, hem...

(Pedrinha também é jogado na cena violentamente segurando um pedaço de grade de prisão.)

MARIA: Pedrinho!

PEDRO: Maria!(Quando vão se abraçar todos são rodopiados.)

PEDRO(Olhando para cima): Vejam. O comissário dependurado!

TODOS(rindo): O Comissário dependurado!

TIA ADELAIDE: O castigo anda a cavalo!...

AURÉLIO: Ele também foi ventado. Bem feito!

(Do alto, amarrado por uma corda, desce o comissário batendo os pés, furioso. Já visível da platéia para de descer.)

COMISSÁRIO: Depressa, Pacífico.

PACÍFICO(Segurando a ponta de uma corda, presa em cima): A Corda enfiou, che

fe. Crispim foi chamar os bombeiros...

COMISSÁRIO: Imbecis! (Vendo que todos riem dele) Que todos se dirijam à delegacia. Vou abrir rigoroso inquérito para apurar as responsabilidades.

REPORTER: (Que chegou esbaforido): Veja na cova do Vento, distintos ouvintes, o senhor Comissário pendurado numa corda em atitude estranhamente...

COMISSÁRIO: Prenda este reporter, Crispim. (Crispim tapa a boca do reporter e o fetira de cena gritando).

REPORTER: Estão tentando tapar a boca da imprensa falada...

COMISSÁRIO: Todos estão novamente presos... (Ouve-se uma enorme gargalhada do Vento pelo alto-falante) Prendam também este vento...

MARIA: Não se prende o vento... senhor comissário.

MARIA E PEDRO: Não se prende o vento... não se prende o vento!

(O pano se fecha enquanto o comissário esperneia e os outros riem.)

FIM

CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PAPEZER Nº 30/82-SCDP/SR/SC

PEÇA TEATRAL: "A MENINA E O VENTO"

AUTORA: MARIA CLARA MACHADO

CLASSIFICAÇÃO: CENSURA LIVRE

---

Peça infantil, constituída de um prólogo e nove cenas, da conhecida autora Maria Clara Machado.

Apoiando-se em efeitos visuais, a peça versa, em tom de fábula, sobre as peripécias vividas por duas crianças, seus parentes e o vento, uma das principais personagens, caracterizado com atributos humanos.

De linguagem leve, em consonância com o público infantil, movimentada e alegre, sugerimos a liberação da peça com censura livre.

Florianópolis, 31 de agosto de 1982.

*Alex Cardia Eschiletti*

ALEX CARDIA ESCHILETTI  
TÉCNICO DE CENSURA  
MAT. 022.923

## TEATRO

TÍTULO A MENINA E O VENTOAUTORA: MARIA CLARA MACHADO

## 1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVREPraça SCDP/SR/SC

Obs.:

DF. 06 / 10 / 82 /Consolação

Resp. pela elaboração do Processo

## 2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

DF. \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Resp. pela Programação

## 4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de PT para o qual os censores propõem a classificação etária de LIVRE

Brasília-DF, DF de 10 de 19 82

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.97 \_\_\_\_\_

## 3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 16 anos, sem cortes, condições de exame do ensa-

Obs.: liberada no SCDP/SR/SC  
Brasília-DF, 07 de 10 de 19 82

Belle Prudente Carvalho  
Matr. 2 415 791

Brasília-DF de \_\_\_\_\_ de 1.97 \_\_\_\_\_

## 5) DIRETOR DA D.C.D.P.

**LIBERE-SE**

na forma do parecer

Em DF de 10 de 19 82

Solange M. T. Fernandes  
Diretora da DCDP



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO

Nº 2315/82-SE/DCDP

Brasília, 11 de out de 1982

Do: Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao: Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/ SANTA CATARINA

Assunto:

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao(s) ofício(s) em referência, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias do(s) certificado(s) de censura da(s) peça(s) teatral(is): "O JOGO DA CAÇA AO PÁSSARO", de Maria Helena Kuhner; "A VOLTA DO CAMALEÃO ALFACE" de Maria Clara Machado; "A MENINA E O VENTO" de Maria Clara Machado; "JOÃOZINHO PETELECO" de Maria Helena Kuhner; "CAMUNA DE BRAVOS", de José Ferreira da Silva; "A MULHER SEM PECADO" de Nelson Rodrigues e "AUTO REPRESENTADO NA FESTA DE SÃO LOURENÇO" de José de Anchieta; "A DAMA DA MADRUGADA" de Alejandro Casona.

Atenciosamente,

*Solange M. T. Fernandes*  
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES  
Diretora da DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0480, P.236

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 535

PEÇA "A MENINA E O VENTO"

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PELA D.C.D.P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 07 de OUTUBRO de 19 87

Brasília, 07 de OUTUBRO de 19 82

# LIVRE

*Solange M. F. Fernandes*  
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretor da DCDP

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada A MENINA E O VENTO

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

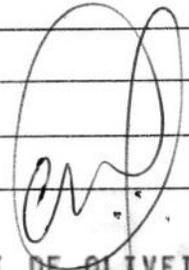
Produção de \_\_\_\_\_

Requerida por FLORIANÓPOLIS/SC -

Tendo sido censurada em 07 de OUTUBRO de 1982 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 07 de OUTUBRO de 1982

  
NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - 3 ABK 08 17 85 002293

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIV. PÚBLICAS

DCDP / BSB

Ofício nº 1422-84/SCDP/SR/BA - Salvador, 27 de março de 1984

Assunto: encaminhamento - ( F A Z ).

Senhora Diretora,

Com o presente encaminho a V.Sa., o "script" e os pareceres referentes à leitura da peça teatral " A MENINA E O VENTO", de autoria de Maria Clara Machado.

Outrossim, esclareço que, não foi realizado o ensaio geral, tendo em vista que o mesmo seria realizado em cidade do interior do Estado e não houve disponibilidade de verba por parte desta Superintendência.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e distinta consideração.

MARIA HELENA QUERREIRO-BEL  
Técnica de Censura  
Chefe do SCDP SR/DPF/BA

ILMA SRA.

DIRETORA DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BRASÍLIA-DF.

Ivone Clesia dos Santos Maia  
Requerente

brasileiro Nacionalidade, Estudante Profissão

Carteira de Identidade 2.522.052 Nº e Órgão Expedidor 5-3. 11 PT

residente e domiciliado à Rua K, 16 cidade nova, Feira de Santana, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) Peça Teatral Espécie abaixo relacionada (s),

de autoria de: Maria Clara Machado  
A Menina e o Vento  
Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Salvador, 02 de Fevereiro de 84  
Local e Data

Ivone Clesia dos Santos Maia  
Requerente

Anexos:

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Grupo de Teatro Infantil Ferrou pilhos CGC:  
 Sede: Centro Social Urbana, Rua 5 S/N cidadenan  
Feira de Santana CEP: 44.100  
 Diretor ou Responsável: Lyone Clesia dos Santos Maia

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: \_\_\_\_\_  
 Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: \_\_\_\_\_  
 Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_  
 Data do Nasc.: \_\_\_\_\_ Identificação: \_\_\_\_\_  
 Estado Civil: \_\_\_\_\_  
 Profissão: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 CEP: \_\_\_\_\_

3 - PARCERIA

Nome: \_\_\_\_\_  
 Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: \_\_\_\_\_  
 Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_  
 Data do Nasc.: \_\_\_\_\_ Identificação: \_\_\_\_\_  
 Estado Civil: \_\_\_\_\_  
 Profissão: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 CEP: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_  
 Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: \_\_\_\_\_  
 Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_  
 Data do Nasc.: \_\_\_\_\_ Identificação: \_\_\_\_\_  
 Estado Civil: \_\_\_\_\_  
 Profissão: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 CEP: \_\_\_\_\_

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 02 de Fevereiro de 1984

Ass: Lyone Clesia dos Santos Maia

A M E N I N A E O V E N T O

De Maria Clara Machado

Correções e ritmo : Roberto Cordovani

PERSONAGENS POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA :

ADELAIDE ( TIA MAIS VELHA )

ADALGISA ( TIA DO MEIO )

AURÉLIA ( TIA MAIS JOVEM )

MARIA ( A SOBRINHA )

PEDRO ( O SOBRINHO )

VENTO

SOPRINHO UM

SOPRINHO DOIS

SOPRINHO TRÊS

VOVÓ

A REPÓRTER

O COMISSÁRIO PLÁCIDO

SEU AJUDANTE CRISPIM

ATO ÚNICO

(OUVE-SE INSISTENTEMENTE UMA ESCALA DE PIANO. TIA ADELAIDE ESTÁ NO PIANO, É A MAIS VELHA E TAMBÉM A MAIS MANDONA. TIA ADALGISA É A DO MEIO. CÓPIA VIVA DE TIA ADELAIDE. TIA AURÉLIA É A MENOS VELHA, MEIO BIRUTA, MEIO INFANTIL, OBEDECE SEMPRE TIA ADELAIDE POR HÁBITO E MEDO. ADALGISA E AURÉLIA AO LADO DO PIANO DE ADELAIDE. )

ADELAIDE ( DÁ A NOTA ) - Oh! Oh! Oh! Oh! Oh! Oh! Oh! Oh! (OUTRA NOTA

ADALGISA E AURÉLIA (TOTALMENTE DESAFINADAS) Ah! ah! ah! ah! ah!

AAAAAAAAAHHHHH!

( E REPETEM ISSO ALGUMAS VEZES )

ADELAIDE - Crianças... ( DÁ AS PRIMEIRAS NOTAS )

( AS CRIANÇAS QUE ESTAVAM PRESENTES PRESTAVAM ATENÇÃO NAQUELAS TRÊS TIAS ENGRAÇADAS E RIAM DE SEUS JEITOS...MARIA QUE ERA SOBRINHA DELAS, ERA A MAIS DISTRAÍDA, POIS ESTAVA NUM CANTO SAPATEANDO )

ADELAIDE - Maria preste atenção na aula de hoje...

ADALGISA - Isso mesmo. Maria, preste atenção na aula de hoje.

ADELAIDE - Menina você só pensa em sapatear...

ADALGISA - Só pensar em sapatear. (CUTUCA AURÉLIA QUE ESTÁ DISTRAÍDA )

AURÉLIA - Só pensa... Só pensa em que ?

ADELAIDE E ADALGISA - Em sapatear.

AURÉLIA - E o que é que tem é tão bom sapate (ADELAIDE ABAPA O SOM DA BOCA DE AURÉLIA, E ENQUANTO DISCUTEM )

MARIA - Corre, Pedro. Aula no Domingo também é o cúmulo.

PEDRO - Tia Adelaide é o fim.

ADELAIDE - Pedro! Maria!

MARIA - Depressa! ( SAEM CORRENDO )

ADELAIDE (GRITANDO) - Meninos, voltem já para a aula!

ADALGISA - É o que falaremos pra mãe deles? É pensar que eles estão passando as férias para aprender cento e outras matérias.

AURÉLIA - Maria! Pedro!... Voltou já... já... já... Adelaide está chamando!...

ADELAIDE - Lugar de criança é dentro de casa.

ADALGISA - A culpa é da mãe delas que é muito mole...

AURÉLIA - No nosso tempo, quando...

ADELAIDE (INTERROMPENDO-A) - Já sei, Aurélia, que nosso tempo era diferente, mas nossa obrigação de tias é educá-los.

AURÉLIA - A aula de hoje é tão boa! Adora educação cívica!

ADALGISA - As aulas de Adelaide são excelentes! Ele é a melhor professora de educação cívica da cidade!

AURÉLIA - E do Brasil!

ADELAIDE (SAINDO, ORGULHOSA COM OS ELOGIOS) - Meninos, voltem para aula!

ADALGISA (ACOMPANHANDO-A) - É preciso aprender a amar o Brasil, meninos!

AURÉLIA (SAINDO TAMBÉM) - Pedro! Maria!

(MUITO ASSUSTADA VOLTA ADALGISA)

ADALGISA - Eles fugiram pelo caminho da cova do vento.

ADELAIDE (VOLTANDO TAMBÉM ASSUSTADA) -... Não é lugar para moças sozinhas...

AURÉLIA (APARECENDO ALVOROÇADA) - Cova do vento... mamãe sempre disse que lá é muito deserto, e feio... e cheio de vento...

ADELAIDE - Vamos até lá. (PAUSA) - É melhor não... É muito perigoso o risco.

ADALGISA - É muito perigoso o risco.

AURÉLIA - E os meninos?

ADELAIDE - Quando chegarem em casa ficarão de castigo. Terão que escrever duzentas vezes : Viva o nosso Brasil amado! (SAI)

AURÉLIA (FAZ CARA FEIA) - Vivasaaaa! ? (SAI)

ADALGISA - Muito boa idéia, Adelaide, muito boa idéia! (SAI)  
(AO ABRIR O PANO...)

CENÁRIO

(A COVA DO VENTO. UM PEDAÇO DE PRAIA DESERTA COM ENORME TRONCO AO FUNDO DE ONDE CAEM PEDAÇOS DE GALHOS E PARASITAS, FEITOS COM MATERIAL LEVE PARA QUE POSSAM SUGERIR O EFEITO DO VENTO. NO CHÃO ALGUMAS PEDRAS ROLIÇAS. UMA DELAS É O TRAVESSOIRO DO VENTO. O AMBIENTE DEVE SUGERIR MISTÉRIO E POESIA. VÁRIOS VENTILADORES SÃO INSTALADOS PARA MOVIMENTAR OS PARASITAS QUE SE MOVERÃO AO MESMO TEMPO QUE SE OUVI O BARULHO DO VENTO GRAVADO. O VENTO É UM PERSONAGEM MEIO MITOLÓGICO, COMO SE VÊ EM FIGURAS DE MAPAS DE NAVEGAÇÃO ANTIGA. PEDRO E MARIA CHEGAM CORRENDO. DEPOIS DE VERIFICAREM QUE NÃO ESTÃO SENDO PERSEGUIDOS, OBSERVAM O LUGAR).

MARIA - Iiiii! Aqui hoje está muito esquisito.

PEDRO - Mas aqui tenho a certeza que elas não vêm. Nossas tias não deixam a gente em paz.

MARIA - Tia Adelaide é o fim.

PEDRO - Você não acha que isto aqui está calmo demais?

MARIA (DESCOBRINDO O VENTO) - Veja, Pedro, o Vento, dormindo.  
Será que ele está doente ?

(OLHANDO PARA CIMA) Caiu, será?

PEDRO - Lugar de vento ficar é lá em cima. O que é que ele veio fazer aqui na praia?

MARIA - Que feio que ele é !

PEDRO - É velho e barrigudo.

MARIA - Sempre pensei que o vento fosse lindo!

PEDRO - Por que, ora!

MARIA - Porque tudo que voa é bonito.

PEDRO - Urubú também ?

MARIA - Voando é. Até urubú voando é bonito. Menos mosquito.

PEDRO - Ele está acordando.

MARIA = Vem cá... (VÃO PRA DE TRÁS DE UMA ÁRVORE) -

Quero só ver a cara que ele tem acordado.

(O VENTO SE MEXE E FICA SENTADO COM AS PERNAS ESTIRADAS. DEPOIS CONTINUA A DORMIR SENTADO, RONCANDO MUITO ALTO)

PEDRO (FALANDO BAIXO) - Ronca igualzinho ao vovô Jaime.

MARIA (RINDO SEM CONTROLE) - Vovô Jaime... é isto mesmo... o vento se parece com vovô Jaime.

(OS DOIS CONTINUAM A RIR ATÉ QUE ACORDAM O VENTO, QUE ABRE OS OLHOS ESPANTADOS)

VENTO - Psiuuuuui (BOCEJA, OS MENINOS SE CALAM, ELE CONTINUA A DORMIR)

MARIA (FALANDO BAIXO) - Está acordando... Parece mesmo o vovô Jaime quando dorme na poltrona...

(O VENTO ABRE OS OLHOS ESPANTADO E COMEÇA A SE LEVANTAR, PROCURANDO VER DE ONDE VEM O BARULHO)

PEDRO - (PUXANDO MARIA PARA SE ESCONDER) - Ele viu!

VENTO - (DESCOBRINDO OS MENINOS) - Deixem-me dormir, criaturas desagradáveis.

PEDRO - Quem é criatura desagradável ?

MARIA - Acho que somos nós.

PEDRO (BRANCANDO) - Os incomodados que se mudem.

VENTO (FURIOSO) - O quê ! ?

PEDRO (PROVOCADOR) - Disse : os incomodados que se mudem.

VENTO - Olhe aqui, eu vocês me deixam dormir em paz ou...

PEDRO - Ou o quê? Aqui por acaso é propriedade sua?

MARIA - Pedro, não provoca.

PEDRO - A praia é pública, a rua é pública, o espaço é público... (DENTRO DA CENA SEM O MENOR RECEIO DO VENTO) - E nós fazemos barulh onde queremos... e o vento também é público, está ouvindo?

VENTO - Ninguém levanta a voz com o vento.

MARIA - E o trovão?

VENTO - O trovão?

MARIA - Ele não levanta a voz para você, vento?

VENTO - Para mim, coisa nenhuma...

MARIA - Para quem, então?

VENTO - Para vocês, é claro!

MARIA - Bem que eu achei que a explicação de tia Adelaide sobre o trovão não era boa. Tia Adelaide tira a graça de tudo.

VENTO - Já disse que ninguém levanta a voz com o vento.

MARIA - Quem é que está levantando a voz para você? Estou só falando de minha tia Adelaide, e meu irmão é meio mal-humorado. Mas o senhor também não fica atrás... ele estava só brincando. Com este mau humor, já vejo o porquê das tempestades... Aliás isto também tia Adelaide não explicou bem. As tempestades são causadas pelo mau humor do vento e de sua família... brigas entre nuvens, brisas, ventos, raios e trovões...

VENTO - Pare de falar, matraca de feira, ou então eu...

PEDRO (NERVOSO) - Minha irmã, matraca de feira?

VENTO - Vocês querem, não é? (DÁ UMA LUFADA DE SOPRO SOBRE OS MENINOS, QUE CAEM NO CHÃO. A SONOPLASTIA E UM DOS VENTILADORES ACOMPANHAM SEMPRE AS LUFADAS DO VENTO.)

PEDRO - Vento covarde!

MARIA - Não provoca Pedro...

VENTO - Tratem de desaparecer, senão eu sopro! E é para valer...  
Um... Dois...

PEDRO - Vento caduca...

MARIA - Não provoca mais ele, Pedro.

VENTO - Caduca, eu? Pois você vai ver...vou te mandar para as nuvens e lá você é que vai caducar...(COMEÇA A SOPRAR COM TANTA FORÇA QUE PEDRO, DEPOIS DE DAR UMAS VOLTAS TENTANDO RESISTIR, SAI DE CENA GRITANDO).

MARIA - Pára de ventar, Vento, que Pedro está sumindo atrás daquela árvore. Pára vento...Pedro! Pedro! (VENTO RI) Queira soprar de volta, imediatamente, o meu irmão ou então o senhor terá que se ver comigo.

VENTO - O quê? Está me desafiando, pedacinho de coisa nenhuma? Quer também ser soprada para longe? (RINDO)

MARIA - Pára de rir, vento bobo-alegre. Não tem vergonha de rir desse jeito? Traga meu irmão de volta, já disse.

VENTO - Vou ter mandar para a China, menina.

MARIA - Duvido. E fique sabendo que sou campeã de andar na ventania e não vai ser um ventinho qualquer que vai me levar para a China ou para o Japão...

VENTO - Você disse...ventinho qualquer?

MARIA - Disse. O que é que você sabe fazer mais além de ventar? Sabe ler? Sabe escrever? Qual é a sua educação cívica?

VENTO - Chega. (DÁ UMA FORTE LUFADA. MARIA SE ESCONDE ATRÁS DELE QUE PROCURA, INTRIGADO, SEM PODER ENCONTRÁ-LA. ELA SAI CORRENDO DE TRÁS DELE, E O VENTO FURIOSO COMEÇA A SOPRAR E MARIA DELICIADA SAI EM LOUCOS RODOPIOS, SEMPRE RINDO. O VENTO, SENTINDO-SE VENCEDOR, VOLTA PARA SUA PEDRA E RECOSTA PARA TORNAR A DORMIR. COMEÇA A RONCAR QUANDO MARIA VOLTA. VENDO QUE O VENTO NÃO ACORDA)

MARIA - Soprinhos de vento...

(ENTRAM OS SOPRINHOS)

MARIA - Soprem nos meus pés para eu ter bastante impulso...

SOPRINHO 1 - Você quer é acordar o Vento...

MARIA - Quero sapatear para ele ver...

SOPRINHO 2 - Não provoque...

MARIA - Eu só quero brincar com ele...

SOPRINHO 1 - Está bem, mas se ele ficar bravo, nós saímos correndo.

(COM BARULHINHOS DE LEVES VENTOS O CONJUNTO COMEÇA A SAPATEAR UMA ALEGRE E MOVIMENTADA COREOGRAFIA. MARIA SEMPRE PLHANDO PARA O VENTO)

VENTO - (ABRINDO OS OÍHOS, OS SOPRINHOS SAEM CORRENDO E MARIA CONTINUA DANÇANDO SÓZINHA) - O que é isso?

MARIA - Isto o senhor não sabe fazer... Sapatear, a melhor coisa do mundo... garanto que não sabe...

VENTO - Ainda aqui ?

MARIA - Ficarei aqui até você trazer Pedro de volta.

VENTO - Não trago.

MARIA - O senhor não sabe trazer ele de volta?

VENTO - Eu não quero trazer ninguém de volta.

MARIA - E se eu prometer nunca mais incomodá-lo na sua toca?

VENTO - Não acredito em promessa de menina.

MARIA - Então em que você acredita?

VENTO - Acredito na minha força.

MARIA - Mentira, hem? Tão forte que nem conseguiu me soprar para longe... Acho que você está ficando sem fôlego, velho e cansado.

VENTO (DESCONFIADO) - Você acha?

MARIA - A verdade é que o senhor com seus mil e quinhentos séculos de vida não conseguiu derrubar uma menina de dez anos...

VENTO - Mas eu nunca fui vencido.

MARIA - Não fique assim, vento. É que eu sou campeã mesmo.  
Ninguém me vence na minha rua na corrida de ventania.

VENTO - Como é que você faz para vencer?

MARIA - Precisa ter coragem e equilíbrio.

Vento - E como é que você descobriu?

MARIA - Praticando. Equilíbrio eu consigo nas minhas aulas de ballet, e sapateando, eu adoro sapatear (SAPATEADO)

VENTO - Outra vez menina, isso não.

MARIA(PÁRA)- Comecei a lutar contra os grandes ventos com uma brisinha à-toa.

VENTO- Ela é minha filha, tão fraquinha.

MARIA - Eu sei. Depois passei para um vento mais forte.

VENTO - Eu.

MARIA - Vento de praia. Agora, na ventania custei mais, porque a ventania não tem muita direção e tapela a gente também.

VENTO - Minha mãe. Sempre foi muito nervosa.

MARIA - É. Mas venço ele também. Quando tem muita ventania na rua, viro como um papa-vento, fico tão levezinha no corpo e ro-dopio e não me censo, assim: (FAZ O PASSO DE BALLET ESTRE-LINHA)- E a ventania desiste de mim. Quase que posso voar.

VENTO - Você gostaria?

MARIA - De voar? Ah! gostaria. Sabe, um dia tia Aurélia me disse que se a gente esfregasse asa de passarinho nas costas todos os dias cresciam umas asas e a gente voava.

VENTO - E você esfregou?

MARIA - Ela esfregava na minha e eu na dela. Combinamos de voar juntas. Até que um dia nos atiramos de cima de uma árvore, eu quebrei o braço e ela bateu a cabeça no chão, por isso que agora ela é meio confusa...

MARIA - Mais tarde começou a dar brotoeja nas minhas costas e tia Adelaide descobriu tudo e botou tia Aurélia e eu de castigo escrevendo duzentas vezes: "Só quem voa é passarinho, criança estuda para servir ao Brasil".

VENTO - E tia chata.

MARIA - Ela só pensa no Brasil.

VENTO - Gostaria de passear em cima de mim?

MARIA - Seria bárbaro! Mas o senhor tem que primeiro trazer o Pedrinho.

VENTO - Pedrinho, não.

MARIA - Então nada feito.

VENTO (CONCILIADOR) - Deixe o Pedrinho pra lá, que eu já ventei ele para casa.

MARIA - Jura?

VENTO - Palavra de vento. Juro pelos raios que me partam... que ele voltará para casa.

MARIA - Não gosto nada de juramento de vento mas... você pode mesmo ventar o que quiser? Trazer coisas de outras terras, atrapalhar tudo?

VENTO - Posso tudo.

MARIA - Não seja prose. Sei de coisas que você não é capaz de atrapalhar, como por exemplo: eu ter que arrumar a minha cama, ir ao dentista, estudar matemática, ouvir aula de tia Adelaide e ser obrigada a amar o Brasil!

VENTO - Quer aprender a amar o Brasil em cima de mim viajando?

MARIA - Mas tia Adelaide vem também?

VENTO - Não. Eu te mostro tudo que há de bonito por aí e você aprende tudo sem tia e sem livro. Só olhando...

MARIA - Ah! ,gostaria também de fazer umas desordens por aí.

VENTO - Desordens ?

MARIA (MALICIOSA) - Ventar tia Adelaide do piano. Desarrumar tudo que é arrumadinho. Só para ver a cara de todo mundo. (COMEÇA A RIR). Levantar a saia de tia Adelaide seria bárbaro! Ela usa umas ceroulas tão engraçadas!... Mundo certinho é tão chato ! Vamos ventar rolar o mundo.

VENTO - Vamos, mas não reclame depois as consequências, hem? (A MENINA MONTA NA CACUNDA DO VENTO QUE COMEÇA A SOPRAR; COM O VENTO ENTRAM OS SOPRINHOS E DANÇAM RÁPIDAMENTE, ATÉ QUE / DESAPARECEM, OUVINDO-SE AINDA POR ALGUM TEMPO A GARGALHADA E O BARULHO DO VENTO)

(ENTRAM AS TRÊS TIAS E PEDRINHO; TODAS ASSUSTADAS)

PEDRO - Foi aqui, no meio da ventania.

ADELAIDE (BAIXINHO) - A cova do vento.

ADALGISA - A cova do vento !... (E SE JUNTA A TIA ADELAIDE)

O que aconteceu ?

(TIA AURÉLIA SAI DE CENA, DESCOBRINDO, CURIOSA, A COVA)

ADELAIDE - Cpsa boa é que não foi. Volta aqui, Aurélio, quer também ser raptada?

DALGISA - Raptada?

AURÉLIA - Credo, Adelaide !

ADELAIDE - Ela não pode ter desaparecido assim de qualquer maneira.

PEDRO - Não foi de qualquer maneira. Ela começou a ventarolar como sempre faz. Eu é que fui soprado. Meu controle ainda é ruim. E depois...

TODAS - Depois...

PEDRO - Depois chamei o vento de covarde e foi a conta. (AURÉLIA SORRI) - Ele se irritou e me soprou até aque -  
la árvore ali. Fiquei preso lá um tempão e vi tudo.  
Eles conversaram muito e riram também.

ADELAIDE - Eles quem ?

PEDRO - Maria e o Vento.

ADELAIDE - Conversaram como ?

PEDRO - Conversando, ora. Conversa vai, conversa vem, ela mon -  
tou nele e lá se foram.

ADALGISA - Que conversa é essa de vento conversar? Você sabe,  
Pedro, que mentir é muito feio...

AURÉLIA - (DANDO RISINHOS) - Eu bem que gostaria de ter umas  
conversinhas com o vento ....

ADELAIDE - Quieta, Aurélia, senão te ponho no piano...

AURÉLIA - Ah! Não. Pelo amor de qualquer coisa. (À PLATÉIA)  
Eu odeio piano.

AS DUAS - Quieta.

ADELAIDE - E onde é que você acha que eles estão agora?

PEDRO - Bem, agora ? (CALCULANDO) - Se pediram ajuda da venta -  
nia, que é a mãe dele...

AURÉLIA - Mãe de quem ?

PEDRO - Do vento. (TODAS SE ENTREOLHAM) . Se pediram ajuda e  
ela já devem estar perto do Ceará.

ADALGISA - Toma (DÁ-LHE DINHEIRO)- Vai tomar um sorvete bem  
grande (PEDRO SAI)

ADELAIDE (ENTRE DENTES) - Antipedagógico!

ADALGISA - Estou ficando aflita!

ADELAIDE - Pudera ! Faz mais de seis horas que a menina sumiu.  
E foi daqui... Pedro não diz coisa com coisa. Acho  
que ele ficou atrapalhado da cabeça.

AURÉLIA - Teria ela sido raptada ?

ADALGISA - Mas...

ADELAIDE - Mas é óbvio...

ADALGISA (QUASE CHORANDO) - Vou avisar a polícia. Não aguento mais. Fiquem aqui um pouco. Quem sabe ela aparece?

AURÉLIA - Ficar aqui sózinhas ? E se ele aparecer?

ADALGISA - Ele quem ?

ADELAIDE = O raptor !

AURÉLIA - O vento, Adelaide.

ADELAIDE - Sossega, Aurélia. Mande um guarda ao menos. Isto aqui não é e nunca foi lugar para mocinhas.

ADALGISA - Não é e nunca foi lugar para mocinhas... Bom, vou depressa chamar o comissário Plácido (SAI)

ADELAIDE - Eu disse... eu avisei... eu disse prá mãe deles, que não se deve deixar meninos soltos por aí.

(AS DUAS PASSEIAM AFLITAS PELA CENA, ENQUANTO AURÉLIA ALVOROÇADA OBSERVA TUDO)

ADELAIDE - Lugar de menino é na sala da mãe. Se fosse minha filha, vivia trancada a sete chaves... Eu bem que dizia

AURÉLIA - Você bem que dizia.

ADELAIDE - Mas a mãe não fazia o que eu dizia...

AURÉLIA - Não fazia o que você dizia... Eu dizia... tu dizias ele dizia...

ADELAIDE - Bem feito agora.

AURÉLIA - Mamãe sempre disse que quem faz mal feito não tem direito...

AS DUAS - De se queixar.

AURÉLIA - Adelaide, vento tem costas, prá gente montar em cima, tem?

ADELAIDE - Eu te prendo no quarto, Aurélia !

(ENTRA ADALGISA)

ADELAIDE - E então?

ADALGISA - Já avisei o comissário...

(COMEÇA<sup>N</sup>A ENTRAR OS SOPRINHOS E COMEÇA A VENTAR?, OS SOPRINHOS DANÇAM EM VOLTA DAS TRES E ELAS COMEÇAM A RODOPIAR COM O VENTO FORTE, AURÉLIA APRECIA O RODOPIO COMO UMA CRIANÇA)

ADELAIDE - Santo Deus, Santa Bárbara e São Jerônimo nos acudam !

AURÉLIA - Adelaide...Adelaide...me segura...que gostoso...que gostoso...(ENGROSSANDO A VOZ) . Que barato.

ADALGISA - Socorro ! Não me empurrem...Adelaide, socorro !...

(AS TRES DESAPARECEM DE CENA, E OS SOPRINHOS QUE PARARAM DE DANÇAR COM O VENTO FORTE COMEÇAM A RIR, AS TIAS CONTINUAM / GRITANDO E TORNAM A APARECER DEPENDURADAS NAS ÁRVORES. SÃO / BONECAS. DA PLATÉIA SÓ DEVEM SER VISTAS AS PERNAS DAS TIAS / COM CALÇAS ANTIGAS; VINDO POR CIMA AS VOZES PEDINDO SOCORRO. CHEGA A AVÓ)

VOVÓ - Adelaide! Adalgisa! Aurélia! Voltem para casa, meninas...

Onde se meteram essas meninas...Se o Jaime sabe disso...

TIAS - Socorro! Socorro! (A VELHINHA FINALMENTE OLHA PARA CIMA E DÁ COM AS FILHAS DEPENDURADAS NAS ÁRVORES ; A VELHA É MEIO SURDA)

VOVÓ - Meninas, desçam já daí. Já...já...

ADELAIDE - Estamos presas, mamãe...

VOVÓ - QUEM MANDOU VOCÊS SUBIREM EM árvore? No meu tem árvore

VOVÓ - Quem mandou vocês subirem em árvore? No meu tempo árvore era feita para enfeite da natureza...e também para dar frutos...Desçam já daí.

ADALGISA - Estamos presas, mamãe.

VOVÓ - Comendo fruta verde de novo, hem Adalgisa!

ADELAIDE - Chame o corpo de bombeiros, mamãe.

VOVÓ - Desça já daí, Aurélia, ou chamo teu pai.

AURÉLIA - Me empurraram...

ADELAIDE - Os bombeiros, mamãe!

VOVÓ - Até você, Adelaide...e abaixe já esta saia. Que modos são esses de mostrar as calças deste maneira...

(COMEÇA A SOPRAR UM VENTINHO LEVE QUE DELICADAMENTE EMPURRA A VELHINHA)

VOVÓ - Não empurra, Jaime...não empurra...Já disse que não vou para casa...não quero entrar...Já disse...(E VAI SAINDO) - Não empurra Jaime...Não empurra...(SILÊNCIO NA CENA. ENTRA A REPÓRTER SEGURANDO UM MICROFONE COM UM FIO ENORME. OLHA PARA TODOS OS LADOS, VERIFICA QUE A PRAIA ESTÁ VAZIA)

REPÓRTER - ALÔ, ALÔ, Rádio da Praia, estamos transmitindo diretamente do local do rapto da menina Maria de Almeida. Para os ouvintes, tenho a informar que se trata de uma praia deserta e mal encarada, os pescadores a chamam de Cova do Vento. Pois é a cova da jovem Maria, trágicamente desaparecida nas primeiras horas da manhã. Estou falando dessa tragédia graças a gentileza dos Perfumes Ventania, a brisa que refresca (TOM SÉRIO). Estou dando em primeira mão a reportagem completa sobre o desaparecimento trágico da jovem Maria, aluna exemplar...

ADELAIDE - Isto é que ela não era...

REPÓRTER (PROCURANDO VER DE ONDE VEM A VOZ) - Como ia dizendo, a Brisa que refresca é um perfume Ventania, e a jovem...

ADALGISA (VOZ DÉBIL) - Socorro! Socorro!

REPÓRTER (DESCOBRINDO AS TIAS) - Caros ouvintes, a situação aqui na cova do vento se agrava. Do alto das enormes árvores que circundam a cova do vento, pertem maravilhosos apelos de socorro. Será Maria ? É o que verificarei num sensacional esforço, graças ao patrocínio dos perfumes Ventania, de dar em primeira mão a reportagem completa do maior rapto do século. Sou corajosa prá burro e verei o que está acontecendo. Vejo a distinta senhora Adelaide e suas estimadas irmãs dependuradas nos galhos das árvores. Elas estão numa posição bastante incômoda. Vou entrevistá-las neste instante, antes que elas morram. Dona Adelaide e suas inseparáveis irmãs são tias e professoras da pobre Maria. Boa tarde, dona Adelaide, quer fazer algumas declarações para as nossas emissoras, numa gentileza dos perfumes Ventania?

AURÉLIA - A brisa que refresca?

REPÓRTER (COM FORÇA DO HÁBITO) - Isto mesmo, acertou ! A senhora terá direito a um cupom numerado que, com mais dez cupons de respostas certas, lhe dará o direito a um frasco, absolutamente grátis e o direito a concorrer no próximo concurso : O vento é o limite.

AURÉLIA - Ganhei! Ganhei!

(O VENTO COMEÇA A SOPRAR E A REPORTER RODOPIA, TENTA DAR SOCOS NO AR, FINALMENTE SE ENROLA NO FIO DO MICROFONE E CAI NO CHÃO DESMAIADA, O VENTO CESSA)

(ENTRA O COMISSÁRIO COM UMA SINISTRA SINISTRA QUE SAPATEIA E OBSERVA O LOCAL, JUNTAMENTE COM SEU POLICIAL CRISPIM)

CRISPIM - Uma defunta! O crime!

COMISSÁRIO ( VENDO A REPÓRTER) - Ninguém toca no cadáver.

(CRISPIM MEIO APAVORADO OBSERVA O LOCAL E DÁ COM AS TIAS DEPENDURADAS)

CRISPIM - Veja, chefe! Tres damas enforcadas!

COMISSÁRIO - Uma menina raptada, uma repórter amarrada, espalhada e morta, tres damas enforcadas. Num só dia e tudo na cova do vento. Este é um dos casos mais complicados.

ADELAIDE - Depressa, polícia, já não aguento mais!

CRISPIM - Ainda não morreram. Então é porque ainda estão vivas!

COMISSÁRIO - Crispim, suba naquela árvore e retire os corpos das velhas. Cuidado com as impressões digitais. (CRISPIM SAI) . As senhoras têm que declarar à polícia o que estão fazendo aí!

AURÉLIA (RINDO) - Estamos vendo a vista senhor comissário... Tô vamorando com um urubú.

COMISSÁRIO (TOMANDO NOTA DE TUDO NUM CADERNINHO) - Vendo a vista? Favor declararem domicílio, estado civil, nacionalidade e idade...

ADELAIDE - Era só o que faltava.

(A REPÓRTER COMEÇA A SE MEXER)

COMISSÁRIO - Esta também ainda está viva! (AJUDANDO A REPÓRTER A SE DESVENCILHAR DO FIO DO MICROFONE) . A senhora tem alguma coisa a declarar à polícia?

REPÓRTER (OLHANDO PATA TODOS OS LADOS COM MEDO); Fui atacada por um monstro. Tentei tudo... (PEGANDO DE NOVO O MICROFONE) : O dever de uma repóter é informar. Rádio Praia continuando a reportagem interrompida por uma covarde agressão. Sou mártir da imprensa e da verdade. (ENQUANTO ISSO O COMISSÁRIO EXAMINA O LOCAL

REPÓRTER - É TOMA TOMA). Ao ver as senhoras enforcadas tentei salvá-las, mas o agressor me bateu. Tentei lutar, mas não se tratava de um único homem e sim de uma quadrilha. (O VENTO DÁ UMA LUFADA). Senhor comissário, sou corajosa pré burro e os ouvinste sabem disto, mas convém a gente sair logo daqui, porque eles podem voltar.

COMISSÁRIO - Um momento. (CONTINUA EXAMINANDO TUDO)

REPÓRTER (QUERENDO DESCOBRIR ASSUNTO PARA OS OUVINTES). Tem alguma coisa a declarar aos nossos ouvintes? (O COMISSÁRIO NÃO RESPONDE) . O senhor gosta dos perfumes Ventania?

COMISSÁRIO - Bem... (A REPÓRTER FAZ SINAL PARA ELE DIZER SIM).  
Gosto sim...

(NESTE MOMENTO AS BONECAS COMEÇAM A SE MEXER E OUVEM-SE AS TIAS E OS POLICIAIS. O COMISSÁRIO E A REPÓRTER ACOMPANHAM SEUS MOVIMENTOS)

ADALGISA - Estão me fazendo cócegas! (AURÉLIA RI)

ADELAIDE - Não me toque, polícia !

CRISPIM - Então como é que é, madame? Tem que sair, não tem?  
Eu tenho que segurar, ora !

ADALGISA - Não me faz cócegas, polícia...

CRISPIM - Segura meu braço, madame.

ADALGISA - Senhorita, faz favor.

CRISPIM - AGARRE A VELHA, comissário.

COMISSÁRIO - Isto, Crispim...

(OS BONECOS DESAPARECEM. A REPÓRTER CONTINUA A ENTREVISTA)

REPÓRTER - E agora diga, senhor comissário Plácido, a polícia promete aos nossos ouvintes descobrir tudo deste horrível rapto?

COMISSÁRIO - Prometo sim. A polícia vai descobrir tudo, porque a polícia foi feita para descobrir tudo. Se não descobrir tudo hoje, descobre amanhã, se não descobrir amanhã, descobre depois de amanhã. Se não descobrir depois de amanhã, acaba mesmo descobrindo, por isso é bom que a quadrilha apareça logo para não dar muito trabalho à polícia...

(CHEGAM AS TIAS E CRISPIM. AS TIAS ESTÃO COM OS CHAPÉUS FORA DO LUGAR, AS SAIAS LEVANTADAS, PEDAÇOS DE FOLHAS NA CINTURA, ENFIM TÊM QUE DAR A IMPRESSÃO QUE ESTÃO DESCENDO DAS ÁRVORES)

ADELAIDE - Isto é um desaforo.

ADALGISA - Duas horas dependuradas nas árvores!

ADELAIDE - Parecíamos três judas em sábado de aleluia! (A REPÓRTER PROCURA COLOCAR O MICROFONE À FRENTE DE CADA UM QUE FALA)

AURÉLIA - Lá de cima vi o senhor comissário tão pequenininho que parecia o mico da dona Dalcine (RISINHOS)

ADELAIDE - Chega, Aurélia. Isto não são horas para se chamar o senhor comissário de mico. Exijo providências urgentes. Isto não são maneiras de se tratar três moças de família. Se a polícia não tomar medidas urgentíssimas....

ADALGISA - Urgentíssimas....

AURÉLIA - Urgentíssimas....

COMISSÁRIO (TIRANDO UMA FITA MÉTRICA E COMEÇANDO A TOMAR MEDIDAS DAS SENHORAS) - Serão tomadas medidas urgentíssimas, dona Adelaide.

REPÓRTER - O sr. Comissário Plácido Epaminondas, comissário emérito da polícia local, está começando a tomar as medidas urgentíssimas pedidas por dona Adelaide.

COMISSÁRIO - A medida mais urgente que qualquer polícia do mundo tomaria é de interditar o local. A cova do vento está interdita...

REPÓRTER - O local acaba de ser interdita, porque as damas pediram providências urgentíssimas.

(UMA FORTE LUFADA DE VENTO FAZ TODO O GRUPO DAR UM PASSO À FRENTE REPENTINAMENTE)

AURÉLIA - É ele!

(ADELAIDE PENSANDO QUE AURÉLIA ESTÁ SE REFERINDO AO COMISSÁRIO QUE ESTÁ AO SEU LADO LHE APLICA UM ENORME TAPA NAS BOCHECHAS)

ADELAIDE - Ah...então é o senhor! (TAPA; UMA NOVA LUFADA E ADELAIDE É JOGADA NOS BRAÇOS DO COMISSÁRIO. O VENTO CONTINUA E A CONFUSÃO COMEÇA)

COMISSÁRIO - Senhora Adelaide!

ADELAIDE - Que indecência. (DEPOIS DE MUITO RODOPIAREM O VENTO CESSA DE REPENTE E TODOS SE RECOMPÕEM)

COMISSÁRIO - Vamos embora. As declarações tomarei na chefatura.

ADELAIDE - Vamos, meninas...

ADALGISA - Isto é uma pouca vergonha... (VÃO SAINDO JUNTOS / QUANDO O VENTO RECOMEÇA E TRAZ DE NOVO O GRUPO ARRASTADO PARA O FUNDO DO PALCO. A ESTAS HORAS JÁ DEVEM ESTAR MEIO APAVORADOS)

COMISSÁRIO - Vamos embora, já disse! (TORNAM A SAIR COM MAIS CAUTELA E DE NOVO O VENTO OS TRAZ DE VOLTA. AÍ JÁ DEVERÃO ESTAR GRITANDO DE PAVOR)

COMISSÁRIO - Vamos embora, torno a dizer. (ADELAIDE SE AGARRA AO COMISSÁRIO, ADALGISA EM ADELAIDE, A REPÓRTER SE PENDURA NO FIO DO MICROFONE, OS POLICIAIS SE GRUDAM UM NO OUTRO E SAEM DEVÊGARINHO, PARA NÃO DESPERTAREM O MONSTRO DESCONHECIDO; AURÉLIA DIZ MAIS ATRÁS, NO SILÊNCIO:)

AURÉLIA - É ele! (AO OUVIR ISTO TODOS FOGEM ESBAFORIDOS, GRITANDO POR SOCORRO; DESTA VEZ O VENTO NÃO SOPRA)

(HORAS PASSANDO. ENTRA PEDRINHO, CHAMANDO BAIXINHO)

PEDRO - Maria! Maria! Volta, para sua casa!...(AO MESMO TEMPO UMA BRISA LEVE COMEÇA A SOPRAR. PEDRO SE ASSUSTA) - O que é isto? (PEGA O PERGAMINHO)

(QUANDO PEDRO COMEÇA A LER A CARTA, A LUZ DE CENA É DIMINUÍDA; NO FUNDO SÃO PROJETADAS, ATRAVÉS DE UM PROJETO R INSTALADO. VÁRIAS FOTOGRAFIAS DE MARIA, DE NUVENS, DE MAR, DE BICHOS, DE CIDADES ANTIGAS, DE MARIA DE NOVO, DE MODO QUE DÁ A IMPRESSÃO DE QUE EIA

ESTÁ VIAJANDO. OUVI-SE AO MESMO TEMPO A VOZ DA MENINA GRAVADA)  
VOZ DE MARIA - Pedro, estou voando por aí. Não fiquem aflitos. Conheci dona Ventania e sua filha Brisa, que é muito delicada e amável. O vento é meu amigo e encima dele tenho visto coisas lindas. Vi praias enormes, sem fim! E um montão de nuvens. Vi bichos, cidades e terras secas. Não vou mais precisar de estudar para as aulas de tia Adelaide porque já aprendi muita coisa, não vou mais estudar nas férias, só na escola pra reforçar o que já sei, e para poder falar pros meus amigos. As coisas mostradas, a gente aprende mais depressa e mais bonito. Até acho que já amo mesmo o nosso Brasil. As coisas / longe ficam mais perto, o que era feio a culpa era de tia Adelaide que enfeitava tudo...Ela não sabe o que é bom. Tenho sapateado todos os dias. O vento perguntou se eu queria virar brisa do mar. Estou pensando ainda. Gosto muito de mar. Mas acho que prefiro ser eu, apesar de tudo. Acho que é isso que está me botando na dúvida. O vento é bom elemento e manda lembranças. Estamos agora bem no meio do Brasil. A cachoeira do Iguaçu é um bocado bárbara. Beijos, Maria.

PEDRO (A LUZ VOLTA À CENA) - A letra é dela, o jeito é dela. E se ela virar brisa do mar? Polícia! Polícia! Senhor Comissário! Minha irmã brisa de mar! Que droga. (SAI GRITANDO)

(ENTRA TIA AURÉLIA SEGURANDO UMA ENORME VENTAROLA; CORRE PELA CENA IMITANDO MARIA. DEPOIS ESCUTA A VOZ DE ADELAIDE CHAMANDO E SE ESCONDE RAPIDAMENTE NA COXIA)

ADELAIDE - Aurélia!

ADALGISA - Será que ela teve a ousadia de vir aqui sozinha?(AS DUAS ESTÃO APAVORADAS E SE AGARRAM UMA NA OUTRA; ADELAIDE TROPEÇA NUMA PEDRA E CAI NUMA POSIÇÃO BASTANTE INCÔMODA, DE QUATRO, SUA RAIVA AINDA AUMENTA MAIS.)

ADELAIDE - (GRITA) - Sei que você está escondida por aqui, Auré-  
rélia!

ADALGISA - Trate de aparecer, Auré-  
lia, sabemos que você está /  
escondida por aqui. Não adianta desobedecer Adelaide. Você sa-  
disso, Auré-  
lia.

ADELAIDE - O que sempre perdeu Auré-  
lia foram as más companhias...

ADALGISA (OFENDIDA) - Nós, Adelaide?

ADELAIDE - Claro que não Adalgisa! Ora vejam só!... Maria e Pedro  
nunca foram companhia para Auré-  
lia. Ela sempre se deixou levar pe-  
las crianças.

ADALGISA - Sempre se deixou levar!

ADELAIDE - Sei que você está escondida, Auré-  
lia!

ADALGISA - Aurelinha, trate de aparecer!

ADELAIDE - Trate de aparecer logo porque senão o castigo vai ser/  
pior...

(AURÉLIA COM MUITO MEDO TRATA DE ESCAPAR PELO FUNDO DO PALCO MAS  
É DESCOBERTA POR ADALGISA)

ADALGISA - Achei!

ADELAIDE - O que é que você estava fazendo na cova do vento?

ADALGISA - Não sabe que isto aqui não é lugar para mocinhas?

(AURÉLIA NÃO RESPONDE)

ADELAIDE - Ah! Não quer responder, não é?

ADALGISA - Responda, Auré-  
lia, senão ela te castiga. Você quer ser  
raptada? (AURÉLIA DIZ QUE SIM COM A CABEÇA)

ADELAIDE (FURIOSA) - Ah! Então é isto? Quer ser raptada? Irá pa-  
ra casa imediatamente e escreverá duzentas vezes: "Lugar de mo-  
ça é no piano, quem vive na rua não tem tutano." (ADELAIDE AGAR-  
RA AURÉLIA POR UM LADO, ADALGISA PELO OUTRO E LEVAM AURÉLIA SUS-  
PENSA ENQUANTO REPETEM!)

AS DUAS - Lugar de moça é no piano, quem vive na rua não tem tu-  
tano.... (SAEM)

(ENTRA O COMISSÁRIO COM O PERGAMINHO, CRISPIM, MEIO APAVORADO QUE CARREGA UMA MALINHA ONDE SE LÊ : PERÍCIA. PEDRO ESTÁ JUNTO)

COMISSÁRIO - Foi aqui que isto apareceu?

PEDRO - Uma brisa soprou de repente e veio empurrando a carta, devagarinho até aqui !

COMISSÁRIO - Crispim, vigia tudo. Qualquer coisa avise.

CRISPIM - Vigiar o que, chefe ?

COMISSÁRIO - Por aí... por cima... por tudo.

(CRISPIM CHUPA O DEDO E COLOCA-O NA POSIÇÃO DE VERIFICAR A DIREÇÃO DO VENTO)

CRISPIM - O senhor não quer tirar as impressões digitais?

COMISSÁRIO - De quem, seu burro? (TODOS SE ENTREOLHAM)

PEDRO - Só se for do vento.

COMISSÁRIO - Você quer enlouquecer mais a gente ?

PEDRO - Eles agora devem estar fazendo miséria.

COMISSÁRIO - (PEGANDO PEDRINHO PELO CANGOTE) - Eles, quem ?

PEDRO - Maria e o vento.

COMISSÁRIO - Quem é este ?

PEDRO - O vento, ora. Maria saiu voando em cima dele.

COMISSÁRIO (IRRITADO) - Rapazinho, trata-se da vida de uma menina, de sua irmã. Uma menina não pode sair voando em cima do vento, está ouvindo ?

PEDRO - Podia também abater um repórter ? Enforcar três senhoras e escrever uma carta?

Ah, senhor comissário, o senhor é muito ingênuo, não conhece o vento. por que não pode, diga ?

COMISSÁRIO - Porque dois e dois são quatro, menina é menina, vento é elemento elementar da natureza, polícia é polícia e você vai dizer a verdade, está ouvindo ?

PEDRO - Se dois e dois são quatro, e o vento tiver costas prá levar Maria, hem? E a polícia...

OS DOIS - E a polícia, o quê?

PEDRO - ... Não entender nada de vento e eu estar dizendo a verdade?

COMISSÁRIO - Este menino está atrapalhando os bons trabalhos da polícia. Se continuar assim terei que mandar prendê-lo.

PEDRO - O senhor não descobre nada. (TIRA A LÍNGUA PARA O COMISSÁRIO)

COMISSÁRIO - Monstrinho irritante! (CRISPIM CORRE ATRÁS DE PEDRINHO). Crispim, voltem! (VOLTANDO À CARTA): "mamãe estou voando" (OLHA PARA CIMA, OS OUTROS FAZEM O MESMO); "as coisas longe ficam perto", esta carta deve ser em código; "já amo mesmo o nosso Brasil"; este negócio de amar o Brasil é coisa suspeita; "fazer desordens por aí... (VITORIOSO) Aqui está! Então querem fazer umas desordens, hem? Guardas a postos! Não estou gostando nada disso... Isto está <sup>meu</sup> cheirando a muita desordem. Temos que defender a ordem constituída...

PEDRO - E se ela virar brisa, senhor comissário?

COMISSÁRIO - Brisa? Quem?

PEDRO - Minha irmã. O senhor não viu (MOSTRANDO A CARTA) - O Vento convidou Maria para virar brisa de mar. Aqui, olha...

(OS DOIS LÊEM BAIXO O TRECHO DA CARTA)

COMISSÁRIO (FAZENDO UM AR INTELIGENTÍSSIMO) - O vento... Vento? Vento deve ser pseudônimo de algum espião ou chefe de bando. João Vento, Pedro Vento, Zé Vento, Chico Vento... Sabe-se lá...

CRISPIM - Conheci um Chico Vento que era ladrão de pão doce lá / numa padaria de minha terra... Ou quem sabe, chefe, não é caso de astronáutica inimiga? Disco voador..... Planeta Marte...

COMISSÁRIO (CONCLUSIVO) - Não. Nada disso. Estátudo ficando claro. A coisa é aqui na terra mesmo. Vento é sobrenome de <sup>UM</sup> bandido. Sobre isto não tenho a menor dúvida. Usou a menina para fazer crer a nós, da polícia, que se tratava de vento mesmo... e...

CRISPIM (APONTANDO PARA PEDRO) - E o menino ?

COMISSÁRIO - Enlouqueceu o menino com alguma droga; derrubou o re pórter...

CRISPIM - E as velhas ?

COMISSÁRIO - Dependurou as velhas e finalmente mandou esta carta cifrada que só pode enganar aos tolos. Então querem fazer umas desordens na cidade, hem ! Querem enganar a polícia !

CRISPIM - Mas chefe, e este vento que soprou e quase derrubou a gente ? Como é que Vossa Excelência explica isso, hem?...

COMISSÁRIO - Seu burro, aquilo não era vento natural da natureza: era sopro de algum aparelho...(ENTRA SOPRINHO TRÊS)

SOPRINHO TRÊS - Alguém me chamou ?

(OS DOIS E PEDRO ASSUSTADOS )

COMISSÁRIO - Era sopro de algum aparelho, um aspirador gigante, um ventilador atômico...(SUA FALA CHEIA DE GESTICULAÇÃO É INTERROMPIDA POR UM PEQUENO PARA-QUEDAS SUSTENTANDO UMA CARTA QUE VEM CAINDO DE CIMA; O COMISSÁRIO FICA ESTÁTICO) - Ninguém toca ! ( SOPRINHO TRÊS SORRI) - (COM CUIDADO PEGA A CARTA E GUARDA O PARA-QUEDAS NA MALA DE PERÍCIA · DEPOIS COMEÇA A LER A CARTA) Chega comissário Plácido Epaminondas Cavalgadura... alguém que me

COMISSÁRIO - conhece de nome... "Me deixa em paz e desinfeta a /  
mãha cova"... Grosseirão! Continue lendo, Crispim,  
não posso mais. (FICA DE MUITO MAU HUMOR)

CRISPIM (CONTINUA A LER A A CARTA) - "desinfeta a minha cova, se  
não eu sopro o senhor para sempre e quem vai ter dor /  
de coração é a senhora Epaninondas. O senhor não tem ma-  
is o que fazer ? Já está bem grandinho para brincar com  
o vento ".

COMISSÁRIO (QUE ESTÁ CADA VEZ MAIS FURIOSO ENQUANTO PEDRO E CRIS-  
PIM NÃO AGUENTAM DE VONTADE DE RIR) - Está assinada ?

CRISPIM - Não

COMISSÁRIO - Ah... é isto ? Estou grandinho, hem? Querem luta ?  
Pois então terão ! Para começar, Crispim, apanhe um  
pouco deste ar. (TIRA DA MALA DE PERÍCIA DOIS APA-  
NHADORES DE BORBOLETAS E ENTREGA=OS A CRISPIM) - É  
preciso mandar alguém muito estudado examinar a na-  
tureza deste vento, desta tapeação química, deste á  
sopro fabricado.

SOPRINHO TRÊS - Sopro fabricado ? (SAI ENFEZADA)

COMISSÁRIO - Pedro, a polícia tem que dizer tudo. Doe a quem do  
er. Sua irmã foi levada como refém para provocar a  
polícia e começar o rififi. O biruta convidou-a pa-  
ra ser senhorita brisa de mar. Talvez tenha feito /  
de sua irmã uma espiã inimiga. Pobre irmão! (CRIS-  
PIM PENALISADO, TIRA DO BOLSO UM LENÇO PRETO E EN-  
TREGA AO COMISSÁRIO) - Pobre Maria...

CRISPIM (IMITANDO COMISSÁRIO) - Oh! Pobre Maria...

COMISSÁRIO - Que desgosto para a família.

CRISPIM - Que desgosto para a família.

COMISSÁRIO - E ela era o orgulho da família...

CRISPIM - E ela era o...

COMISSÁRIO - Cala boca, Crispim, também não precisa me acompanhar em tudo...

CRISPIM - Desculpa chefe, é que o senhor estava emocionado e eu quis dar um reforço.

COMISSÁRIO - Reforçou demais. Faremos tudo que está ao nosso alcance para solucionar esta intriga.

PEDRO - Mas, quando poderei rever minha irmã ?

COMISSÁRIO (CATEGÓRICO) - Hoje ! Se não for hoje, será amanhã, se não for amanhã, será depois de amanhã, senão for depois de amanhã, será algum dia. Ninguém engana a polícia. A polícia acaba sempre descobrindo tudo. / (CRISPIM DÁ UMA FORTE RASPADA DE GARGANTA. COMISSÁRIO FICA SEM GRAÇA. UMA LIGEIRA BRISA COMEÇA A SOPRAR) - Agora peço ao Pedro para ficar aguardando minhas ordens em casa. (ACOMPANHA PEDRO PARA FORA DA CENA)

(CRISPIM FAZ MÍMICA DE QUEM ESTÁ QUERENDO PEGAR O VENTO COM OS PAPA-BORBOLETAS E QUANDO O CHEFE VOLTA FUMANDO NERVOSO OUTRO CHARUTO CRISPIM DÁ UMA PARADA E TEM UMA IDÉIA)

CRISPIM - Chefe, tenho uma idéia.

COMISSÁRIO (ENTREGANDO TUDO A CRISPIM) - Vá depressa ao departamento de meteorologia e entregue este vento para alguém muito estudioso, afim de examinar, depressa Crispim. (CRISPIM PARADO OLHANDO PARA O COMISSÁRIO) - O celerado deve estar por perto. Suas máquinas de fabricar vento armadas engenhosamente na cova do Vento. Aqui, certamente, é a sede da quadrilha. Coisa bem pensada. Crime quase perfeito não fora aqui eu, Plácido Epaminondas Cavalgada. Crispim !

CRISPIM (BEM CALMO) - Sim, chefe.

COMISSÁRIO - Ainda não foi levar isso.

CRISPIM - Levo depois. Antes gostaria de mostrar a minha idéia para ajudar o senhor.

COMISSÁRIO (PAUSA) - Vá lá, diga.

CRISPIM - Tenho um plano para a captura imediata do inimigo. A cova do Vento deve ficar interditada a qualquer intruso. Vou buscar a tabuleta.

COMISSÁRIO - Esse Crispim até que resolve... (RISADINHAS)

(CRISPIM ENTRA COM A TABULETA ONDE SE LÊ ! PROIBI - DO PASSAR PELA COVA DO VENTO )

CRISPIM - Todo aquele que esta noite puser os pés aqui será suspeito de pertencer ao bando do Chico Vento, ou Pedro / Vento ou Vento de Tal (FALANDO COMO EM SEGREDO PARA O CHEFE) - Eles devem voltar aqui esta noite. Estão por perto, senão não mandariam isto (A CARTA) ... Vamos nos esconder e fazer crer a eles que estamos sós e que o / campo está livre.

COMISSÁRIO (USANDO UM TOM DE VOZ NORMAL, FALANDO OSTENSIVAMENTE ALTO PARA SER OUVIDO) - Irei para a delegacia e volta rei aqui amanhã de manhã. Vamos embora, Crispim.

CRISPIM - (QUERENDO IMITAR O CHEFE E FALANDO AINDA MAIS ALTO) - Vamos embora, chefe.

COMISSÁRIO (DANDO UMA VOLTA PELA CENA, PISANDO E FALANDO AINDA MAIS FORTE) . Estamos indo embora...

CRISPIM (ENQUANTO O CHEFE SAI DE CENA) - Já fomos embora ! (OS DOIS TORNAM A APARECER PELA ENTRADA DO PROSCÊNIO) - Inteligente o senhor, hem chefe !

COMISSÁRIO - E que idéia brilhante eu tive...

CRISPIM - O senhor ?

COMISSÁRIO - Eu sim. Afinal sou o chefe, não sou ?

CRISPIM (NÃO GOSTANDO MUITO) - É

COMISSÁRIO - Então a idéia é minha. Certo ? Porque chefe nesta /  
terra manda. Certo ?

CRISPIM (NÃO GOSTANDO) - Certo.

COMISSÁRIO (EMPOLGADO) - Afinal estamos no Brasil... (COMEÇA A /  
RIR E BATE PAIMAS PARA ELE MESMO)

CRISPIM - Não precisa apelar chefe. Tudo bem, a idéia que eu ti-  
ve, passar a ser sua.

( O COMISSÁRIO SE ENVAIDECE, FAZ PSIU, TOMA O REVÓLVER E ESPERA  
ESCONDIDO NA FRENTE DA CORTINA. EPAMINONDAS ESPERA ALGUM POSSÍ-  
VEL INTRUSO. ANOITECE NA COVA DO VENTO, NO MEIO DO PALCO A TABULE-  
TA. PÔ ANTE PÉ SURGE TIA AURÉLIA SÔZINHA, UMA MALETA NA MÃO)

AURÉLIA - (CHAMANDO) - Vento !...Ventinho...Ventaniassaaa....

COMISSÁRIO (ENTRE DENTES) - Reunião da quadrilha: Estão todos no  
papo.

AURÉLIA - Mariaaaaa...ôôôôôôô! Estou prontinha para a viagem /  
pelo mundo afors...

(ENTRA PEDRINHO ENTRE CAUTELOSO E MEDROSO)

PEDRO - Tia Aurélia, o que é que a senhora está fazendo aqui? /  
Volta para casa. Se a polícia descobre, estamos fritos...

AURÉLIA - Briguei com Adelaide. Eu estava aprendendo a ventate-  
lar no quintal, então ela me pôs de castigo e então eu resolvi  
também passar para o lado do vento...

COMISSÁRIO - Tome nota, Crispim. Ela quer passar para o lado do  
tal Vento. É uma suspeita.

CRISPIM - Já estou escrevendo.

PEDRO - E se eles não vierem esta noite?

(COMISSÁRIO FAZ SINAIS PARA CRISPIM TOMAR NOTA)

AURÉLIA - Não é aqui a cova dele ? Ele não tem que trazer Maria  
de volta ?

PEDRO - Mas, tia Aurélia, a senhora tem coragem de ir lá em cima nas nuvens ?

AURÉLIA - Ah...tenho !

PEDRO - Mais acima ainda ! Na estratosfera. Para cima do azul?

AURÉLIA - Do azul ? Que maravilha ! Vamos logo, Pedrinho...

PEDRO - Então está bem. Vou com a senhora...Mas...A senhora sabe ventarolar ?

CRISPIM - Código.

AURÉLIA - Sei sim. Veja (QUANDO ELA VAI DAR UMA RODOPIADA DÁ COM A TABULETA DO COMISSÁRIO) - Iiii, olha aqui, Pedrinho.

PEDRO (LENDO) - Proibido passar pela Cova do Vento. Isto é coisa do comissário. (TIRA-A TABULETA E JOGA-A FORA DE CENA)

AURÉLIA - Comissário burro. Ele quer proibir o vento de ventar! Ah! Ah! Ah! (COMISSÁRIO QUANDO OUVES CHAMÁ-LO DE BURRO FICA FURIOSO)

COMISSÁRIO - Burro ?

CRISPIM - Toma nota disso também ?

COMISSÁRIO - Quietos, imbecil !

PEDRO - Ele é burro, mesmo. Não entende nada de nada. Vai se estrear um dia desses.

AURÉLIA - É só o Vento querer, que ele fica dependurado como um enforcado naquela árvore.

PEDRO - Se o vento quiser pode mandá-lo para a China, para o Japão...

AURÉLIA - Para Minas Gerais...(O COMISSÁRIO SE APROXIMA FURIOSO COM O REVÓLVER APONTADO PARA O PEDRINHO QUE ESTÁ DE COSTAS PARA ELE ; AURÉLIA, que está de frente, PERCEBE A MANOBRA E FAZ GESTOS APLITOS QUE, ENTRETANTO, NÃO SÃO PERCEBIDOS POR PEDRINHO)

PEDRO - ...para o Afganistão, para...

COMISSÁRIO ...para o xadrez. Estão presos como suspeitos de pertencerem ao bando do tal Vento, a não ser que expliquem o que faziam a estas horas da noite na Cova do Vento.

PEDRO - Estávamos esperando o Vento.

COMISSÁRIO - Toma nota, Crispim.

AURÉLIA (FURIOSA) - O senhor não tem nada com isto. (COMEÇA A DAR SOGOS NO PEITO DO COMISSÁRIO) - O senhor não é meu pai / nem minha mãe para...

COMISSÁRIO - Desrespeito à autoridade !

PEDRO (TENTANDO DETER TIA AURÉLIA) - Tia Aurélia, a senhora não pode bater no comissário...

(TIA AURÉLIA SE DESPRENDE E TENTA FUGIR GRITANDO)

AURÉLIA - Vento, Ventinho, sopra este homem para longe ...

(CRISPIM CONSEGUE PRENDÊ-LA)

COMISSÁRIO - Então confessem que estavam esperando o bandido para novos ataques, hem ? De malinha pronta, hem ? (AURÉLIA CONSEGUE SE DESPRENDER DE CRISPIM E RECOMEÇA A CORRER AGARRADA NA MALINHA, MAS DESTA VEZ O COMISSÁRIO TAMBÉM A PRENDE ) Crispim, veja o que contém essa valise. Cuidado com as impressões digitais.

CRISPIM (ABRINDO A MALINHA) - Um cartão postal com uma vista...

COMISSÁRIO - Vista aérea ?

CRISPIM - Vista aérea.

COMISSÁRIO - Confere. O que mais ?

CRISPIM - Um male... Uma Kodak.

AURÉLIA (PALANDO ALTO, SEMPRE PRESA PELO COMISSÁRIO) É falta de educação mexer nas coisas dos outros... é falta de educação mexer nas coisas dos outros... (O COMISSÁRIO TENTA TAPAR-LHE A BOCA MAS RECEBE UMA MORDIDA)

COMISSÁRIO - Peste ! Guarde tudo para ser examinado e leve-os para o xadrez.

AURÉLIA - Seu burro !

ENTRAM ADELAIDE E ADALGISA - Oh! Oh! Oh! (NOTAS MUSICAIS)

ADELAIDE - Mas o que é isto ?

COMISSÁRIO - Fica quieta Italiana.

ADELAIDE - Olha aqui eu sou Brasileira. Passei férias na Itália , por isso falo assim... E você...

COMISSÁRIO - Eu o quê ?

ADALGISA (EMPOSTANDO A VOZ) - Adelaide olha a classe.

(ADELAIDE PARA REPENTINAMENTE)

ADELAIDE (SORRI COM VONTADE DE EXPLODIR, MAS FALA ENTRE OS DENTES)

Passei longas férias na Itália, e por isso falo desta /  
(COM RAIVA) maneira.

ADALGISA - Adelaide ?

ADELAIDE (FRESCA) - Maneira...É o senhor me parece que veio do mamão do Comissário.

COMISSÁRIO - Seu sobrinho e sua irmã estão presos. Suspeitos de pertencerem ao bando.

ADALGISA - Pedrinho suspeito de ser bandido. E tia Aurélia também ?

COMISSÁRIO - Exato.

ADALGISA - Meu sobrinho, bandido...Ohhh! (DESMAIA)

ADELAIDE - Eu não vou te socorrer. Pode levantar. Adalgisa olha a frescura. Você faz a mesma coisa quando não quer lavar os pratos.

(ADALGISA IRRITADA COM A GROSSERIA DE ADELAIDE, LEVANTA COMO UM TOURO )

COMISSÁRIO (À CRISPIM) - Também é biruta. Se a sobrinha é espia, o sobrinho é bandido, as tias também são suspeitas . Tia de peixinho, peixinho é. (À AURÉLIA)

COMISSÁRIO - A senhora, favor explicar o que estava fazendo a estas horas da noite na cova do vento? Ah!... Não quer responder? Ninguém pode explicar, porque ninguém quer explicar. (À ADELAIDE) - Idade. Estado civil. Onde estão seus pais? Domicílio.

ADELAIDE - Como o senhor é chato.

COMISSÁRIO - Todos presos. A família inteira. Crispim, leve-os para a prisão.

( A FAMÍLIA DECEPCIONADA )

CRISPIM (GROSSO, IMITANDO O CHEFE) - Por aqui... Seus... Vamos embora... Andem: um, dois, três...

(SAEM COM UMA ENGRÊÇADA MÚSICA, AS PESSOAS ANDAM EM COREOGRAFIA)

COMISSÁRIO - Agora vou me amarrar naquela árvore. (TIRA UMA ENORME CORDA DA MALINHA DE PERÍCIA E COMEÇA AMARRANDO-A NO TRONCO DA ÁRVORE ; DEPOIS AMARRA NA PRÓPRIA CINTURA. VEM CHEGANDO CRISPIM MUITO ASSUSTADO E FICA ESTATELADO OLHANDO AS MANOBRAS DO CHEFE, PRINCIPALMENTE QUANDO VÊ OS TRÊS SOPRINHOS DE VENTO ATRÁS DA ÁRVORE, COMO VULTOS. QUER AVISAR O CHEFE MAS NÃO CONSEGUE. Quero ver se ele me arrenca daqui... O que é que há, Crispim?...

CRISPIM (OLHANDO O AMBIENTE) - Ah!... é... che... che... fe...

COMISSÁRIO - Que foi ô...

CRISPIM - Ah!... (APONTANDO. QUANDO O COMISSÁRIO OLHA OS TRÊS SOPRINHOS SE ESCONDEM)

COMISSÁRIO (VOLTANDO-SE PARA CRISPIM) - Quero ver se este vento falso, esta brisa química, este Zé Vento, João Vento, Chico Vento... se este sopro de laboratório pode derrubar Plácido Epaminondas Covelgaçura, Oficial Administrativo, classe M ; do quadro permanente, Nível 20...

(OS LÍDERES DO CARNAVAL, BEM COMO O COMISSÁRIO)

CRISPIM (MORRENDO DE MEDO) - Chhheeeeffffeseee.....

COMISSÁRIO - O que, imbecil ?

(QUANDO OLHA PARA TRÁS E VÊ AQUELAS TRÊS FIGURAS...)

COMISSÁRIO - Iaasaaaaaa. (CORRE ATÉ UM CERTO LADO, PORQUE A CORDA PRENDE-O . DÁ O SARACUTICO NO HOMEM, QUE COMEÇA A SE MEXER TODO. SAPATEIA DE MEDO)

(OUVE-SE UMA FORTE GARGALHADA, E UMA LUFADA DE VENTO)

CRISPIM - (APAVORADO) - Se não é Vento então é macumba...(SAI SE BENZENDO)

COMISSÁRIO - Crispim...Volte aqui...Venha...Vento falso...Vento...  
(OUTRA GARGALHADA MAIS PERTO. O COMISSÁRIO BEM AMARRADO EM SUA CORDA COMEÇA A SE APROXIMAR DO PROSCÊNIO / DESCONFIADO. SEM QUE VEJA, NO FUNDO DA CENA APARECE O VENTO LEVANDO A MENINA PELA MÃO)

VENTO - Quem é Vento falso ?

(O COMISSÁRIO FICA COMPLETAMENTE PARALISADO. O VENTO PEGA NA PONTA DA CORDA QUE ESTÁ PRESA NA ÁRVORE E COMEÇA A PUKAR O COMISSÁRIO / QUE CEDE; DEPOIS DE REPENTE FICA EM POSIÇÃO DE LUTA, E DÁ COM A ENORME FIGURA DO VENTO)

MARIA - Boa noite, senhor comissário.

COMISSÁRIO - O carnaval já acabou, Sr.Vento de tal. O senhor pode enganar uma criança mas não a polícia. Está preso, paglhaço, por rapto de menor, por espancamento de uma profissional de imprensa, por desrespeito às senhoras de idade, por alta-traição e por...(O VENTO DÁ UMA GRANDE SOPRADA, O COMISSÁRIO PROCURA RESISTIR HEROICAMENTE E VOLTA AO ATAQUE) ... e por empregar meios químicos, falsos ventos contra a autoridade consti(NOVA SOPRADA QUE FAZ O COMISSÁRIO RECUAR)

VENTO (BRINCAIÃO) - E por que mais, senhor comissário?

(O COMISSÁRIO TIRA UM REVÓLVER E APONTA PARA O VENTO, MAS ESTE É ARRANCANO VIOLENTAMENTE POR UM SOPRO MAIS FORTE E DESAPARECE NO AR; A MENINA RI SEM PARAR)

COMISSÁRIO - Está preso, já disse, e não tente resistir...

VENTO - Venha me prender, senhor comissário.

COMISSÁRIO - Pois vou mesmo. (DESTA VEZ O COMISSÁRIO CAI NO CHÃO DE PERNAS PARA O AR. O VENTO E A MENINA NÃO PARAM / DE RIR) - Você também será presa menina. Já está tu do no kadrez...(O VENTO E A MENINA PARAM DE RIR) Seu irmão está preso, suas tias...

MARIA (COMEÇANDO A CHORAR) - Minha família ! Por quê ?

COMISSÁRIO - Família de vento...

MARIA (CHORANDO) - Vento, e agora ?...

(O VENTO, FURIOSO, DÁ UMA GRANDE LUFADA E O COMISSÁRIO COMEÇA A VENTAROLAR PELA CENA TENTANDO DAR SOCOS, MAS FINALMENTE DESAPARECE ENQUANTO O VENTO SOPRA, E OS SOPRINHOS DANÇAM, CONFORME VENTANIA. OLHAM PARA CIMA DANDO A IMPRESSÃO QUE O COMISSÁRIO ESTÁ SUBINDO)

COMISSÁRIO - uuuuuuuuuuu! (DESAPARECE)

MARIA - Depressa, Vento. Tira todo mundo da prisão...Onde está o comissário ?

VENTO - Está vendo aquele pontinho lá em cima daquela árvore enor me, perto da jaqueira ?

MARIA - Estou.

VENTO - Pois é ele.

MARIA - E agora ?

VENTO - Não era você que queria fazer umas desordens?

MARIA - Queria (CHORANDO MUITO) ...Mas não estou querendo mais... quero minha família de volta... Eu só queria mostrar prá

MARIA - eles, que também sapateando se vive, e não só decorando coisas prontinhas que tia Adelaide me obrigava a estudar . . . (CHORANDO MUITO) - Foi muito bom me aventurar com você, mas agora eu preciso voltar pra minha vida normal... e prá ter uma vida normal eu preciso de minha família... Tenho certeza que depois desse susto que nós pregamos, tia Adelaide vai ver que sapatear também tem uma função na vida da gente.

VENTO - Está bem, não precisa chorar tanto... Vou soprar tudo de volta. Vou largar um vendaval, um tufão de derrubar paredes... (SAI DANDO GRACALHADAS). Um tufão... um vendaval... Ah! Ah! Ah! ...

MARIA - E eu, vento? E eu?

COMISSÁRIO (A VOZ DO ALTO E DE LONGE) - Socorro! Socorro!

MARIA - Senhor comissário! Senhor! (VÊM CHEGANDO MUITO ASSUSTADO, CRISPIM; AO VER A MENINA FICA DE BOCA ABERTA COMO SE ESTIVESSE VENDO UM FANTASMA)

CRISPIM - A menina! Tem mau olhado nisto...

MARIA - Deixe de bobagem e trate de salvar seu chefe.

CRISPIM - Chefe, onde?

MARIA - Lá em cima.

(CRISPIM OLHA PARA CIMA)

CRISPIM - O chefe lá em cima. Vai dar cana (GRITA) - Chefe, o que é que o senhor está fazendo aí em cima?

COMISSÁRIO (VOZ) - Imbecil, pegue uma corda...

(CRISPIM SAI CORRENDO PELA CENA COMO PATETA ATRÁS DE UMA CORDA E SAE. MARIA, SENTADA NUMA PEDRINHA, COMEÇA A CHORAR BAIXINHO QUANDO ENTRAM OS TRÊS SOPRINHOS)

SOPRINHO TRÊS - Ei, agora que está chegando ao fim esta confusão, você está triste?

MARIA - É que eu não pensei que fosse dar tanta confusão.

SOPRINHO DOIS - Realmente deu bastante, mas está acabando... Isso é importante.

SOPRINHO UM - E não esqueça que você tem a dança para tornar as coisas mais agradáveis.

SOPRINHO TRÊS - Principalmente nas horas em que as coisas não são agradáveis.

(MARIA VAI SE CONTROLANDO)

SOPRINHO UM - Nós vamos ajudar você a ter forças, para mostrar para todos da sua família, principalmente suas tias, o quanto é bom dançar...

SOPRINHO DOIS - Sapatear...

SOPRINHO TRÊS - Enfim todos os tipos de dança.

( DE REPENTE COMEÇA A SOPRAR O VENDEVAL FORA DE CENA. OUVI-SE UM PIANO TOCANDO AS ESCALAS DESORDENADAMENTE, DEPOIS BARULHO DE COISAS QUEBRANDO E COMEÇA O TERRÍVEL VENDEVAL. FOLHAS MORTAS CAEM EM CIMA, PEDAÇOS DE MÚSICA, CHAPÉUS DE TODAS AS ESPÉCIES, UMA RODA DE BICICLETA PASSA PELA CENA. MARIA FAZ O SINAL DA CRUZ E ESPANTADA ACOMPANHA A CHEGADA DESSES OBJETOS ESTRANHOS. PASSA SUA AVÓ COM O GUARDA-CHUVA VIRADO AO CONTRÁRIO, PUXADA PELO VENTO.)

MARIA - Vovó (MAS A VELHINHA NÃO A VÊ E PASSA. FINALMENTE O VENTO DIMINUI E CHEGA TAMBÉM RODOPIANDO TIA AURÉLIA, QUE RI O TEMPO TODO)  
Tia Aurélia ! (AS DUAS SE ABRACAM NUM RODOPIO)

(OUTRA LUFADA TRAZ TIA ADELAIDE ENVOLTA NUM PANO VERDE E AMARELO, SUGERINDO A BANDEIRA, E TIA ADALGISA SEGURANDO RESTOS DE UM PIANO. AS DUAS RODOPIAM COM O VENTO E A MÚSICA, CAINDO SENTADAS NO CHÃO)

MARIA (NO MEIO DO BARULHO DO VENTO) - Benção tia Adelaide, benção tia Adalgisa.

ADELAIDE - Eu te abençoo. Então foi devolvida, hem ?...

(PEDRO TAMBÉM É JOGADO NA CENA VIOLENTAMENTE SEGURANDO UM PEDAÇO DA GRADE DA PRISÃO)

MARIA - Pedrinho !

PEDRO - Maria ! (QUANDO VÃO SE ABRAÇAR TODOS SÃO RODOPIADOS)-

Vejam (OLHANDO PARA CIMA) O comissário dependurado !  
TODOS (RINDO ) - O comissário dependurado !

ADELAIDE - O castigo anda a cavalo !

AURÉLIA - Ele também foi ventado. Bem feito !

(VOZ DO COMISSÁRIO Ø - Crispim, bobalhão... Depressa com a corda.

CRISPIM (ENTRA E OLHANDO PARA CIMA) - Amarrei naquela árvore...

Está vendo a ponta...

VOZ DO COMISSÁRIO - Por que você não amarrou nesta árvore em que eu estou quase que enforcado com a minha gravata.

CRISPIM - Se eu alcançasse até aí, tiraria o senhor.

(VOZ DO COMISSÁRIO FAZENDO FORÇA. DO ALTO, AMARRADO POR UMA CORDA, DESCE O COMISSÁRIO BATENDO OS PÉS, FURIOSO. JÁ VISÍVEL NA PLATÉIA PARA DE DESCER)

COMISSÁRIO - Depressa, Crispim.

CRISPIM (SEGURANDO A PONTA DE UMA CORDA, PRESA EM CIMA) - A corda encrencou chefe.

COMISSÁRIO - Crispim e suas idéias:..

CRISPIM - A idéia foi sua.

COMISSÁRIO - Não discuta, eu sou o chefe. (VENDO QUE TODOS RIEM DELE) - Que todos se dirijam à delegacia. Vou abrir rigoroso inquérito para apurar as responsabilidades.

REPÓRTER (QUE CHEGOU ESBAFORIDA) - Veja na Cove do Vento, distintos ouvintes, o senhor Comissário pendurado numa corda, em atitude estranhamente...

COMISSÁRIO - Prenda esta repórter, Crispim. (CRISPIM TAPA A BOCA DA REPÓRTER E A RETIRA, GRITANDO , DE CENA .

REPÓRTER - Estão tentando tapar a boca da imprensa falada...

COMISSÁRIO - Todos estão novamente presos... (OUVE-SE UMA ENORME GARGALHADA DO VENTO) - Prendam também este vento...

MARIA - Não se prende o vento ...senhor comissário.

(OS TRÊS SOPRINHOS APARECEM E COMEÇA A VENTAR. TODOS ASSUSTADOS)

MARIA - Estes são os soprinhos de vento, e eles tornam as coisas mais agradáveis. Por exemplo ! No calor, quando o ar está parado, aí de repente aparecem os soprinhos para refrescar... E eles servem também para me empurrar na dança. Vocês não querem experimentar esta sensação de serem empurrados pelos soprinhos ?

AURÉLIA - Eu quero

ADELAIDE E ADALGISA - Aurélia.

SOPRINHO UM - Vamos lá:..(COMEÇA UMA MÚSICA E CADA UM VAI QUEBRANDO SEUS RECEIOS, E NO FIM TODOS ACABAM DANÇANDO, MENOS O COMISSÁRIO QUE ESTÁ DEPENDURADO NA ÁRVORE. GARGALHADAS DO VENTO ◊)

VENTO - Maria

(TODOS PARAM, NÃO SABEM DE ONDE VEM A VOZ)

VENTO - Eu espero que tenha uma boa sorte nessa sua vida...

(VENTO SOPRA E TODOS DANÇAM DEPRESSA E COMISSÁRIO CAI DA ÁRVORE ESTATELANDO-SE NO CHÃO, QUE COMBINA EXATAMENTE COM O ÚLTIMO ACORDE DA MÚSICA ENGRAÇADA.)

F I M



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
 MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
 SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA  
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIV.PÚBLICAS

Parecer nº: 045/84

Título: A Menina e o Vento

Autor: Maria Clara Machado

Assunto: Leitura de Texto

Conteúdo

Enredo: A peça em exame conta o que aconteceu quando algumas pessoas resolveram desafiar o vento. Tudo começou quando Pedrinho e Maria resolveram brincar na "Cova do Vento" onde este elemento se achava dormindo. O Vento aborrecido resolveu soprar o Pedrinho para longe e depois saiu voando com Maria nas costas (esta resolve ir passear com o vento). Pedrinho de volta faz todos pensarem que a menina havia sido raptada. Saem então três senhoras à procura da menina (mãe e tias). Terminam sendo sopradas para cima de uma árvore. Surge um comissário de Polícia com seus ajudantes e cogita da existência de uma quadrilha cujo chefe seria alguém com a alcunha de "Vento". Por fim desafia o vento e é soprado para longe, pois a menina que já havia retornado queixara-se ao seu amigo o Vento que o comissário prendera sua genitora.

A peça termina com a frase "Não se prende o vento".

Mensagem: Positiva, de entretenimento infantil.

Linguagem: Adequada ao público alvo

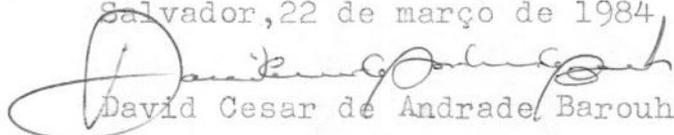
Público Alvo: Infantil

Grau de Persuasão: Bom, devido à narrativa não oferecer dificuldades à sua compreensão.

Parecer: Face ao exposto e estando tudo de acordo com as normas censórias em vigor, somos pela liberação sem restrições etárias.

Classificação: LIVRE

Salvador, 22 de março de 1984

  
 David Cesar de Andrade Barouh

T C Mat. nº: 0221190



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
 MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
 SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA  
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIV. PÚBLICAS

PARECER Nº 46/84-SCDP/SR/BA

ASSUNTO : Leitura de texto

1-IDENTIFICAÇÃO :

1.2-TÍTULO : A Menina e o Vento

1.3-AUTOR : Maria Clara Machado

2-CONTEÚDO:

2.1-ENREDO : Duas crianças, João e Maria burlando a vigilância das "tias", saem em busca de aventuras, resolvendo procurar o vento. Deste encontro nasce uma grande amizade entre a "menina" e o "vento", começando daí as "aventuras". O vento leva a menina a conhecer o mundo, fazendo com que ela venha a amar o Brasil, coisa que ela não conseguia através das aulas de Instrução Moral e Cívica. Enquanto isto, as outras pessoas-persosagens, dando por falta da garota saem à procura, surgindo situações e diálogos sobre o universo, sobre a vida e sobre o amor.

2.2- MENSAGEM : Positiva, de entretenimento, de amor e de beleza.

3- LINGUAGEM: Simples, de cotidiano.

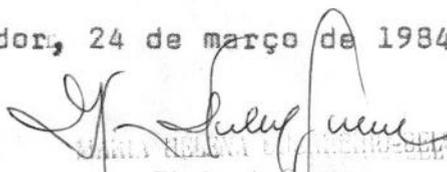
4- PÚBLICO ALVO : Adulto.

5- GRAU DE PERSUASÃO : Bom, a simplicidade de linguagem e a pureza da temática abordada torna a presente peça fácil de assimilação.

6- PARECER : Estando de acordo com as normas censórias, opino pela liberação sem restrições étárias.

7- CLASSIFICAÇÃO : Livre.

Salvador, 24 de março de 1984

  
 MARIA HELENA DE ALBUQUERQUE  
 Técnica de Censura  
 Chefe do SCDP/SR/DPF/BA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MJ=DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 047/84

ASSUNTO: Leitura de texto

1. IDENTIFICAÇÃO:

TÍTULO: "A MENINA E O VENTO

AUTORIA: MARIA CLARA MACHADO

2. CONTEÚDO:

2.1 enredo: Maria e Pedro vão até a Cova do Vento e este que se encontra dormindo, acaba sendo acordado pelos dois, que aproveitam para desafiá-lo. Então, Pedro é soprado para longe e Maria persuade o Vento a levá-la na sua cacunda para que possa conhecer o Brasil e também fazer algumas desordens. Pedro, que os observava de uma árvore, na qual ficara preso, volta para casa e conta às suas tias e à sua mãe o que ocorrera com Maria, porém, elas não acreditam na "estória" dele e ficam aflitas, temendo tratar-se de um rapto. Pedem, então, ajuda ao Comissário de Polícia, sendo que, todos acabam sendo vítimas das "peças" pregadas por Maria e o Vento. Ao final, Maria é trazida de volta pelo Vento, que desaparece na ocasião em que o Comissário planejava prendê-lo.

2.2 mensagem: Positiva: de entretenimento.

3. PÚBLICO ALVO: Infantil.

4. LINGUAGEM: Coloquial, adequada ao público alvo.

5. GRAU DE PERSUASÃO: Bom, face a simplicidade da narrativa.

6. PARECER: Estando de acordo com as normas censórias em vigor, opinamos pela liberação do referido texto.

7. CLASSIFICAÇÃO. LIVRE

Salvador, 24 de março de 1984

Amélia M. P. de S. P. L.  
CHEFE DA SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA

## TEATRO

TÍTULO A Menina e o Vento  
 Autor: M<sup>g</sup> Clara Machado

## 1) ARQUIVO

Clas. Anterior loire

Praça SR/BA

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Resp. pela elaboração do Processo

## 2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ a \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

DF. \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Resp. pela Programação

## 3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de loire anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: liberada pelo SCDP/SR/BA

Brasília-DF, 05 de 07 de 19 84

Hellé D. Carvalho  
 Matr. 2 415 791

Brasília-DF de \_\_\_\_\_ de 1.9. \_\_\_\_\_

## 4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de \_\_\_\_\_ para o qual os censores propõem a classificação etária de livre

Brasília-DF, 08 de junho de 19 84

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.9. \_\_\_\_\_

## 5) DIRETOR DA D.C.D.P.

**LIBERE-SE**  
 na forma do parecer

Em, 08 de junho, 19 84

Ju F. Fernandes

Solange M. T. Fernandes  
 Diretora da DCDP



- 3 ABR 17 29 002333

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL DCDP / BSB  
 DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
 SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO  
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.

Nº4.132/84- SCDP/SR/SP

Em 30 de Março de 19 84

Senhor Diretor

- De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos encaminhando a V.S. uma via do texto e relatórios de leitura e de ensaio geral da (s) peça (s) teatral (is):
- 01 - AS FLORES DO CAMINHO de Ione Prado
  - 02 - UM BEIJO, UM ABRAÇO, UM APERTO DE MÃO de Naum Alves de Souza
  - 03 - A FANTASIA de Arthur Azevedo
  - 04 - SE "TEN-ATIVA" de Marilena Ansaldi
  - 05 - AMOR POR ANEXINS de Célia Regina Carbone
  - 06 - A MENINA E O VENTO de Maria Clara Machado
  - 07 - SORVE STAR - UMA VIAGEM MUSICAL INTERGALÁTICA de Celso Saiki
  - 08 - A PASSAGEM DA RAINHA de Antonio Bivar
  - 09 - SE NUREYEV PODE, PORQUE EU NÃO POSSO? de Paulo Hesse Maria Eugenia de Domenic
  - 10 - CHAPEUZINHO VERMELHO, LÁ VEM O LOBO MAU de P.Lourenço e Pedro Tudechi
  - 11 - CHAPEUZINHO AMARELO de José Ligiero e Chico B. Holanda

Na oportunidade, renovamos a V.S., pro -  
 testos de estima e consideração.

*Maria Inês Rolim Cauchioli*  
 MARIA INÊS ROLIM CAUCHIOLI  
 CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr<sup>o</sup>.  
 Dra. SOLANGE M.T. HERNANDES  
 DD. Diretor da DCDP  
 BRASÍLIA/DF

ILMO SENHOR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL EM SÃO PAULO

*Prot. 01583*

*23/01/84*

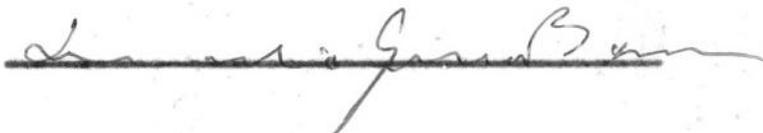
Leôncio Carlos Guardia Barão, R.G. 12.854.724  
, brasileiro, residente à Rua Alagoas nº 101 aptº 51, Bairro de Higienópolis, São Paulo, representando o Grupo Teatral Promenade, com sede à Rua Aracaju, nº 156, pretendendo encenar a peça teatral " A Menina e o Vento ", cujo texto se encontra anexo a este em três vias, vem mui respeitosamente requerer a V.Sa. se digne mandar proceder à leitura e exame censório do Ensaio Geral, em data e hora a serem designadas por essa Chefia.

Para tanto, presta as seguintes informações:

NOME DA PEÇA : " A MENINA E O VENTO "  
AUTORA : MARIA CLARA MACHADO  
PRODUTOR : PROMENADE PRODUÇÕES E PROMOÇÕES ARTÍSTICAS  
LOCAL : TEATRO FAAP- Rua Alagoas nº 900  
TELEFONE PARA CONTATO: 67-9669

Termos em que,  
P. Deferimento.

São Paulo, 22 de Janeiro de 1984.



RG: nº 12.854.724

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

" A MENINA E O VENTO "

LIVRE

Identificação:

Autor: Maria Clara Machado

Prod.: Promenade Prod e Prom. Artísticas

Local: T. FAAP

Grupo Profissional

Conteúdo:

O texto enfoca as aventuras da menina Maria com a família do Vento. Intrigados com seu desaparecimento, suas tias convocam a polícia, que investiga seu provável sequestro, sendo seus amigos / considerados suspeitos por causarem confusão. Porém, Maria volta para casa e seus amigos são libertados pelo vento.

Mensagem:

O texto traz uma alegre mensagem de liberação da imaginação infantil, contra a séria lógica dos adultos.

Linguagem:

Coloquial.

Gram de persuasão:

Convincente.

Público alvo:

Público infantil.

Ensaio geral: O cenário é constituído por uma floresta, destacando-se à esquerda uma grande árvore, para onde os personagens são ligados. O vestuário é formado por trajes coloridos e a sonoplastia consta de fitas gravadas. Adaptado para um musical, o espetáculo é enriquecido por sequências de sapateado.

Tendo em vista o espetáculo em apreço, dirigido a público infantil, não apresentar comprometimentos censórios, opino pela sua liberação, sem restrições etárias.

São Paulo, 16 de Março de 1984

|   |            |
|---|------------|
| EXPEC-SE CERTIFICADO DE ACORDO COM PARECER DOS CENSORES |            |
| Em  | 22 03 / 84 |
| Maria Inês Polim Costa                                  |            |
| DEPARTAMENTO  |            |
| Chefe do S.C.D.P.                                       |            |

*Maria Inês Polim Costa*

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

**"A MENINA E O VENTO"**

LIVRE

3443/84

EXPECASSE CERTIFICADO DE  
ACORDO COM PARÂMETROS DOS CENSO  
RÉS

Em 22 03 / 84

Maria Inês Gilm. Com. A

DPE SR / SP

Chefe do SCDP

**Identificação:**

Autor: Maria Clara Machado

**Conteúdo:**

O texto enfoca as aventuras da menina Maria com a família do Vento. Intrigados com seu desaparecimento, suas tias convocam a polícia, que investiga seu provável sequestro, sendo seus amigos / considerados suspeitos por causarem confusão. Porém, Maria volta para casa e seus amigos são libertados pelo Vento.

**Mensagem:**

O texto traz uma alegre mensagem de liberação da imaginação infantil, contra a séria lógica dos adultos.

**Linguagem:**

Coloquial.

**Grau de persuasão:**

Convincente.

**Público alvo:**

Público infantil.

**Parecer:**

Trata-se de texto dirigido a público infantil, não apresentando comprometimentos censórios. Opino portanto pela sua liberação, sem restrições etárias e independente de exame do ensaio geral, s.m.j.

São Paulo, 27 de Janeiro de 1984

*Adriana*

TC MAT Nº 2.417.081



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0480, P. 288

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA " A MENINA E O VENTO "

ORIGINAL DE MARIA CLARA NACHADO

APROVADO PELA D. C. D. P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 22 de MAIO de 19 84

~~S. Paulo,~~ 22 de MARÇO de 19 84

**LIVRE**

*Maria Cláudia Balsa Carneiro*  
MARCELO SCHWEN/SPUCHIOLI

XXXXXXXXXXXXX  
Diretor da DCDP

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " A MENINA E O VENTO "

Original de MARIA OLARA MACHADO

Tradução de .X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.

Adaptação de .X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.

Produção de .X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.

Requerida por Fremenade Prod. e Promoção Artísticas

Tendo sido censurada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 19 \_\_\_\_\_ e recebido

a seguinte classificação: L I V R E.O PRESENTE CERTIFICADO SO TERÁ VALIDADE ACOMHA PANHADO DE TEXTO CARIMBADO.

S. Paulo, 22 de Março de 19 84

ARLETE APARECIDA CORRÊA  
SGC/SCDP/SR/SP

TÍTULO A MENINA E O VENTO.

AUTOR: MARIA CLARA MACHADO.

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE.

Praça SR/SP

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 04 / 04 / 84 /

[Signature]  
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

DF. \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de livre anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensino geral.

Obs.: cert. Provisório SA/SP

Brasília-DF, 05 de 04 de 1984

[Signature]

Técnica de Censura  
Mat. 2.415.804

Brasília-DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de \_\_\_\_\_ para o qual os senhores propõem a classificação etária de livre.  
Brasília-DF, 13 de 04 de 1984  
[Signature]

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

**LIBERE-SE**  
na forma do parecer

Em, 13 de 04 de 1984

[Signature]  
Solange M. T. Hernandez  
Diretora da DCDP



BR DF ANDSB NS. CPR. TEA. PTE. 0480, R. 291

**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA**  
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**  
**DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**

**ESPETÁCULO TEATRAL**

|                       |                            |                              |
|-----------------------|----------------------------|------------------------------|
| CERTIFICADO Nº<br>535 | EMIÇÃO<br>13 DE ABRIL 1984 | VALIDADE<br>13 DE ABRIL 1989 |
|-----------------------|----------------------------|------------------------------|

TÍTULO  
A MENINA E O VENTO

AUTOR (ES)  
MARIA CLARA MACHADO

CLASSIFICAÇÃO  
**LIVRE**

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIIDADE

*Solange M. F. Hernandez*  
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES  
Diretora da DCDP  
ASSINATURA

TÍTULO: A MENINA E O VENTO

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

CERTIFICADO Nº 535

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: PROMENADE PROD. E PROMOÇÕES ARTÍSTICAS. SÃO PAULO/SP -

DECISÃO: LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICA  
DO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CA  
RIMBADO PELA DCDP.

*Nei de Oliveira*  
NEI DE OLIVEIRA  
Chefe do SC/DCDP  
ASSINATURA

BSB , 13 DE ABRIL DE 19 84

594/84-SE/DDBP

17 04 84

Chefe do Serviço de Censura da SR/SP

A MENINA E O VENTO

Maria Clara Machado

Chefe

São Paulo - SP

*Solange M. F. Hernandez*  
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES  
RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_  
AS \_\_\_\_ HRS.  
\_\_\_\_\_  
Assinatura Legível

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES  
SEOP - CMG

Nº 91206  
7 JUN 1984 000000



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES  
RADIOGRAMA RECEBIDO

ENCAMINHADO A  
RUBRICA  
SEOP - CMG

INDICAÇÕES  
DE SERVIÇO

PREÂMBULO: SDR/BA 61 30 071545  
RECEPÇÃO: HF/ODS 1614

RECEBIDO EM \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ AS \_\_\_\_

ENCAMINHADO A: DCDP

EM \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ AS \_\_\_\_

RUBRICA:

END.  
DCDP  
BSA

040/SCDP/070684 PT SOL REM PECA TEATRAL (A MENINA) ET(O VEBTO) AUT MARIA  
CLARA MACHADO REF OF NR 1222/84/SCDP/SR-BA DE 270384 PT  
SR/BA

TEXT O E ASSINATURA



BR DF ANDSB NS. CPR. TEA. PTE. 4. 0480, 1.299

**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**

**ESPETÁCULO TEATRAL**

|                               |                                   |                                     |
|-------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------|
| CERTIFICADO Nº<br><b>0535</b> | EMIÇÃO<br><b>08 JUNHO DE 1984</b> | VALIDADE<br><b>08 JUNHO DE 1989</b> |
|-------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------|

TÍTULO  
**A MENINA E O VENTO**

AUTOR (ES)  
**MARIA CLARA MACHADO**

CLASSIFICAÇÃO  
**LIVRE**

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIIDADE

*Solange M. F. Hernandez*  
**SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES  
DIRETORA DA DCDP**  
ASSINATURA

TÍTULO: **A MENINA E O VENTO**  
ESPÉCIE: **PEÇA TEATRAL**

CERTIFICADO Nº **0535**

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: **IVONE CLESIA DOS SANTOS MAIA - SALVADOR/BA.**

DECISÃO: **LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.**

*Nei de Oliveira*  
**NEI DE OLIVEIRA  
CHEFE DO SC - DCDP**  
ASSINATURA

**BSB, 08 DE JUNHO DE 1984.**

ASSINATURA

12 junho de 1984

953/84-SE/DCDP

BA.

" A MENINA E O VENTO ", de Maria Clara Machado.

Atenciosamente,

*Solange M. F. Hernandez*  
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P. 296

99

DEP. DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES  
SQ - CMG

21 AGO 15 14 000311

42475

ENCAMINHADO A  
RUBRICA

0821.1026

+

611461DPFEA BR

711345DPFE BR

SALVADOR/BA

259

20

211025P

DCDP

URGENTISSIMO

DCDP/BSA

NR 020/SCDP/BA/210886 PT SOL INFO PECA TEATRAL '' A MENINA  
E O VENTO '' AUT MARIA CLARA MACHADO PT

CM

SR/BA

RECEBIDO EM 21-08-86

AS: 1725 HS

Recebido às 9:05  
mat. 6190636  
em 22/08/86

NNNNN

TRM POR TAKE 211029P+

611461DPFEA BR

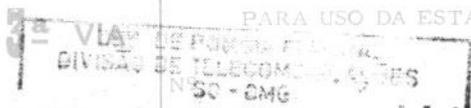
711345DPFE BR

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

PRÉAMBULO

Espécie: OFICIAL

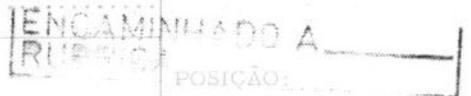
Número: .....

Data: 22 AGO. 14 52 000312

Origem: .....

Palavras: .....

Hora: .....



ENDEREÇO

SCDP/SR/BA

QUITAÇÃO

HRS:

OPR: *SEM*

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 629/DCDP de 22 08 86 RERA NR 20/86-SCDP/SR/BA VG INFO PEÇA  
 "A MENINA E O VENTO" CLASS LIVRE CERT VAL 080689 PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor

*Raymundo Custódio de Mesquita*  
 Chefe do Serviço de Censura-DCDP

DPF-84

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA 007397  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO Nº 01484/86-SCDP/SR/BA  
ASSUNTO: Encaminhamento - faz

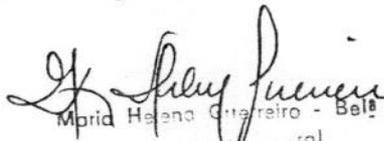
EM 12.09.86

Senhor Diretor,

Com o presente, encaminhamos a V. Sa. os processos referentes as peças teatrais abaixo discriminadas:

1. "RAMBOYANT", autoria de Nilton Correia de Melo Filho (Tito Parranhos);
2. "CARTAS NA MESA", autoria de Heleusa Figueira Câmara (Heleusa Câmara);
3. "Cinderela", autoria de C. Perraul, adaptação de Mônica Pedreira de Freitas Gordilho;
4. "REDAÇOS, FLÁCIDOS. FRÁGEIS E LOUCOS", autoria de Gilson José Santana (Gil Santana);
5. "A MENINA E O VENTO", autoria de Maria Clara Machado";
6. "ATRAVANCANDO A CENA EM CONCERTO", criação coletiva.

Na oportunidade, renovamos a V. Sa. nossos protestos de estima e elevada consideração.

  
Maria Helena C. Quaresima - Bell  
Chefe do SCDP/SR/DFP/BA  
Mat. nº 2415810

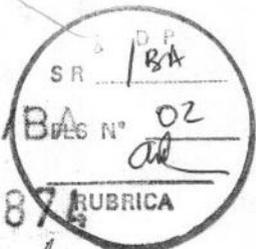
ILMO. SR.

DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
BRASÍLIA-DF

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ-DPF

SR/BA



2000 05 36 00387

RUBRICA

CODIGO - 0905  
RECEBIDO POR

*[Handwritten signature]*

SUZANA MARIA RUSCH DALTRIO PINTO

Requerente

BRASILEIRA  
Nacionalidade

PROF. DE BALLET.  
Profissão

Carteira de Identidade 783.343

PEDRO MELO  
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à AV. PRINCESA ISABEL 26 APº 202 -

BARRA AVENIDA, vem,

mui-respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas

censórias vigentes, a (s) PEÇA INFANTIL abaixo relacionada (s),  
Espécie

de autoria de: MARIA CLARA MACHADO,

A MENINA & O VENTO  
Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

SALVADOR, 18 DE Agosto de 1986  
Local e Data

Suzana Maria Rusch Daltrio Pinto  
Requerente

Anexos:

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: EBATECA GRAÇA CGC: 13.420526/000172

Sede: RUA MANUEL BARRETO 437

CEP: 40.000

Diretor ou Responsável: \_\_\_\_\_

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: MARIA CLARA MACHADO

Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: ANIBAL MACHADO, SELMA MACHADO

Nacionalidade: BRASILEIRA Naturalidade: \_\_\_\_\_

Data do Nasc.: \_\_\_\_\_ Identificação: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_

3 - PARCERIA

Nome: \_\_\_\_\_

Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: \_\_\_\_\_

Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_

Data do Nasc.: \_\_\_\_\_ Identificação: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: \_\_\_\_\_

Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_

Data do Nasc.: \_\_\_\_\_ Identificação: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 18 DE AGOSTO 1986

Ass.: Suzana Jânia Fusch Dalto Pinto

"A MENINA E O VENTO"



CENA I

MARIA: Corre Pedro que lá vem elas!

PAULA: Anda Pedro

PEDRO: Santo Deus, ela não nos deixa em paz!

CINTHIA: Aula no domingo também é o fim.

PEDRO: Tia Adelaide é que é o fim.  
Estudar! Estudar!

Voz de Adelaide: Pedro, Maria, meninas!

MARIA: Depressa gente ( Sair correndo )  
- Passam correndo as três tias.  
- Voltam os meninos.



MARIA: Pedro vamos nos esconder na cova do vento?

PAULA: Na cova do vento não. Eu morro de medo.

CINTHIA: Eu também, Deus me livre.

PEDRO: Eu acho que Maria teve uma boa idéia. Vamos gente.  
Maria segue corajosa e as outras duas com medo.  
Saem

Tias voltam.

ADELAIDE: Meninos voltem já para a aula!

ADALGISA: Eu disse a mãe deles para não deixa-los brincar na rua.

AMÉLIA: Maria! Pedro! Voltem já... já... já...  
"Adelaide está chamando! ..."

ADELAIDE: Lugar de criança é dentro de casa estudando, aprendendo, contribuindo.

ADALGISA: A culpa é da mãe deles que é muito mole.

AMÉLIA: No nosso tempo, quando ...

ADELAIDE: Já sei Amélia, que no nosso tempo era diferente, mas nossa obrigação de dias é educá-los.

AMÉLIA: A aula de hoje é tão boa!  
Adoro Educação Moral e Cívica!

ADALGISA: As aulas de Adelaide são excelentes! Ela é a melhor professora de educação cívica da cidade.

AMÉLIA: E do Brasil!

ADELAIDE: ( Saindo bem orgulhosa ) Meninos voltem para





- ADALGISA: É preciso aprender a amar o Brasil, meninos!
- AURÉLIA: (Saindo) Pedro, Meninas!  
(Adalgisa volta assustada)
- ADALGISA: For ali o caminho da cova do vento!
- ADELAIDE: (voltando assustada) não é lugar pra moças e crianças sózinhas.
- AMÉLIA: (alvorçada) Cova do Vento ...  
Mãezã sempre nos disse que lá é muito deserto e feio e cheio de vento.
- ADELAIDE: Vamos voltar. É muito perigoso.
- ADALGISA: É muito perigoso
- AMÉLIA: E os meninos?
- ADELAIDE: Quando chegarem em casa ficarão de castigo. Terão que escrever 200 vezes Viva o Nosso Brasil Amado. (sai)
- AMÉLIA: Viva o Nosso Brasil Amado !  
200 vezes? 200 vezes?  
Pobres crianças.
- ADALGISA: Muito boa idéia, Adelaide, muito boa idéia  
Saem.

CENA II

Penumbra - Entra cova e o vento ( dormindo ).

- MARIA: Chiii ! Aqui hoje está muito esquisito.
- PEDRO: Mas aqui eu garanto que elas não vêm.
- MARIA: Tia Adalgisa tem muito medo ...
- PEDRO: Vocês não acham que aqui está calmo demais?
- MARIA: Veja, Pedro, o vento dormindo!
- PAULA: Será que ele está doente?
- CINTHIA: Eu quero ir para casa ...
- PEDRO: Lugar de vento é ficar lá em cima. O que é que ele veio fazer aqui na praia?
- MARIA: Alguma indigestão de ar.  
Que feio ele é!
- PAULA: É velho e barrigudo





MARIA: Que pena ! Sempre pensei que o vento fosse lindo!

PEDRO: Ora, por que?

MARIA: Por que tudo o que voa é bonito!

CINTHIA: Urubu também?

PAULA: Deixe de ser boba, Cinthia, urubu é urubu, de qualquer jeito é feio.

MARIA: Voando é bonito! Menos mosquito, é claro!

PEDRO: Ele está acordando.

MARIA: Vamos nos esconder  
(Se escândem)

MARIA: Quero só ver a cara que ele tem acordado!  
(Vento se mexe, vira boceja e dormerosnando.

PEDRO: Pouco igualzinho ao vovô.

PAULA: Igualzinho ao vovô Jaime

CINTHIA: Ele parece o vovô Jaime  
(Vento se mexendo acordando)

MARIA: Está acordando ...

CINTHIA: Estou com medo!

Vento: Deixem-me dormir suas criaturas desagradáveis

PEDRO: Quem é criatura desagradável ?

PAULA: Acho que somos nós.

PEDRO: Os incomodados que se mudem.

VENTO: O quê ? !

PEDRO: Disse que os incomodados que se mudem.

VENTO: Olhe aqui pirralho, ou vocês me deixam dormir em paz ou ...

PEDRO: Ou o quê ? Aqui por acaso é propriedade sua?

MARIA: Pedro não provoca.

PEDRO: A praia é pública, a rua é pública, o espaço é público.

PAULA: A Atmosfera é pública

PEDRO: E nos fazemos barulho onde queremos.

CINTHIA: O vento também é público. Ouviu ?

VENTO: Meninos ! Ninguém levanta a voz comigo.

MARIA: Não provoca !

CINTHIA: É o Trovão ? Ele levanta a voz para você.

VENTO: O Trovão ?

PAULA: Não é ele que levanta a voz com vocês, certo ?





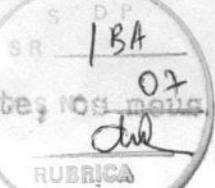
- VENTO: Para mim, coisa nenhuma ...
- PAULA: Para quem, então ?
- VENTO: Para vocês, é claro !
- MARIA: Bem que achei que era isso.
- VENTO: Já disse que ninguém levanta a voz comigo.
- MARIA: Quem está levantando a voz para você ? Mas que mal humorado ! Com este humor, já vejo o porquê das tempestades. São causas - das pelo mau humor do vento e de sua família. Brigas entre nuvens, brisas, ventos, vapores, raios e trovões.
- VENTO: Pare de falar, matraca de feira, ou então eu ...
- PEDRO: Minha irmã, matraca de feira ?
- VENTO: Vocês pediram não é ?  
( Sopro e vento - crianças caem )
- PEDRO: Vento covarde ! Vento covarde !
- MARIA: Não provoca Pedro.
- VENTO: Tratem de desaparecer, meninos senão eu sopro e é pra valer. Um, doi, ...
- PAULA: Vento caduca
- CINTHIA: Não provoca, Paula
- PEDRO: Vento caduca ...
- MARIA: Não provoca mais ele Pedro.
- VENTO: Caduca, eu ? Pois vocês verão vou mandá-los para as nuvens e lá vocês é que vão caducar, fedelhos de uma figa.  
( começa a soprar Pedro, Paula e Cinthia começam a cair e ir entrando nas coxias )
- PEDRO: Vento covarde, vento covarde !
- PAULA: Vento caduca, caduca.
- CINTHIA: Estou com medo, quero ir pra casa.



CENA III

- MARIA: Pare de ventar, vento. Eles estão sumindo atrás daquela árvore. Para Vento. Pedro, Cinthia, Paula.  
( Sai gritando tentando resistir )
- VENTO: Pronto, assim me livrei deles. Sem muita conversa só com vento. ( Faz que vai se deitar )  
- Maria volta furiosa.





- MARIA: Quer fazer o favor de soprar de volta, imediatamente, nos meus irmãos ou então o senhor terá que se í ver comigo.
- VENTO: O quê ? está me desafiando pedacinho de coisa nenhuma ? Quer também ser soprada para longe ? ( rindo ) Isto aí me ameaçando.
- MARIA: Para de rir, vento bobo alegre. Não tem vergonha de ser desse jeito ? Traga meus irmãos de volta já disse.  
( Vento para de rir )
- VENTO: Vou te mandar para a China menina.
- MARIA: Por favor, traga meus irmãos de volta.
- VENTO: Não trago nada de volta.
- MARIA: Quer dizer que o senhor não sabe trazer ninguém de volta ?
- VENTO: Quer dizer que não quero trazer ele de volta.
- MARIA: (Cara de esperta): E se eu prometer nunca mais incomodá-lo na sua toca ?
- VENTO: Não acredito em promessa de menina.
- MARIA: Em que voce acredita então ?
- VENTO: Acredito na minha força. <sup>A</sup>credito em mim.
- MARIA: Eu também acredito em mim, por isso o senhor não conseguiu me derrubar para longe.
- VENTO: Isto nunca tinha me acontecido.  
Quem é você ?
- MARIA: Sou MARIA .
- VENTO: Porque será que você não caiu ?
- MARIA: Ora Porque conheço o brisa.
- VENTO: Minha filha
- MARIA: A Ventania
- VENTO: Minha mãe, ela sempre foi meio nervosa.
- MARIA: Mas o que eu gostaria mesmo é de voar.
- VENTO: Gostaria de voar ?
- MARIA: De voar. Ah ! como gostaria. Um dia tia Amélia me disse que se a gente esfregasse asa de passarinho nas costas todos os dias cresciam umas asas e a gente voava.
- VENTO: E você esfregou ?
- MARIA: Ela esfregava na minha e eu na dela. Combinamos de voar juntas. Depois começou a dar brotoeja nas minhas costas e a tia Adelaide descobriu tudo e botou tia Amélia e eu de castigo





escrevendo 200 vezes. " Só quem voa é passarinho, criança estude para servir ao Brasil."

VENTO: Essa sua tia é de Morte, heim ?  
Você gostaria de passear na minha cacunda ?

MARIA: Na cacunda do vento ?  
OH ! Seria bárbaro.

VENTO: Eu te mostro tudo o que há de bonito por aí ! Sem livros e sem tias e sem cadernos.

MARIA: Que bom ! Mas vento eu gostaria também de fazer umas desordens.

VENTOS: Desordens ?

MARIA: Desmanchar umas coisas. Ventar tia Adelaide do Piano. Desarrumar tudo que é certinho para ver a cara de todo mundo.

VENTO: Pensei que voce fosse boazinha !

MARIA: E sou. Só que mundo certinho é tão chato !  
Vamos desmanchar só um pouco está bem ?  
Vamos ventarolar os certinhos do mundo.

VENTO: Está bem. Vamos fazer algumas coisinhas diferentes. Vamos, e não reclame depois as consequências.





PAULA: Maria, Sr. Vento. Ouvimos tudo.  
Também queremos ir.

VENTO: Meninas abelhudas! Eu as ventei para longe.

CINTHIA: Nós somos inteligentes, encontramos uma mangueira e ficamos segurando nela.

MARIA: Deixa Vento, Deixa. Elas não irão dar trabalho, eu Prometo.  
Depois as coitadinhas estudam tanto e agora elas tem que fazer o teste para entrar no colégio mais famoso da cidade o " NÃO ESTUDE E VERÁS".

Estudam o dia inteiro.

PAULA: Com a mamãe das 2 às 3 horas

CINTHIA: Com tia Adelaide das 3 às 6 horas.

PAULA E CINTHIA: Deixa, seu vento.

CINTHIA: Não daremos trabalho.

VENTO: Está bem, está bem!

Então vamos lá! Montem na cacunda do vento. Fechem os olhos e só os abram lá em cima.

ADELAIDE:Elas conversaram com quem?

PEDRO: Com o vento

ADELAIDE:Conversando ora, conversa vem, conversa vai, eles montaram na cacunda d'ele e lá se foram...

ADALGISA:QUE CONVERSA É ESSA DE vento conversar? Voce sabe, Pedro que mentir é muito feio...

AURÉLIA: Eu bem que gostaria de ter umas conversinhas com o vento

ADELAIDE:Quieta Aurélia, senão te ponho no piano.

ADALGISA:Voces não achão que já ouvimos demais desse nenino?

MÃE: Pedro, meu filho, conta tuão direitinho, sem inventar nada que depois voce ganha um sorvete.

PEDRO: Estou contando certinho como eu vi.

MÃE: E aonde voce acha que elas estão agora?

PEDRO: Bem, agora? Se pediram ajuda à ventania que é a mãe dele...

MÃE: Mãe de quem?

PEDRO: Do vento . Se pediram ajuda a ele já devem estar no Ceará. Também podem ter ido fazer umas desordens que Maria pediu.

MÃE: Toma meu filho. Vai tomar um sorvete bem grande.

ADELAIDE:Antipedagógico!





MÃE: Estou ficando aflita!

ADELAIDE: Pudera

MÃE: Faz mais de 6 horas que elas sumiram.

ADELAIDE: E Pedro não diz coisa com coisa. Acho que ele ficou meio atra-  
palhado da cabeça.

ADALGISA: Teriam sido raptadas?

ADELAIDE: É óbvio. Temos que avisar a polícia.

MÃE: Não aguento mais! Fiquem aqui, elas podem aparecer!  
Vou chamar o comissário Plácido.

ADELAIDE: Eu disse, eu avisei, não se deve deixar crianças soltas por aí...

ADALGISA: Lugar de criança é na sala da mãe.

AURÉLIA: (Sonhadora) ADELAIDE! Vento tem cacunda?

ADELAIDE: Eu te prendo no quarto Aurélia!  
Começa a ventar as três caem na cova do vento.

Socooooo. Soc - co erro

CENA:

REPÓRTER: Que furo! Ouvi uma história na delegacia e sou o 1º que furo!

REPÓRTER: Alô, Alô, Rádio da Cova do Vento! Estamos transmitindo do lu-  
gar do rapto. "cova do vento! Pois é uma cova onde tres meni-  
nas lideradas pela irmã mais velha Maria desapareceram tragi-  
camente. Nossa emissora, numa gentileza dos Perfumes Ventania,  
a brisa que refresca e conquista corações estão dando de pri-  
meira mão a reportagem completa.

Marie, Paula e Cinthia alunas exemplares do colégio "São estu-  
de e Verás".

ADELAIDE: Socorro! Seu Repórter.

ADALGISA: Socorro

AURÉLIA: Tirem-nos daqui e acabem a reportagem depois.

REPÓRTER: Atenção ouvites. Aqui a situação é perigosa.

Ouçó vozes! Chamados!

Ainda bem que sou corajoso pra burro. Vou verificar o que está  
acontecendo.

O que vejo a Senhora D. Aurélia e suas estimadas irmãs na co-  
va do vento?



ADALGISA: Tirem-nos daqui.

REPÓRTER: É pre já.

Saem

REPÓRTER: Boa Tarde D. Adelaide que fazer algumas declarações para emissoras, numa gentileza dos perfumes Ventania?

AURÉLIA: A brisa que refresca?

REPÓRTER: Acertou! A senhora terá direito a um cupom numerado, que com mais dez cupons de respostas certas, lhe dará direito a um, frasco, absolutamente grátis, e o direito de concorrer no próximo concurso.

AURÉLIA: Ganhei! Ganhei! Que felicidade.

ADELAIDE: Cale-se Aurélia

ADALGISA: Vejam o comissário.



1-

A menina e o vento



Cens-----

Pacífico- Um defunto!

Crispim- Chefe! Atenção!

Comissário- Ninguém toca no cadáver!

Pacífico- Veja, chefe! três damas amarradas!

Comissário- raptadas, um reporter abatido, amarrado, espancado e morto, três damas amarradas. Num só dia e tudo na cova do vento lugar sombrio, desabitado. Este é um dos casos mais complicados.

2-

Adelaide- Depressa, policia, já não aguento mais!

Pacífico- Ainda não morreram.

Crispim- Então é porque estão vivas!

Pacífico- Correto!

Comissário- Correto!

Vivas? Tanto melhor. Desmarrem os corpos de delito, isto é as velhas. Cuidado com as impressões digitais. As senhoras tem que declarar à policia o que estão fazendo aí.

Adelaide- Fomos sequestradas, raptadas, amarradas, sofridas.

Comissário- Favor declarem domicílio, estado civil, nacionalidade.

Aurélia- Só isto?

Adelaide- Cale-se Aurélia.

Comissário- São culpadas até que priverem o contrário.

Adelaide- São Era só o que faltava!

Crispim- Este também está vivo.

Comissário- O senhor tem alguma coisa a declarar a policia?

Reporter- Senhor comissário, fui Juntei tudo, O dever de um reporter é informar.

-Radio praia continuando a reportagem interrompida por uma covarde agressão. Sou um de imprensa e da verdade. Numa gentileza dos "Perfumes Ventaria". Crime e Castigo.



Pacífico- Não sei porque sempreque passa esta novela só vai até o crime  
No Castigo ela sai do ar.

Comissário: Cale-se.

Repórter: Tem alguma coisa a declarar a nossos ouvintes?

Comissário: O crime será solucionado, Bem, é questão de tempo.

Repórter: O senhor gosta dos perfumes Ventania?

Comissário: A Brisa que refresca?

Reporter: O senhor acaba de ganhar um cupom que com + 15 cupons lhe dará direito a concorrer a um vidro dos nossos perfumes!

Aurélia: Eu também ganhei!

Repórter: E agora diga comissário aos nossos telespectadores se a policia promete descobrir tudo? Tudinho mesmo?

Comissário- Prometo sim. Tudinho. A policia vai descobrir tudo porque a policia foi feita para descobrir tudo.

Se não descobrir tudo hoje, descobre amanhã, se não descobrir amanhã descobre depois de amanhã. Se não descobrir depois de amanhã, acaba mesmo descobrindo um dia desses.

Por isso acho bom os raptos aparecerem logo para a gente se não se cansar muito.

- Sabe como é né?

Adelaide- Isto é um uctrage

Adalgisa- Duas horas amarradas

Aurélia- Foi emocionante.

(fega o repórter)

Telespectadores parecia novela.

Adelaide- Cale-se, -Aurélia!

Exigimos providências Medidas Urgentes, urgentíssimas

Adalgisa- Medidas Urgentíssimas

Comissário ( puxando numa fita métrica)

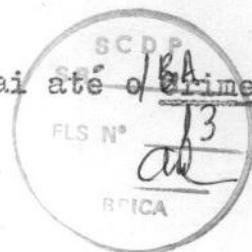
Serão tiradas medidas urgentíssimas, Dona Adelaide!

Reporter: Telespectadores o Sr. Comissário está tirndo medidas urgentíssimas.

Comissário- A senhora, está ótima dona Aurélia!

Todos- Hum! Hum!

Comissário- Bem, a medida mais urgente que qualquer policia do mundo te maria é esperar pra ver no que dá.



Crispim e Plácido- Comissário!

Comissário- Bem, bem. Vamos interditar o local.

Repórter- O local está interditado. Os ambulantes já podem providenciar suas  
 porque em local interditado o comércio costuma  
 ser muito bom.

Comissário- Sigillio total para as investigações. Só avisem aos políticos!

Todos saem

Dança

COVA DO VENTO:

- Entram os 3 comissários e se escondem.

- Aurélia: Vento, Ventinho, Ventania

Maria estou prontinha para viajar.

Comissário- Reunião de quadrilha!

Estão todos no papo.

Pedro: Tia Aurélia o que a Senhora está fazendo aqui? Volta para casa  
 se a polícia descobre!

Aurélia: Briguei com Adelaide ela me colocou de castigo e para escrever  
 "Lugar de moça é no piano quem vive na rua não tem tutano"

Pedro: Recebi uma carta de Maria.

Aurélia: Leia depressa.

~~XXXXXXXXXX~~

Maria (voz) até pág. 33, Beijos Maria.

Pedro: Fui falar com o comissário. Acharam que o vento é nome de bandido.  
 Ninguém acreditou em mim.

Aurélia: Eu acreditei por isto estou aqui, quero ir com Maria na cacunda  
 do vento.

Comissário: Toma nota, Pacífico, ela quer passar para o lado do tal vento  
 É uma suspeita.

Pacífico: Já estou escrevendo

Pedro: E se eles não vierem esta noite?

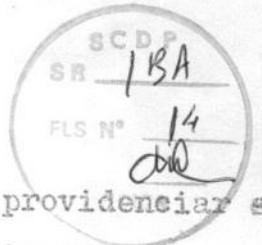
Aurélia: Não é aqui a cova dele? Ele não tem que trazer Maria de volta?

Pedro: Mas tia a senhora tem coragem de ir em cima das nuvens?

Aurélia: Al! Tenho,

Pedro: ( pega a tabuleta com a inscrição " Proibido passar pela cova do  
 vento)

**Isto é coisa do comissário**



SC 1/BA  
FLS N° 15  
ad

Aurélia- Comissário burro. Ele quer proibir o vento de ventar.

Comissário- Burro!?

Pedro- Ele é burro mesmo. Não entende nada.

Aurélia: O vento poderia mandá-lo para a China!

Pedro: Para a Austrália!

Aurélia: Para o Afegistão

Pedro- Para....

Comissário- O xadrez. Os senhores estão presos. E podem ir explicando o que estavam fazendo aqui.

Pedro: Esperando o vento!

Aurélia: E o senhor não tem nada com isto. Não é minha irmã, nem mãe, nem pai.

Comissário: Presa por desrespeito à autoridade

Aurélia: Vento mande este homem chato para bem longe!

Comissário- Estavam esperando o bandido hem

Chamen os responsáveis

Chamen os responsáveis

Todos entram.

Comissário- Suas sobrinhas e D. Aurélia fazem parte da quadrilha!

Adelaide: Quadrilha!

Adalgisa: Quadrilha!

Aurélia: Quadrilha.

Mãe: Não é possível!! Ela é educadora.

Comissário- Coisa nenhuma!

Reporter- Senhores telespectadores numa promoção dos "Perfumes Ventania" estamos de volta à cova do vento.

Comissário- Estão presos D. Aurélia e Pedrinho e os outros sob suspeita.  
DE RELENTE.

Maria- Mamãe, Cíntias? pedrinho

2 meninas: Estamos de volta!

Maria: Foi lindo! Lindo!

Adelaide: Maria Cinthia! Paula Onde estiveram? Ficarão de castigo.

BRIGAS

Comissário- Presas, todas estão presos e o Sr. é o principal suspeito

Vento- Pare com isso comissário não se pode prender o vento!

Comissário- O Sr. vai para o Hospício.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
DEPARTAMENTO DE INVESTIGACAO E PERICIA  
POLICIA DELEGADA DE BARRA D'AJUDA

Adelaide: Maria vai escrever: Menina boa não mente'

Vento: Porque não podem acreditar nas crianças?

Bem bravo

Todos se assustaram



-- Vento- As crianças sonham e às vezes o que é sonho se confunde com o r real é por isso que elas são puras e sem maldades. Mas voces ad adultos são falsos e não deixam os outros sonhar. Voces é que Mentem para as crianças.

Maria na minha cacunda aprendeu que o que esta em sua volta é lindo e aprendeu que estudar pode ser gostoso quando não é impo posto, cobrado e ameaçado.

Envergonhem-se.

Maria- Obrigada Sr. Vento oSr. foi "aravilhoso

Adelaide- Acho que às vezes eu exagerei um pouco com as crianças.

Adalgisa- É mesmo |

Aurélia- Eu sempre disse isso

Mãe- Eu os entreguei para os outros educarem e não me fiz também reponsável.

Comissário- Talvez sonhar seja felizes bom. As crianças estão felizes.

Maria- Pedro tenho mil caisas para contar.

Aurélia- Vamos todos ~~antes~~ para casa tomar chá e ouvir as historias de Maria Acho que os ~~estes~~ adultos tem muito que aprender com as crianças.

Todos se indo

Repórter- Com a gentileza dos "Perfumes Ventania" - a Brisa que refresca convidamos a todos a acreditar, sonhar e amar as crianças.

Dança.





MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 074/86

ASSUNTO: Ensaio Geral

1. IDENTIFICAÇÃO:

TÍTULO: "A MENINA E O VENTO"

AUTORA: MARIA CLARA MACHADO

2. CONTEÚDO:

2.1 enredo: Quatro crianças vão até a "Cova do Vento" por achar o local ideal para esconderem-se das tias que não as deixavam brincar. Lá, encontram-se com o "Vento" que estava dormindo e acaba sendo acordado por elas que aproveitam para desafiá-lo. Dessa forma, "Pedro" é soprado para longe e "Maria" persuade o "Vento" a levá-la na sua cacunda, juntamente com "Paula" e "Cíntia", para que possam conhecer o Brasil. "Pedro", que ficara escondido atrás de uma árvore, volta para casa e conta à sua mãe e tias o que ocorrera com as meninas na "Cova do Vento", porém, elas não acreditam na "estória" dele e ficam aflitas pensando tratar-se de um rapto. Assim é que pedem ajuda ao "Comissário de Polícia", mas, todos acabam sendo vítimas das peças pregadas pelo "Vento" e por "Maria". Por fim, as meninas são trazidas de volta pelo "Vento", que desaparece quando o "Comissário" pretendia prendê-lo.

2.2 mensagem: Positiva: de entretenimento.

3. LINGUAGEM: Simples, do cotidiano.

4. PÚBLICO ALVO: Público em geral.

5. GRAU DE PERSUASÃO: Bom, face a narrativa não oferecer obstáculos à sua compreensão.

6. PERSPECTIVA CENSÓRIA: A peça em análise já foi anteriormente liberada por este SCDP, tendo sido feito a leitura comparativa, verificamos tratar-se basicamente do mesmo texto, com algumas variações decorrentes da própria adaptação e encenação do grupo teatral.

7. COMPOSIÇÃO CÊNICA: Cenário composto por dois bancos de jardim, com alguns arranjos de flores. Músicas, gestos, vestimentas e expressões corporais condizentes com o tema, sem nenhuma anormalidade.

continuação



8. PARECER: Estando tudo de acordo com as normas censórias em vigor, ad namos pela liberação do referido texto, sem restrições.
9. CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

Salvador, 22 de agosto de 1986

Amélia M. R. de S. Mascarenhas Pereira Bel.  
Amélia M<sup>a</sup>, R. de S. Mascarenhas Pereira Bel<sup>a</sup>,  
CHEFE DA S.C.C./SCDP/BR/DPF/BA  
N.º. 2416681



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0480, P.317

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 024/86

VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL

PEÇA "A MENINA E O VENTO"

ORIGINAL DE MARIA CLARA MACHADO

APROVADO PELA D.C.D.P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 08 de JUNHO de 19 89

Salvador/BA  
Brasília, 22 de AGOSTO de 19 86



*Maria Helena Guerreiro*

Maria Helena Guerreiro - Bel

Chefe **Diretor da DCDP**

Mat. nº 2415810

M.J-D.P.F  
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "A MENINA E O VENTO"

Original de MARIA CLARA MACHADO

Tradução de ---

Adaptação de ---

Produção de ---

|                                      |       |
|--------------------------------------|-------|
| ENSAIO                               | GERAL |
| EM <u>22</u> / <u>08</u> / <u>86</u> |       |
| Info do <u>SCDP / SR / BA</u>        |       |

Requerida por SUZANA MARIA RUSCH DALTRIO PINTO

Tendo sido censurada em 22 de AGOSTO de 19 86 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/BA.

Salvador/BA

Brasília, 22 de AGOSTO de 19 86

*Amélia M. C. de S. C.*

Amélia M. C. de S. C.  
Chefe do Serviço de Censura  
CHEFE DA S.C.C./SCDP/SR/DPF/BA

# TEATRO

TÍTULO \* A MENINA E O VENTO \*

AUTOR DA PEÇA: \* MARIA CLARA MACHADO \*

1) ARQUIVO

Clas. Anterior \* L I V R E \*

Praça \* SCDP/SR/BA \*

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 22 / SET. / DE / 1986

*Adilson*  
Resp. pela elaboração do Processo  
Adilson \*\*

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_ a \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

DF. \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.9

3) CHEFE DA S.C.T.C.

*Em Ordem!*  
*Encaminhe-se ao Arquivo.*  
*SB, 23/09/86*

*Luis Dedro de Souza*  
CF - Mat. 2.407.803  
Chefe - Substituto da SCTC/DCDP

Brasília - DF de \_\_\_\_\_ de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

39155

DIVISÃO DE...  
 11/00 1327 000306  
 DCDP  
 ENCAMINHADA

SERTEL/SR/SP

DE SAO PAULO NR 11039 75 11/08 1115

DCDP BSANR 11039/SCDP DE 080886 PT SOL INFO CLASSIET PRAZOTVAL CERT  
PEÇAS TEATRAIS BIPT

- "A MENINA E O VENTO" DE MARIA CLARA MACHADO VG
- "A MAGIA DA CRIAÇÃO" DE WILSON ALVES VG
- "ROMÃO E JULINHA" DE OSCAR VON PFUHL VG
- "DOCE FASCÍNIO" DE RONALDO CIAMBRONI VG
- "O RINOCERONTE CARECA" DE MARCO GHILARDI VG
- "VAGA LUZ" DE AUGELANI MARIA PARADA FRANCO ET
- "A BRUXINHA E O LEAOZINHO MEDROSO" DE JOSE MARCOS FILITTO VG
- "ANTES DE IR AO BAILE" DE VLADIMIR CAPELLAS VG
- "PEDREIRA DAS ALMAS" DE JORGE ANDRADE ET
- "ALEGRIA DO CIRCO" DE MAGALI GEARA PT

SCDP SR DPF SP

NNNN

SERTEL/SR/SP

Recebi às 9:05  
 em 12/08/86  
 mat. 6190636  
 15:50

INFORMAÇÃO ARQUIVO/DCCDP

Nada consta com relação às peças teatrais:

- A MAGIA DA CRIAÇÃO
- DOCE FASCÍNIO
- O RINOCERONTE CARECA
- VAGA LUZ
- A BRUZINHA E O LEÃOZINHO MEDROSO
- ANTES DE IR AO BAILE
- ALEGRIA DO CIRCO

OBS: Com relação à peça: \* ROMÃO E JULINHA, \*

o processo foi encaminhado ao SCTC em 08/08/86 CONF. GUIA 1189/86.

Bsb-DF, 12 de Agosto de 1986

Walter de Oliveira  
Chefe do Arquivo/DCCDP

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL3<sup>a</sup> VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES  
Nº 50 - CMG

PRÉAMBULO

Espécie: OFICIAL

Número.....

Data: 13/08/86

1122 8 000300

Origem.....

Palavras.....

Hora:.....

ENCAMINHADO A  
RUE

POSIÇÃO:

ENDEREÇO

SCDP/SR/RJ

QUITAÇÃO

HRS:

OPR: *re*

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 603/DCDP de 13 08 86 RERA NR 11039/86-SCDP/SR/SP DE 110886  
 VG INFO PEÇAS TEATS BIPT "A MENINA E O VENTO" CLASS LIVRE CERT VAL  
 080689 VG "ROMÃO E JULINHA" CLASS LIVRE CERT VAL 050789 VG "PEDREI  
 RA DAS ALMAS" LIB QUATORZE ANOS CERT VAL 151288 VG DEMAIS PEÇAS  
 NADA CONSTA PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor

  
 Raymundo Custódio de Albuquerque  
 chefe do Serviço de Censura-DCDP

Recebido às 16:20  
em 14/10/86  
mat. 6190636

DEB  
Mitos  
13 OUT 1986 000000  
ENCAMINHADO A 6193841  
RUBRICA

0480, P.323

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

1013.1734

611461DPFEA BR  
311387DPFE BR

BHORIZONTE 3765 40 131720P

DCDP BSA

115 SCDP SRMG 131086 SOL INFO SIT PEÇAS TEATRAIS 'SINAL DOS TEMPOS', CRIAÇÃO COLETIVA DO ATOS E OLHOS CIA TEATRAL, 'A DITADORA' VG AUT PAULO DE MAGALHAES, 'HOJE EH DIA DE ROCK' AUT JOSE VICENTE ET 'A MENINA E O VENTO' AUT MARIA CLARA MACHADO.

SCDP SRMG

Informação / Arquivo / DCDP  
Nada consta com relação à  
peça teatral: Sinal dos Tempos.

Bsb, 14.10.86

Assinado  
Ass  
Assinado

Nº

611461DPFEA BR  
311387DPFE BR

# RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0480, P. 324  
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PT. 2ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

15 OUT 10 43 00 0000

PRÉAMBULO

Espécie: OFICIAL

Número..... Data:.....

Origem.....

Palavras..... Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/MG

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

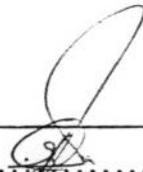
HRS:

OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 780/DCDP de 15 - 10 - 86 — RERA NR 115/SCDP/MG DE 131086 VG INFO  
PEÇAS "A DITADORA" LIB DEZ ANOS CERT VENC 210685 J.I. N/ CONSTA  
PTVG "HOJE EH DIA DE ROCK" LIB QUATORZE ANOS CERT VAL 311289 J.I.  
TEMATICA RELATIVAMENTE COMPLEXA PTVG "A MENINA E O VENTO" CLASS  
LIVRE CERT VAL 080689 PT NADA CONSTA PEÇA "SINAL DOS TEMPOS" PT  
DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor

  
Raymundo Justaquilo de Mesquita  
Chefe do Grupo de Censura-DCDF

DPF-84

SERTEL/SR/SP  
DITEL BSA

SAO PAULO NR 10904 45 120920

DCDP/BSA

10385 205067  
**26835**

*DCDP*

NR 10904 DE 12/06/87-SCDP/SR/DPF/SP PT SOL INFO CLASS  
ET PRAZO VAL CERT PEÇAS TEATRAIS BIPT "SENHORITA JULIA" DE A.  
STRINDBERG VG "O URSO" DE ANTON TCHEKOV VG "A MENINA E O VENTO"  
DE M. CLARA MACHADO VG "A COZINHA" DE ARNOLD WESKER VG "VI-  
TINAS DO DEVER" DE EUGEN IONESCO VG "OS OVOS DE DONA CORUJA"  
DE TON CRIVELARO VG "VAMPIRIA" DE TACUS PT

CH SCDP/SR/DPF/SP

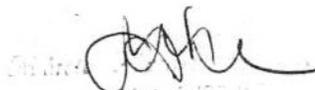
N N N N

T/AC1200443  
DITEL BSA  
SERTEL/SR/SP



ARQUIVO/DCDP

nada consta ref. a peça:  
Os ovos de Dona Coruja.



Setor - Subst. de ARQUIVO/DCDP


**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA**  
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

PRÉAMBULO

Espécie: OFICIAL

Número.....

Data:.....

Origem.....

Palavras.....

Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/SPD/SP

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS:

OPR:

**RADIOGRAMA**

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

TEXTO A TRANSMITIR

Nº350/DCDP de 16 - 06 - 87 — RERA NR 10904-SCDP/SP 120687 VG INFO  
 PEÇAS BIPT "SENHORITA JULIA" LIB DEZESSEIS ANOS CERT VAL 030589  
 J.I. COMPLEXIDADE DO TEMA PTVG " ) URSO" CLASS LIVRE CERT VENC  
 280587 PTVG "A MENINAE O VENTO" CLASS LIVRE CERT VAL 080689 PTVG  
 "A COZINHA" LIB DEZOITO ANOS CERT VENC 300469 J.I. N/CONSTA  
 "VITIMAS DO DEVER" LIB DEZESSEIS ANOS CERT VENC 040674 J.I. N/CONSTA  
 PTVG "VAMPIRIA" LIB DEZ ANOS CERT VAL 071091 J.I. TENSÃO MODERADA  
 PT N/CONSTA "OS OVOS DE DONA CORUJA" PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

Nilma

Chefe do SC - DCDP

Substituto

DPF-84



|        |  |
|--------|--|
| SERPRO | DPF/MJ<br>DIV. DE CENSURA<br>DIVERSÕES P.B.                      |
|        | NUMERO DE IDENTIFICACAO<br>--- SENAPRO ---<br>08202.002341/88-98 |

03  
12 ABR 14 32 000000

DCDP / BSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Belo Horizonte-MG

Em 08 de abril de 1988

OF. Nº 044/88-SCDP/SR/MG

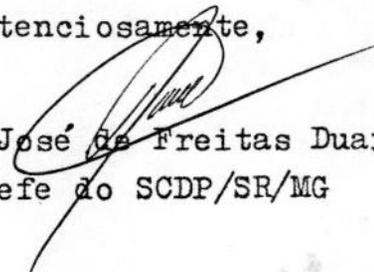
Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/MG

Ao: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

Pelo presente, encaminho a V. Sa.  
os processos de nºs 2105/86, 1320/87, 1464/87 e 354/88-SCDP/SR/  
MG, referentes à peças teatrais.

Atenciosamente,

  
 Antônio José de Freitas Duarte  
 Chefe do SCDP/SR/MG

ILMº. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - Departamento de Polícia Federal  
Superintendência Regional de Minas Gerais  
Serviço de Censura de Diversões Públicas  
PROTOCOLO Nº 2105/86  
DATA 13/10/1986 Bernadete  
Funcionário

ANTÔNIO LEITE RODRIGUES  
Requerente

BRASILEIRA, ESTUDANTE  
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade M 3003841-SSP-MG  
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à RUA GENTILS, 448 - CORAÇÃO  
DE JESUS

vem, mui respeitosamente, requerer de V. Sa., que se digne man-  
dar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes,  
a(s) PEÇAS TEATRAIS abaixo relacionadas, de autoria  
Espécie

de: \_\_\_\_\_

MARIA CLARA MACHADO  
Título(s)

A MENINA E O VENTO

N. Termos

Pede deferimento

BELO HORIZONTE, 13 DE OUTUBRO DE 1986  
Local e Data

[Assinatura]  
Requerente

Anexos:

1 - EMPRESA OU GRUPO. (Se houver)

Nome: GRUPO EXPERIMENTAL CÊNICO E CIA D'ESTRUC. G.C.: 21945381/001-51

Sede: RUA DOZE DE OUTUBRO, 560 - SANTA BRANCA  
(PAMPULHA) CEP: 31510

Diretor ou Responsável: ALEXANDRE SOARES DE OLIVEIRA

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: MARIA CLARA MACHADO

Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: \_\_\_\_\_

Nacionalidade: BRASILEIRA Naturalidade: \_\_\_\_\_

Data do Nasc.: \_\_\_\_\_ Identificação: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_ Est. Civil: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_

3 - PARCERIA

Nome: \_\_\_\_\_

Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: \_\_\_\_\_

Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_

Data do Nasc.: \_\_\_\_\_ Identificação: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_ Est. Civil: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Pseudônimo: \_\_\_\_\_ Filiação: \_\_\_\_\_

Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_

Data do Nasc.: \_\_\_\_\_ Identificação: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_ Est. Civil: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_

Declaro que a matéria a ser examinada não foi submetida à apreciação dessa DCDP (exetuando os pedidos de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 13 DE OUTUBRO DE 1986

Ass.: [Assinatura]

BRDFANBSB NS. CPR TFA PTE. OU80. P. 329

PSA 9075 50 151046 ((HF))

SCDP/SR/MG-BHF

780/DCDP/151086 RERA NR 115/SCDP/MG DE 131086 VG INFO PEÇAS '' A DI-  
TADORA'' LIP DEZ ANOS CERT VENC 210685 J.I. N/CONSTA PTVG ''HOJE ÉH  
DIA DE ROCK'' LIP QUATROZE ANOS CERT VAL 311289 J.I. TEMATICA RELATI  
VAMENTE COMPLEXA PTVG ''A MENINA E O VENTO'' CLASS LIVRE CERT VAL ....

080689 PT NADA CONSTA PEÇA ''SINAL DOS TEMPOS'' PT

DCDP

NNNN  
T/OP151210  
R/±  
311387DPFE PR  
611461DPFEA PR

*J. S. Guimarães  
PI providencia.  
D. Hk.: 15.10.86*

*[Signature]*  
Ed. Antonio José de S. Duarte  
CHEFE DO SCDP/SR/MG

*Ciente.  
Tirar xerox.  
Em 15/10/86  
am*

ARTES GRÁFICAS INDUSTRIAS REUNIDAS S. A.



AGIR

B869.05

M1497

III



## INDICE

|       |   |                           |     |
|-------|---|---------------------------|-----|
| M1321 | Machado, Maria Clara, 1921-<br>Teatro III: A menina e o vento. Maroquinhas Fru-fru.<br>A Gata Borralheira. Maria Minhoca. 4.ª ed. Rio de Janeiro,<br>Agir, 1975.                        | A Menina e o Vento .....  | 9   |
|       | 170p. - ilustr. 21cm.   | Maroquinhas Fru-Fru ..... | 49  |
|       | 1. Peças infantis. 2. Teatro brasileiro. I. Título. II. Ti-<br>tulo: A Menina e o vento. III. Título: Maroquinhas Fru-fru.<br>IV. Título: A Gata Borralheira. V. Título: Maria Minhoca. | Maria Minhoca .....       | 91  |
|       |   | A Gata Borralheira .....  | 127 |

75-0021

CDD — 869.92  
792.0226  
CDU — 865.0(81)-2

*Livraria AGIR Editora*

|   |   |  |
|---|---|--|
| R. Bráulio Gomes, 125<br>(ao lado da Bib. Mun.)<br>Telefone: 34-8300<br>Caixa Postal 6040<br>São Paulo - SP | Rua México, 98 - B<br>Telefone: 242-8327<br>C. Postal 3291-ZC-00<br>Rio de Janeiro - RJ | R. Espírito Santo, 845<br>Loja 16<br>Telefone: 222-3038<br>Caixa Postal 733<br>Belo Horizonte - MG |
|---|---|--|

Endereço telegráfico: "AGIRSA"



## A MENINA E O VENTO

1 Prólogo e 9 Cenas

Esta peça foi levada pela primeira vez pelo TABLADO em 1963 com cenários e figurinos de Marie Louise Nery; assistente técnico, Dirceu Nery; assistente de direção, Donato Donatti; contra-regra, Luiz Carlos Valdez; sonoplastia, Sergio Cathiard, com a seguinte distribuição: *Vento*, Henrique Mujica; *Maria*, Lúcia Marina Accioli; *Pedro*, Flávio de São Thiago; *tia Adelaide*, Jaqueline Laurence; *tia Adalgisa*, Yolanda Costa; *tia Aurélia*, Neuza Navarro; *a mãe*, Maria José Araújo; *a avó*, Moema de Brito; *o repórter*, Olney Barrocas; *o comissário Plácido*, Hélio Ary; *Pacífico*, Paulo Nolasco; *Crispim*, Sérgio Miceli. Direção geral, Maria Clara Machado. Rio de Janeiro, 1963.

## PERSONAGENS:

O VENTO  
 MARIA, a menina  
 PEDRO, o menino  
 A MÃE  
 AS TIAS:

ADELAIDE,  
 ADALGISA e  
 AURÉLIA

A AVÓ  
 O REPÓRTER  
 O COMISSÁRIO PLÁCIDO  
 OS 2 POLICIAIS:

PACÍFICO e  
 CRISPIM ou  
 BRANCA DE  
 NEVE (se o ator  
 for negro)

## GENÁRIO:

A cova do vento. Um pedaço de praia deserta com enorme tronco ao fundo de onde caem pedaços de galhos e parasitas, feitos com material leve para que possam sugerir o efeito do vento. No chão algumas pedras roliças. Uma delas é o travesseiro do vento. O ambiente deve sugerir mistério e poesia. Vários ventiladores são instalados para movimentar os parasitas que se moverão ao mesmo tempo que se ouve o barulho do vento gravado e irradiado de um altofalante.



## PRÓLOGO

*O Prólogo se passa no proscênio com a cortina fechada. Ouve-se insistentemente uma escala de piano tocada ao longe. Fugindo, esbaforidos, entram Maria e Pedro. Cessa a escala.*

MARIA: Corre, Pedro, que lá vêm elas!

PEDRO: Santo Deus, ela não nos deixa em paz!

MARIA E PEDRO juntos: Aula no Domingo também é o cúmulo.

PEDRO: Tia Adelaide é o fim.

VOZ DE TIA ADELAIDE: Pedro! Maria!

MARIA: Depressa! *(Saem correndo)*

*Entram também esbaforidas da corrida as três tias. Tia Adelaide é a mais velha e também a mais mandona. Tia Adalgisa é a do meio. Cópia viva de tia Adelaide. Tia Aurélia é a menos velha, meio biruta, meio infantil, obedece sempre tia Adelaide por hábito e medo. Passam as tias (ouve-se de novo a escala no piano) e tornam a voltar os meninos.*

MARIA: Pedro, vamos nos esconder na cova do vento?

PEDRO: Boa idéia. Vamos!

*Saem. Voltam as tias.*

ADELAIDE *(Gritando)*: Meninos, voltem já para a aula!



ADALGISA: Eu disse à mãe deles para não deixá-los brincar na rua.

AURÉLIA: Maria! Pedro!... Voltem já... já... já... Adelaide está chamando!...

ADELAIDE: Lugar de criança é dentro de casa.

ADALGISA: A culpa é da mãe deles que é muito mole...

AURÉLIA: No nosso tempo, quando...

ADELAIDE (*Interrompendo-a*): Já sei, Aurélia, que nosso tempo era diferente, mas nossa obrigação de tias é educá-los.

AURÉLIA: A aula de hoje é tão boa! Adoro educação cívica!

ADALGISA: As aulas de Adelaide são excelentes! Ela é a melhor professora de educação cívica da cidade!

AURÉLIA: E do Brasil!

ADELAIDE (*Saindo, orgulhosa com os elogios*): Meninos, voltem para a aula!

ADALGISA (*Acompanhando-a*): Preciso aprender a amar o Brasil, meninos!

AURÉLIA (*Saindo também*): Pedro! Maria!

(*Muito assustada volta Adalgisa*)

ADALGISA: Por ali é o caminho da cova do vento!

ADELAIDE (*Voltando também assustada*): ...não é lugar para moças sozinhas...

AURÉLIA (*Aparecendo alvoroçada*): Cova do vento... mãe sempre disse que lá é muito deserto, e feio... cheio de vento...

ADELAIDE: Vamos voltar. É muito perigoso o risco.

ADALGISA: É muito perigoso o risco.

AURÉLIA: E os meninos?

ADELAIDE — Quando chegarem em casa ficarão de castigo. Terão que escrever duzentas vezes: Viva o nosso Brasil amado! (*Sai*)

AURÉLIA: Vivooooo! (*Sai*)

ADALGISA: Muito boa idéia, Adelaide, muito boa idéia (*Sai*)

(*Ao abrir o pano a cena deve estar na penumbra; ao fundo, deitado no chão, com a cabeça numa das pedras, dorme o Vento. É um personagem meio mitológico, como se vê em figuras de mapas de navegação antiga. O ator que representar o Vento deve ser bem alto para aumentar o contraste com a menina, mas não deve ser uma figura feia para não meter medo às crianças. Pode usar uma máscara. Pedro e Maria chegam correndo. Depois de verificarem que não estão sendo perseguidos, observam o lugar.*)

MARIA: Iiiii! Aqui hoje está muito esquisito.

PEDRO: Mas aqui tenho a certeza que elas não vêm.

MARIA: Tia Adalgisa tem tanto medo...

PEDRO: Você não acha que isto aqui está calmo demais?

MARIA (*Descobrimo o Vento*): Veja, Pedro, o Vento, dormindo. Será que ele está doente? (*Olhando para cima*) Caiu, será?

PEDRO: Lugar de vento ficar é lá em cima. O que é que ele veio fazer aqui na praia?

MARIA: Alguma indigestão de ar. (*Rindo*) Que feio que ele é!

PEDRO: É velho e barrigudo.

MARIA: Que pena! Sempre pensei que o vento fosse lindo!

PEDRO: Por que, ora!

MARIA: Porque tudo que voa é bonito.

PEDRO: Urubu também?

MARIA: Voando é. Até urubu voando é bonito. Menos mosquito, é claro.

PEDRO: Ele está acordando.

MARIA: Vamos nos esconder. (*Os dois se escondem atrás da cortina, no proscênio.*)

MARIA: Quero só ver a cara que ele tem acordado.



(S) Vento se mexe e fica sentado com as pernas estiradas. Depois continua a dormir sentado, roncando muito alto.)

PEDRO (Procurando falar baixo): Ronca igualzinho ao vovô Jaime.

MARIA (Começando a rir sem controle): Vovô Jaime... é isto mesmo... o vento se parece com vovô Jaime.

(Os dois continuam a rir até que acordam o Vento, que abre os olhos espantado.)

VENTO: Psiuuuuu! (Boceja, os meninos se calam, ele continua a dormir.)

MARIA (Sempre tentando falar baixo): Está acordando... Parece mesmo o vovô Jaime quando dorme na poltrona...

O Vento abre os olhos espantado e começa a se levantar, procurando ver de onde vem o barulho.

PEDRO (Puxando Maria para se esconder): Ele viu!

VENTO (Descobrindo os meninos): Deixem-me dormir, criaturas desagradáveis.

PEDRO: Quem é criatura desagradável?

MARIA: Acho que somos nós.

PEDRO (Brincalhão, levantando a voz): Os incomodados que se mudem.

VENTO (Furioso): O quê?!

PEDRO (Provocador): Disse: os incomodados que se mudem.

VENTO: Olhe aqui, pirralho, ou vocês me deixam dormir em paz ou...

PEDRO: Ou o quê? Aqui por acaso é propriedade sua?

MARIA: Pedro, não provoca.

PEDRO: A praia é pública, a rua é pública, o espaço é público, a atmosfera é pública...

MARIA: A estratosfera é pública...

PEDRO (Já dentro de cena sem o menor receio do vento): E

nós fazemos barulho onde queremos... e o vento também é público, está ouvindo?

VENTO (Com as mãos na cintura, amedrontado): Menino, ninguém levanta a voz com o vento.

MARIA: E o trovão?

VENTO: O trovão?

MARIA: Não é o Padre Eterno levantando a voz para você, vento?

VENTO: Para mim, coisa nenhuma...

MARIA: Para quem, então?

VENTO: Para vocês, é claro!

MARIA: Bem que eu achei que a explicação de tia Adelaide sobre o trovão não era boa. Sabia que era o Padre Eterno. Tia Adelaide tira a graça de tudo, coitada!

VENTO: Já disse que ninguém levanta a voz com o vento!

MARIA: Quem é que está levantando a voz para você? Estou só falando da minha tia Adelaide, e meu irmão é meio mal-humorado. Mas o senhor também não fica atrás... ele estava só brincando. Com este mau humor, já vejo o porquê das tempestades... Aliás isto também tia Adelaide não explicou bem. As tempestades são causadas pelo mau humor de vento e de sua família... brigas entre nuvens, brisas, ventos, vapores, raios e trovões... se...

VENTO (Interrompendo): Pare de falar, matraca de feira, ou então... eu... eu...

PEDRO (Furioso): Minha irmã, matraca de feira?

VENTO: Vocês querem, não é? (Dá uma lufada de sopro sobre os meninos, que caem no chão. A sonoplastia e um dos ventiladores acompanham sempre as lufadas do vento.)

PEDRO: Vento covarde! Vento covarde!

MARIA: Não provoca, Pedro... Não provoca!

VENTO: Tratem de desaparecer, meninos, senão eu sopro! E é para valer... Um... Dois...

PEDRO: Vento caduca...

MARIA: Não provoca mais ele, Pedro.

VENTO: Caduca, eu? Pois você vai ver... vou te mandar para as nuvens e lá você é que vai caducar, fedelho de uma figa. *(Começa a soprar com tanta força que Pedro depois de dar umas voltas tentando resistir, sai de cena sempre gritando.)*

PEDRO: Vento covarde... vento covarde...

MARIA: Pára de ventar, Vento, que Pedro está sumindo atrás daquela árvore. Pára vento... Pedro! Pedro! *(Sai gritando e procurando resistir.)*

VENTO: Pronto. É assim que nós lá de cima nos livramos deles. Sem muita conversa. *(Boceja ostensivamente torna a sua cama, mas não consegue se deitar porquê furiosa, volta Maria.)*

MARIA: Queira soprar de volta, imediatamente, o meu irmão ou então o senhor terá que se ver comigo.

VENTO: O quê? Está me desafiando, pedacinho de coisa nenhuma? Quer também ser soprada para longe? *(Começa a rir.)* Isto aí me ameaçando... ah! ah! ah! ah!

MARIA: Pára de rir, vento bobo-alegre. Não tem vergonha de ser tão velho e rir desse jeito? Traga meu irmão de volta, já disse.

VENTO *(Pára bruscamente de rir)*: Vou te mandar para a China, menina.

MARIA: Duvido. *(Aceitando o desafio.)* E fique sabendo que sou campeã de andar na ventania e não vai ser um ventinho qualquer que vai me levar para a China ou para o Japão. Bem que eu gostaria de dar um passeio... se eu...

VENTO *(Interrompendo)*: Você disse... ventinho qualquer

MARIA: Disse. O que é que você sabe fazer mais além de ventar? Sabe ler? Sabe escrever? Qual é a sua educação cívica?

VENTO: Chega. *(Dá uma forte lufada. Maria, marota,*

*esconde atrás dele que procura, impiedado poder encontrá-la. Finalmente, Maria corre e se esconde atrás de uma pedra.)*

MARIA: Brisa, vento, ventinho pode soprar espertinho? Não tenho medo de ventania. Só receio a minha tia, brisa, vento, ventinho, pode soprar espertinho...

*(O Vento furioso começa a soprar e Maria deliciada ventarola pela cena em loucos rodopios até que sai, sempre rindo. O Vento, sentindo-se vencedor, volta para sua pedra e recosta para tornar a dormir. Começa a roncar quando Maria volta. Vendo que o Vento não acorda ela começa a sapatear e a cantarolar. O Vento continua roncando. Por fim Maria resolve jogar amarelinha batendo com os pés com força. O Vento abre os olhos.)*

MARIA: Isto o senhor não sabe fazer... garanto que não sabe...

VENTO: O quê? Ainda aqui?

MARIA: Vou lhe chatear até você trazer Pedro de volta.

VENTO: Não trago nada de volta.

MARIA: Quer dizer que o senhor não sabe trazer ele de volta?

VENTO: Quer dizer que não quero trazer ninguém de volta.

MARIA *(Mudando de tática)*: E se eu prometer nunca mais incomodá-lo na sua toca?

VENTO: Não acredito em promessa de menina.

MARIA: Então em que você acredita?

VENTO: Acredito na minha força.

MARIA: Prosinha, hem? Tão forte que nem consegui me soprar para longe... Acho que você está ficando sem fôlego, velho e cansado, hem, vento?

VENTO *(Meio desconfiado)*: Você acha?



MARIA: A verdade é que o senhor com seus mil e quinhentos séculos de vida não conseguiu derrubar uma menina de 12 anos.

VENTO: Isto nunca aconteceu. Quem é você, menina?

MARIA: Sou Maria.

VENTO: Nunca fui vencido por... por... ninguém... e logo por uma menina (*O Vento está desolado*).

MARIA: Não fique assim, vento. É que sou campeã mesmo. Ninguém me vence na minha rua na corrida de ventania.

VENTO: Como é que faz para vencer? Nem navios, nem árvores, nem cidades, nem nada nesta terra redonda de Deus pode comigo quando estou furioso.

MARIA: É só não ter medo e conhecer sua tática.

VENTO: E você conhece minha tática, menina?

MARIA: Conheço.

VENTO: E como é que você descobriu?

MARIA: Praticando. Comecei com uma brisa... uma brisinha à-toa.

VENTO: Minha filha. Ela é bem fraquinha, a coitada.

MARIA: Eu sei. Depois passei para um vento mais forte.

VENTO: Eu.

MARIA: Vento de praia, vento de Cabo Frio. Lá é melhor ventarolar de óculos por causa da areia. Mas também é melhor porque é salgado demais. A gente lambe o braço, depois fica tudo salgadinho. Quando o vento, o senhor, pára de ventar, a gente continua com o barulho no ouvido até dormir.

VENTO (*Comovido*): É, é?

MARIA: Bem, na ventania custei mais, porque a ventania não tem muita direção e tapeia a gente também.

VENTO: Minha mãe. Sempre foi meio nervosa.

MARIA: É. Mas venço ela também. Aprendi a ventarolar.

VENTO: Ventarolar? O que é isto?

MARIA: Muito fácil. Virar ventarola de vento. Você já conseguiu derrubar uma ventarola?



VENTO: Papa-vento?

MARIA: Isto mesmo.

VENTO: Bem, acho que não. Mais fácil é derrubar um vendedor de papa-ventos.

MARIA: Pois é, viro mesmo um papa-vento, fico tão levezinha no corpo e rodopio e não me canso e a ventania desiste de mim. Quase que posso voar.

VENTO: Você gostaria?

MARIA: De voar? Ah! gostaria. Sabe? Um dia tia Aurélia me disse que se a gente esfregasse asa de passarinho nas costas todos os dias cresciam umas asas e a gente voava.

VENTO: E você esfregou?

MARIA: Ela esfregava na minha e eu na dela. Combinamos de voar juntas. Depois começou a dar brotoeja nas minhas costas e tia Adelaide descobriu tudo e botou tia Aurélia e eu de castigo escrevendo duzentas vezes: "Só quem voa é passarinho, criança estuda para servir ao Brasil."

VENTO: Essa sua tia é de morte, hem?

MARIA: Ela só pensa no Brasil, nunca pensa na gente.

VENTO: Você gostaria de passear na minha cacunda?

MARIA: Na cacunda do vento? Oh! Seria bárbaro! Mas o senhor tem que primeiro trazer o Pedrinho.

VENTO: Pedrinho, não.

MARIA: Então nada feito.

VENTO (*Conciliador*): Deixa o Pedrinho pra lá, que eu já venci ele para casa.

MARIA: Jura?

VENTO: Palavra de vento. Juro pelos raios que me partam... que ele voltará para casa.

MARIA: Não gosto nada de juramento de vento mas... você pode mesmo ventar o que quiser? Trazer coisas de outras terras, atrapalhar tudo?

VENTO: Posso tudo.

MARIA: Lá vem a prosa. Daqui a pouco você vai dizer que é Deus, e ele te castiga.

VENTO: Psiu... fala mais baixo...

MARIA: E você pensa que o enorme ouvido dele não está por toda parte? Por aqui?! Bem se vê que não estudou catecismo.

VENTO: Eu sei que ele está me ouvindo, mas ele sabe também que estou brincando, não sabe?

MARIA: É sempre melhor o senhor ser mais modesto.

VENTO: E você é? Campeã de corrida contra o vento!

MARIA: Mas não é só isto que sei fazer, e não fico espalhando por aí... sei tanta coisa...

VENTO: Sabe o que mais além de papaventar?

MARIA: Ora, vê-se que o senhor é ignorante; sei fazer uma porção de coisas; sei fazer tricô, sei fazer arroz, batata frita, sei tratar de galinhas, sei plantar feijão; ora, vento, sei tudo isto que uma menina deve saber e sei também dançar, patinar, nadar, ventarolar; coisas boas para contrabalançar as chatas.

VENTO: Chatas?

MARIA: ... fazer cama, estudar aritmética, acabar as férias, ir ao dentista, ouvir aula de tia Adelaide e ser obrigada a amar o Brasil!...

VENTO: Você quer aprender a amar o Brasil na minha cacunda?

MARIA: Mas tia Adelaide vem também?

VENTO: Não. Eu te mostro tudo que há de bonito por aí; você aprende tudo sem tias e sem livro. Só olhando...

MARIA: Que bom! Mas vento, gostaria também de fazer umas desordens por aí.

VENTO: Desordens?

MARIA (*Maliciosa*): Desmanchar umas paradas, ventar tia Adelaide do piano. Desarrumar tudo que é arrumadinho. Só para ver a cara de todo mundo. (*Começa a rir*)

vantar a saia de tia Adelaide seria bárbaro! Ela usa umas ceroulas tão engraçadas!...

VENTO: Pensei que você fosse um menina

MARIA: Olha só quem está falando! O senhor não é o maior desordeiro de todos os céus? Não derruba navios e tira as telhas das casas? Não levou o chapéu de vovó Jaime e nunca mais o devolveu?

VENTO: Mas eu sou vento e você é gente. Cada um no seu lugar.

MARIA: Ah! Vento, não precisa se desculpar muito, eu te compreendo tão bem. Mundo certinho é tão chato! Vamos desmanchar um pouco, tá bem? Vamos ventarolar o mundo!...

VENTO (*Rindo*): Está bem. Você quer fazer umas ruindadezinhas. Vamos, e não reclame depois as conseqüências, hem?

*(A menina monta na cacunda do Vento que começa a soprar. Dão uma volta pela cena sempre rindo e desaparecem, ouvindo-se ainda por algum tempo a gargalhada e o barulho do vento. Depois volta à cena um silêncio completo até a cena II.)*

## CENA II

*(Entram Pedrinho, a mãe, tia Adelaide, tia Adalgisa e tia Aurélia; todas assustadas.)*

PEDRO: Foi aqui, no meio da ventania.

TIA ADELAIDE (*Baixinho*): A cova do vento.

TIA ADALGISA: A cova do vento!... (*se junta a tia Adelaide*).

MÃE: E depois, Pedrinho, o que aconteceu? (*Tia Aurélia sai de cena, descobrindo, curiosa, a cova.*)

TIA ADELAIDE: Coisa boa é que não foi. Volta aqui, Auré-  
lia, quer também ser raptada?

ADELAIDE: Raptada?

AURÉLIA (*Voitando assustada, mas dando risadinhas*):

Deus me livre e guarde, Adelaide!

MÃE: Ela não pode ter desaparecido assim de qualquer  
maneira.

PEDRO: Não foi de qualquer maneira, mamãe. Ela come-  
çou a ventarolar como sempre faz. Eu é que fui soprado.  
Meu controle ainda é ruim. E depois...

TODAS: E depois...

PEDRO: Depois chamei o vento de covarde e foi a cont-  
(*Aurélia dá risinhos compreensivos.*) Ele se irritou  
me soprou até aquela árvore ali. Fiquei preso lá um  
tempão e vi tudo. Eles conversaram muito e riram  
também.

ADELAIDE: Eles quem?

PEDRO: Maria e o vento.

ADELAIDE: Conversaram como?

PEDRO: Conversando, ora. Conversa vem, conversa vai, e  
montou na cacunda dêle e lá se foram...

ADALGISA: Que conversa é essa de vento conversar? Vo-  
sabe, Pedro, que mentir é muito feio...

AURÉLIA (*Dando risinhos*): Eu bem que gostaria de t-  
umas conversinhas com o vento...

ADELAIDE: Quieta, Aurélia, senão te ponho no piano...

ADALGISA: Vocês não acham que já ouvimos demais es-  
menino?

MÃE: Pedro, meu filho, conta tudo direitinho, sem invent-  
nada, que depois você ganha um presente.

PEDRO: Estou contando certinho como eu vi.

MÃE: E onde é que você acha que eles estão agora?

PEDRO: Bem, agora? (*Calculando*) Se pediram ajuda  
ventania, que é a mãe dele...

MÃE: Mãe de quem?

PEDRO: Do vento. (*Todas se entreolham.* Se pediram ajuda  
da a ela já devem estar perto do *Barão*. Ele deve ter  
metido um sudoeste bravo. Pode ser também que tenham  
ficado para fazerem as tais desordens. *Mãe* teria pe-  
diu...

MÃE (*Achando que o filho não está bem da cabeça*): Toma,  
meu filho. (*Dá-lhe dinheiro.*) Vai tomar um sorvete bem  
grande (*Pedrinho sai*).

ADELAIDE (*Entre os dentes*): Antipedagógico!

MÃE: Estou ficando aflita!

ADELAIDE: Pudera!

MÃE: Faz mais de seis horas que a menina sumiu. E foi  
daqui... Pedro não diz coisa com coisa.

ADELAIDE: Acho que ele ficou meio atrapalhado da cabeça...

ADALGISA: Teria ela sido raptada?

ADELAIDE: Mas é óbvio!...

MÃE (*Quase chorando*): Vou avisar a polícia. Não agüento  
mais. Fiquem aqui um pouco. Quem sabe ela aparece?

ADALGISA: Ficar aqui sozinhas? E se ele aparecer?

MÃE: Ele quem?

ADELAIDE: O raptor!

AURÉLIA: O vento, Adelaide?

ADELAIDE: Sossega, Aurélia. Mande um guarda ao menos.

Isto aqui não é e nunca foi lugar para mocinhas...

ADALGISA: Não é e nunca foi lugar para mocinhas...

MÃE: Vou depressa chamar o comissário Plácido. (*Sai*)

ADELAIDE: Eu disse... eu avisei... eu disse que não se  
deve deixar meninos soltos por aí. (*As duas passeiam  
aflitas pela cena, enquanto Aurélia alvoroçada observa  
tudo.*)

ADALGISA: Lugar de menino é na saia da mãe.

AURÉLIA: Quando eu era mais menina, gostava de costurar,  
de bordar... ah, gostava também de fazer comidinha de  
folha, lembra Adalgisa? A gente misturava tudo numa  
latinha: folhas de fícus, folha de mamão, folha de...

aquela que era veneno... Agora, é verdade que eu também gostava (*Fala baixinho com medo das irmãs*) de andar na chuva é de...

ADELAIDE: Agora não é hora de lembrar essas coisas, Aurélia.

ADALGISA: Se fosse minha filha, vivia trancada a sete chaves.

ADELAIDE: Era muito sapeca aquela Maria.

AURÉLIA: Gostava de brincar, a diabinha!

ADELAIDE: Eu bem que dizia...

AURÉLIA: Você bem que dizia.

ADELAIDE: Mas a mãe não fazia o que eu dizia...

ADALGISA: Não fazia o que você dizia...

AURÉLIA (*Como se repetisse uma lição*): Eu dizia... tu dizias, ele dizia...

ADELAIDE: Bem feito agora.

AURÉLIA: Mamãe sempre disse que quem faz mal feito não tem direito...

AS TRÊS: ...de se queixar.

AURÉLIA (*Depois de uma pausa*): Adelaide, vento tem cagunda?!

ADELAIDE: Eu te prendo no quarto, Aurélia!

*(Começa a soprar de repente um vento e as três começam a rodopiar, Aurélia aprecia o rodopio como uma criança.)*

ADELAIDE: Santo Deus, Santa Bárbara e São Jerônimo nos acudam!

AURÉLIA: Adelaide... Adelaide... me segura... me segura... que gostoso... que gostoso!

ADALGISA: Socorro! Não me empurrem... Adelaide... Adelaide, socorro!...

*(As três desaparecem de cena sempre gritando e tornam a aparecer dependuradas nas árvores. São bone-*

*cas. Da platéia só devem ser vistas as pernas das meninas com calças antigas bordadas nas beiradas; Aurélia de cima as vozes pedindo por socorro. Chega uma boneca mais velha do que elas. É a avó dos meninos (mãe das meninas.)*

Vovó: Adelaide! Adalgisa! Aurélia! Voltem para casa, meninas... Onde se meteram essas meninas... Se o Jaime sabe disso...

TIAS: Socorro! Socorro! (*A velhinha finalmente olha para cima e dá com as filhas dependuradas nas árvores; a velha é meio surda.*)

Vovó: Meninas, desçam já daí. Já... Já...

ADELAIDE: Estamos presas, mamãe.

Vovó: Quem mandou vocês subirem em árvore? No meu tempo árvore era feita para enfeite da natureza... e também para dar frutos... Desçam já daí. Já proibi várias vezes.

ADALGISA: Estamos presas, mamãe.

Vovó: Comendo fruta verde de novo, hem Adalgisa!? Desça já.

ADELAIDE: Chame o corpo de bombeiros, mamãe...

Vovó: Desça já daí, Aurélia, ou chamo teu pai.

AURÉLIA: Me empurraram, mamãe, me empurraram...

ADELAIDE: Os bombeiros, mamãe!

Vovó: Até você, Adelaide... e abaixe já esta saia. Que modos são esses de mostrar as calças desta maneira...

*(Começa a soprar um ventinho leve que delicadamente empurra a velhinha.)*

Vovó: Não empurra, Jaime... não empurra... já disse que não vou para casa... não quero entrar... já disse... (*E vai saindo*) Não empurra Jaime... não empurra...

## CENA III

*(Silêncio na cena. Entra o repórter segurando um microfone com um fio enorme. Olha para todos os lados, verifica que a praia está vazia.)*

REPÓRTER: Que furo! Sou o primeiro! Alô, alô, Rádio da Praia, estamos transmitindo diretamente do local do rapto da indigitosa Maria de Almeida. Para os ouvintes dos Estados, tenho a informar que se trata de uma praia deserta e mal encarada, os pescadores a chamam de Cova do Vento. Pois é uma cova, caros ouvintes, a cova da jovem Maria tragicamente desaparecida nas primeiras horas da manhã. Nossas emissoras — numa gentileza dos Perfumes Ventania, a brisa que refresca — estão dando em primeira mão a reportagem completa sobre o desaparecimento trágico da jovem Maria, aluna exemplar...

ADELAIDE: Isto é que ele não era...

REPÓRTER *(Procurando ver de onde vem a voz)*: Como ia dizendo, caros ouvintes, a Brisa que refresca é um perfume Ventania, e a jovem Maria...

ADALGISA *(Voz débil)*: Socorro! Socorro!

REPÓRTER *(Descobrendo as tias)*: Caros ouvintes, a situação aqui na cova do vento se agrava. Do alto das enormes árvores que circundam a cova do vento partem lançinantes apelos de socorro. Será a indigitada jovem? É o que verificarei num sensacional esforço de dar em primeira mão e sem nenhum medo dos prováveis perigos que terei de enfrentar numa reportagem completa do maior rapto do século. Sou corajoso prá burro e verei o que está acontecendo. Vejo a distinta senhora Dona Adelaide e suas estimadas irmãs dependuradas nos galhos das árvores pedindo socorro. Elas estão

numa posição bastante incômoda. Vou entrevistá-las neste instante, antes que elas morram. Dona Adelaide e suas inseparáveis irmãs são tias e professoras da pobre Maria. Boa tarde, dona Adelaide, que fez algumas declarações para as nossas emissoras. Numa gentileza dos perfumes Ventania?

AURÉLIA: A brisa que refresca?

REPÓRTER *(Com a força do hábito)*: Isto mesmo, acertou! A senhora terá direito a um cupom numerado que, com mais dez cupons de respostas certas, lhe dará direito a um frasco, absolutamente grátis e o direito a concorrer no próximo concurso: O Vento é o limite.

AURÉLIA: Ganhei! Ganhei! que felicidade!

*(O Vento começa a soprar e o repórter rodopia, tenta dar socos no ar, finalmente se enrola no fio do microfone e cai no chão desmaiado, o Vento cessa.)*

AURÉLIA *(Como numa canção de criança)*: A brisa que refresca... a brisa que refresca... *(Depois todos silenciam.)*

## CENA IV

*(Entra Pacífico, o policial, seguido de Crispim. Os dois se espantam diante do corpo do repórter.)*

PACÍFICO: Um defunto!

OS DOIS *(Chamando)*: Chefe!

*(Entra o comissário Plácido fumando o seu charuto.)*

COMISSÁRIO *(Vendo o repórter)*: Ninguém toca no cadáver.

*(Os policiais meio apavorados observam o local e dão com as tias dependuradas.)*

OS DOIS: Veja, chefe! Três damas enforcadas!

COMISSÁRIO: Uma menina raptada, um repórter abatido, amarrado, espancado e morto, três damas enforcadas. Num só dia e tudo na cova do vento — lugar sombrio, desabitado a um quilômetro da cidade. Este é um dos casos mais complicados.

ADELAIDE: Depressa, polícia, já não agüento mais!

PACÍFICO: Ainda não morreram...

CRISPIM: Então é porque ainda estão vivas!

COMISSÁRIO: Vivas? Tanto melhor! (Aos policiais) Subam às árvores e retirem os corpos de delito, isto é, as velhas. Cuidado com as impressões digitais. (Os guardas saem) As senhoras têm que declarar à polícia o que estão fazendo aí.

AURÉLIA: Estamos vendo a vista, senhor comissário, estamos vendo a vista... (Risinhos)

COMISSÁRIO (Tomando nota de tudo num cadotinho): Vendo a vista!? Favor declararem domicílio, estado civil, nacionalidade e idade...

ADELAIDE: Era só o que faltava...

(O repórter começa a se mexer)

COMISSÁRIO: Este também ainda está vivo! (Ajudando o repórter a se desvencilhar do fio do microfone) O senhor tem alguma coisa a declarar à polícia?

REPÓRTER (Olhando para todos os lados com medo): Senhor comissário, fui atacado por um monstro. Tentei tudo... (Pegando de novo o microfone) O dever de um repórter é informar. Rádio Praia continuando a reportagem interrompida por uma covarde agressão. Sou um mártir da imprensa e da verdade. (Enquanto isto o comissário examina o local e toma notas.) Ao ver as senhoras enforcadas nas árvores tentei salvá-las, mas o agressor me bateu. Tentei lutar, mas não se tratava de um único homem e sim de uma quadrilha. (O vento

dá uma lufada.) Senhor comissário, sou cego pra burro e os ouvintes sabem disto, mas convém a gente sair logo daqui, porque eles podem voltar.

COMISSÁRIO: Um momento. (Continua examinando tudo.)

REPÓRTER (Querendo descobrir assunto para os ouvintes): Tem alguma coisa a declarar aos nossos ouvintes? (O comissário não responde) O senhor gosta dos perfumes Ventania?

COMISSÁRIO: Bem... (O repórter faz sinal para ele dizer sim) Gosto sim...

(Neste momento as bonecas começam a se mexer e ouvem-se as tias e os policiais. O comissário e o repórter acompanham seus movimentos.)

ADALGISA: Estão me fazendo cócegas! (Aurélia ri)

ADELAIDE: Não me toque, polícia!

PACÍFICO: Então como é que é, madame? Tem que sair, não tem? Eu tenho que segurar, ora!

ADALGISA: Não me faz cócegas, polícia...

CRISPIM: Segura meu braço, madame.

ADALGISA: Senhorita, faz favor.

CRISPIM: Agarre a velha, Pacífico.

COMISSÁRIO: Isto, Crispim...

(Os bonecos desaparecem. O repórter continua a entrevista com o comissário.)

REPÓRTER: E agora diga, senhor comissário Plácido, a polícia promete aos nossos ouvintes descobrir tudo deste horrível rapto? Tudinho?

COMISSÁRIO: Promete sim. Tudinho. A polícia vai descobrir tudo porque a polícia foi feita para descobrir tudo. Se não descobrir tudo hoje, descobre amanhã, se não descobrir amanhã, descobre depois de amanhã. Se não descobrir depois de amanhã, acaba mesmo descobrindo,

por isso é bom que a quadrilha apareça logo para não dar muito trabalho à polícia...

*(Chegam as tias e os guardas. As tias estão com os chapéus fora do lugar, as saias levantadas, pedaços de fôlhas na cintura, enfim têm que dar a impressão que estão descendo das árvores.)*

ADELAIDE: Isto é um ultraje!

ADALGISA: Duas horas penduradas nas árvores!

AURÉLIA: Parecíamos três judas em sábado de aleluia! (O repórter procura colocar o microfone à frente de cada um que fala) Lá de cima vi o senhor comissário tão pequenino que parecia o mico de dona Dalcina. (Risinhos.)

ADELAIDE: Chega, Aurélia. Isto não são horas para se chamar o senhor comissário de mico. Exijo providências urgentes. Isto não são maneiras de se tratar três moças de família. Se a polícia não tomar medidas urgentíssimas...

ADALGISA: Urgentíssimas...

AURÉLIA (Só para fazer coro): Urgentíssimas...

COMISSÁRIO (Tirando uma fita métrica e começando a tomar medidas das senhoras): Serão tomadas medidas urgentíssimas, dona Adelaide.

REPÓRTER: O sr. Comissário Plácido Epaminondas, comissário emérito da polícia local, está começando a tomar as medidas urgentíssimas pedidas por dona Adelaide.

COMISSÁRIO: A medida mais urgente que qualquer polícia do mundo tomaria é de interditar o local. A cova do vento está interdita...

REPÓRTER: O local acaba de ser interditado porque as damas pediram providências urgentíssimas.

*(Uma forte lufada de vento faz todo o grupo dar um passo à frente repentinamente.)*

AURÉLIA: É ele!

*(Adelaide pensando que Aurélia está se referindo ao comissário que está ao seu lado. Lhe aplica um enorme tapa nas bochechas.)*

ADELAIDE: Ah... então é o senhor! *(Tapa; uma nova lufada e Adelaide é jogada nos braços do comissário. O vento continua e a confusão começa.)*

COMISSÁRIO: Senhora Adelaide!

ADELAIDE: Que indecência. *(Depois de muito rodopiarem o vento cessa de repente e todos se recompõem.)*

COMISSÁRIO: Vamos embora. As declarações tomarei na chefatura.

ADELAIDE: Vamos, meninas...

ADALGISA: Isto é uma pouca vergonha... *(Vão saindo todos juntos quando o vento recomeça e traz de novo o grupo arrastado para o fundo do palco. A estas horas já devem estar meio apavorados.)*

COMISSÁRIO: Vamos embora, já disse! *(Tornam a sair com mais cautela e de novo o vento os traz de volta. Aí já deverão estar gritando de pavor.)*

COMISSÁRIO: Vamos embora, torno a dizer. *(Adelaide se agarra ao comissário, Adalgisa em Adelaide, o repórter se pendura no fio do microfone, os policiais se grudam um no outro e saem devagarinho, para não despertarem o monstro desconhecido; Aurélia mais atrás diz no silêncio:)*

AURÉLIA: É ele! *(Ao ouvir isto todos fogem esbaforidos, gritando por socorro; desta vez o vento não sopra.)*

## CENA V

*(Entra a mãe, aflita e cautelosa, procurando em volta e chamando baixinho.)*

MÃE: Maria! Maria! Volta, Maria, para sua casa!... (A mãe começa a chorar. Ao mesmo tempo uma brisa leve começa a soprar. A mãe se assusta, lembrando-se da estória que Pedrinho contou. Do alto vem desquendo um enorme pergaminho.)

MÃE: O que é isto? (Pega o pergaminho.)

(Quando a mãe começa a ler a carta, a luz de cena é diminuída, no fundo são projetadas, através de um projetor instalado na platéia, várias fotografias de Maria. de nuvens, de mar, de bichos, de cidades antigas, de Maria de novo, de modo que dê a impressão de que ela está viajando. Ouve-se ao mesmo tempo a voz da menina através do microfone. A voz pode ser acompanhada de música bem ao fundo, sugerindo brisa.)

MARIA (Voz): Mamãe, estou voando por aí. Não fiquem aflitos. Conheci dona Ventania e sua filha Brisa, que é muito delicada e amável. O Vento é meu amigo e na cacunda dele tenho visto coisas lindas. Vi praias enormes, sem fim! E nuvens e nuvens e mais nuvens. Vi bichos, cidades e terras secas. Vi tu... erdinho e florido. Não vou mais precisar de estudar para as aulas de tia Adelaide porque já aprendi tudo. As coisas mostradas, a gente aprende mais depressa e mais bonito. Até acho que já amo mesmo o nosso Brasil. As coisas longe ficam perto, o que era feio a... ra de tia Adelaide que enfeiava tudo, coitada, nunca andou na cacunda do Vento. É por isso. Também vamos fazer umas desordens por aí, mas é para variar da vida de todo dia, depois eu volto. O Vento perguntou se eu queria virar brisa do mar. Estou pensando ainda. Gosto muito de mar. Mas acho que prefiro ser eu, apesar de tudo. A gente se acostuma tanto a ser gente que não quer mais largar de ser. Acho que é isso que está me botando na dúvida. Não precisa ficar aflita, mãe, o Vento é bom



Henrique Mujica e Hélio Ary em *A Menina e o Vento*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0480, P. 345



Neuza Navarro, Yolanda Costa, Hélio Ary, Olney Barrocas e Jaqueline Laurence em *A Menina e o Vento*

elemento e manda lembranças. Estamos agora bem no meio do Brasil. A cachoeira do Iguaçu é um pedaço bárbara. Beijos, Maria.

MÃE (A luz volta à cena): A letra é dela, o jeito é dela. E se ela virar brisa de mar? Polícia! Polícia! Senhor Comissário! Senhor Comissário! Minha filha brisa de mar! Que horror! Polícia! Polícia! (Sai gritando.)

## CENA VI

(Entra tia Aurélia segurando uma enorme ventarola; corre pela cena imitando Maria. Depois escuta a voz de Adelzide chamando e se esconde rapidamente na coxia.)

ADELAIDE: Aurélia!

ADALGISA: Será que ela teve a ousadia de vir aqui sozinha? (As duas estão apavoradas e se agarram uma na outra; Adelaide tropeça numa pedra e cai numa posição bastante incômoda, de quatro, sua raiva ainda aumenta mais.)

ADELAIDE: Meu lumbago!... Sei que você está escondida por aqui, Aurélia!

ADALGISA: Trate de aparecer, Aurélia, sabemos que você está escondida por aqui. Não adianta desobedecer Adelaide. Você sabe disso, Aurélia.

ADELAIDE: O que sempre perdeu Aurélia foram as más companhias...

ADALGISA (Ofendida): Nós, Adelaide?!

ADELAIDE: Claro que não, Adalgisa! Ora vejam só!... Maria e Pedro nunca foram companhia para Aurélia. Ela sempre se deixou levar pelas crianças!

ADALGISA: Sempre se deixou levar!

ADELAIDE: Sei que você está escondida, Aurélia!

ADALGISA: Aurelinha, trate de aparecer!

ADELAIDE: Trate de aparecer logo porque senão o castigo vai ser pior...

ADALGISA: Meninha, apareça!...

*(Aurélia com muito medo trata de escapar pelo fundo do palco mas é descoberta por Adalgisa.)*

ADALGISA: Achei!

ADELAIDE: O que é que você estava fazendo na cova do vento?

ADALGISA: Não sabe que isto aqui não é lugar para mocinhas?

*(Aurélia não responde.)*

ADELAIDE: Ah! Não quer responder, não é?

ADALGISA: Responda, Aurélia, senão ela te castiga. Você quer ser raptada?

*(Aurélia diz que sim com a cabeça.)*

ADELAIDE (*Furiosa*): Ah! Então é isto? Quer ser raptada? Irá para casa imediatamente e escreverá duzentas vezes: "Lugar de moça é no piano, quem vive na rua não tem tutano". Adelaide agarra Aurélia por um lado, Adalgisa pelo outro e levam Aurélia suspensa enquanto repetem;

AS DUAS: Lugar de moça é no piano, quem vive na rua não tem tutano... (*Saem*)

## CENA VII

*(Entra o comissário com o pergaminho, os dois guardas, meio apavorados; um deles leva uma malinha onde se lê: Perícia. A mãe os segue segurando Pedrinho pela mão.)*

COMISSÁRIO: Foi aqui que isto apareceu?

MÃE: Uma brisa soprou de repente e veio segurando a carta, devagarinho até aqui!

COMISSÁRIO: Guardas, vigiem tudo. Qualquer coisa suspeita, avisem.

PACÍFICO: Vigiar o que, chefe?

COMISSÁRIO: Por aí... por cima... por tudo.

*(Pacífico chupa o dedo e coloca-o na posição de verificar a direção do vento.)*

CRISPIM: O senhor não quer tirar as impressões digitais?

COMISSÁRIO: De quem, seu burro? (*Todos se entreolham*).

PEDRO: Só se for do vento.

MÃE: Cale-se, Pedrinho. Quer enlouquecer mais a gente?

PEDRO: Eles agora devem estar fazendo miséria.

COMISSÁRIO (*Pegando Pedrinho pelo cangote*): Eles, quem?

PEDRO (*Com simplicidade*): Maria e o Vento.

COMISSÁRIO: Quem é este?

PEDRO: O Vento, ora. Maria saiu voando na cacunda dele.

COMISSÁRIO (*Irritado*): Rapazinho, trata-se da vida de uma menina, de sua irmã. Trata-se também da vida do país, do mundo, da humanidade. Uma menina não pode sair na cacunda do vento, está ouvindo?

PEDRO: Não podia, senhor comissário. Não podia, mas pôde.

COMISSÁRIO: Podia também abater um repórter? Enforcar três senhoras e escrever uma carta?

PEDRO: Ora, senhor comissário, o senhor é muito ingênuo, não conhece o vento. Por que não pode, diga?

COMISSÁRIO: Porque dois e dois são quatro, menina é menina, vento é elemento elementar da natureza, polícia é polícia e você vai dizer a verdade, está ouvindo?

MÃE (*Aflita*): Senhor comissário, ele não tem culpa.

COMISSÁRIO: Menino de hoje sempre tem culpa.

PEDRO: Senhor comissário, e se dois e dois não forem quatro, e o vento tiver cacunda, hem? E a polícia...

OS MÃES (Interrompendo): E a polícia, o quê?...

PEDRO: ... Não entender nada de vento e eu estar dizendo a verdade?

COMISSÁRIO: Este menino está atrapalhando os bons trabalhos da polícia. Se continuar assim terei que mandar prendê-lo.

MÃE: Não se aflija, senhor comissário; toma, Pedrinho, toma dinheiro para você comprar sorvete.

PEDRO: Já estou cheio de sorvetes e o comissário não descobre nada. (Tira a língua para o comissário.)

COMISSÁRIO: Monstrinho irritante! (Pacífico e Crispim correm atrás de Pedrinho.) Pacífico, Crispim, voltem! (Voltando à carta): "mamãe estou voando" (Olha para cima, os outros fazem o mesmo); "as coisas longe ficam perto", esta carta deve ser em código; "já amo mesmo o nosso Brasil"; este negocio de amar o Brasil é coisa suspeita; "fazer desordens... vamos fazer umas desordens por aí"... (Vitorioso) Aqui está! Então querem fazer umas desordens, hem? Guardas a postos! Não estou gostando nada disso... Isto está me cheirando a muita desordem. Vamos que defender a ordem constituída...

MÃE (Não entendendo nada, aflitíssima): E se ela virar brisa, senhor comissário?

COMISSÁRIO: Brisa? Quem?

MÃE: Minha filhinha. O senhor não viu? (Mostrando a carta) O vento convidou-a para virar brisa de mar. Aqui, olha... (Os dois lêem baixo o trecho da carta)

COMISSÁRIO (Fazendo um ar inteligentíssimo): O vento... Vento? Vento deve ser pseudônimo de algum espião do chefe de bando. João Vento, Pedro Vento, Zé Vento, Chico Vento... Sabe-se lá...

PACÍFICO: Conheci um Chico Vento que era pão doce lá numa padaria de minha terra.

CRISPIM: Quem sabe, chefe, não é caso de assonância inimiga?

PACÍFICO: Disco voador...

CRISPIM: Planeta Marte...

COMISSÁRIO (Conclusivo): Não. Nada disso. Está tudo ficando claro. A coisa é aqui na terra mesmo. Vento é sobrenome de um bandido.

MÃE (Soluçando): Minha filha!

COMISSÁRIO: Sobre isto não tenho a menor dúvida. Usou a menina para fazer crer a nós, da polícia, que se tratava de vento mesmo... e...

PACÍFICO: E o menino?

COMISSÁRIO: Enlouqueceu o menino com alguma droga; derrubou o repórter...

PACÍFICO: E as velhas?...

COMISSÁRIO: Dependurou as velhas e finalmente mandou esta carta cifrada que só pode enganar aos tolos (Vendo que a mãe chora) e as mães. Então querem fazer umas desordens na cidade, hem! Querem enganar a polícia!

CRISPIM: Mas chefe, e este vento que soprou e quase derrubou a gente? Como é que Vossa Excelência explica isso, hem?!...

COMISSÁRIO: Seu burro, aquilo não era vento natural da natureza; era sopro de algum aparelho, um aspirador gigante, um ventilador atômico... (Sua fala cheia de gesticulação é interrompida por um pequeno pára-quadras sustentando uma carta que vem caindo de cima; o comissário fica estático) Ninguém toca! (Com cuidado pega a carta e guarda o pára-quadras na mala de perícia; depois começa a ler a carta) "Chega, comissário Plácido Epaminondas Cavalgadura"... alguém que me conhece de nome... "me deixa em paz e desinfeta a

minha cova"... Grosseirão! Continue lendo, Pacifico, não posso mais. *(Fica de muito mau humor.)*

PACÍFICO *(Continuando a ler a carta)*: "desinfeta a minha cova, sendo eu sopro o sr. para sempre e quem vai ter dor de coração é a senhora Epaminondas. O sr. não tem mais o que fazer? Já está bem grandinho para brincar com o vento."

COMISSÁRIO *(Que está cada vez mais furioso enquanto seus policiais não agüentam de vontade de rir)*: Está asinada?

PACÍFICO: Não.

COMISSÁRIO: Ah... é isto? Estou grandinho, hem?! Querem luta? Pois então terão! Para começar, Pacifico e Crispim, apanhem um pouco deste ar. *(Tira da mala de polícia dois apanhadores de borboletas e entrega-os aos policiais.)* É preciso mandar um sábio examinar a natureza deste vento, desta tapeação química, deste sopro fabricado.

MÃE: E minha filha? Se ela virar brisa de mar eu morro.

COMISSÁRIO *(Distraído)*: Pois morra. Quero dizer... sua filha está em perigo de vida, minha senhora. Sinto dizer, mas a polícia tem que dizer tudo. Doa a quem doer. Sua filha foi levada como refém para provocar a polícia e começar o rififi. O biruta convidou-a para ser senhorita brisa de mar. Talvez tenha feito de sua filha uma espia inimiga. Pobre mãe! *(Tira um lenço preto e dá para a mãe enxugar as lágrimas.)* Faremos tudo que está ao nosso alcance para solucionar esta intriga.

MÃE: Mas, quando poderei rever minha filha?

COMISSÁRIO *(Categórico)*: Hoje! Se não for hoje, será amanhã, se não for amanhã, será depois de amanhã, se não for depois de amanhã, será algum dia. Ninguém engana a polícia. A polícia acaba sempre descobrindo tudo. *(Uma ligeira brisa começa a soprar.)* Agora pegue

à senhora para ficar aguardando minhas ordens em casa. E por favor não deixe seu filho sair. *(Ele vem o seu monstrinho.)* *(Acompanha a mãe para fora de casa.)*

*(Crispim e Pacifico fazem a mímica de quem está querendo pegar o vento com os papa-borboletas e quando o chefe volta fumando nervoso outro charuto eles se apresentam.)*

PACÍFICO: Pronto, chefe.

COMISSÁRIO *(Entregando tudo a Crispim)*: Vá depressa ao departamento de meteorologia e entregue este vento para o sábio examinar, depressa Crispim. *(Crispim sai.)* O celerado deve estar por perto. Suas máquinas de fabricar vento armadas engenhosamente na cova do Vento. Aqui, certamente, é a sede da quadrilha. Coisa bem pensada. Crime quase perfeito não fora aqui o Plácido Epaminondas. *(Ele está agitadíssimo)* Pacifico!

PACÍFICO *(Meio apavorado)*: Sim, chefe.

COMISSÁRIO: Tenho um plano para a captura imediata do inimigo. A cova do Vento deve ficar interdita a qualquer intruso. Vá buscar a tabuleta.

PACÍFICO: Sim chefe. *(Sai e volta com uma tabuleta onde se lê: Proibido passar pela Cova do Vento.)*

COMISSÁRIO: Todo aquele que esta noite puser os pés aqui será suspeito de pertencer ao bando do Chico Vento, ou Pedro Vento ou Vento de Tal. *(Falando como em segredo para Pacifico)* Eles devem voltar aqui esta noite. Estão por perto, senão não mandariam isto *(A Carta)*... Vamos nos esconder e fazer crer a eles que estamos sós e que o campo está livre. *(Usando um tom de voz normal, falando ostensivamente alto para ser ouvido)* Irei para a delegacia e voltarei aqui amanhã de manhã. Vamos embora, Pacifico.

PACÍFICO (*Querendo imitar o chefe e falando ainda mais alto*): Vamos embora, chefe.

COMISSÁRIO (*Dando uma volta pela cena, pisando e falando ainda mais forte*): Estamos indo embora...

PACÍFICO (*Enquanto o chefe sai de cena*): Já fomos embora! (*Os dois tornam a aparecer pela entrada do pros-cênio*) Inteligente, hem chefe! (*O comissário se envaidece, faz psiu, toma o revólver e espera escondido na frente da cortina.*)

CENA VIII

(*O comissário espera algum possível intruso. Anoitece na cova do Vento. No meio da cena a tabuleta. Pé ante pé surge tia Aurélia sozinha, uma maleta na mão.*)

AURÉLIA (*Chamando*): Vento!... Ventinho... Ventaninaaaaa...

COMISSÁRIO (*Entre os dentes*): Reunião da quadrilha: Estão todos no papo.

AURÉLIA: Mariaaaa...ôôôôô! Estou prontinha para a viagem pelo mundo afora...

(*Entra Pedrinho entre cauteloso e esbaforido.*)

PEDRO: Tia Aurélia, o que é que a senhora está fazendo aqui? Volta para casa. Se a polícia descobre, estamos fritos...

AURÉLIA: Briguei com Adelaide. Eu estava aprendendo a ventarolar no quintal, então ela me pôs de castigo e então eu resolvi também passar para o lado do vento...

COMISSÁRIO: Toma nota, Pacífico. Ela quer passar para o lado do tal Vento. É uma suspeita.

PACÍFICO: Já estou escrevendo.

PEDRO: E se eles não vierem esta noite?

(*Comissário faz sinais para Pacífico tomar nota.*)



AURÉLIA: Não é aqui a cova dele? Ele não tem que virar Maria de volta?

PEDRO: Mas, tia Aurélia, a senhora tem coragem de ir lá em cima nas nuvens?!

AURÉLIA: Ah... tenho!

PEDRO: Mais acima ainda! Na estratosfera. Para cima do azul!?

AURÉLIA: Do azul? Que maravilha! Vamos logo, Pedrinho...

PEDRO: Então está bem. Vou com a senhora... Mas... A senhora sabe ventarolar?

COMISSÁRIO: Código.

AURÉLIA: Sei sim. Veja (*Quando ela vai dar uma rodopiada dá com a tabuleta do comissário*) Iiii, olha aqui, Pedrinho.

PEDRO (*Lendo*): Proibido passar pela Cova do Vento. Isto é coisa do comissário. (*Tira a tabuleta e joga-a fora de cena.*)

AURÉLIA: Comissário burro. Ele quer proibir o vento de ventar! ah! ah! ah! (*Comissário quando se ouve chamar de burro fica furioso.*)

COMISSÁRIO: Burro!?

PACÍFICO: Tomo nota disso também?

COMISSÁRIO: Quietos, imbecil!

PEDRO: Ele é burro, mesmo. Não entende nada de nada. Vai se estrear um dia desses.

AURÉLIA: É só o Vento querer, que éle fica dependurado como um enforcado naquela árvore.

PEDRO: Se o Vento quiser pode mandá-lo para a China, para o Japão...

AURÉLIA: Para Minas Gerais... (*O Comissário se aproxima furioso com o revólver apontado para Pedrinho que está de costas para ele; Aurélia, que está de frente,*

percebe a manobra e faz gestos aflitos que, entretanto, não são percebidos por Pedrinho.)

PEDRO: ...para o Afganistão, para...

COMISSÁRIO: ...para o xadrez. Estão presos como suspeitos de pertencerem ao bando do tal Vento, a não ser que expliquem o que faziam a estas horas da noite na Cova do Vento.

PEDRO: Estávamos esperando o Vento.

COMISSÁRIO: Toma nota, Pacífico.

AURÉLIA (*Furiosa*): O senhor não tem nada com isto. (*Começa a dar socos no peito do comissário*) O senhor não é meu pai nem minha mãe para...

COMISSÁRIO: Desrespeito à autoridade!

PEDRO (*Tentando deter tia Aurélia*): Tia Aurélia, a senhora não pode bater no comissário...

(*Tia Aurélia se desprende e tenta fugir gritando.*)

AURÉLIA: Vento, Ventinho, sopra este homem para longe...

(*Pacífico consegue prendê-la.*)

COMISSÁRIO: Então confessem que estavam esperando o bandido para novos ataques, hem? De malinha pronta, hem? (*Aurélia consegue se desprender de Pacífico e recomeça a correr agarrada na malinha mas desta vez o comissário também a prende.*)

COMISSÁRIO: Pacífico, veja o que contém essa valise. Cuidado com as impressões digitais.

PACÍFICO (*Abrindo a malinha*): Um cartão postal com uma vista...

COMISSÁRIO: Vista aérea?

PACÍFICO: Vista aérea.

COMISSÁRIO: Confere. O que mais?

PACÍFICO: Um xale... Uma kodak.

AURÉLIA (*Quase cantando, sempre presa pelo comissário*): É falta de educação mexer nas coisas dos outros... falta de educação mexer nas coisas dos outros...

comissário tenta tapar-lhe a boca mas recebe uma mordida.)

COMISSÁRIO: Peste! Guarde tudo para ser examinado e leve os para o xadrez. (*Quando os dois estão já fora de cena vem vindo a mãe.*)

VOZ DA MÃE: Mas o que é isto?

VOZ DE AURÉLIA: Foi aquele burro do comissário... (*A voz se perde e a mãe entra em cena.*)

MÃE: Mas o que é isto?

COMISSÁRIO (*Apontando-lhe o revólver*): É isto mesmo. Seu filho está preso. Suspeito de pertencer ao bando.

MÃE: Pedrinho suspeito de ser bandido? E tia Aurélia também?

COMISSÁRIO: Exato.

MÃE: Minha filha, brisa de mar, meu filho, bandido... Ohhhh! (*Desmaia.*)

COMISSÁRIO: Também é biruta. Se a filha é espiã, o filho é bandido, a mãe também é suspeita. Mãe de peixinho, peixe é. A senhora, favor explicar o que estava fazendo a estas horas da noite na Cova do Vento. Ah!... não quer responder? Ninguém pode explicar, porque ninguém quer explicar. (*A mãe volta a si*) Idade? Estado civil? onde está seu marido?

MÃE: Está viajando...

COMISSÁRIO: Domicílio? (*O comissário faz todas estas perguntas numa arrancada só, e a mãe diz apavorada:*)

MÃE: O delegado está ficando maluco... O delegado está ficando maluco!...

(*Sai.*)

## CENA IX

COMISSÁRIO: Será presa também. E agora, mãos à obra. (*Tira uma enorme corda da malinha de pericia e começa amarrando-a no tronco da árvore; depois amarra*

*na própria cintura. Vem chegando Crispim muito assustado e fica estatelado olhando as manobras do chefe.)*

COMISSÁRIO: Quero ver se êle me arranca daqui... O que é que há, Crispim?...

CRISPIM (*Olhando o ambiente*): E se... o... começar... a...

COMISSÁRIO: O que, imbecil?

CRISPIM: O outro, o da atmosfera mesmo.

COMISSÁRIO: Quero ver se este vento falso, esta brisa química, este Zé Vento, João Vento, Chico Vento... se este sopro de laboratório pode derrubar Plácido Epaminondas de Sousa, Oficial Administrativo, classe M, do quadro permanente, Nível 20, com quatro quinquênios!...

*(Ouve-se uma forte gargalhada, e uma lufada de vento.)*

CRISPIM (*Apavorado*): Se não é Vento então é macumba... *(sai se benzendo)*

COMISSÁRIO: Venha, Vento falso... Vento... *(Outra gargalhada mais perto. O comissário bem amarrado em sua corda começa a se aproximar do proscênio desconfiado. Sem que veja, na fundo da cena aparece o Vento levando a menina pela mão.)*

VENTO: Quem é Vento falso?

*(O comissário fica completamente paralisado. O vento pega na ponta da corda que está presa na árvore e começa a puzar o comissário que cede; depois de repente fica em posição de luta, e dá com a enorme figura do Vento.)*

MENINA: Boa noite, senhor comissário.

COMISSÁRIO: O carnaval já acabou, sr. Vento de tal. O senhor pode enganar uma criança mas não a polícia. Está preso, palhaço, por rapto de menor, por espancamento de um profissional de imprensa, por desrespeito às senhoras de idade, por alta traição e por... *(O Vento dá uma grande soprada, o comissário procura resistir*

*heroicamente e volta ao ataque); ...e por empregar meios químicos, falsos ventos contra a autoridade consti... (Nova soprada que faz o comissário recuar.)*

VENTO (*Brincalhão*): E por que mais, senhor comissário?

*(O comissário tira um revólver e aponta para o vento, mas este é arrancado violentamente por um sopro mais forte e desaparece no ar; a menina ri sem parar.)*

COMISSÁRIO: Está preso, já disse, e não tente resistir...

VENTO: Venha me prender, sr. Comissário.

COMISSÁRIO: Pois vou mesmo. *(Desta vez o comissário cai no chão de pernas para o ar. O Vento e a menina não param de rir.)* Você também será presa menina. Já está tudo no xadrez... *(O Vento e a menina param de rir.)* Sua mãe está presa... seu irmão, sua tia...

MARIA (*Começando a chorar*): Mamãe presa! Por quê?!

COMISSÁRIO: Família de ventoinhas!...

MARIA: *(Chorando para o Vento)*: Mamãe está presa, Vento! E agora?... *(Chora.)*

*(O Vento, furioso, dá uma grande lufada e o comissário começa a ventar e ar pela cena tentando dar socos, mas finalmente desaparece enquanto o Vento sopra olhando para cima para dar a impressão que o comissário está subindo.)*

COMISSÁRIO: uuuuuuuuuuu! *(Desaparece.)*

MARIA: Depressa, Vento. Tira todo mundo da prisão... mamãe presa! Onde está o comissário?

VENTO: Está vendo aquele pontinho lá em cima daquela árvore enorme, perto da jaqueira?

MARIA: Estou.

VENTO: Pois é ele.

MARIA: E agora?

VENTO: Não era você que queria fazer umas desordens?

MARIA: Queria (Chorando muito)... mas não estou querendo mais... quero minha mãe de volta, quero Pedrinho... e todos... (Continua chorando).

VENTO (Aflito): Está bem, não precisa chorar tanto... vou soprar tudo de volta. Vou largar um vendaval, um ciclone, um tufão de derrubar paredes... (Sai dando gargalhadas). Um tufão... um vendaval... ah! ah! ah! ah!...

MARIA: E eu, Vento? E eu?...

COMISSÁRIO: (Voz bem do alto e de longe) — Socorro! Socorro!

MARIA: Senhor comissário! Senhor!... (Vêm chegando muito assustados, Crispim e Pacífico; ao verem a menina ficam de boca aberta como se estivessem vendo um fantasma.)

PACÍFICO: A menina!...

CRISPIM: Tem mau olhado nisto...

MARIA: Deixem de bobagens e tratem de salvar seu chefe.

PACÍFICO: Chefe, onde?

MARIA: Lá em cima, seus bobos.

(Crispim e Pacífico olham para cima.)

PACÍFICO: O chefe lá em cima.

CRISPIM: Vai dar cana.

PACÍFICO: Chefe, o que é que o senhor está fazendo aí em cima?

COMISSÁRIO (Voz): Imbecis, peguem uma corda!...

(Os dois correm pela cena como patetas atrás de uma corda e saem.)

(Maria, sentada numa pedrinha, começa a chorar baixinho quando começa a soprar o vendaval fora de cena. Ouve-se um piano tocando as escalas desordenadamente depois barulho de coisas quebrando e começa o terrível

vendaval. Folhas mortas caem de cima, pedaços de música, chapéus de todas as espécies, uma bicicleta passa pela cena. Maria faz o sinal da cruz e espantada acompanha a chegada desses objetos estranhos. Passa sua avó com o guarda-chuva virado ao contrário, puzada pelo vento.)

MARIA: Vovó! (Mas a velhinha não a vê e passa. Finalmente o vento diminui e chega também rodopiando levemente a mãe. Elas não se vêem logo.)

MÃE: Maria!

MARIA: Mamãe! (As duas se abraçam.)

MÃE: Onde é que você andava, minha filha?

MARIA: Não recebeu minha carta?

(Nova lufada de vento traz tia Aurélio rodopiando e rindo.)

MARIA: Tia Aurélio! (As duas se abraçam, Maria levanta tia Aurélio no colo, num rodopio.)

AURÉLIO: Minha maluquinha querida!

(Outra lufada traz tia Adelaide envolta num pano verde e amarelo, sugerindo a sapateira, e tia Adalgisa segurando restos de um piano. As duas rodopiam e caem sobre as pedras. As folhas continuam sempre caindo.)

MARIA (No meio do barulho do vento): Bênção tia Adelaide, bênção tia Adalgisa.

ADELAIDE: Deus te abençoe. Então foi devolvida, hem...

(Pedrinho também é jogado na cena violentamente segurando um pedaço de grade de prisão.)

MARIA: Pedrinho!

PEDRO: Maria! (Quando vão se abraçar todos são rodopiados.)

PEDRO (Olhando para cima): Vejam. O comissário dependurado!



TODOS (*Rindo*): O Comissário pendurado!  
 TIA ADELAIDE: O castigo anda a cavalo!...  
 AURÉLIA: Ele também foi ventado. Bem feito!

(Do alto, amarrado por uma corda, desce o comissário batendo os pés, furioso. Já visível da platéia pára de descer.)

COMISSÁRIO: Depressa, Pacífico.

PACÍFICO (*Segurando a ponta de uma corda, presa em cima*):  
 A corda encrencou, chefe. Crispim foi chamar os bombeiros...

COMISSÁRIO: Imbecis! (*Vendo que todos riem dele*) Que todos se dirijam à delegacia. Vou abrir rigoroso inquérito para apurar as responsabilidades.

REPÓRTER (*Que chegou esbaforido*): Veja na Cova do Vento, distintos ouvintes, o sr. Comissário pendurado numa corda, em atitude estranhamente...

COMISSÁRIO: Prenda este repórter, Crispim. (*Crispim tapa a boca do repórter e o retira de cena gritando.*)

REPÓRTER: Estão tentando tapar a boca da imprensa falada...

COMISSÁRIO: Todos estão novamente presos... (*Ouve-se uma enorme gargalhada do Vento pelo alto-falante*)  
 Prendam também este vento...

MARIA: Não se prende o vento... senhor comissário.

MARIA E PEDRO: Não se prende o vento... não se prende o vento!

(O pano se fecha enquanto o comissário esperneia e outros riem.)

FIM



Sérgio Tapajós, Ariel Miranda, Tereza Redig Campos e José Antônio Fernandes, em *Maroquinhas Fru-Fru*

PARECER Nº 197 / 86-SCDP/SR/MGTÍTULO: " A MENINA E O VENTO "CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

AUTORA: MARIA CLARA MACHADO

COMPARANDO O TEXTO: " A MENINA E O VENTO ", DE AUTORA DE MARIA CLARA MACHADO, COM O EXISTENTE EM NOSSOS ARQUIVOS, CONSTATEI SEREM ELES IGUAIS, DAÍ SUGERIR SEJA MANTIDA A MESMA FAIXA ETÁRIA DADA ANTERIORMENTE: LIVRE, JÁ QUE O CERTIFICADO ESTÁ EM VALIDADE ATÉ 08/06/89.

BELO HORIZONTE, 28 DE OUTUBRO DE 1986

*Ana Maria Coelho Montes*  
ANA MARIA COELHO MONTES



PROCESSO Nº 2105/86-SCDP/SR/MG

- I - De acordo com o parecer do exame comparativo - Classificação: LIVRE. Condicionada à realização do ensaio geral;
- II - Informar ao requerente do exame prévio do texto a decisão supra, consoante o OF nº 1.533/85-DCDP e
- III - Aguardar a realização do ensaio geral para expedição do certificado censório e encaminhamento do processo à DCDP.

B. Hte., 29 de outubro de 1986

*Bel. Antonio José de F. Duarte*  
CHEFE DO SCDP/SR/MG



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
 Departamento de Polícia Federal  
 Superintendência Regional em Minas Gerais  
 Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ofício nº 248 / 86- SCDP/SR/MG.

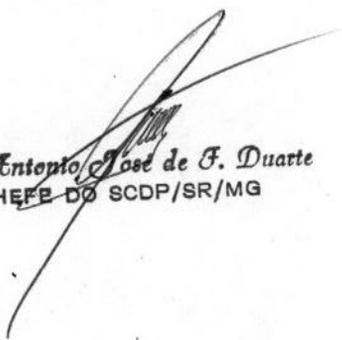
Belo Horizonte, 29 de outubro/86

Informamos-lhe que a peça teatral "A MENINA  
E O VENTO" de MARIA CLARA MACHADO  
 \_\_\_\_\_ cuja análise nos foi requerida por V. Sa. com  
 vistas à encenação pelo grupo de teatro EXPERIMENTAL CÊNICO E  
CIA D' ESTRELAS recebeu a seguinte classificação: LIVRE  
 \_\_\_\_\_.

Lembramos que a expedição do CERTIFICADO DE CEN-  
 SURÁ, dar-se-á após a consumação da segunda fase do exame prévio, ou  
 seja, do ensaio geral, quando se confirmará a classificação etária.

O ensaio geral deverá ser realizado de acordo com  
 as determinações legais, sobretudo quanto a cenário, iluminação e in-  
 dumentária do elenco, que deverão estar em consonância com as pos-  
 teriores apresentações do espetáculo ao público. Portanto, no momen-  
 to em que estiver habilitado a fazer a exibição prévia aos censores,  
 V. Sa. deverá requerê-la neste serviço.

Atenciosamente,

  
 Bel. Antonio José de F. Duarte  
 CHEFE DO SCDP/SR/MG

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-DPF-SR-MG

Adonias Leite Rodrigues

(REQUERENTE)

Brasileiro  
(NACIONALIDADE)

Estudante  
(PROFISSÃO)

CARTEIRA DE IDENTIDADE M3000841

SAP-MG  
(Nº/ÓRGÃO EXPEDIDOR)

RESIDENTE E DOMICILIADO À

Rua Getúlio Vargas

Caracará de Jesus

FONE: 394-6621

VEM REQUERER A V.Sa. o EXAME DO ENSAIO GERAL DO ESPETÁCULO A Memória do

Vento  
(PEÇA TEATRAL, BAILADOS, ETC.)

A REALIZAR-SE distância

central das Estúdios VEM - Rua General Val Dias - 29/07/87  
(LOCAL DO ENSAIO-ENDEREÇO) Studio Gla

DATA E HORÁRIO ACIMA, DECLARADOS PELO CENSOR RESPONSÁVEL, CONSOANTE OS ARTIGOS 49 E 50, § 5º DO DEC. Nº 20.493/46, CABENDO AO REQUERENTE A RESPONSABILIDADE QUANTO ÀS DETERMINAÇÕES LEGAIS MENCIONADAS NO VERSO.

TERMOS EM QUE  
PEDE DEFERIMENTO

Roberto Valente, 13 outubro 1988  
(LOCAL E DATA)

[Assinatura]  
(REQUERENTE)

OBS. VIDE VERSO

DECRETO Nº 20.493  
DE 24 DE JANEIRO DE 1946

ART. 50. DURANTE OS ENSAIOS GERAIS OS ARTISTAS SÃO OBRIGADOS A CUMPRIR RIGOROSAMENTE AS DETERMINAÇÕES DO CENSOR E DO CHEFE DO SCDP, TANTO EM RELAÇÃO AO TEXTO DA PEÇA OU NÚMERO EM ENSAIO, COMO EM RELAÇÃO À INDUMENTÁRIA, AOS GESTOS, MARCAÇÕES, ATITUDES E PROCEDIMENTO NO PALCO.

§ 1º. É DA RESPONSABILIDADE DOS EMPRESÁRIOS OU DIRETORES DAS CASAS DE DIVERSÕES PÚBLICAS NÃO SE APRESENTAREM OS ARTISTAS COM A INDUMENTÁRIA PRÓPRIA DURANTE OS ENSAIOS GERAIS E NÃO SE ACHAREM PRONTOS E EM FUNCIONAMENTO OS CENÁRIOS RESPECTIVOS.

.....

§ 3º. DURANTE O ENSAIO GERAL QUE É PRIVATIVO DA CENSURA, CUMPRE AO EMPRESÁRIO, OU QUEM SUAS VÉZES FIZER, NÃO PERMITIR A PRESENÇA DE PESSOAS ESTRANHAS, SEM CONSENTIMENTO EXPRESSO DO CENSOR.

.....

§ 5º. O ENSAIO GERAL SOMENTE SERÁ REALIZADO QUANDO REQUERIDO AO CHEFE DO SCDP, COM A NECESSÁRIA ANTECEDÊNCIA, PELO EMPRESÁRIO OU DIRETOR DA COMPANHIA TEATRAL, OU PELO RESPONSÁVEL PELO ESPETÁCULO, OUVINDO-SE O CENSOR RESPECTIVO, QUE DECLARARÁ, POR ESCRITO, NESSE REQUERIMENTO O DIA E HORA PARA A REALIZAÇÃO DO MESMO ENSAIO.



## SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DPF/SR/MG

RELATÓRIO Nº 066/87

DE: CNF LEILA MÁRCIA DA SILVA

AO: CHEFE DO SCDP/SR/MG

ASSUNTO: ENSAIO GERAL

IDENTIFICAÇÃO: TÍTULO: "A MENINA E O VENTO"AUTORA: MARIA CLARA MACHADOCLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVREGRUPO: G. EXPERIMENTAL CÊNICO E CIA. D'ESTRELAS

RELATO: CUMPRINDO O.M. 076/87, COMPARECEMOS AO TÚDIO GLÁU, ÀS 20 HS. DO DIA 29.07.87, PARA ASSISTIR AO ENSAIO GERAL DA PEÇA EM EPÍGRAFE.

AVALIÇÃO: SEM CENÁRIO, SEM SONOPLASTIA E COM ILUMINAÇÃO AMARELA CONSTANTE, OS ATORES SE APRESENTARAM COM FIGURINOS ADEQUADOS. O "VENTO" TRAJAVA MACACÃO EM CETIM BRANCO SOB UMA TÚNICA AZUL ARREMATADA EM RENDA, MUITOS PAETÊS PRATEADOS, SAPATILHAS TAMBÉM EM PRATA. A MENINA E O GAROTO, ROUPAS INFANTIS; ELE DE MARL NHEIRO E ELA DE VESTIDINHO CURTO E TRANCINHAS NOS CABELOS. ÀS TIAS E A MÃE, VESTIDOS LONGOS ORNADOS COM BABADOS E LANTEJOUHAS; SOLÍDEUS ESPELHADOS. EX - CÊNTRICOS, O DETETIVE COM CACHIMBOS À SHERLOCK HOLMES, SEUS AUXILIARES, BRANCA DE NEVE - UMA ATRIZ NEGRA E GORDA, DE VESTIDO AMARELO MUITO ENFEITADO E PACÍFICO, DE BINÓCULOS DE PLÁSTICO E ESTILINGUE NAS MÃOS. TODOS ESPALHAFATOSOS. O REPÓRTER, COMO OS DEMAIS, NUM ESDRÚXULO TERNO. CROQUIS DO CENÁRIO FORAM MOSTRADOS E O TEXTO OBEDECIDO.

PARECER: EMBORA UM POUCO LONGA, A REPRESENTAÇÃO DESTINA-SE AO PÚBLICO INFANTIL, NÃO CONTENDO NENHUM INCONVENIENTE À LEGISLAÇÃO EM VIGOR, RAZÃO PELA QUAL SUGERIMOS SUA LIBERAÇÃO COM CHANCELA LIVRE.

BELO HORIZONTE, 30 DE JULHO DE 1987.

Leila Márcia da Silva

Censora Federal - MG

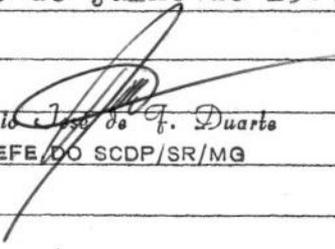
Mat 022 2563



PROCESSO Nº 2105/87-SCDP/SR/MG

- I - De acordo com o relatório do ensaio geral - Classificação: LIVRE;
- II - Emitir certificado censório, consoante a Portaria nº 08/85-DCDP e
- III - Encaminhar o processo à DCDP.

B. Hte., 30 de julho de 1987

  
Antonio José de F. Duarte  
CHEFE DO SCDP/SR/MG



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

|                                 |                                    |                                 |
|---------------------------------|------------------------------------|---------------------------------|
| CERTIFICADO Nº<br><b>057/87</b> | ESPECTÁCULO PARA:<br><b>TEATRO</b> | ESPÉCIE:<br><b>PEÇA TEATRAL</b> |
|---------------------------------|------------------------------------|---------------------------------|

TÍTULO EM PORTUGUÊS:  
**"A MENINA E O VENTO"**

TÍTULO ORIGINAL:  
**GRUPO EXPERIMENTAL CÊNICO E CIA D'EXTRELA**

EMPRESA, GRUPO OU DIRETOR:

|               |                               |
|---------------|-------------------------------|
| CLASSIFICAÇÃO | Válido até<br><b>08/06/89</b> |
|---------------|-------------------------------|

**LIVRE**

|                               |
|-------------------------------|
| Emitido em<br><b>30/07/87</b> |
|-------------------------------|

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE

*Antonio José da F. Duarte*  
CHEFE DO SCDP/SR/MG

**ENSAIO GERAL**  
EM 29 / 07 / 87  
*Assis*  
**Bel. Anunciação Gonçalves de Assis**  
Chefe da Seção de Coord. Control.  
SCDP/SR/DPF/MG

**DISCRIMINAÇÃO DE CORTES:**

**OBSERVAÇÕES:**

**AUTORIA: MARIA CLARA MACHADO**

**O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PÊLO SCDP/MG**

**VÁLIDO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL**

## TEATRO

TÍTULO \* A MENINA E O VENTO \*

AUTOR: \* MARIA CLARA MACHADO \*

1) ARQUIVO

Clas. Anterior \* LIVRE \*

Praça \* SCDP/SR/BA \*

Obs.:

DF. 14 / ABRIL / DE / 1988

*Adilson*  
 Resp. pela elaboração do Processo  
 Adilson \*\*\*

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_ a \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

DF. \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.9 \_\_\_\_\_

3) CHEFE DA S.C.T.C.

1. Em Ordem.

2. ARQUIVE-SE!

BR, 20/04/88

*Luiz Pedro de Souza*  
 CF-Mat. 2.407.803  
 Chefe do S.C.T.C./D.C.D.P.

Brasília-DF de \_\_\_\_\_ de 1.9 \_\_\_\_\_

5) DIRETOR DA D.C.D.P.



22 SET 09 19 88 000000

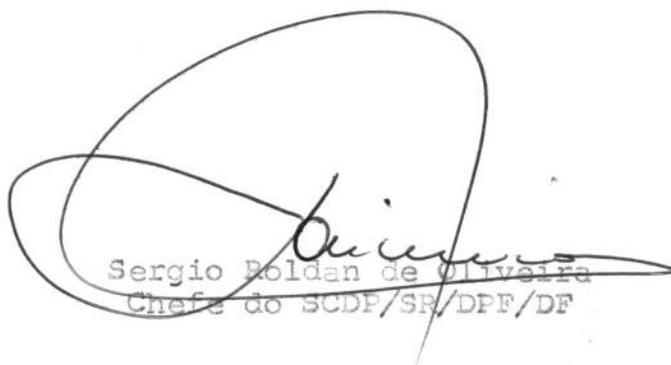
**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
MJ/DPF/SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. nº 2.256/88-SCDP/SR/DPF/DF Brasília-DF, 19 de setembro de 1988  
Do: Chefe do Serviço de Censura/SR/DPF/DF  
Ao: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas/DPF  
Assunto: Encaminhamento.

Senhor Diretor:

Encaminho a V. Sa, em três vias, o texto teatral "A menina e o vento", da autoria de Maria Clara Machado, para que se ja submetido ao exame de confronto.

Cordialmente,



Sergio Boldan de Oliveira  
Chefe do SCDP/SR/DPF/DF

Ilustríssimo Senhor  
Dr. RAYMUNDO EUSTÁQUIO DE MESQUITA  
DD. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/DPF  
BRASÍLIA-DF

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

16 SET 1988

Protocolo N.º 115

CLEITON RODRIGUES TORRES

Requerente

BRASILEIRA  
Nacionalidade

BA NCÁRIO  
Profissão

Carteira de Identidade 728-835

SSP/DF

residente e domiciliado à QD. 04 CONJ. B CASA 08 SOBRADINHO Nº e Órgão Expedidor

FONE: 591-2338

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas

censórias vigentes, a (s) PEÇA TEATRAL Espécie abaixo relacionada (s),

de autoria de: MARIA CLARA MACHADO

"A MENINA E O VENTO"

Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Brasília, 16 de setembro de 1988  
Local e Data

Cleiton Rodrigues Torres  
Requerente

Anexos:

## A MENINA E O VENTO

### 1 Prólogo e 9 Cenas

Esta peça foi levada pela primeira vez pelo TABLADO em 1963 com cenários e figurinos de Marie Louise Nery; assistente técnico, Dirceu Nery; assistente de direção, Donato Donatti; contra-regra, Luiz Carlos Valdez; sonoplastia, Sergio Cathiard, com a seguinte distribuição: *Vento*, Henrique Mujica; *Maria*, Lúcia Marina Accioli; *Pedro*, Flávio de São Thiago; *tia Adelaide*, Jaqueline Laurence; *tia Adalgisa*, Yolanda Costa; *tia Aurélia*, Neuza Navarro; *a mãe*, Maria José Araújo; *a avó*, Moema de Brito; *o repórter*, Olney Barrocas; *o comissário Plácido*, Hélio Ary; *Pacífico*, Paulo Nolasco; *Crispim*, Sérgio Miceli. Direção geral, Maria Clara Machado. Rio de Janeiro, 1963.

#### PERSONAGENS:

O VENTO  
MARIA, a menina  
PEDRO, o menino  
A MÃE  
AS TIAS:

ADELAIDE,  
ADALGISA e  
AURÉLIA

A AVÓ  
O REPÓRTER  
O COMISSÁRIO PLÁCIDO  
OS 2 POLICIAIS:

PACÍFICO e  
CRISPIM ou  
BRANCA DE  
NEVE (se o ator  
for negro)

CENÁRIO:

A cova do vento. Um pedaço de praia deserta com enorme tronco ao fundo de onde caem pedaços de galhos e parasitas, feitos com material leve para que possam sugerir o efeito do vento. No chão algumas pedras roliças. Uma delas é o travesseiro do vento. O ambiente deve sugerir mistério e poesia. Vários ventiladores são instalados para movimentar os parasitas que se moverão ao mesmo tempo que se ouve o barulho do vento gravado e irradiado de um altofalante.

PRÓLOGO

*O Prólogo se passa no proscênio com a cortina fechada. Ouve-se insistentemente uma escala de piano tocada ao longe. Fugindo, esbaforidos, entram Maria e Pedro. Cessa a escala.*

MARIA: Corre, Pedro, que lá vêm elas!

PEDRO: Santo Deus, ela não nos deixa em paz!

MARIA E PEDRO juntos: Aula no Domingo também é o cúmulo.

PEDRO: Tia Adelaide é o fim.

VOZ DE TIA ADELAIDE: Pedro! Maria!

MARIA: Depressa! (*Saem correndo*)

*Entram também esbaforidas da corrida as três tias. Tia Adelaide é a mais velha e também a mais mandona. Tia Adalgisa é a do meio. Cópia viva de tia Adelaide. Tia Aurélia é a menos velha, meio biruta, meio infantil, obedece sempre tia Adelaide por hábito e medo. Passam as tias (ouve-se de novo a escala no piano) e tornam a voltar os meninos.*

MARIA: Pedro, vamos nos esconder na cova do vento?

PEDRO: Boa idéia. Vamos!

*Saem. Voltam as tias.*

ADELAIDE (*Gritando*): Meninos, voltem já para a aula!

ADALGISA: Eu disse a mãe deles para não deixá-los brincar na rua.

AURÉLIA: Maria! Pedro!... Voltem já... já... já... Adelaide está chamando!...

ADELAIDE: Lugar de criança é dentro de casa.

ADALGISA: A culpa é da mãe deles que é muito mole...

AURÉLIA: No nosso tempo, quando...

ADELAIDE (*Interrompendo-a*): Já sei, Aurélia, que nosso tempo era diferente, mas nossa obrigação de tias é educá-los.

AURÉLIA: A aula de hoje é tão boa! Adoro educação cívica!

ADALGISA: As aulas de Adelaide são excelentes! Ela é a melhor professora de educação cívica da cidade!

AURÉLIA: E do Brasil!

ADELAIDE (*Saindo, orgulhosa com os elogios*): Meninos, voltem para a aula!

ADALGISA (*Acompanhando-a*): É preciso aprender a amar o Brasil, meninos!

AURÉLIA (*Saindo também*): Pedro! Maria!

(*Muito assustada volta Adalgisa*)

ADALGISA: Por ali é o caminho da cova do vento!

ADELAIDE (*Voltando também assustada*): ...não é lugar para moças sozinhas...

AURÉLIA (*Aparecendo alvoroçada*): Cova do vento... mãe sempre disse que lá é muito deserto, e feio... e cheio de vento...

ADELAIDE: Vamos voltar. É muito perigoso o risco.

ADALGISA: É muito perigoso o risco.

AURÉLIA: E os meninos?

ADELAIDE — Quando chegarem em casa ficarão de castigo. Terão que escrever duzentas vezes: Viva o nosso Brasil amado! (*Sai*)

AURÉLIA: Vivooooo! (*Sai*)

ADALGISA: Muito boa idéia, Adelaide, muito boa idéia! (*Sai*)

## CENA I

(*Ao abrir o pano a cena deve estar na penumbra; ao fundo, deitado no chão, com a cabeça numa das pedras, dorme o Vento. É um personagem meio mitológico, como se vê em figuras de mapas de navegação antiga. O ator que representar o Vento deve ser bem alto para aumentar o contraste com a menina, mas não deve ser uma figura feia para não meter medo nas crianças. Pode usar uma máscara. Pedro e Maria chegam correndo. Depois de verificarem que não estão sendo perseguidos, observam o lugar.*)

MARIA: Iiiii! Aqui hoje está muito esquisito.

PEDRO: Mas aqui tenho a certeza que elas não vêm.

MARIA: Tia Adalgisa tem tanto medo...

PEDRO: Você não acha que isto aqui está calmo demais?

MARIA (*Descobrendo o Vento*): Veja, Pedro, o Vento, dormindo. Será que ele está doente? (*Olhando para cima*) Caiu, será?

PEDRO: Lugar de vento ficar é lá em cima. O que é que ele veio fazer aqui na praia?

MARIA: Alguma indigestão de ar. (*Rindo*) Que feio que ele é!

PEDRO: É velho e barrigudo.

MARIA: Que pena! Sempre pensei que o vento fosse lindo!

PEDRO: Por que, ora!

MARIA: Porque tudo que voa é bonito.

PEDRO: Urubû também?

MARIA: Voando é. Até urubu voando é bonito. Menos mosquito, é claro.

PEDRO: Ele está acordando.

MARIA: Vamos nos esconder. (*Os dois se escondem atrás da cortina, no proscênio.*)

MARIA: Quero só ver a cara que ele tem acordado.

(O Vento se mexe e fica sentado com as pernas estiradas. Depois continua a dormir sentado, roncando muito alto.)

PEDRO (Procurando falar baixo): Ronca igualzinho ao vovô Jaime.

MARIA (Começando a rir sem controle): Vovô Jaime... é isto mesmo... o vento se parece com vovô Jaime.

(Os dois continuam a rir até que acordam o Vento, que abre os olhos espantado.)

VENTO: Psiuuuuu! (Boceja, os meninos se calam, ele continua a dormir.)

MARIA (Sempre tentando falar baixo): Está acordando... Parece mesmo o vovô Jaime quando dorme na poltrona...

O Vento abre os olhos espantado e começa a se levantar, procurando ver de onde vem o barulho.

PEDRO (Puxando Maria para se esconder): Ele viu!

VENTO (Descobrendo os meninos): Deixem-me dormir, criaturas desagradáveis.

PEDRO: Quem é criatura desagradável?

MARIA: Acho que somos nós.

PEDRO (Brincalhão, levantando a voz): Os incomodados que se mudem.

VENTO (Furioso): O quê?!

PEDRO (Provocador): Disse: os incomodados que se mudem.

VENTO: Olhe aqui, pirralho, ou vocês me deixam dormir em paz ou...

PEDRO: Ou o quê? Aqui por acaso é propriedade sua?

MARIA: Pedro, não provoca.

PEDRO: A praia é pública, a rua é pública, o espaço é público, a atmosfera é pública...

MARIA: A estratosfera é pública...

PEDRO (Já dentro de cena sem o menor receio do vento): E

nós fazemos barulho onde queremos... e o vento também é público, está ouvindo?

VENTO (Com as mãos na cintura, ameaçador): Menino, ninguém levanta a voz com o vento.

MARIA: E o trovão?

VENTO: O trovão?

MARIA: Não é o Padre Eterno levantando a voz para você, vento?

VENTO: Para mim, coisa nenhuma...

MARIA: Para quem, então?

VENTO: Para vocês, é claro!

MARIA: Bem que eu achei que a explicação de tia Adelaide sobre o trovão não era boa. Sabia que era o Padre Eterno. Tia Adelaide tira a graça de tudo, coitada!

VENTO: Já disse que ninguém levanta a voz com o vento!

MARIA: Quem é que está levantando a voz para você? Estou só falando de minha tia Adelaide, e meu irmão é meu mal-humorado. Mas o senhor também não fica atrás... ele estava só brincando. Com este mau humor, já vejo o porquê das tempestades... Aliás isto também tia Adelaide não explicou bem. As tempestades são causadas pelo mau humor de vento e de sua família... brigas entre nuvens, brisas, ventos, vapores, raios e trovões... se...

VENTO (Interrompendo): Pare de falar, matraca de feira, ou então... eu... eu...

PEDRO (Furioso): Minha irmã, matraca de feira?

VENTO: Vocês querem, não é? (Dá uma lufada de sopro sobre os meninos, que caem no chão. A sonoplastia e um dos ventiladores acompanham sempre as lufadas do vento.)

PEDRO: Vento covarde! Vento covarde!

MARIA: Não provoca, Pedro... Não provoca!

VENTO: Tratem de desaparecer, meninos, senão eu sopro! E é para valer... Um... Dois...

PEDRO: Vento caduca...

MARIA: Não provoca mais ele, Pedro.

VENTO: Caduca, eu? Pois você vai ver... vou te mandar para as nuvens e lá você é que vai caducar, fedelho de uma figa. *(Começa a soprar com tanta força que Pedro, depois de dar umas voltas tentando resistir, sai de cena sempre gritando.)*

PEDRO: Vento covarde... vento covarde...

MARIA: Pára de ventar, Vento, que Pedro está sumindo atrás daquela árvore. Pára vento... Pedro! Pedro! *(Sai gritando e procurando resistir.)*

VENTO: Pronto. É assim que nós lá de cima nos livramos deles. Sem muita conversa. *(Boceja ostensivamente e torna a sua cama, mas não consegue se deitar porque, furiosa, volta Maria.)*

MARIA: Queira soprar de volta, imediatamente, o meu irmão ou então o senhor terá que se ver comigo.

VENTO: O quê? Está me desafiando, pedacinho de coisa nenhuma? Quer também ser soprada para longe? *(Começa a rir.)* Isto aí me ameaçando... ah! ah! ah! ah!

MARIA: Pára de rir, vento bobo-alegre. Não tem vergonha de ser tão velho e rir desse jeito? Traga meu irmão de volta, já disse.

VENTO *(Pára bruscamente de rir)*: Vou te mandar para a China, menina.

MARIA: Duvido. *(Aceitando o desafio.)* E fique sabendo que sou campeã de andar na ventania e não vai ser um ventinho qualquer que vai me levar para a China ou para o Japão. Bem que eu gostaria de dar um passeio... se eu...

VENTO *(Interrompendo)*: Você disse... ventinho qualquer?

MARIA: Disse. O que é que você sabe fazer mais além de ventar? Sabe ler? Sabe escrever? Qual é a sua educação cívica?

VENTO: Chega. *(Dá uma forte lufada. Maria, marota, se*

*esconde atrás dêle que procura, intrigado, sem poder encontrá-la. Finalmente, Maria corre e se esconde atrás de uma pedra.)*

MARIA: Brisa, vento, ventinho  
pode soprar espertinho...  
Não tenho medo de ventania.  
Só receio a minha tia,  
brisa, vento, ventinho,  
pode soprar espertinho...

*(O Vento furioso começa a soprar e Maria deliciada ventarola pela cena em loucos rodopios até que sai, sempre rindo. O Vento, sentindo-se vencedor, volta para sua pedra e recosta para tornar a dormir. Começa a roncar quando Maria volta. Vendo que o Vento não acorda ela começa a sapatear e a cantarolar. O Vento continua roncando. Por fim Maria resolve jogar amarelinha batendo com os pés com força. O Vento abre os olhos.)*

MARIA: Isto o senhor não sabe fazer... garanto que não sabe...

VENTO: O quê? Ainda aqui?

MARIA: Vou lhe chatear até você trazer Pedro de volta.

VENTO: Não trago nada de volta.

MARIA: Quer dizer que o senhor *não sabe* trazer ele de volta?

VENTO: Quer dizer que *não quero* trazer ninguém de volta.

MARIA *(Mudando de tática)*: E se eu prometer nunca mais incomodá-lo na sua toca?

VENTO: Não acredito em promessa de menina.

MARIA: Então em que você acredita?

VENTO: Acredito na minha força.

MARIA: Prosinha, hem? Tão forte que nem conseguiu me soprar para longe... Acho que você está ficando sem fôlego, velho e cansado, hem, vento?

VENTO *(Meio desconfiado)*: Você acha?

MARIA: A verdade é que o senhor com seus mil e quinhentos séculos de vida não conseguiu derrubar uma menina de 12 anos.

VENTO: Isto nunca aconteceu. Quem é você, menina?

MARIA: Sou Maria.

VENTO: Nunca fui vencido por... por... ninguém... e logo por uma menina (*O Vento está desolado*).

MARIA: Não fique assim, vento. É que sou campeã mesmo. Ninguém me vence na minha rua na corrida de ventania.

VENTO: Como é que faz para vencer? Nem navios, nem árvores, nem cidades, nem nada nesta terra redonda de Deus pode comigo quando estou furioso.

MARIA: É só não ter medo e conhecer sua tática.

VENTO: E você conhece minha tática, menina?

MARIA: Conheço.

VENTO: E como é que você descobriu?

MARIA: Praticando. Comecei com uma brisa... uma brisinha à-toa.

VENTO: Minha filha. Ela é bem fraquinha, a coitada.

MARIA: Eu sei. Depois passei para um vento mais forte.

VENTO: Eu.

MARIA: Vento de praia, vento de Cabo Frio. Lá é melhor ventarolar de óculos por causa da areia. Mas também é melhor porque é salgado demais. A gente lambe o braço, depois fica tudo salgadinho. Quando o vento, o senhor, pára de ventar, a gente continua com o barulho no ouvido até dormir.

VENTO (*Comovido*): É, é?

MARIA: Bem, na ventania custei mais, porque a ventania não tem muita direção e tapeia a gente também.

VENTO: Minha mãe. Sempre foi meio nervosa.

MARIA: É. Mas venço ela também. Aprendi a ventarolar.

VENTO: Ventarolar? O que é isto?

MARIA: Muito fácil. Virar ventarola de vento. Você já conseguiu derrubar uma ventarola?

VENTO: Papa-vento?

MARIA: Isto mesmo.

VENTO: Bem, acho que não. Mais fácil é derrubar um vendedor de papa-ventos.

MARIA: Pois é, viro mesmo um papa-vento, fico tão levezinha no corpo e rodopio e não me canso e a ventania desiste de mim. Quase que posso voar.

VENTO: Você gostaria?

MARIA: De voar? Ah! gostaria. Sabe? Um dia tia Aurélia me disse que se a gente esfregasse asa de passarinho nas costas todos os dias cresciam umas asas e a gente voava.

VENTO: E você esfregou?

MARIA: Ela esfregava na minha e eu na dela. Combinamos de voar juntas. Depois começou a dar brotoeja nas minhas costas e tia Adelaide descobriu tudo e botou tia Aurélia e eu de castigo escrevendo duzentas vezes: "Só quem voa é passarinho, criança estuda para servir ao Brasil."

VENTO: Essa sua tia é de morte, hem?

MARIA: Ela só pensa no Brasil, nunca pensa na gente.

VENTO: Você gostaria de passear na minha cacunda?

MARIA: Na cacunda do vento? Oh! Seria bárbaro! Mas o senhor tem que primeiro trazer o Pedrinho.

VENTO: Pedrinho, não.

MARIA: Então nada feito.

VENTO (*Conciliador*): Deixa o Pedrinho pra lá, que eu já venci ele para casa.

MARIA: Jura?

VENTO: Palavra de vento. Juro pelos raios que me partam... que ele voltará para casa.

MARIA: Não gosto nada de juramento de vento mas... você pode mesmo ventar o que quiser? Trazer coisas de outras terras, atrapalhar tudo?

VENTO: Posso *tudo*.

MARIA: Lá vem a prosa. Daqui a pouco você vai dizer que é Deus, e ele te castiga.

VENTO: Psiu... fala mais baixo...

MARIA: E você pensa que o enorme ouvido dele não está por toda parte? Por aqui?! Bem se vê que não estudou catecismo.

VENTO: Eu sei que ele está me ouvindo, mas ele sabe também que estou brincando, não sabe?

MARIA: É sempre melhor o senhor ser mais modesto.

VENTO: E você é? Campeã de corrida contra o vento!

MARIA: Mas não é só isto que sei fazer, e não fico espalhando por aí... sei tanta coisa...

VENTO: Sabe o que mais além de papaventar?

MARIA: Ora, vê-se que o senhor é ignorante; sei fazer uma porção de coisas; sei fazer tricô, sei fazer arroz, batata frita, sei tratar de galinhas, sei plantar feijão; ora vento, sei tudo isto que uma menina deve saber e sei também dançar, patinar, nadar, ventarolar; coisas boas para contrabalançar as chatas.

VENTO: Chatas?

MARIA: ... fazer cama, estudar aritmética, acabar as férias, ir ao dentista, ouvir aula de tia Adelaide e ser obrigada a amar o Brasil!...

VENTO: Você quer aprender a amar o Brasil na minha cacunda?

MARIA: Mas tia Adelaide vem também?

VENTO: Não. Eu te mostro tudo que há de bonito por aí e você aprende tudo sem tias e sem livro. Só olhando...

MARIA: Que bom! Mas vento, gostaria também de fazer umas desordens por aí.

VENTO: Desordens?

MARIA (*Maliciosa*): Desmanchar umas paradas, ventar tia Adelaide do piano. Desarrumar tudo que é arrumadinho. Só para ver a cara de todo mundo. (*Começa a rir*) Le-

vantar a saia de tia Adelaide seria bárbaro! Ela usa umas ceroulas tão engraçadas!...

VENTO: Pensei que você fosse um menina boa.

MARIA: Olha só quem está falando! O senhor não é o maior desordeiro de todos os céus? Não derruba navios e tira as telhas das casas? Não levou o chapéu de vovô Jaime e nunca mais o devolveu?

VENTO: Mas eu sou vento e você é gente. Cada um no seu lugar.

MARIA: Ah! Vento, não precisa se desculpar muito, eu te compreendo tão bem. Mundo certinho é tão chato! Vamos desmanchar um pouco, tá bem? Vamos ventarolar o mundo!...

VENTO (*Rindo*): Está bem. Você quer fazer umas ruindadezinhas. Vamos, e não reclame depois as conseqüências, hem?

*(A menina monta na cacunda do Vento que começa a soprar. Dão uma volta pela cena sempre rindo e desaparecem, ouvindo-se ainda por algum tempo a gargalhada e o barulho do vento. Depois volta à cena um silêncio completo até a cena II.)*

## CENA II

*(Entram Pedrinho, a mãe, tia Adelaide, tia Adalgisa e tia Aurélia; todas assustadas.)*

PEDRO: Foi aqui, no meio da ventania.

TIA ADELAIDE (*Baixinho*): A cova do vento.

TIA ADALGISA: A cova do vento!... (*se junta a tia Adelaide*).

MÃE: E depois, Pedrinho, o que aconteceu? (*Tia Aurélia sai de cena, descobrindo, curiosa, a cova.*)

TIA ADELAIDE: Coisa boa é que não foi. Volta aqui, Auré-  
lia, quer também ser raptada?

ADELAIDE: Raptada?

AURÉLIA (*Voltando assustada, mas dando risadinhas*):  
Deus me livre e guarde, Adelaide!

MÃE: Ela não pode ter desaparecido assim de qualquer  
maneira.

PEDRO: Não foi de qualquer maneira, mamãe. Ela come-  
çou a ventarolar como sempre faz. Eu é que fui soprado.  
Meu controle ainda é ruim. E depois...

TODAS: E depois...

PEDRO: Depois chamei o vento de covarde e foi a conta.  
(*Aurélia dá risinhos compreensivos.*) Ele se irritou e  
me soprou até aquela árvore ali. Fiquei preso lá um  
tempão e vi tudo. Eles conversaram muito e riram  
também.

ADELAIDE: Eles quem?

PEDRO: Maria e o vento.

ADELAIDE: Conversaram como?

PEDRO: Conversando, ora. Conversa vem, conversa vai, ela  
montou na cacunda dêle e lá se foram...

ADALGISA: Que conversa é essa de vento conversar? Você  
sabe, Pedro, que mentir é muito feio...

AURÉLIA (*Dando risinhos*): Eu bem que gostaria de ter  
umas conversinhas com o vento...

ADELAIDE: Quieta, Aurélia, senão te ponho no piano...

ADALGISA: Vocês não acham que já ouvimos demais este  
menino?

MÃE: Pedro, meu filho, conta tudo direitinho, sem inventar  
nada, que depois você ganha um presente.

PEDRO: Estou contando certinho como eu vi.

MÃE: E onde é que você acha que eles estão agora?

PEDRO: Bem, agora? (*Calculando*) Se pediram ajuda da  
ventania, que é a mãe dele...

MÃE: Mãe de quem?

PEDRO: Do vento. (*Todas se entreolham*) Se pediram aju-  
da a ela já devem estar perto do Ceará. Ele deve ter  
metido um sudoeste bravo. Pode ser também que tenham  
ficado para fazerem as tais desordens que Maria pe-  
diu...

MÃE (*Achando que o filho não está bem da cabeça*): Toma,  
meu filho. (*Dá-lhe dinheiro.*) Vai tomar um sorvete bem  
grande (*Pedrinho sai*).

ADELAIDE (*Entre os dentes*): Antipedagógico!

MÃE: Estou ficando aflita!

ADELAIDE: Pudera!

MÃE: Faz mais de seis horas que a menina sumiu. E foi  
daqui... Pedro não diz coisa com coisa.

ADELAIDE: Acho que ele ficou meio atrapalhado da cabeça...

ADALGISA: Teria ela sido raptada?

ADELAIDE: Mas é óbvio!...

MÃE (*Quase chorando*): Vou avisar a polícia. Não agüento  
mais. Fiquem aqui um pouco. Quem sabe ela aparece?

ADALGISA: Ficar aqui sozinhas? E se ele aparecer?

MÃE: Ele quem?

ADELAIDE: O raptor!

AURÉLIA: O vento, Adelaide?

ADELAIDE: Sossega, Aurélia. Mande um guarda ao menos.  
Isto aqui não é e nunca foi lugar para mocinhas...

ADALGISA: Não é e nunca foi lugar para mocinhas...

MÃE: Vou depressa chamar o comissário Plácido. (*Sai*)

ADELAIDE: Eu disse... eu avisei... eu disse que não se  
deve deixar meninos soltos por aí. (*As duas passeiam  
aflitas pela cena, enquanto Aurélia alvoroçada observa  
tudo.*)

ADALGISA: Lugar de menino é na saia da mãe.

AURÉLIA: Quando eu era mais menina, gostava de costurar,  
de bordar... ah, gostava também de fazer comidinha de  
folha, lembra Adalgisa? A gente misturava tudo numa  
latinha: folhas de fícus, folha de mamão, folha de...

aquela que era veneno... Agora, é verdade que eu também gostava (*Fala baixinho com medo das irmãs*) de andar na chuva e de...

ADELAIDE: Agora não é hora de lembrar essas coisas, Aurélia.

ADALGISA: Se fosse minha filha, vivia trancada a sete chaves.

ADELAIDE: Era muito sapeca aquela Maria.

AURÉLIA: Gostava de brincar, a diabinha!

ADELAIDE: Eu bem que dizia...

AURÉLIA: Você bem que dizia.

ADELAIDE: Mas a mãe não fazia o que eu dizia...

ADALGISA: Não fazia o que você dizia...

AURÉLIA (*Como se repetisse uma lição*): Eu dizia... tu dizias, ele dizia...

ADELAIDE: Bem feito agora.

AURÉLIA: Mamãe sempre disse que quem faz mal feito não tem direito...

AS TRÊS: ...de se queixar.

AURÉLIA (*Depois de uma pausa*): Adelaide, vento tem cunda?!

ADELAIDE: Eu te prendo no quarto, Aurélia!

(*Começa a soprar de repente um vento e as três comçam a rodopiar, Aurélia aprecia o rodopio como uma criança.*)

ADELAIDE: Santo Deus, Santa Bárbara e São Jerônimo nos acudam!

AURÉLIA: Adelaide... Adelaide... me segura... me segura... que gostoso... que gostoso!

ADALGISA: Socorro! Não me empurrem... Adelaide... Adelaide, socorro!...

(*As três desaparecem de cena sempre gritando e tornam a aparecer dependuradas nas árvores. São bone-*

*cas. Da platéia só devem ser vistas as pernas das tias com calças antigas bordadas nas beiras; vindo de cima as vozes pedindo por socorro. Chega uma velhinha mais velha do que elas. É a avó dos meninos e mãe das tias.*)

VOVÓ: Adelaide! Adalgisa! Aurélia! Voltem para casa, meninas... Onde se meteram essas meninas... Se o Jaime sabe disso...

TIAS: Socorro! Socorro! (*A velhinha finalmente olha para cima e dá com as filhas dependuradas nas árvores; a velha é meio surda.*)

VOVÓ: Meninas, desçam já daí. Já... Já...

ADELAIDE: Estamos presas, mamãe.

VOVÓ: Quem mandou vocês subirem em árvore? No meu tempo árvore era feita para enfeite da natureza... e também para dar frutos... Desçam já daí. Já proibi várias vezes.

ADALGISA: Estamos presas, mamãe.

VOVÓ: Comendo fruta verde de novo, hem Adalgisa!? Desça já.

ADELAIDE: Chame o corpo de bombeiros, mamãe...

VOVÓ: Desça já daí, Aurélia, ou chamo teu pai.

AURÉLIA: Me empurraram, mamãe, me empurraram...

ADELAIDE: Os bombeiros, mamãe!

VOVÓ: Até você, Adelaide... e abaixe já esta saia. Que modos são esses de mostrar as calças desta maneira...

(*Começa a soprar um ventinho leve que delicadamente empurra a velhinha.*)

VOVÓ: Não empurra, Jaime... não empurra... já disse que não vou para casa... não quero entrar... já disse... (*E vai saindo*) Não empurra Jaime... não empurra...

## CENA III

*(Silêncio na cena. Entra o repórter segurando um microfone com um fio enorme. Olha para todos os lados, verifica que a praia está vazia.)*

REPÓRTER: Que furo! Sou o primeiro! Alô, alô, Rádio da Praia, estamos transmitindo diretamente do local do rapto da indigitosa Maria de Almeida. Para os ouvintes dos Estados, tenho a informar que se trata de uma praia deserta e mal encarada, os pescadores a chamam de Cova do Vento. Pois é uma cova, caros ouvintes, a cova da jovem Maria tragicamente desaparecida nas primeiras horas da manhã. Nossas emissoras — numa gentileza dos Perfumes Ventania, a brisa que refresca — estão dando em primeira mão a reportagem completa sobre o desaparecimento trágico da jovem Maria, aluna exemplar...

ADELAIDE: Isto é que ela não era...

REPÓRTER *(Procurando ver de onde vem a voz)*: Como ia dizendo, caros ouvintes, a Brisa que refresca é um perfume Ventania, e a jovem Maria...

ADALGISA *(Voz débil)*: Socorro! Socorro!

REPÓRTER *(Descobrendo as tias)*: Caros ouvintes, a situação aqui na cova do vento se agrava. Do alto das enormes árvores que circundam a cova do vento partem lancinantes apelos de socorro. Será a indigitada jovem? É o que verificarei num sensacional esforço de dar em primeira mão e sem nenhum medo dos prováveis perigos que terei de enfrentar numa reportagem completa do maior rapto do século. Sou corajoso prá burro e verei o que está acontecendo. Vejo a distinta senhora Dona Adelaide e suas estimadas irmãs dependuradas nos galhos das árvores pedindo socorro. Elas estão

numa posição bastante incômoda. Vou entrevistá-las neste instante, antes que elas merram. Dona Adelaide e suas inseparáveis irmãs são tias e professoras da pobre Maria. Boa tarde, dona Adelaide, quer fazer algumas declarações para as nossas emissoras, numa gentileza dos perfumes Ventania?

AURÉLIA: A brisa que refresca?

REPÓRTER *(Com a força do hábito)*: Isto mesmo, acertou! A senhora terá direito a um cupom numerado que, com mais dez cupons de respostas certas, lhe dará direito a um frasco, absolutamente grátis e o direito a concorrer no próximo concurso: O Vento é o limite.

AURÉLIA: Ganhei! Ganhei! que felicidade!

*(O Vento começa a soprar e o repórter rodopia, tenta dar socos no ar, finalmente se enrola no fio do microfone e cai no chão desmaiado, o Vento cessa.)*

AURÉLIA *(Como numa canção de criança)*: A brisa que refresca... a brisa que refresca... *(Depois todos silenciam.)*

## CENA IV

*(Entra Pacífico, o policial, seguido de Crispim. Os dois se espantam diante do corpo do repórter.)*

PACÍFICO: Um defunto!

OS DOIS *(Chamando)*: Chefe!

*(Entra o comissário Plácido fumando o seu charuto.)*

COMISSÁRIO *(Vendo o repórter)*: Ninguém toca no cadáver.

*(Os policiais meio apavorados observam o local e dão com as tias dependuradas.)*

Os DOIS: Veja, chefe! Três damas enforcadas!  
 COMISSÁRIO: Uma menina raptada, um repórter abatido, amarrado, espancado e morto, três damas enforcadas. Num só dia e tudo na cova do vento — lugar sombrio, desabitado a um quilômetro da cidade. Este é um dos casos mais complicados.  
 ADELAIDE: Depressa, polícia, já não agüento mais!  
 PACÍFICO: Ainda não morreram...  
 CRISPIM: Então é porque ainda estão vivas!  
 COMISSÁRIO: Vivas? Tanto melhor! *(Aos policiais)* Subam às árvores e retirem os corpos de delito, isto é, as velhas. Cuidado com as impressões digitais. *(Os guardas saem)* As senhoras têm que declarar à polícia o que estão fazendo aí.  
 AURÉLIA: Estamos vendo a vista, senhor comissário, estamos vendo a vista... *(Risinhos)*  
 COMISSÁRIO *(Tomando nota de tudo num caderninho)*: Vendo a vista!? Favor declararem domicílio, estado civil, nacionalidade e idade...  
 ADELAIDE: Era só o que faltava...

*(O repórter começa a se mexer)*

COMISSÁRIO: Este também ainda está vivo! *(Ajudando o repórter a se desvencilhar do fio do microfone)* O senhor tem alguma coisa a declarar à polícia?  
 REPÓRTER *(Olhando para todos os lados com medo)*: Senhor comissário, fui atacado por um monstro. Tentei tudo... *(Pegando de novo o microfone)* O dever de um repórter é informar. Rádio Praia continuando a reportagem interrompida por uma covarde agressão. Sou um mártir da imprensa e da verdade. *(Enquanto isto o comissário examina o local e toma notas.)* Ao ver as senhoras enforcadas nas árvores tentei salvá-las, mas o agressor me bateu. Tentei lutar, mas não se tratava de um único homem e sim de uma quadrilha. *(O vento*

*dá uma lufada.)* Senhor comissário, sou corajoso pra burro e os ouvintes sabem disto, mas convém a gente sair logo daqui, porque eles podem voltar.  
 COMISSÁRIO: Um momento. *(Continua examinando tudo.)*  
 REPÓRTER *(Querendo descobrir assunto para os ouvintes)*: Tem alguma coisa a declarar aos nossos ouvintes? *(O comissário não responde)* O senhor gosta dos perfumes Ventania?  
 COMISSÁRIO: Bem... *(O repórter faz sinal para ele dizer sim)* Gosto sim...

*(Neste momento as bonecas começam a se mexer e ouvem-se as tias e os policiais. O comissário e o repórter acompanham seus movimentos.)*

ADALGISA: Estão me fazendo cócegas! *(Aurélia ri)*  
 ADELAIDE: Não me toque, polícia!  
 PACÍFICO: Então como é que é, madame? Tem que sair, não tem? Eu tenho que segurar, ora!  
 ADALGISA: Não me faz cócegas, polícia...  
 CRISPIM: Segura meu braço, madame.  
 ADALGISA: Senhorita, faz favor.  
 CRISPIM: Agarre a velha, Pacifico.  
 COMISSÁRIO: Isto, Crispim...

*(Os bonecos desaparecem. O repórter continua a entrevista com o comissário.)*

REPÓRTER: E agora diga, senhor comissário Plácido, a polícia promete aos nossos ouvintes descobrir tudo deste horrível rapto? Tudininho?  
 COMISSÁRIO: Promete sim. Tudininho. A polícia vai descobrir tudo porque a polícia foi feita para descobrir tudo. Se não descobrir tudo hoje, descobre amanhã, se não descobrir amanhã, descobre depois de amanhã. Se não descobrir depois de amanhã, acaba mesmo descobrindo,

por isso é bom que a quadrilha apareça logo para não dar muito trabalho à polícia...

*(Chegam as tias e os guardas. As tias estão com os chapéus fora do lugar, as saias levantadas, pedaços de fôlhas na cintura, enfim têm que dar a impressão que estão descendo das árvores.)*

ADELAIDE: Isto é um ultraje!

ADALGISA: Duas horas dependuradas nas árvores!

AURÉLIA: Parecíamos três judas em sábado de aleluia! (O repórter procura colocar o microfone à frente de cada um que fala) Lá de cima vi o senhor comissário tão pequenino que parecia o mico de dona Dalcina. (Risinhos.)

ADELAIDE: Chega, Aurélia. Isto não são horas para se chamar o senhor comissário de mico. Exijo providências urgentes. Isto não são maneiras de se tratar três moças de família. Se a polícia não tomar medidas urgentíssimas...

ADALGISA: Urgentíssimas...

AURÉLIA (Só para fazer coro): Urgentíssimas...

COMISSÁRIO (Tirando uma fita métrica e começando a tomar medidas das senhoras): Serão tomadas medidas urgentíssimas, dona Adelaide.

REPÓRTER: O sr. Comissário Plácido Epaminondas, comissário emérito da polícia local, está começando a tomar as medidas urgentíssimas pedidas por dona Adelaide.

COMISSÁRIO: A medida mais urgente que qualquer polícia do mundo tomaria é de interditar o local. A cova do vento está interdita...

REPÓRTER: O local acaba de ser interditado porque as damas pediram providências urgentíssimas.

*(Uma forte lufada de vento faz todo o grupo dar um passo à frente repentinamente.)*

AURÉLIA: É ele!

*(Adelaide pensando que Aurélia está se referindo ao comissário que está ao seu lado lhe aplica um enorme tapa nas bochechas.)*

ADELAIDE: Ah... então é o senhor! (Tapa; uma nova lufada e Adelaide é jogada nos braços do comissário. O vento continua e a confusão começa.)

COMISSÁRIO: Senhora Adelaide!

ADELAIDE: Que indecência. (Depois de muito rodopiarem o vento cessa de repente e todos se recompõem.)

COMISSÁRIO: Vamos embora. As declarações tomarei na chefatura.

ADELAIDE: Vamos, meninas...

ADALGISA: Isto é uma pouca vergonha... (Vão saindo todos juntos quando o vento recomeça e traz de novo o grupo arrastado para o fundo do palco. A estas horas já devem estar meio apavorados.)

COMISSÁRIO: Vamos embora, já disse! (Tornam a sair com mais cautela e de novo o vento os traz de volta. Aí já deverão estar gritando de pavor.)

COMISSÁRIO: Vamos embora, torno a dizer. (Adelaide se agarra ao comissário, Adalgisa em Adelaide, o repórter se pendura no fio do microfone, os policiais se grudam um no outro e saem devagarinho, para não despertarem o monstro desconhecido; Aurélia mais atrás diz no silêncio:)

AURÉLIA: É ele! (Ao ouvir isto todos fogem esbaforidos, gritando por socorro; desta vez o vento não sopra.)

## CENA V

*(Entra a mãe, aflita e cautelosa, procurando em volta e chamando baixinho.)*

MÃE: Maria! Maria! Volta, Maria, para sua casa!... (A mãe começa a chorar. Ao mesmo tempo uma brisa leve começa a soprar. A mãe se assusta, lembrando-se da estória que Pedrinho contou. Do alto vem descendo um enorme pergaminho.)

MÃE: O que é isto? (Pega o pergaminho.)

(Quando a mãe começa a ler a carta, a luz de cena é diminuída. no fundo são projetadas, através de um projetor instalado na platéia, várias fotografias de Maria. de nuvens, de mar, de bichos, de cidades antigas, de Maria de novo, de modo que dê a impressão de que ela está viajando. Ouve-se ao mesmo tempo a voz da menina através do microfone. A voz pode ser acompanhada de música bem ao fundo, sugerindo brisa.)

MARIA (Voz): Mamãe, estou voando por aí. Não fiquem aflitos. Conheci dona Ventania e sua filha Brisa, que é muito delicada e amável. O Vento é meu amigo e na cacunda dele tenho visto coisas lindas. Vi praias enormes, sem fim! E nuvens e nuvens e mais nuvens. Vi bichos, cidades e terras secas. Vi tudo verdinho e florido. Não vou mais precisar de estudar para as aulas de tia Adelaide porque já aprendi tudó. As coisas mostradas, a gente aprende mais depressa e mais bonito. Até acho que já amo mesmo o nosso Brasil. As coisas longe ficam perto, o que era feio a culpa era de tia Adelaide que enfeiava tudo, coitada, nunca andou na cacunda do Vento. É por isso. Também vamos fazer umas desordens por aí, mas é para variar da vida de todo dia, depois eu volto. O Vento perguntou se eu queria virar brisa do mar. Estou pensando ainda. Gosto muito de mar. Mas acho que prefiro ser eu, apesar de tudo. A gente se acostuma tanto a ser gente que não quer mais largar de ser. Acho que é isso que está me botando na dúvida. Não precisa ficar aflita, mãe, o Vento é boni



Henrique Mujica e Hélio Ary em *A Menina e o Vento*



Neuza Navarro, Yolanda Costa, Hélió Ary, Olney Barrocas e Jaqueline Laurence em *A Menina e o Vento*

elemento e manda lembranças. Estamos agora bem no meio do Brasil. A cachoeira do Iguaçu é um bocado bárbara. Beijou, Maria.

MÃE (*A luz volta à cena*): A letra é dela, o jeito é dela. E se ela virar brisa de mar? Polícia! Polícia! Senhor Comissário! Senhor Comissário! Minha filha brisa de mar! Que horror! Polícia! Polícia! (*Sai gritando.*)

## CENA VI

(*Entra tia Aurélia segurando uma enorme ventarola; corre pela cena imitando Maria. Depois escuta a voz de Adelaide chamando e se esconde rapidamente na coxíu.*)

ADELAIDE: Aurélia!

ADALGISA: Será que ela teve a ousadia de vir aqui sozinha? (*As duas estão apavoradas e se agarram uma na outra; Adelaide tropeça numa pedra e cai numa posição bastante incômoda, de quatro, sua raiva ainda aumenta mais.*)

ADELAIDE: Meu lumbago!... Sei que você está escondida por aqui, Aurélia!

ADALGISA: Trate de aparecer, Aurélia, sabemos que você está escondida por aqui. Não adianta desobedecer Adelaide. Você sabe disso, Aurélia.

ADELAIDE: O que sempre perdeu Aurélia foram as más companhias...

ADALGISA (*Ofendida*): Nós, Adelaide?!

ADELAIDE: Claro que não, Adalgisa! Ora vejam só!... Maria e Pedro nunca foram companhia para Aurélia. Ela sempre se deixou levar pelas crianças!

ADALGISA: Sempre se deixou levar!

ADELAIDE: Sei que você está escondida, Aurélia!

ADALGISA: Aurelinha, trate de aparecer!

ADELAIDE: Trate de aparecer logo porque senão o castigo vai ser pior...

ADALGISA: Maninha, apareça!...

*(Aurélia com muito medo trata de escapar pelo fundo do palco mas é descoberta por Adalgisa.)*

ADALGISA: Achei!

ADELAIDE: O que é que você estava fazendo na cova do vento?

ADALGISA: Não sabe que isto aqui não é lugar para mocinhas?

*(Aurélia não responde.)*

ADELAIDE: Ah! Não quer responder, não é?

ADALGISA: Responda, Aurélia, senão ela te castiga. Você quer ser raptada?

*(Aurélia diz que sim com a cabeça.)*

ADELAIDE (*Furiosa*): Ah! Então é isto? Quer ser raptada? Irá para casa imediatamente e escreverá duzentas vezes: "Lugar de moça é no piano, quem vive na rua não tem tutano". *(Adelaide agarra Aurélia por um lado, Adalgisa pelo outro e levam Aurélia suspensa enquanto repetem:)*

AS DUAS: Lugar de moça é no piano, quem vive na rua não tem tutano... *(Saem)*

## CENA VII

*(Entra o comissário com o pergaminho, os dois guardas, meio apavorados; um deles leva uma malinha onde se lê: Perícia. A mãe os segue segurando Pedrinho pela mão.)*

COMISSÁRIO: Foi aqui que isto apareceu?

MÃE: Uma brisa soprou de repente e veio empurrando a carta, devagarinho até aqui!

COMISSÁRIO: Guardas, vigiem tudo. Qualquer coisa suspeita, avisem.

PACÍFICO: Vigiar o que, chefe?

COMISSÁRIO: Por aí... por cima... por tudo.

*(Pacífico chupa o dedo e coloca-o na posição de verificar a direção do vento.)*

CRISPIM: O senhor não quer tirar as impressões digitais?

COMISSÁRIO: De quem, seu burro? *(Todos se entreolham).*

PEDRO: Só se for do vento.

MÃE: Cale-se, Pedrinho. Quer enlouquecer mais a gente?

PEDRO: Eles agora devem estar fazendo miséria.

COMISSÁRIO (*Pegando Pedrinho pelo cangote*): Eles, quem?

PEDRO (*Com simplicidade*): Maria e o Vento.

COMISSÁRIO: Quem é este?

PEDRO: O Vento, ora. Maria saiu voando na cacunda dele.

COMISSÁRIO (*Irritado*): Rapazinho, trata-se da vida de uma menina, de sua irmã. Trata-se também da vida do país, do mundo, da humanidade. Uma menina não pode sair na cacunda do vento, está ouvindo?

PEDRO: Não podia, senhor comissário. Não podia, mas pôde.

COMISSÁRIO: Podia também abater um repórter? Enforcar três senhoras e escrever uma carta?

PEDRO: Cra, senhor comissário, o senhor é muito ingênuo, não conhece o vento. Por que não pode, diga?

COMISSÁRIO: Porque dois e dois são quatro, menina é menina, vento é elemento elementar da natureza, polícia é polícia e você vai dizer a verdade, está ouvindo?

MÃE (*Aflita*): Senhor comissário, ele não tem culpa.

COMISSÁRIO: Menino de hoje sempre tem culpa.

PEDRO: Senhor comissário, e se dois e dois não forem quatro, e o vento tiver cacunda, hem? E a polícia...

OS TRÊS (*Interrompendo*): E a polícia, o quê?...

PEDRO: ...Não entender nada de vento e eu estar dizendo a verdade?

COMISSÁRIO: Este menino está atrapalhando os bons trabalhos da polícia. Se continuar assim terei que mandar prendê-lo.

MÃE: Não se aflija, senhor comissário; toma, Pedrinho, toma dinheiro para você comprar sorvete.

PEDRO: Já estou cheio de sorvetes e o comissário não descobre nada. (*Tira a língua para o comissário.*)

COMISSÁRIO: Monstrinho irritante! (*Pacífico e Crispim correm atrás de Pedrinho.*) Pacífico, Crispim, voltem! (*Voltando à carta*): "mamãe estou voando" (*Olha para cima, os outros fazem o mesmo*); "as coisas longe ficam perto", esta carta deve ser em código; "já amo mesmo o nosso Brasil"; este negócio de amar o Brasil é coisa suspeita; "fazer desordens... vamos fazer umas desordens por aí"... (*Vitorioso*) Aqui está! Então querem fazer umas desordens, hem? Guardas a postos! Não estou gostando nada disso... Isto está me cheirando a muita desordem. Temos que defender a ordem constituída...

MÃE (*Não entendendo nada, aflitíssima*): E se ela virar brisa, senhor comissário?

COMISSÁRIO: Brisa? Quem?

MÃE: Minha filhinha. O senhor não viu? (*Mostrando a carta*) O vento convidou-a para virar brisa de mar. Aqui, olha... (*Os dois lêem baixo o trecho da carta.*)

COMISSÁRIO (*Fazendo um ar inteligentíssimo*): O vento... Vento? Vento deve ser pseudônimo de algum espião cu chefe de bando. João Vento, Pedro Vento, Zé Vento, Chico Vento... Sabe-se lá...

PACÍFICO: Conheci um Chico Vento que era ladrão de pão doce lá numa padaria de minha terra.

CRISPIM: Quem sabe, chefe, não é caso de astronáutica inimiga?

PACÍFICO: Disco voador...

CRISPIM: Planeta Marte...

COMISSÁRIO (*Conclusivo*): Não. Nada disso. Está tudo ficando claro. A coisa é aqui na terra mesmo. Vento é sobrenome de um bandido.

MÃE (*Soluçando*): Minha filha!

COMISSÁRIO: Sobre isto não tenho a menor dúvida. Usou a menina para fazer crer a nós, da polícia, que se tratava de vento mesmo... e...

PACÍFICO: E o menino?

COMISSÁRIO: Enlouqueceu o menino com alguma droga; derrubou o repórter...

PACÍFICO: E as velhas?...

COMISSÁRIO: Dependurou as velhas e finalmente mandou esta carta cifrada que só pode enganar aos tolos (*Vendo que a mãe chora*) e as mães. Então querem fazer umas desordens na cidade, hem! Querem enganar a polícia!

CRISPIM: Mas chefe, e este vento que soprou e quase derrubou a gente? Como é que Vossa Excelência explica isso, hem?!...

COMISSÁRIO: Seu burro, aquilo não era vento natural da natureza; era sopro de algum aparelho, um aspirador gigante, um ventilador atômico... (*Sua fala cheia de gesticulação é interrompida por um pequeno pára-quadras sustentando uma carta que vem caindo de cima; o comissário fica estático*) Ninguém toca! (*Com cuidado pega a carta e guarda o pára-quadras na mala de perícia; depois começa a ler a carta*) "Chega, comissário Plácido Epaminondas Cavalgadura"... alguém que me conhece de nome... "me deixa em paz e desinfeta a

minha cova"... Grosseirão! Continue lendo, Pacífico, não posso mais. (*Fica de muito mau humor.*)

PACÍFICO (*Continuando a ler a carta*): "desinfeta a minha cova, senão eu sopro o sr. para sempre e quem vai ter dor de coração é a senhora Epaminondas. O sr. não tem mais o que fazer? Já está bem grandinho para brincar com o vento."

COMISSÁRIO (*Que está cada vez mais furioso enquanto seus policiais não agüentam de vontade de rir*): Está assinada?

PACÍFICO: Não.

COMISSÁRIO: Ah... é isto? Estou grandinho, hem?! Querem luta? Pois então terão! Para começar, Pacífico e Crispim, apanhem um pouco deste ar. (*Tira da mala de perícia dois apanhadores de borboletas e entrega-os aos policiais.*) É preciso mandar um sábio examinar a natureza deste vento, desta tapeação química, deste sopro fabricado.

MÃE: E minha filha? Se ela virar brisa de mar eu morro.

COMISSÁRIO (*Distraído*): Pois morra. Quero dizer... sua filha está em perigo de vida, minha senhora. Sinto dizê-lo, mas a polícia tem que dizer tudo. Doa a quem doer. Sua filha foi levada como refém para provocar a polícia e começar o rififi. O biruta convidou-a para ser senhorita brisa de mar. Talvez tenha feito de sua filha uma espiã inimiga. Pobre mãe! (*Tira um lenço preto e dá para a mãe enxugar as lágrimas.*) Faremos tudo que está ao nosso alcance para solucionar esta intriga.

MÃE: Mas, quando poderei rever minha filha?

COMISSÁRIO (*Catégorico*): Hoje! Se não for hoje, será amanhã, se não for amanhã, será depois de amanhã, se não for depois de amanhã, será algum dia. Ninguém engana a polícia. A polícia acaba sempre descobrindo tudo. (*Uma ligeira brisa começa a soprar.*) Agora peço

à senhora para ficar aguardando minhas ordens em casa. E por favor não deixe seu filho sair. Guarde bem o seu monstrinho. (*Acompanha a mãe para fora de cena.*)

(*Crispim e Pacífico fazem a mímica de quem está querendo pegar o vento com os papa-borboletas e quando o chefe volta fumando nervoso outro charuto eles se apresentam.*)

PACÍFICO: Pronto, chefe.

COMISSÁRIO (*Entregando tudo a Crispim*): Vá depressa ao departamento de meteorologia e entregue este vento para o sábio examinar, depressa Crispim. (*Crispim sai.*) O celerado deve estar por perto. Suas máquinas de fabricar vento armadas engenhosamente na cova do Vento. Aqui, certamente, é a sede da quadrilha. Coisa bem pensada. Crime quase perfeito não fora aqui o Plácido Epaminondas. (*Ele está agitadíssimo*) Pacífico!

PACÍFICO (*Meio apavorado*): Sim, chefe.

COMISSÁRIO: Tenho um plano para a captura imediata do inimigo. A cova do Vento deve ficar interdita a qualquer intruso. Vá buscar a tabuleta.

PACÍFICO: Sim chefe. (*Sai e volta com uma tabuleta onde se lê: Proibido passar pela Cova do Vento.*)

COMISSÁRIO: Todo aquele que esta noite puser os pés aqui será suspeito de pertencer ao bando do Chico Vento, ou Pedro Vento ou Vento de Tal. (*Falando como em segredo para Pacífico*) Eles devem voltar aqui esta noite. Estão por perto, senão não mandariam isto (*A Carta*)... Vamos nos esconder e fazer crer a eles que estamos sós e que o campo está livre. (*Usando um tom de voz normal, falando ostensivamente alto para ser ouvido*) Irei para a delegacia e voltarei aqui amanhã de manhã. Vamos embora, Pacífico.

PACÍFICO (*Querendo imitar o chefe e falando ainda mais alto*): Vamos embora, chefe.

COMISSÁRIO (*Dando uma volta pela cena, pisando e falando ainda mais forte*): Estamos indo embora...

PACÍFICO (*Enquanto o chefe sai de cena*): Já fomos embora! (*Os dois tornam a aparecer pela entrada do pros-cênio*) Inteligente, hem chefe! (*O comissário se envai-dece, faz psiu, toma o revólver e espera escondido na frente da cortina.*)

### CENA VIII

(*O comissário espera algum possível intruso. Anoitece na cova do Vento. No meio da cena a tabuleta. Pé ante pé surge tia Aurélia sòzinha, uma maleta na mão.*)

AURÉLIA (*Chamando*): Vento!... Ventinho... Ventaaa... niaaaaa...

COMISSÁRIO (*Entre os dentes*): Reunião da quadrilha: Estão todos no papo.

AURÉLIA: Mariaaaa...ôôôôô! Estou prontinha para a viagem pelo mundo afora...

(*Entra Pedrinho entre cauteloso e esbaforido.*)

PEDRO: Tia Aurélia, o que é que a senhora está fazendo aqui? Volta para casa. Se a polícia descobre, estamos fritos...

AURÉLIA: Briguei com Adelaide. Eu estava aprendendo a ventarolar no quintal, então ela me pôs de castigo e então eu resolvi também passar para o lado do vento...

COMISSÁRIO: Toma nota, Pacífico. Ela quer passar para o lado do tal Vento. É uma suspeita.

PACÍFICO: Já estou escrevendo.

PEDRO: E se eles não vierem esta noite?

(*Comissário faz sinais para Pacífico tomar nota.*)

AURÉLIA: Não é aqui a cova dele? Ele não tem que trazer Maria de volta?

PEDRO: Mas, tia Aurélia, a senhora tem coragem de ir lá em cima nas nuvens?!

AURÉLIA: Ah... tenho!

PEDRO: Mais acima ainda! Na estratosfera. Para cima do azul!?

AURÉLIA: Do azul? Que maravilha! Vamos logo, Pedrinho...

PEDRO: Então está bem. Vou com a senhora... Mas... A senhora sabe ventarolar?

COMISSÁRIO: Código.

AURÉLIA: Sei sim. Veja (*Quando ela vai dar uma rodopiada dá com a tabuleta do comissário*) Iiii, olha aqui, Pedrinho.

PEDRO (*Lendo*): Proibido passar pela Cova do Vento. Isto é coisa do comissário. (*Tira a tabuleta e joga-a fora de cena.*)

AURÉLIA: Comissário burro. Ele quer proibir o vento de ventar! ah! ah! ah! (*Comissário quando se ouve chamar de burro fica furioso.*)

COMISSÁRIO: Burro!?

PACÍFICO: Tomo nota disso também?

COMISSÁRIO: Quietos, imbecil!

PEDRO: Ele é burro, mesmo. Não entende nada de nada. Vai se estrear um dia desses.

AURÉLIA: É só o Vento querer, que êle fica dependurado como um enforcado naquela árvore.

PEDRO: Se o Vento quiser pode mandá-lo para a China, para o Japão...

AURÉLIA: Para Minas Gerais... (*O Comissário se aproxima furioso com o revólver apontado para Pedrinho que está de costas para ele; Aurélia, que está de frente,*

*percebe a manobra e faz gestos aflitos que, entretanto, não são percebidos por Pedrinho.)*

PEDRO: ...para o Afganistão, para...

COMISSÁRIO: ...para o xadrez. Estão presos como suspeitos de pertencerem ao bando do tal Vento, a não ser que expliquem o que faziam a estas horas da noite na Cova do Vento.

PEDRO: Estávamos esperando o Vento.

COMISSÁRIO: Toma nota, Pacífico.

AURÉLIA (*Furiosa*): O senhor não tem nada com isto. (*Começa a dar socos no peito do comissário*) O senhor não é meu pai nem minha mãe para...

COMISSÁRIO: Desrespeito à autoridade!

PEDRO (*Tentando deter tia Aurélia*): Tia Aurélia, a senhora não pode bater no comissário...

*(Tia Aurélia se desprende e tenta fugir gritando.)*

AURÉLIA: Vento, Ventinho, sopra este homem para longe...

*(Pacífico consegue prendê-la.)*

COMISSÁRIO: Então confessem que estavam esperando o bandido para novos ataques, hem? De malinha pronta, hem? (*Aurélia consegue se desprender de Pacífico e recomeça a correr agarrada na malinha mas desta vez o comissário também a prende.*)

COMISSÁRIO: Pacífico, veja o que contém essa valise. Cuidado com as impressões digitais.

PACÍFICO (*Abrindo a malinha*): Um cartão postal com uma vista...

COMISSÁRIO: Vista aérea?

PACÍFICO: Vista aérea.

COMISSÁRIO: Confere. O que mais?

PACÍFICO: Um xale... Uma kodak.

AURÉLIA (*Quase cantando, sempre presa pelo comissário*): É falta de educação mexer nas coisas dos outros... é falta de educação mexer nas coisas dos outros... (O

*comissário tenta tapar-lhe a boca mas recebe uma mordida.)*

COMISSÁRIO: Peste! Guarde tudo para ser examinado e leve-os para o xadrez. (*Quando os dois estão já fora de cena vem vindo a mãe.*)

VOZ DA MÃE: Mas o que é isto?

VOZ DE AURÉLIA: Foi aquele burro do comissário... (*A voz se perde e a mãe entra em cena.*)

MÃE: Mas o que é isto?

COMISSÁRIO (*Apontando-lhe o revólver*): É isto mesmo. Seu filho está preso. Suspeito de pertencer ao bando.

MÃE: Pedrinho suspeito de ser bandido? E tia Aurélia também?

COMISSÁRIO: Exato.

MÃE: Minha filha, brisa de mar, meu filho, bandido... Ohhhh! (*Desmaia.*)

COMISSÁRIO: Também é biruta. Se a filha é espiã, o filho é bandido, a mãe também é suspeita. Mãe de peixinho, peixe é. A senhora, favor explicar o que estava fazendo a estas horas da noite na Cova do Vento. Ah!... não quer responder? Ninguém *pode* explicar, porque ninguém *quer* explicar. (*A mãe volta a si*) Idade? Estado civil? onde está seu marido?

MÃE: Está viajando...

COMISSÁRIO: Domicílio? (*O comissário faz todas estas perguntas numa arrancada só, e a mãe diz apavorada:*)

MÃE: O delegado está ficando maluco... O delegado está ficando maluco!...

*(Sai.)*

## CENA IX

COMISSÁRIO: Será presa também. E agora, mãos à obra. (*Tira uma enorme corda da malinha de perícia e começa amarrando-a no tronco da árvore; depois amarra*

*na própria cintura. Vem chegando Crispim muito assustado e fica estatelado olhando as manobras do chefe.)*

COMISSÁRIO: Quero ver se êle me arranca daqui... O que é que há, Crispim?...

CRISPIM (*Olhando o ambiente*): E se... o... começar... a...

COMISSÁRIO: O que, imbecil?

CRISPIM: O outro, o da atmosfera mesmo.

COMISSÁRIO: Quero ver se este vento falso, esta brisa química, este Zé Vento, João Vento, Chico Vento... se este sopro de laboratório pode derrubar Plácido Epaminondas de Sousa, Oficial Administrativo, classe M, do quadro permanente, Nível 20, com quatro quinquênios!...

*(Ouve-se uma forte gargalhada, e uma lufada de vento.)*

CRISPIM (*Apavorado*): Se não é Vento então é macumba... *(sai se benzendo)*

COMISSÁRIO: Venha, Vento falso... Vento... *(Outra gargalhada mais perto. O comissário bem amarrado em sua corda começa a se aproximar do proscênio desconfiado. Sem que veja, na fundo da cena aparece o Vento levando a menina pela mão.)*

VENTO: Quem é Vento falso?

*(O comissário fica completamente paralisado. O vento pega na ponta da corda que está presa na árvore e começa a puxar o comissário que cede; depois de repente fica em posição de luta, e dá com a enorme figura do Vento.)*

MENINA: Boa noite, senhor comissário.

COMISSÁRIO: O carnaval já acabou, sr. Vento de tal. O senhor pode enganar uma criança mas não a polícia. Está preso, palhaço, por rapto de menor, por espancamento de um profissional de imprensa, por desrespeito às senhoras de idade, por alta traição e por... *(O Vento dá uma grande soprada, o comissário procura resistir*

*heroicamente e volta ao ataque); ...e por empregar meios químicos, falsos ventos contra a autoridade consti... (Nova soprada que faz o comissário recuar.)*

VENTO (*Brincalhão*): E por que mais, senhor comissário?

*(O comissário tira um revólver e aponta para o vento, mas este é arrancado violentamente por um sopro mais forte e desaparece no ar; a menina ri sem parar.)*

COMISSÁRIO: Está preso, já disse, e não tente resistir...

VENTO: Venha me prender, sr. Comissário.

COMISSÁRIO: Pois vou mesmo. *(Desta vez o comissário cai no chão de pernas para o ar. O Vento e a menina não param de rir.)* Você também será presa menina. Já está tudo no xadrez... *(O Vento e a menina param de rir.)* Sua mãe está presa... seu irmão, sua tia...

MARIA (*Começando a chorar*): Mamãe presa! Por quê?!

COMISSÁRIO: Família de ventoinhas!...

MARIA: (*Chorando para o Vento*): Mamãe está presa, Vento! E agora?... *(Chora.)*

*(O Vento, furioso, dá uma grande lufada e o comissário começa a ventarolar pela cena tentando dar socos, mas finalmente desaparece enquanto o Vento sopra olhando para cima para dar a impressão que o comissário está subindo.)*

COMISSÁRIO: uuuuuuuuuuu! *(Desaparece.)*

MARIA: Depressa, Vento. Tira todo mundo da prisão... mamãe presa! Onde está o comissário?

VENTO: Está vendo aquele pontinho lá em cima daquela árvore enorme, perto da jaqueira?

MARIA: Estou.

VENTO: Pois é ele.

MARIA: E agora?

VENTO: Não era você que queria fazer umas desordens?

MARIA: Queria (*Chorando muito*)... mas não estou querendo mais... quero minha mãe de volta, quero Pedrinho... e todos... (*Continua chorando*).

VENTO (*Aflito*): Está bem, não precisa chorar tanto... vou soprar tudo de volta. Vou largar um vendaval, um ciclone, um tufão de derrubar paredes... (*Sai dando gargalhadas*). Um tufão... um vendaval... ah! ah! ah! ah!...

MARIA: E eu, Vento? E eu?...

COMISSÁRIO: (*Voz bem do alto e de longe*) — Socorro! Socorro!

MARIA: Senhor comissário! Senhor!... (*Vêm chegando muito assustados, Crispim e Pacífico; ao verem a menina ficam de boca aberta como se estivessem vendo um fantasma.*)

PACÍFICO: A menina!...

CRISPIM: Tem mau olhado nisto...

MARIA: Deixem de bobagens e tratem de salvar seu chefe.

PACÍFICO: Chefe, onde?

MARIA: Lá em cima, seus bobos.

(*Crispim e Pacífico olham para cima.*)

PACÍFICO: O chefe lá em cima.

CRISPIM: Vai dar cana.

PACÍFICO: Chefe, o que é que o senhor está fazendo aí em cima?

COMISSÁRIO (*Voz*): Imbecis, peguem uma corda!...

(*Os dois correm pela cena como patetas atrás de uma corda e saem.*)

(*Maria, sentada numa pedrinha, começa a chorar baixinho quando começa a soprar o vendaval fora de cena. Ouve-se um piano tocando as escalas desordenadamente, depois barulho de coisas quebrando e começa o terrível!*)

*vendaval. Folhas mortas caem de cima, pedaços de música, chapéus de todas as espécies, uma roda de bicicleta passa pela cena. Maria faz o sinal da cruz e espantada acompanha a chegada desses objetos estranhos. Passa sua avó com o guarda-chuva virado ao contrário, puxada pelo vento.*)

MARIA: Vovó! (*Mas a velhinha não a vê e passa. Finalmente o vento diminui e chega também rodopiando levemente a mãe. Elas não se vêem logo.*)

MÃE: Maria!

MARIA: Mamãe! (*As duas se abraçam.*)

MÃE: Onde é que você andava, minha filha?

MARIA: Não recebeu minha carta?

(*Nova lufada de vento traz tia Aurélia rodopiando e rindo.*)

MARIA: Tia Aurélia! (*As duas se abraçam, Maria levanta tia Aurélia no colo, num rodopio.*)

AURÉLIA: Minha maluquinha querida!

(*Outra lufada traz tia Adelaide envolta num pano verde e amarelo, sugerindo a bandeira, e tia Adalgisa segurando restos de um piano. As duas rodopiam e caem sobre as pedras. As folhas continuam sempre caindo.*)

MARIA (*No meio do barulho do vento*): Bênção tia Adelaide, bênção tia Adalgisa.

ADELAIDE: Deus te abençoe. Então foi devolvida, hem...

(*Pedrinho também é jogado na cena violentamente segurando um pedaço de grade de prisão.*)

MARIA: Pedrinho!

PEDRO: Maria! (*Quando vão se abraçar todos são rodopiados.*)

PEDRO (*Olhando para cima*): Vejam. O comissário dependurado!

TODOS (*Rindo*): O Comissário dependurado!  
 TIA ADELAIDE: O castigo anda a cavalo!...  
 AURÉLIA: Ele também foi ventado. Bem feito!

*(Do alto, amarrado por uma corda, desce o comissário batendo os pés, furioso. Já visível da platéia pára de descer.)*

COMISSÁRIO: Depressa, Pacífico.  
 PACÍFICO (*Segurando a ponta de uma corda, presa em cima*):  
 A corda encrencou, chefe. Crispim foi chamar os bon-  
 beiros...  
 COMISSÁRIO: Imbecis! (*Vendo que todos riem dele*) Que  
 todos se dirijam à delegacia. Vou abrir rigoroso inquê-  
 rito para apurar as responsabilidades.  
 REPÓRTER (*Que chegou esbaforido*): Veja na Cova do Ven-  
 to, distintos ouvintes, o sr. Comissário pendurado numa  
 corda, em atitude estranhamente...  
 COMISSÁRIO: Prenda este repórter, Crispim. (*Crispim tapa  
 a boca do repórter e o retira de cena gritando.*)  
 REPÓRTER: Estão tentando tapar a boca da imprensa fa-  
 lada...  
 COMISSÁRIO: Todos estão novamente presos... (*Ouve-se  
 uma enorme gargalhada do Vento pelo alto-falante*)  
 Prendam também este vento...  
 MARIA: Não se prende o vento... senhor comissário.  
 MARIA E PEDRO: Não se prende o vento... não se prende  
 o vento!

*(O pano se fecha enquanto o comissário esperneia e ou-  
 tros riem.)*

FIM



Sérgio Tapajós, Ariel Miranda, Tereza Redig Campos e José Antônio  
 Fernandes, em *Maroquinhas Fru-Fru*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0980, V. 387  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 120 / 88

TÍTULO: "A MENINA E O VENTO"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

PEÇA TEATRAL INFANTIL

-  
CONFRONTO

AUTORA: MARIA CLARA MACHADO

Feito o exame comparativo do texto apresenta do com outro constante dos arquivos desta DCDP, constatou-se não haver o mesmo sofrido alteração no seu conteúdo. Assim, sugerimos a manutenção da chancela LIVRE, que já vem sendo atribuída à obra desde o primeiro exame em 1968.

Brasília, 04 de outubro de 1988.

  
~~Helonita Felicidade Pereira~~  
CnF - mat. nº 2.416.623

## TEATRO

TÍTULO \* A MENINA E O VENTO \*

AUTOR: \* MARIA CLARA MACHADOM\*

## 1) ARQUIVO

Clas. Anterior \_\_\_\_\_ \* LIVRE \*

Praça \_\_\_\_\_ \* SR/MG \*

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 26 / SET. 88 de / 1988

*Adilson \*\*\**  
 Resp. pela elaboração do Processo  
 Adilson \*\*\*

## 2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

DF. \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Resp. pela Programação

## 4) SERVIÇO DE CENSURA

De Acordo. *à consideração*  
 Em: 04 de 10 de 1988.  
*Milma Helena Sabá Dminda*  
 Chefe do SC - DCDP  
 Substituto

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.9

## 3) CHEFE DA S.C.T.C.

- Seu bra chefe do se*
- Submetida a exame de conformidade, a peça recebe indicações de P. Práticas com a classificação dada anteriormente, "LIVRE", tendo em vista a idealidade de textos, endereçada ao exame do Curso Geral.*
  - A consideração!*

Brasília-DF 04 de outubro de 1.9 88

*Luis Pedro de Sousa*  
 CE - Mat. 2.407.803  
 Chefe de S.C.T.C./DCDP

## 5) DIRETOR DA D.C.D.P.

De Acordo.  
 Em: 04 de 10 de 1988  
*Raimundo Custódio de Sousa*  
 Diretor da DCDP/DPF  
 em exercício



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**

**ESPETÁCULO TEATRAL**

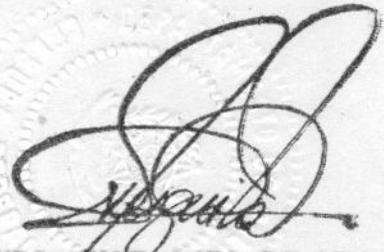
|                               |                                  |                                  |
|-------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|
| CERTIFICADO Nº<br><b>0535</b> | EMIÇÃO<br><b>04 OUTUBRO 1988</b> | VALIDADE<br><b>08 JUNHO 1989</b> |
|-------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|

TÍTULO  
**A MENINA E O VENTO**

AUTOR (ES)  
**MARIA CLARA MACHADO**

CLASSIFICAÇÃO  
**LIVRE**

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIIDADE



RAYMUNDO EUSTAQUIO DE MESQUITA  
DIRETOR DCDP=EM EXERCÍCIO  
ASSINATURA

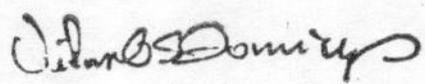
TÍTULO: **A MENINA E O VENTO**  
ESPÉCIE: **PEÇA TEATRAL**

CERTIFICADO Nº **0535**

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: **CLEITON RODRIGUES TORRES = BRASÍLIA/DF.**

DECISÃO: **LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.**



VILMA HELENA SANAN DOMINGOS  
CHEFE SC/DCDP=SUBSTª.  
ASSINATURA

MJ – DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

No. 583/88-SE/DCDP

DF, em 04 OUTUBRO 1988

Do Diretor da D.C.D.P.

Ao Sr. **Chefe da SCDP/SR/DF**

Assunto: remessa de "scripts" – faz.

Referência:

"A MENINA E O VENTO"

(título da peça ou "show")

MARIA CLARA MACHADO

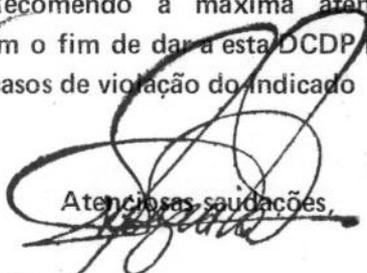
(nome do autor)

Senhor **Chefe:**

Apraz-me remeter a essa repartição, com este, os "scripts" do espetáculo acima referenciado, que deverá ser encenado BRÁSILIA/DF

2. Peço mandar proceder ao ensaio-geral e providenciar a remessa dos relatórios dos técnicos designados para assistí-lo, por estar a validade do certificado sujeita ao resultado desse ensaio, devendo ficar ciente o interessado, através do setor de censura desse órgão, do que preceitua o artigo 11 e seu parágrafo único da Lei no.5536, de 21 de novembro de 1968.

3. Recomendo a máxima atenção da Fiscalização para o desenrolar do espetáculo, com o fim de dar a esta DCDP meios de impor, se necessário, a medida preconizada para os casos de violação do indicado dispositivo legal.

Atenciosas saudações,  


RAYMUNDO EUSTAQUIO DE MESQUITA

Diretor da DCDP

em exercício